

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

Patricia WEIDUSCHADT

A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1931-1966)

São Leopoldo

2012

PATRÍCIA WEIDUSCHADT

A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS- (1931-1966)

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS)

Orientadora: Prof^a Dr^a Beatriz T. Daudt Fischer

São Leopoldo

2012

PATRÍCIA WEIDUSCHADT

A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1931-1966)

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS)

Orientadora: Prof^a Dr^a Beatriz T. Daudt Fischer

Aprovada em 11 de janeiro de 2012

BANCA EXAMINADORA

DR^a BERENICE CORSETTI

Dr. ELOMAR TAMBARA

Dr^a FLÁVIA WERLE

Dr^a MARIA STEPHANOU

Dr^a BEATRIZ T. DAUDT FISCHER

A Raíssa e Alex

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este processo, muitas marcas e lembranças do tempo vivido no estudo são lembradas. Por isso, são necessários muitos agradecimentos a todos que se fizeram presente neste período.

Ao grupo de colegas de doutorado, em que dividi na fase inicial dos estudos angústias e dúvidas através das aulas e dos debates. Com vocês compartilhei o tempo de estudo e de sistematização do conhecimento que fundamentou a tese.

A Prof^a Beatriz Fischer orientadora que permitiu o enriquecimento da pesquisa, na sua confiança, no seu companheirismo, no seu comprometimento de pesquisadora pôde me auxiliar e subsidiar na conclusão deste projeto.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, em especial, os da linha de pesquisa em Educação, História e Políticas, por buscar aprofundar a formação teórica e metodológica nos trabalhos, em especial os participantes da minha banca: Prof^a Flávia Werle e Prof^a Berenice Corsetti.

Ao Prof. Elomar Tambara, orientador do mestrado e participante da banca, que me mostrou os primeiros passos da pesquisa em História da Educação.

A Prof^a Maria Stephanou, participante na banca de qualificação, com importantes apontamentos em relação ao referencial teórico.

As Secretárias do Programa de Pós-Graduação, a Loi e Saio, pela competência e organização no atendimento das dúvidas administrativas.

A CAPES, pela possibilidade de cursar este programa, permitindo ir adiante.

A minha família, em especial, meu pai Herbert Weiduschadt e minha mãe Loni Weiduschadt, sempre interlocutores e atores desta pesquisa.

A Biblioteca do Seminário Concórdia em São Leopoldo pela possibilidade de acesso do material das revistas pesquisadas e pela sempre acolhida.

Ao senhor Paulo Udo Kunstmann, responsável pelo Instituto Histórico da IELB, pela receptividade e dedicação no encontro de fontes e informações.

A diretora da Escola Estadual João de Deus Nunes, Prof^a Cleni Schmalfuss, por ter acreditado e proporcionado o tempo da pesquisa.

Aos queridos depoentes da pesquisa, leitores e redatores da revista, que me receberam de forma acolhedora, e buscaram nas memórias lembranças que auxiliaram esta

pesquisa. É preciso nominá-los: Ida Stelow de Castro, Nívea Prestes e Donaldo Schueller, a prática docente até hoje os acompanha. Ao casal Alípio e Wanda Linden, pelas recordações da organização da revista. Ada e Fredo Westermann, Armindo Wienke, Hilda Lange Kopereck e Loni Weiduschadt, com suas lembranças de leitores infantis que os constituíram.

Ao grupo Educamemória, ao qual faço parte, em especial a Carmo Thum e Vânia Grimm, companheiros da pesquisa. O trabalho no grupo me ajudou a compartilhar conhecimento em comuns, na organização do evento Pomersul (2010-11) e na interlocução com professores da rede básica do interior de Canguçu e São Lourenço do Sul.

Aos colegas do CEIHE- UFPEL, pelas parecerias nos eventos, em especial Helena Neves, o que proporcionou compartilhar anseios do processo de doutoramento.

A Empresa Embaixador, que buscou sempre ajudar na compra de passagens e resolver problemas das viagens entre Canguçu- São Leopoldo.

Agradecimento especial a Alessandra Gasparotto, amiga e colega, que com sua força sempre me motivou no trabalho e pela realização do abstract.

A José Wanderlei Goulart, que mesmo não estando entre nós, fez parte neste caminho por mim percorrido.

A Aide Duarte da Silveira e Sueli Soares Goulart, mães que sempre demonstraram carinho e segurança. Aos meus irmãos da família e os de coração: Alisson, Simone, Florêncio, Fátima, Gabriel, Vagner, Oberti, Adriana, Cadu e Júlia, Norton e Manuela, Diego.

Ao meu pequeno afilhado Lorenzo por compartilhar momentos de afeto que fazem fortalecer a esperança do futuro.

Aos todos os meus familiares e amigos, em geral, que acreditaram e me deram força nesta jornada, mostrando acreditar na minha capacidade.

Aos meus companheiros mais próximos, que tiveram que suportar, neste período, as dificuldades enfrentadas e as conquistas, sempre ao meu lado : minha filha Raíssa e ao meu marido Alex, obrigada, vocês fazem parte deste trabalho.

Ele se desterritorializa, oscilando em um não lugar entre o que inventa e o que modifica. Ora, efetivamente, como o caçador na floresta, ele tem o escrito á vista, descobre uma pista, ri, faz ‘golpes’, ou então, como jogador, deixa-se prender aí. Ora perde aí as seguranças fictícias da realidade: suas fugas o exilam das certezas que colocam o eu no tabuleiro social.

Quem lê com efeito? Sou o eu o quê de mim?

Michel de Certeau.

Ler: uma operação de caça

In: Invenção do cotidiano, 2011, p. 245.

O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.

Mario Quintana

RESUMO

A pesquisa tem como objeto O Pequeno Luterano, impresso produzido com objetivos educacionais definidos e explícita perspectiva doutrinária, vindo a se constituir como um dos principais veículos pedagógicos de que se valeu o Sínodo de Missouri (atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil/IELB), entre o período de 1930 e 1960. Caracterizando-se por um empreendimento destinado a crianças com vistas à formação do futuro fiel adulto, o periódico obteve grande repercussão por onde circulou. Este estudo, abrangendo a circulação na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul, vale-se de depoimentos e documentos impressos, em especial o conjunto de periódicos disponibilizados para leitura em diferentes acervos, perfazendo um total de aproximadamente 2.339 páginas. A análise de dados está alicerçada em referenciais teóricos advindos basicamente de dois autores: Roger Chartier - no que se refere a apropriação, produção e circulação do impresso; e Michel de Certeau, no que se refere aos conceitos de estratégias (empreendimento dos editores) e táticas (diferentes formas como leitores se apropriaram da proposta estabelecida pelos editores). Como procedimento operacional, o conteúdo de cada periódico foi processado e transferido para um banco de dados, adaptado a partir de software existente para outros fins, criando-se Unidades e Subunidades de análise. Ainda como procedimento metodológico, a pesquisa vale-se da memória de sujeitos envolvidos com o periódico no período delimitado para esta investigação, coletando significativos depoimentos que ajudam a responder não só as questões iniciais que desencadearam a pesquisa, como também aquelas que foram emergindo ao longo do percurso investigativo. Entre as conclusões, cabe ressaltar que o impresso, ao adotar o locus da escola paroquial, e mais tarde o da escola dominical, bem com ao propor criativas estratégias planejadas e executadas em cada período, reforçou a sua legitimação por décadas. Embora conteúdos religiosos e doutrinários se sobrepuseram aos conteúdos lúdicos, estes constituíram estratégias fundamentais na conquista de leitores, em especial ao colocar leitores em interação com a revista e/ou com demais leitores. O conjunto de dados também permite concluir sobre o eficiente uso da revista nos processos de educação formal, não como material didático planejado, e sim como um veículo de leitura, continuamente legitimado pelos respectivos pastores e professores. Apesar das táticas de escape dos leitores - por exemplo, não fazendo uso do conteúdo conforme os editores previam - é possível afirmar que, de modo geral, o projeto da revista foi cumprido, constatando-se pelos depoimentos colhidos que ainda hoje muitos leitores dão continuidade a leituras produzidas e/ou recomendadas pelo Sínodo.

Palavras-chave: educação, luteranismo, *o pequeno luterano*, escola paroquial e dominical, rede de leitores, memória.

ABSTRACT

This research intends to analyze “O Pequeno Luterano”, a printout produced with clear educational purposes and explicit doctrinaire perspective, constituting itself as one of the main pedagogical vehicles used by the Missouri Synod (Brazil’s Lutheran Church nowadays), in the period between 1930 and 1960. The periodical was characterized as an undertaking assigned to children aiming the formation of the future adult believer and gained great repercussion where it circulated. This study comprehends the periodical circulation in the southern area of the state of Rio Grande do Sul and takes support on testimonies and printed documents, especially the group of periodicals available to reading in different documentary collections, totalizing nearly 2.339 pages. The data analysis is supported on theoretical referentials of two authors: Roger Chartier – regarding the printout *appropriation, production and circulation* – and Michel de Certeau, considering the concepts of strategies (editors undertaking) and tactics (different ways of how readers borrow the propositions set by the editors). The operational procedure used consisted in process the content of each periodical and transfer it to a database adapted from a software originally created for other purposes. In this adaptation, it was constituted unities and sub unities of analysis. This research also relies on the memories of the subjects involved with the periodical during the period investigated. These testimonies were very useful to answer the original questions which started the investigation as well as those which emerged along the investigative path. Among the conclusions, it’s important to emphasize that the printout reinforced its legitimation by adopting the parochial school (and later, the Sunday school) *locus*, as well by proposing creative strategies planned and fulfilled in each period. Although religious and doctrinaire contents overlapped ludic contents, the ludic contents constituted fundamental strategies to gain readers, especially by placing readers in interaction with the periodical and/or with other readers. The group of data also allows to set conclusions on the efficient periodical use in the formal education processes, not as planned didactic material, but as a reading vehicle, permanently legitimated by the respective priests and teachers. Though the readers escaping tactics – such as not making use of the content according to the editors expectations – it’s possible to affirm that in a general way the periodical project was accomplished. Also it was verified on the collected testimonies that until today many readers continue reading the material produced and/or recommended by the Synod.

Key-words: education, lutheranism, *o pequeno luterano*, parochial and sunday school, networks of readers, memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa- Revista O Pequeno Luterano- A Vida de Lutero, out, 1955. Revista Kinderblatt- Eis Que vos nasceu um menino, dez, 1938. Revista O Pequeno Luterano- Brincadeira de crianças, nov, 1954. Revista O Pequeno Luterano- Vai doer, mai/jun, 1956. Revista O Pequeno Luterano- Jesus, Amigo dos pequeninos, jan, 1966 (foram escolhidas aleatoriamente, evidenciando temas significativos).	
Figura 1- Revista O Pequeno Luterano - Lutero cantando com seus filhos.out/nov, 1965.....	35
Figura 2- Revista O Pequeno Luterano- Todos à igreja em o ano novo! jan, 1957; 1962.....	59
Figura 3- Revista <i>Kinderblatt</i> , primeiro exemplar encontrado, ago/set, 1931....	60
Figura 4 -Revista O Pequeno Luterano, edição em português, ago/set,1939.....	63
Figura 5- Caixa do banco de dados Ebook.....	67
Figura 6- Caixa completa com os dados.....	68
Figura 7- Caixa de dados com apresentação da Descrição/categorias.....	69
Figura 8- Revista O Pequeno Luterano- Crianças orando. out/nov, 1964.....	90
Figura 9- Revista O Pequeno Luterano- Crianças cantando. jan/fev, 1952.....	90
Figura 10- Revista O Pequeno Luterano- Rogamos, pois... jul/ago, 1961.....	124
Figura 11- Revista O Pequeno Luterano- Patriotismo- Ação. set, 1961 (ilustração interna, p. 10).....	124
Figura 12- Revista O Pequeno Luterano- Imagem de Getúlio Vargas. mar/abr, 1943	153
Figura 13- Revista O Pequeno Luterano- 7 de setembro. set/1943.....	156
Figura 14- Revista O Pequeno Luterano- Semana da Pátria. set/ 1951.....	156
Figura 15- Revista O Pequeno Luterano- Sala de aula: Escola Paroquial. fev/mar,1965.....	166
Figura 16- Revista O Pequeno Luterano- Sala de aula: Escola Dominical. jun,1963	166
Figura 17- Revista O Pequeno Luterano- Oração na escola. mar/abr, 1958.....	169
Figura 18- Revista O Pequeno Luterano –Quero muito a minha professora. jan/fev, 1958.....	169
Figura 19- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de quadros bíblicos e estampas para escolas dominicais. mai;jun; jul, 1963, p. 12.....	183

Figura 20- Revista O Pequeno Luterano- Livros sugeridos para a organização de biblioteca escolar. jul/ago, 1950, p. 2.....	185
Figura 21- Revista O Pequeno Luterano- História em quadrinhos. mar/abr, 1949,p.10	193
Figura 22- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de discos LP. mar/abr/mai, p.12.	193
Figura 23- Revista O Pequeno Luterano- Palavras Cruzadas. mar/1963, p.10.....	198
Figura 24- Revista O Pequeno Luterano- Propaganda de devocionário. out/nov, 1965; fev/mar, 1966, p. 12.....	203
Figura 25- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de brinquedos para as crianças. out, 1962, p.10.....	204
Figura 26- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de estabelecimentos comerciais. out, 1962, p. 10.....	204
Figura 27- Jesus apresentado no templo.....	206
Figura 28- Jesus apresentado no templo.....	206
Figura 29- Revista O Pequeno Luterano- Sinos, sinetas e suas mensagens. dez, 1964, p. 9.....	207
Figura 30- Revista O Pequeno Luterano- O milagre de Natal. nov/dez, 1959, p. 4.	208
Figura 31- Revista O Pequeno Luterano- Amai meninos a Escola. mar, 1964, p.8	208
Figura 32- Revista O Pequeno Luterano- Crianças conversando nov, 1962.....	209
Figura 33- Revista O Pequeno Luterano- Crianças orando. abr/mai, 1957.....	210
Figura 34- Revista O Pequeno Luterano- Menino sentado. jul,1947.....	210
Figura 35- Revista O Pequeno Luterano- Como morreu Jesus na cruz. mar/abr,1944	211
Figura 36- Revista O Pequeno Luterano- Oh! Vamos adorá-lo. dez,1955.....	211
Figura 37- Revista O Pequeno Luterano- Ele não está aqui! mar/abr, 1959.....	211
Figura38- Revista O Pequeno Luterano- Martin Lutero. out, 1963.....	212
Figura 39- Revista O Pequeno Luterano- Julia com apenas uma ano e meio...jan/fev, 1949.....	212
Figura 40- Revista O Pequeno Luterano- Menino tratando animais. set, 1956.....	213
Figura 41- Revista O Pequeno Luterano- Quando olho para dentro...jan/fev, 1949.	213
Figura 42- Revista O Pequeno Luterano- Vista parcial de Canela. jan/fev, 1951...	214
Figura 43- Revista O Pequeno Luterano- Cavaleiros na estrada. set, 1954.....	214
Figura 44- Revista O Pequeno Luterano- País, meu formoso... mai/jul, 1964....	216
Figura 45- Revista O Pequeno Luterano- Professor Alípio O. Linden...mar, 1963	218

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Apresentação numérica de periódicos e número de páginas.....	29
Tabela 2- Relação dos redatores e dos diretores geral.....	61
Tabela 3- Unidades e Recorrência.....	70
Tabela 4- Unidades Gerais agrupadas.....	71
Tabela 5- Agrupamento temático e número de recorrência.....	72
Tabela 6- Cruzamento de dados- Unidades e Subunidades.....	80
Tabela 7- Organização temática das Subunidades de menor recorrência.....	85
Tabela 8- Conteúdos de Subunidades com recorrência intermediária.....	85
Tabela 9- Agrupamento temáticos das Subunidades relacionadas.....	86
Tabela 10- Subunidades com maior número de recorrência.....	87
Tabela 11- Agrupamento temático - conteúdos de maior recorrência apresentando aspectos gerais.....	88
Tabela 12- Agrupamento das Subunidades em áreas temáticas.....	88
Tabela 13- Relação dos depoentes da pesquisa.....	217

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
A PESQUISADORA E O TEMA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	20
APORTES TEÓRICO- METODOLÓGICOS.....	23
ESTRUTURA DA TESE.....	32
1- CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL- ESTUDOS E PESQUISAS ANTERIORES.....	35
1.1 SÍNODO DE MISSOURI E SEU SURGIMENTO NO BRASIL- PRIMEIRAS DÉCADAS DO SEC.. XX.....	36
1.1.1. Formação do Sínodo de Missouri e a difusão do luteranismo ortodoxo.....	36
1.1.2 Primeiras comunidades: formação e disputas.....	40
1.1.3 Consolidação de um campo religioso e legitimação de práticas.....	40
1.2 POMERANOS- GRUPO ÉTNICO-CONTEXTO IMIGRATÓRIO.....	43
1.2.1 Fortalecimento de uma identidade étnica.....	45
1.3 ESTUDOS REFERENTES A ESCOLAS ÉTNICAS.....	48
1.4 SÍNODO DE MISSOURI: CONTINUIDADE E EXPANSÃO DO TRABALHO, ENFRENTAMENTO E ADAPTAÇÃO- DÉCADAS DE 1930-1960.....	54
2- APRESENTAÇÃO GERAL E ANÁLISE DA REVISTA “O PEQUENO LUTERANO”.....	60
2.1 APRESENTAÇÃO GERAL.....	60
2.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS CONSTITUÍDOS.....	66

2.2.1 Procedimentos operacionais.....	67
2.2.2 Conteúdos lúdicos.....	73
2.2.3 Conteúdos religiosos e doutrinários.....	73
2.2.4 Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico.....	75
2.2.5 Conteúdos da relação da redação com os leitores.....	77
2.2.6 Conteúdos ilustrativos e publicitários.....	79
2.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	84
3. PROJETAR O FUTURO: A REVISTA E AS CRIANÇAS NA APLICAÇÃO MORAL DA HISTÓRIA.....	90
3.1 CONDUTA DAS CRIANÇAS.....	91
3.2 APLICAÇÃO DA HISTÓRIA.....	110
4- APRENDER/ FORMAR E MOLDAR/CATEQUIZAR: A REVISTA NOS CONTEÚDOS RELIGIOSOS, SECULARES E IDEOLÓGICOS.....	124
4.1 ASPECTOS RELIGIOSOS.....	125
4.1.1. Doutrina e Bíblia.....	125
4.1.2 Luteranismo.....	129
4.1.3 Confiança em Deus.....	130
4.1.4 Virtudes.....	131
4.1.5 O dirigir-se ao leitor.....	135
4.1.6 Indicação de versículos.....	141
4.1.7 Assistencialismo.....	142
4.1.8 Missão e conversão.....	143
4.8.9 Órfãos.....	145
4.1.10 Conduta de jovens.....	146
4.1.11 Conformismo.....	147
4.1.12 Música.....	148
4.1.13 Superstição.....	149
4.2 ASPECTOS DO CONHECIMENTO SECULAR E DE CUNHO IDEOLÓGICO.....	150
4.2.2 Disciplinas Curriculares- Conhecimento secular.....	151

4.3 A QUESTÃO DO HIGIENISMO.....	161
5- ESCOLAS PAROQUIAIS E A REVISTA- INTERLOCUÇÃO INSTITUCIONAL?.....	166
5.1 ATIVIDADES ESCOLARES.....	167
5.2 EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR.....	169
5.3 ESCOLAS PAROQUIAIS.....	177
5.4 ESCOLA DOMINICAL.....	181
5.5 ESTÍMULO DA LEITURA E CONTROLE DA LEITURA.....	184
5.6 RECLAMAÇÕES/PEDIDOS.....	186
5.7 DINHEIRO E RELIGIÃO.....	190
5.8 POMERANOS.....	191
6- A REVISTA DADA A VER: LÚDICO E PUBLICIDADE.....	193
6.1 CONTEÚDOS LÚDICOS.....	194
6.1.1 Texto Lúdico.....	194
6.1.2 Curiosidades.....	198
6.2 Conteúdos ilustrativos e publicitários.....	200
6.2.1 Publicidade.....	200
6.2.2 Imagem.....	205
6.2.3 Capa.....	209
6.2.3.1 Capas em forma de pintura.....	209
6.2.3.2 Capas de Histórias Bíblicas e Festas Religiosas.....	211
6.2.3.3 Capas em forma de fotografia.....	212
7- SUJEITOS QUE LERAM E/OU FIZERAM A REVISTA- CRUZAMENTOS E ENTRECruzamentos.....	216
7.1 APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	217
7.1.1 A memória e os sujeitos da pesquisa.....	218
7.2 OS SUJEITOS E A APROPRIAÇÃO NA REVISTA “O PEQUENO LUTERANO”.....	223

7.2.1 “Os leitores”- Projeto do futuro- “Ser pastor ou professor?”.....	223
7.2.1 Leitora Ada Westermann: correspondências, cartas através do impresso.....	226
7.2.3 Leitora Hilda Lange: lembranças da revista na escola.....	235
7.2.4 Leitora Loni Neunfeld Weiduschadt: estímulo da leitura na escola.....	238
7.2.5 Professoras leitoras nas instâncias educativas do Sínodo.....	239
7.2.5.1 Dona Ida Strelow: professora leiga na escola paroquial.....	239
7.2.5.2 Professora da escola dominical: Nívia Prestes.....	243
7.2.6 Redatores: casal Alípio e Wanda Linden.....	244
7.2.7 Donaldo Schueller: trajetória como aluno/professor/editor.....	249
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 255
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 265
 ANEXO A- TABELA DE NÚMEROS DE EDIÇÕES “KINDERBLATT” E “O PEQUENO LUTERANO”.....	 274

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objeto de estudo o impresso infantil denominado “O Pequeno Luterano” destinado às crianças luteranas, editado e produzido por uma instituição religiosa, nas décadas de 1930-1960.

Os percursos e trilhas para se chegar à constituição do tema da tese foram sendo construídos ao longo de um processo, partindo de estudos desenvolvidos por ocasião de minhas pesquisas em nível de mestrado, cujo foco foram as escolas paroquiais relacionadas à instituição religiosa do Sínodo de Missouri ¹, atual IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), instalada na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul (Pelotas, São Lourenço do Sul e Canguçu), nas primeiras décadas do século XX. É necessário referenciar o trabalho da dissertação, ressaltando que nele busquei desenvolver os conceitos de identidade entre os pomeranos influenciados pela instituição religiosa que necessitava se legitimar em relação a outras instituições concorrentes (Sínodo Riograndense² e Igrejas Independentes³). A constituição identitária foi considerada a partir de múltiplas dimensões (identidade étnica, religiosa, familiar, nacional, escolar) e o estudo entendeu a identidade⁴ como construída e permeada pelo contexto e pelas influências culturais, ou seja, não encarando identidade como essência ou como algo natural aos sujeitos, mas como constituído nas relações e, especialmente, pelas diferenças.

¹ O Sínodo de Missouri é uma instituição religiosa luterana originária dos Estados Unidos, fundada por imigrantes alemães fugidos do crescente racionalismo religioso no século XVIII. Preza por forte corrente ortodoxa e professa a confessionalidade luterana prescrita pelo Livro de Concórdia, formulado por Martin Lutero.

² O Sínodo Riograndense é uma instituição religiosa de cunho luterano influenciado e, em muitos casos, subsidiado por igrejas luteranas alemãs. Essa instituição se estabeleceu no Brasil no século XIX, a partir da reunião de pastores vindos da Alemanha para atuar nas unidades de imigração, consideradas luteranas. A sua expansão se deu mais em comunidades no norte do Estado que valorizavam a Igreja e a escola, como uma instituição associativa. Para saber mais, ver em René Gertz, *O perigo alemão* (1998); Elomar Tambara *O positivismo sob o Castilhismo*, tese de doutorado (1991), Martin Dreher, *Igreja e Germanidade* (1984). Atualmente é conhecido pela IECLB.

³ O independentismo religioso entre os imigrantes foi forte nos primeiros anos de imigração. Cada grupo se instalava numa colônia e elegia um leigo para orientar religiosamente a comunidade. Ainda na região meridional do estado a maioria dos luteranos é independente. Para saber mais, ver em TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: EST/IEPG, 1996.

⁴ Ver o conceito de identidade a que o estudo se refere: Hall (2000;1997), Kreutz (2004a; 2004b; 1998; 1994a; 1994b), Mendes (2002), Meyer (2003; 2001), Woodward (2000), entre outros.

Na dissertação, a cultura escolar⁵ foi analisada a partir de cartilhas, de depoimentos de pessoas que foram alunos e alunas das escolas no início da formação (orientados pelos primeiros professores vindos dos Estados Unidos e alguns formados no Brasil) e, também, a partir de depoimentos dos alunos que tinham sido alfabetizados na língua alemã.

O trabalho de dissertação e a análise que será apresentada na tese mantêm estreitas relações, uma vez que tratam de práticas educativas desenvolvidas pela mesma instituição. Entretanto, buscou-se direcionar o foco da tese para o impresso infantil engendrado nas práticas educacionais formais – escola e igreja – e informais – leituras e apropriações no espaço doméstico.

A instituição do Sínodo do Missouri, além da preocupação de formação na escola paroquial, manteve a publicação de revistas para diferentes faixas etárias e diferentes interesses de seus adeptos. Os leitores infantis, especificamente, tiveram especial atenção na publicação do material educativo doutrinário e, também, didático. Por isso, a constituição da revista como objeto desta pesquisa se consolidou, pois o impresso aponta formas e significados de práticas educativas e religiosas.

O estudo de periódicos para entender práticas escolares mostra-se profícuo envolvendo problematizações de diversos aspectos educativos. O impresso permite entender e compreender os modos e as práticas desenvolvidas pela instituição editorial. Permite também, perceber, por meio de conteúdos e textos, o projeto educativo que se pretende instaurar, e fornece pistas dos modos desejáveis da apropriação pelos leitores.

Sendo assim, o objetivo da tese é analisar “O Pequeno Luterano” em suas *estratégias* de edição, produção e circulação, considerando o processo de formação de redes de leitura e de leitores dirigidas a alunos, professores e pastores da escola paroquial, no contexto da instituição do Sínodo de Missouri, nas décadas de 1930-1960. Além disso, pretende-se analisar os processos de planejamento e gerenciamento da revista como dispositivo educacional e doutrinário e, também, identificar possíveis *táticas*⁶ por parte dos leitores, os quais nem sempre corresponderam às metas de formação da criança luterana e do futuro fiel adulto.

⁵ A cultura escolar como categoria de análise é usada amplamente por muitos estudiosos. Luciano Faria Filho, Irlen Gonçalves, Diana Vidal e André Paulilo (2004) analisam com propriedade a apropriação deste conceito no estudo de instituições e defendem que a cultura escolar não está somente presente dentro de uma organização educativa, mas os processos educacionais se relacionam com as esferas da família ou da religião. Ainda referenda-se em estudos de Dominique Julia (2001).

⁶ Posteriormente, neste trabalho, este conceito será explicitado.

É possível acreditar na originalidade e relevância do estudo devido às escassas pesquisas sobre impressos religiosos que serviram como recurso sistematizado nas escolas paroquiais com preocupação na formação de rede de leitores no tempo presente e futuro. A peculiaridade da pesquisa desta revista, “O Pequeno Luterano”, se diferencia de impressos em forma de panfletos, folhetos gratuitos de diferentes instituições religiosas consideradas fundamentalistas e pentecostalistas⁷, geralmente dirigidos a adultos. “O Pequeno Luterano” atinge especialmente as crianças no espaço educativo da escola e da igreja. Percebe-se, ainda, a especificidade deste impresso do Sínodo de Missouri, comparando com a igreja luterana concorrente (Sínodo Riograndense) que manteve um impresso infantil, quase no mesmo período de tempo, tendo semelhanças de formato e conteúdo, mas diferenças marcantes no que tange ao aspecto educativo⁸.

Nestas considerações iniciais, é importante registrar a relevância em trabalhar com impressos como fonte a fim de entender aspectos marcantes da história da educação de determinado grupo, neste caso, o grupo pomerano relacionado a uma instituição religiosa. Nesta perspectiva, ao longo destas páginas pretende-se apresentar a seguinte tese:

A revista “O Pequeno Luterano”, em suas estratégias de edição, produção e circulação, foi planejada e gerenciada para educar e doutrinar, buscando formar a criança luterana e subsidiar didaticamente a escola, tendo em vista, também, a formação do leitor e do futuro fiel adulto.

⁷ Procurou-se fazer uma busca de trabalhos com impressos infantis religiosos. Muitos abordam a questão educativa dos impressos como forma de expandir e fazer conhecer as bases doutrinárias de determinada religião através de ações educativas, mas não de forma sistematizada no meio escolar e entre crianças. Como exemplos, tem-se o artigo de SILVA, Sandra Batista Araújo, SILVA, Maria Emília Lins e GALVÃO, Ana Maria. **Impressos religiosos pentecostais e cultura escrita: a revista “Lições Bíblicas” da Escola Dominical e o jornal “Mensageiro da Paz” (Brasil, 1935-1945).** IN: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, 2009. Disponível em http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Sandra_Batista.pdf. Acessado em 16 de maio de 2011. Para perceber a circulação de impressos como doutrinação massiva, mas não dirigido especificamente ao público infantil e escolar, exemplifica-se com o trabalho de CASTRO, Eduardo Góes. **A Torre sob Vigia: As Testemunhas de Jeová em São Paulo. (1930-1945).** São Paulo, USP, Departamento de História, 2007. Dissertação de mestrado.; e com o trabalho de NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Palavra Impressa como Estratégia de Difusão do Protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX.** IN: II Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de História da Educação. SBHE, Natal, 2002.

⁸ A título de demonstração da especificidade, o impresso educativo “Amigo das Crianças”, editado e produzido pelo Sínodo Riograndense (atual IECLB), possui semelhanças no período de distribuição da revista, no conteúdo dos textos doutrinários e no enfoque religioso, mas não mantém interlocução direta com a escola. Na breve manipulação do material, percebeu-se não haver notícias sobre a realidade escolar, e nem apresentar preocupação com os conhecimentos das disciplinas seculares. Servia como entretenimento e mantinha interlocução com os leitores, mas como fiéis da igreja, e não como alunos. Mantém características ideológicas distintas, como a defesa do germanismo. Fez-se o reconhecimento da revista e um rápido manuseio na biblioteca da EST (Escola Superior de Teologia), já que não consiste como objeto da análise neste estudo.

Para tal, foram elaboradas algumas questões norteadoras que podem ser assim resumidas:

- Como se realizou a edição, produção, circulação e apropriação do impresso “O Pequeno Luterano” direcionado ao público infantil e aos professores adeptos do Sínodo de Missouri?

- Como esse projeto se articulou para formar a criança luterana, tendo em vista a projeção da formação do fiel adulto?

- Mesmo a revista sendo infantil, envolvendo aspectos de usos e apropriações pelos adultos (professores e pastores), como ela serviu para auxiliar de forma didática os processos escolares?

A partir de tais problematizações, apresenta-se a seguir a escolha da abordagem do tema, a dimensão conceitual e teórica do trabalho, além de rápida explanação dos dados.

A PESQUISADORA E O TEMA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O tema escolhido para esta pesquisa está diretamente relacionado à minha trajetória pessoal e acadêmica desde a formação na graduação, em 2002⁹, desenvolvendo pesquisa em nível de iniciação científica voltado à imigração alemã.

Conforme já referido, os estudos em nível de mestrado, centrados na imigração alemã e nas relações da educação com uma instituição religiosa, possibilitaram ampliar o conhecimento sobre o tema, abordados de certo modo original, já que na ocasião não havia estudos sobre as escolas religiosas do Sínodo de Missouri na região de Pelotas/ RS. Tive, então, oportunidade de compreender fenômenos da história da educação a partir de novas formas de abordagem metodológica. Foi na análise das fontes escritas, no trato do material, na busca de achados, nas entrevistas e nas reflexões que pude encaminhar o trabalho de pesquisa e constituir a dissertação. Pude perceber no caminho percorrido, que muitas marcas foram me constituindo como pesquisadora e como pessoa. Ontem, assim como agora, o tema estava/está diretamente relacionado com a constituição da minha vida pessoal. De fato, ele atravessava a minha história.

Concordo com Sueli Rolnik (1993), quando menciona em seu memorial a importância de ele ser constituído por marcas.

⁹ Formação na graduação em Educação Física, pela UFPEL. Nas pesquisas de iniciação científica, pesquisava, numa perspectiva histórica e sociológica, as relações de lazer e trabalho numa comunidade de imigrantes alemães no contexto pomerano.

No entanto, à medida que fui mergulhando na memória para buscar os fatos e reconstituir sua cronologia, me vi adentrando numa espécie de memória, uma memória do invisível feita não de fatos, mas de algo que acabei chamando de 'marcas'. [...] Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (p. 241-242).

As marcas produzem estados inéditos sempre que posso apreender outras formas de pesquisar e entender o meu objeto, e compreender a metodologia, que precisa ser flexibilizada e adaptada. Quando trabalhamos numa pesquisa na área da educação, acabamos nos envolvendo de forma muito forte com o nosso tema, e isso traz vantagens, marcas que se compõem, mas o equilíbrio é necessário para mantermos a mediação entre aproximação e distanciamento.

Nesse percurso – que não acontece de forma linear, e sim com constantes rupturas, em meio a idas e vindas – é que se constrói a pesquisa. Como em parte já referido, o tema pesquisado na dissertação analisou aspectos relevantes da cultura escolar de escolas comunitárias através de depoimentos orais, cartilhas, impressos. Por isso, duplamente, a pesquisa tem significado especial na minha trajetória, já que faço parte do grupo étnico em questão, sendo descendente de pomeranos e pertencendo à igreja originária do Sínodo de Missouri. O interesse por esse tema não foi imparcial, foi construído a partir de minhas vivências. A curiosidade em pesquisar tais questões esteve sempre presente em minha bagagem e experiência, compondo marcas como pessoa e como pesquisadora.

Nesse sentido, sendo o tema tão próximo, foi necessário o cuidado diante do balanço distanciamento-aproximação do objeto, para que deste equilíbrio pudesse nascer a base para a constituição do processo investigativo. O equilíbrio nesse processo é fundamental. Acredito que não é possível haver neutralidade no ato de investigação, portanto, preciso, na aproximação, submergir no contexto que quero pesquisar. Estando próxima, posso entender muitos aspectos, mas, ao mesmo tempo, preciso, por vezes, me distanciar para estranhar o que, aparentemente, me é familiar. No distanciamento acontece o estranhamento dos fatos sociais e aí reside a riqueza da construção do objeto.

Além disso, é necessário ter uma constante vigilância epistemológica, termo emprestado da sociologia de Pierre Bourdieu. O autor faz referência, analisando que:

A vigilância epistemológica impõe-se, particularmente, no caso das ciências do homem nas quais a separação entre a opinião comum e o discurso

científico é mais imprecisa do que alhures. [...] a familiaridade com o universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência porque ela produz continuamente concepções ou sistematizações fictícias ao mesmo tempo que as condições de sua credibilidade [...] (BOURDIEU, 1999, p 23).

Apesar do estudo de Bourdieu referir-se à sociologia, considero relevante a necessidade de uma constante vigilância epistemológica. O cuidado para as investigações que englobam fatos sociais precisa ser redobrado. O investigador precisa lidar não só com fatos conhecidos, como com aqueles que podem surgir de modo inusitado. Por isso, na trajetória da pesquisa, tentei seguir uma prática vigilante em relação ao objeto e aos demais aspectos a ele relacionados. Nesse sentido, foi necessário evitar que a investigação se transformasse em receita pronta e tivesse metodologias totalmente definidas. A parceria entre método e prática é fundamental, isto é, a dissociação entre as duas precisa ser continuamente afastada. Para tanto, a problematização e as dúvidas durante o trajeto da pesquisa foram sempre relevantes:

[...] À tentação sempre renascente de transformar os preceitos do método em receitas de cozinha científica ou engenhocas de laboratório, só podemos opor o treino constante na vigilância epistemológica que, subordinando a utilização de técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto sem si mesma quanto em função do caso particular [...] (BOURDIEU, 1999, p 14).

Analisando o pensamento do autor e transportando-o ao estudo que aqui se pretende desenvolver, fica evidenciado que no percurso da pesquisa, por estar tão próxima do tema, poderia facilmente transformar a metodologia em um projeto pronto e acabado. Entretanto, vale lembrar que, apesar de acatar sempre algumas hipóteses no trabalho, a riqueza da pesquisa está, de certo modo, construída nos questionamentos e nas dúvidas. Através das particularidades e das trilhas e dos atalhos desconhecidos sempre é necessário ser vigilante. Essa vigilância não se dá de forma descomprometida, ou com uma preocupação pragmática em relação ao objeto circunscrito, mas de forma consciente, entendendo que um caminho de pesquisa sempre conta com riscos, improvisos e adaptações. Seguindo nessa linha, não são tão somente importantes os desfechos, ou seja, os resultados da pesquisa, mas de igual forma os bastidores em que se desenrolam o processo de construção do objeto e da metodologia. Por

isso, acredito ser relevante levantar estas questões das marcas que nos compõem e da necessidade da vigilância epistemológica.

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para referendar a pesquisa, os estudos de Chartier (2003; 2002; 2000; 1999; 1996a, 1996b; 1994) constituíram o referencial teórico sobre a leitura e a sua apropriação como meio educativo relacionado à História Cultural¹⁰. Esta proporcionou a ampliação de novos campos, estabelecendo relações com outras áreas do conhecimento das ciências humanas, como a antropologia, a sociologia, a linguística, entre outras. Nos estudos de Chartier, o uso da abordagem da História Cultural privilegia e proporciona maior flexibilidade e riqueza no trato com os diferentes objetos na história da leitura, não levando em consideração somente as diferenças sociais dos leitores ou os diferentes níveis de alfabetização dos envolvidos, mas, também, como se dão as práticas, os modos e as condutas.

Nesse conjunto entre história da leitura e história cultural, ainda será apoiado nas ideias de Chartier (1996b), em que as práticas de leitura e o uso de impressos precisam ser vistos como práticas culturalmente construídas pelos grupos sociais e, não somente observar os textos de acordo com a classe social, pois em muitos casos, as diferenças sociais não elucidarão as leituras que estão ou não dentro de determinado padrão.

Uma história da leitura deve se construir também contra a tradição mais recente da sociologia histórica da cultura. Esta se impõe dois objetivos fundamentais: estabelecer correlações entre pertença social e produções culturais e identificar objetos (por exemplo, textos e impressos) próprios aos diferentes meios sociais. Esse enfoque, fecundo em resultados, que tendia a caracterizar culturalmente os grupos sociais ou socialmente os produtos culturais, pode sugerir uma reflexão crítica. Com efeito, as modalidades de apropriação dos materiais, são sem dúvida, tão ou mais distintas do que a inegável distribuição social desses próprios materiais [...] (p. 78 e 79).

Compreende-se que o ato de ler não é uma prática destituída da construção social e cultural do grupo, o que significa não apenas considerar o grau de escolaridade dos leitores, já que em muitos casos entre os grupos de leitores aqui pesquisados e observando os impressos a eles direcionados, pode-se supor que o grau de capital cultural ultrapassa os anos de escola, importando mais em perceber a influência religiosa nas práticas de leitura.

¹⁰ Os principais autores que são referendados na análise são Pesavento (2004), Chartier (2003), Veyne (1995), Burke (1992), Le Goff (1988), entre outros.

Nas comunidades pomeranas, relacionadas ao Sínodo de Missouri, muitas vezes as leituras direcionadas para crianças, jovens e adultos influenciados pela igreja são organizadas dentro de um projeto educativo e doutrinário. A circulação e produção de revistas para todas as idades e interesses dos fiéis foram estimuladas e sistematizadas pelo Sínodo de Missouri neste contexto. Por outro lado, estes textos nem sempre terão efeitos esperados se presume. Em muitos casos, acontece a assinatura de revistas e estímulo de literatura religiosa, todavia os leitores nem sempre parecem corresponder ao que a instituição pretende. Os objetos, textos e impressos não são neutros, eles refletem uma intencionalidade e uma apropriação que em algumas vezes podem escapar à análise e às motivações iniciais. Entretanto, de certo modo são (ou não) apropriados pelos leitores, obedecendo (ou não) à pertença social, e neste caso, pertença étnica e religiosa.

Nesse sentido, os textos fazem parte de práticas culturais construídas socialmente, que tomam significados diferentes de acordo com a imposição de certa leitura e a apropriação dos leitores, constituindo-se pela produção, circulação e por um controle desta prática. Os modos de leitura podem ir da simples maneira de ler a orientações de condutas e *habitus* instauradas nos leitores – como bem foi colocado no debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier¹¹ acerca dos modos de leitura. Fica evidente neste debate dos autores a importância das condições de possibilidades de leitura, e como estas leituras estão circunscritas de práticas culturais, percebendo as tensões e construções no ato de ler. (CHARTIER, 1996b). Assim, revelando as discussões entre os dois estudiosos o autor afirma:

Penso que isso nos remete ao problema das condições de possibilidade da história da leitura, considerando-se que esta história da leitura pode ser um dos meios de objetivar nossa relação com esse ato. Penso que existem várias vias possíveis (p. 235).

Nessa reflexão, Chartier considera um modo de pesquisar a leitura, por ser por vezes difícil a apreensão dessa prática. Pesquisar a constituição histórica do material de leitura, os objetivos deste material ao ser imposto na rede de leitores, a quem se dirige, de que forma ele é editado e produzido são algumas formas de compreender os processos de leitura e a sua apreensão pelos leitores. Estas questões são fundamentais para entender o processo de

¹¹ O debate refere-se ao artigo intitulado: “A leitura: uma prática cultural *debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier*, publicado no livro organizado por CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996b.

circulação de impressos a serem lidos e como tais práticas estão constituídas, como Pierre Bourdieu complementa:

[...] é o fato de que os textos, quaisquer que sejam, quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre o seu modo de emprego. [...] Há, portanto uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça (op.cit, 1996b, p 235).

A partir dessa afirmação do autor, pode-se compreender que os textos possuem uma intencionalidade no seu conteúdo, especialmente textos de cunho religioso e educativo. É possível perceber, também, que a leitura não se reafirma pela simples abstração e interpretação solitária e individual. Ela circula e é dirigida a um grupo social que, como outras práticas culturais, são ressignificadas, reinterpretadas e, em muitos casos, fugidas do controle editorial. Elas estão circunscritas na apropriação do leitor e revelam como essa prática se modifica e se constrói.

É relevante entender, portanto, a materialidade através dos impressos que veiculavam as leituras, porque possibilita perceber questões culturais e religiosas, as quais enfocam, não raras vezes, diferentes matizes culturais, como por exemplo, o nível de pertencimento a uma geração: crianças, jovens e adultos, ou, ainda, diferenciadores de tipos de leituras de acordo com o gênero. Essas diferenças culturais – mais do que questões referentes à classe social ou escolaridade oficial de cada leitor – poderão constituir subsídios enriquecedores para entender a apropriação dos leitores e do provável controle que essa leitura exerce sobre eles. Em relação a esses aspectos de perceber os modos de leitura de uma comunidade a partir de traços culturais, de geração, de religião, vale trazer, mais uma vez, Chartier, que aponta com propriedade que:

Não há o que obrigue as partilhas culturais a se ordenarem de acordo com a grade única de recorte do social, recorte esse que supostamente comandaria a desigual pertença de objetos culturais, bem como as diferenças de conduta em relação a eles. A perspectiva deve ser modificada, preocupando-se em desenhar, primeiro, as áreas sociais nas quais circulam cada *corpus* de textos e cada gênero de impressos. [...] (CHARTIER, 1994, p 15).

O enfoque incide sobre a ampliação deste social, as áreas sociais dos textos perpassam além da noção de classe social, ela é construída, muitas vezes, por fatores já mencionados que estão em evidência nos textos e impressos. A produção e circulação de tais

impressos e a sua possível aceitação coadunam com fatores de pertença nessa comunidade pomerana ligada a uma instituição luterana. Os textos e impressos, obviamente, a partir da tipografia, do formato como estão organizados e da apresentação dos textos de forma hierárquica, levam em consideração aspectos culturais e religiosos. Mas também é importante assinalar que os textos estão voltados para a escola – a escola paroquial comunitária – o que se comprova no reforço das correspondências encaminhadas e no incentivo das assinaturas.

Ainda como marco referencial, os estudos de Michel D’Certeau (2011) colaboraram para entender as estratégias e as táticas¹² usadas nas relações entre a instituição luterana, responsável pela editoração do impresso: usando estratégias educativas e formativas na edição, produção e circulação da revista com os leitores, estes se valendo de táticas, ou seja, não correspondendo diretamente e prontamente aos objetivos editoriais.

Para melhor compreensão, o autor em destaque diz o que entende como estratégia.

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. (CERTEAU, 2011, p. 45, grifos do autor).

A estratégia é realizada por aquela instância que precisa dominar as relações. Ela tenta se tornar balizadora de determinada situação, de controlar e moldar situações e processos. Como será visto, o editorial da revista, por exemplo, usa de estratégia, moldada pela instituição religiosa do Sínodo de Missouri, na circulação e na produção do impresso, ou seja, busca garantir meios uniformes de se distinguir como próprio e legítimo. Estabelece a seleção dos conteúdos e o formato das edições. Orienta o modo de produção e da leitura e organiza a apropriação dos leitores. Estratégias são realizadas pelo dito “dominador”, mas elas nem sempre, ou quase nunca, se efetivam completamente, porque aquele que é alvo destas estratégias se vale das táticas definidas por Certeau:

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar

¹² No conjunto deste estudo, sempre que houver menção de estratégias e táticas, serão apoiadas nas ideias de Certeau.

as suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. [...] (CERTEAU, 2011, p. 45 e 46).

As táticas são os movimentos daqueles a quem as estratégias são destinadas. As táticas são raramente percebidas. Passar despercebido pode lhe trazer vantagens, como conseguir escapar facilmente do instituído, porque este poder não se dá conta do escape e da forma do escape. Segundo Certeau, as táticas apresentam continuidades e permanências. Elas se fortalecem na necessidade de continuar a resistir em frente ao proposto e permanecem se modificando e se adaptando a diferentes situações. No caso desta pesquisa, as táticas foram observadas a partir dos problemas da edição da revista, com as reclamações e pedidos da redação aos leitores, pressupondo, assim, que os leitores não estavam correspondendo ao que o controle editorial e institucional previa. Mas elas não são facilmente reconhecíveis na pesquisa, porque se escondem delas mesmas e dos movimentos estratégicos. Elas ficam menos nítidas porque estamos tratando de um processo de leitura. A dificuldade recai sobre esta prática por ser considerada neutra e universal. Justamente por manter essas características de aparente neutralidade e passividade foi usada como objeto de análise por Certeau:

Para descrever essas práticas cotidianas que produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo, impunha-se um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo: *a leitura*. [...] De fato, a atividade leitora apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, interseções de espaços escritos, dança efêmera. [...] Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passageiro. [...] (CERTEAU, 2011, p. 47 e 48, grifos do autor).

Nesse sentido, os aspectos envolvidos da atividade leitora demandam diferentes apropriações dos leitores, diferentes táticas usadas. A primeira vista pode parecer que a leitura é destituída de produção e de ações por ser uma atividade silenciosa e despreziosa, mas, a apropriação do leitor ou, no caso da pesquisa, de uma rede de leitores, se dá com diferentes sentidos de apropriação, de uso de táticas infindas e de estratégias editoriais pré-definidas que se engendram e se modificam de acordo com o movimento das táticas dos leitores. Na composição dos dois estudiosos: Roger Chartier e Michel D' Certeau será referendado conceitualmente o processo investigativo a ser apresentado.

Se a problemática pode ser uma bússola, o caminho percorrido é a metodologia que se vai construindo e adequando às situações que a pesquisa exige. Se aqui se pretende compreender práticas educativas e religiosas orientadas por uma determinada instituição, em uma perspectiva historiográfica há necessidade de termos, a princípio, duas estratégias metodológicas: o uso do impresso “O Pequeno Luterano”, usando o método de análise documental, buscando perceber nos impressos os seus discursos, a sua materialidade, a circulação e a edição, bem como a sua apropriação pelos leitores. Ainda a revista, fonte principal do estudo, será complementada com outros documentos, como atas e relatórios de reuniões das comunidades do Sínodo. E uso de fontes orais, tendo como foco a categoria da memória. É preciso esclarecer de início que estes procedimentos metodológicos podem se complementar, e não apenas compensar possíveis limitações de cada um. Não serão utilizados, por exemplo, os depoimentos orais para compensar uma lacuna dos impressos, ou ao contrário, usar a revista para entender determinados discursos dos depoentes. Em outras palavras, tanto a empiria advinda dos impressos, como o conjunto de narrativas provenientes da oralidade visam uma inter-relação entre eles e, ao mesmo tempo, a especificidade de cada um no sentido do enriquecimento da análise.

As fontes documentais são compostas, em grande parte, pela revista “O Pequeno Luterano”, que é o objeto do estudo. Nesse sentido, é necessário observar as condições de produção dessas fontes. Elas deverão servir como ponto de partida para a investigação necessitando serem problematizadas. Como afirma Berenice Corsetti (2006), as fontes documentais são relevantes e precisam ser tratadas:

O ponto de partida não é, assim, a pesquisa de um documento, mas a colocação de um questionamento – o problema da pesquisa. O cruzamento e confronto das fontes é uma operação indispensável, para o que a leitura hermenêutica da documentação se constitui em operação importante do processo de investigação, já que nos possibilita uma leitura não apenas literal das informações contidas nos documentos, mas uma compreensão real, contextualizada pelo cruzamento das fontes que se complementam, em termos explicativos (p. 36).

Desse modo, pode-se pensar que as fontes não representam a verdade absoluta dos fatos, mas servem para tentativas de mapear o contexto a ser entendido, sendo necessário criar uma rede de interdependências entre elas. Do mesmo modo, é preciso ter cuidado para não apenas colocar os excertos sem as devidas problematizações e análises.

A revista “O Pequeno Luterano” foi pesquisada junto ao acervo na Biblioteca do Seminário Concórdia, em São Leopoldo. A partir deste material, foi constituído um banco de

dados, a ser explicitado detalhadamente em capítulo posterior. O período de análise foi de 1931 - 1939 (a revista denominada “Kinderblatt”, Jornal das Crianças), 1939 - 1966 (O Pequeno Luterano). O material denso, quantitativamente, contendo muitos números de periódicos e número de páginas. A seguir, a tabela explicativa, relacionando o número de periódicos e o número de páginas, divididos por décadas.

Tabela 1 - Apresentação numérica dos periódicos e número de páginas

Período	Número de periódicos	Número de páginas
1931-1939 (Kinderblatt)	60	272
1939-1949 (O Pequeno Luterano)	85	501
1951-1959 (O Pequeno Luterano)	73	784
1960-1966 (O Pequeno Luterano)	59	782
Total	277	2339

A revista geralmente era mensal, mas muitos dos periódicos circulavam bimestralmente, em especial, nos meses de janeiro-fevereiro, meses das férias escolares. Em momentos de crise, apresentavam pouca circulação. Na década de 1940, por exemplo, especificamente em 1945-1946, em todo o ano são editados 4 e 5 periódicos, respectivamente, demonstrando as dificuldades encontradas no período de nacionalização do ensino. Entretanto, poucos são os números a que não se teve acesso na análise. Faltam alguns números do ano de 1934 e 1935 e do ano de 1953. Cabe salientar que foi possível perceber o aumento quantitativo do material impresso, com crescente número de páginas da revista a cada década de sua circulação. O material empírico era extenso e foi preciso organizar tais informações em um banco de dados a fim de facilitar a análise.

A quantidade de edições é relevante, totalizando, no período de 1931-1966, 35 anos de circulação. De 1931 até 1948, anualmente a edição somava 48 páginas. Quando a revista apresentava publicação bimestral, o número de páginas aumentava proporcionalmente. Desde 1949, houve um aumento de, em média, 50 a 136 páginas, anualmente. Deste período, estão disponíveis para a análise todas as edições, com exceção dos meses de setembro a dezembro de 1953. O conjunto do acervo a ser investigado compreende 277 periódicos, totalizando 2.339 páginas.

A circulação da revista era intensa. Na década de 1950 os dados apontam 1200 assinantes, em 1962 aparece a tiragem de 1400, mas a média das assinaturas dos leitores fixos

giravam em torno de 1162. Em 1964 o aumento da tiragem é visível, aparece com o número de 1600. Essa discrepância entre a tiragem e o número de assinantes na década de 1960, se deve muito em função do patrocínio recebido pela revista e a maior mobilidade de circulação fora do meio dos assinantes.

Além das revistas como fonte do trabalho, têm-se a correspondência epistolar de uma leitora, as atas da comunidade de São Pedro (1900-1960)¹³ e as estatísticas das comunidades (1930-1940), constando o número de assinantes de revistas e número de crianças na escola. As atas da comunidade relatavam as práticas escolares e o uso de impressos, em especial, “O Pequeno Luterano”. Outras fontes encontradas na comunidade de São Pedro foram os relatórios e as atas das reuniões e convenções sinodais regionais¹⁴ das comunidades da região meridional da década de 1930-1940. Em muitas destas convenções o tema escolar foi debatido e discutido, assim como o enfoque dado à educação escolar e moral das crianças e jovens.

No intuito de melhor compreender a revista e seus propósitos buscou-se a complementaridade entre fontes escritas e fontes orais. O impresso circulou entre os luteranos, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, mas circulou também entre outros estados do Brasil, principalmente os da região sul (Paraná e Santa Catarina) e da região sudeste. Sempre mantendo interlocução com leitores e escolas paroquiais, por isso, nas páginas do periódico muitos leitores enviavam cartas para serem publicadas. Tal interlocução mostrou a rede de leitores e se tornou necessário entrar em contato com os mesmos. Como a pesquisa pretendeu focar a região meridional do RS, o critério para a escolha dos sujeitos/narradores era pertencer a este contexto, com exceção dos redatores e de um leitor em especial.¹⁵

Os sujeitos/narradores participantes da pesquisa foram compostos por um casal de redatores, uma professora de escola paroquial, uma professora de escola dominical¹⁶, seis

¹³ Esta foi a primeira comunidade a ser filiada ao Sínodo de Missouri, em 1900. Localizava-se no interior de Pelotas e atualmente pertence ao município de Morro Redondo.

¹⁴ As reuniões e convenções sinodais regionais eram práticas organizadas entre comunidades localizadas geograficamente próximas. No caso a região meridional, composta pelos municípios de Pelotas, São Lourenço do Sul e Canguçu formavam uma região em que se marcavam encontros para debater temas de ordem moral e organizacional da igreja. Os participantes destas reuniões eram os pastores e representantes leigos.

¹⁵ De forma mais detalhada os depoentes da pesquisa serão apresentados no capítulo 7.

¹⁶ As escolas dominicais foram práticas desenvolvidas para envolver as crianças durante o culto. No momento do sermão, as crianças, em espaço reservado, recebiam mensagens religiosas de forma lúdica, por isso, a denominação “escola dominical”, pois eram realizadas aos domingos. O Sínodo de Missouri investe mais fortemente nestas práticas após o declínio das escolas paroquiais.

leitores: eram leitores infantis no período da circulação da revista e enviaram correspondências ao impresso. Eles pertenciam ao mesmo grupo social religioso. Todos eram pertencentes ao Sínodo de Missouri ao manter relações com a revista. Cabe registrar que os mesmos mantêm-se na instituição e como leitores da literatura religiosa até os dias atuais. Seria possível afirmar que eles representam um grupo coeso, sendo que suas memórias convergem para as mesmas problematizações e nuances da pesquisa. Apesar de a memória ser compreendida como uma construção coletiva (HALWACHS, 1990), apontando recorrências e significações comuns do grupo, elas podem apresentar singularidades devido à vivência individual de cada sujeito. Ou seja, ao pertencerem ao Sínodo de Missouri, os depoentes fizeram parte dessa rede de leitores, mas de acordo com cada história de vida ou a posição ocupada do depoente, aluno, professor, ou redator, o impresso teve diferentes significados a cada um deles.

Buscou-se, através das memórias desses sujeitos, entender as apropriações dos leitores em relação à revista, os modos de circulação, as táticas utilizadas por eles. Cabe ressaltar que a memória não se apresenta uniformemente organizada e sistematizada, elas dependem das relações sociais e coletivas do sujeito. Vale lembrar que, de certa forma, os sujeitos representam um determinado grupo social e estão circunscritos nele, especialmente em relação ao impresso. Tanto como leitores infantis e/ou sendo educadores e editores, tiveram ligação estreita com a apropriação do material por meio de leituras, dos usos didáticos e da organização editorial.

A escolha dos depoentes não foi difícil, seus nomes estavam publicados na revista e apareciam como interlocutores ocupando posições específicas relatadas no periódico. Foi possível ter acesso a estes leitores através da minha família, porque faziam parte das comunidades religiosas em que muito convivi na infância e ainda convivo atualmente. Através do auxílio dos meus pais foi possível localizar os sujeitos, mesmo as mulheres, que no impresso tinham o sobrenome da família de origem e nos dias atuais já assinavam o sobrenome de casadas. Assim, com o auxílio da minha família, a localização se tornou mais fácil. Da mesma forma, o acesso era viável ao ser recebida como a “filha do pastor”. Então, em todas as entrevistas, os depoentes receberam o processo do depoimento de forma espontânea, apesar de ter a preocupação de contribuir e desconsiderar os processos que vivenciaram como leitoras. Elas evidenciavam a preocupação em apresentar dados mais consistentes, apesar de insistir que o foco da pesquisa era a lembrança do processo de

apropriação da revista. Cabe salientar que em muitos momentos os silenciamentos, os esquecimentos e as reticências tiveram especial destaque, porque através destas discontinuidades muitos aspectos da pesquisa puderam ser problematizados e complementados com outras fontes.

ESTRUTURAÇÃO DA TESE:

O primeiro capítulo consiste na contextualização, constando de forma resumida os estudos anteriores, em especial o processo investigativo da dissertação, devido a proximidade do objeto com a tese e para facilitar o entendimento da instituição do Sínodo de Missouri. Neste capítulo busca-se mostrar a formação do Sínodo, um breve histórico, a formação da ortodoxia e a instalação no Brasil. Será feita uma breve contextualização das primeiras comunidades da região meridional do Rio Grande do Sul envolvidas pelo Sínodo. Será abordada também, a formação do campo religioso e as disputas para a consolidação do grupo étnico pomerano no contexto imigratório, percebendo o fortalecimento étnico, relacionando a religiosidade com as práticas educativas, apresentando estudos referentes a escolas étnicas. É relevante referendar na abertura do trabalho este breve panorama da instituição religiosa que editou a revista e as comunidades envolvidas com o impresso, bem como relação com os estudos das escolas étnicas.

No segundo capítulo, será apresentado o panorama geral da revista, pontuando os redatores e diretores gerais que trabalharam ao longo de sua constituição. Também será apresentado de forma detalhada o banco de dados. A análise perpassa os dados quantitativos organizados em Unidades gerais e que podem ser cruzados nas Subunidades. A relevância está no esmiuçar da análise e na possibilidade do cruzamento dos dados. Neste capítulo, além do detalhamento da constituição do banco de dados, há tabelas explicativas relacionadas aos números e recorrências. Neste ínterim serão abordados de forma descritiva as Unidades e as áreas temáticas organizadas para o processo analítico.

A partir desta apresentação, descrição e análise desdobram-se as áreas temáticas que constituíram a revista. São os conteúdos visíveis e que mostram como a revista se articulava neste espaço. Por isso, os capítulos três, quatro, cinco e seis retomam de forma analítica os conteúdos e mensagens selecionados. É perceptível nestes capítulos a circulação, a produção e o gerenciamento da revista na formação não somente do leitor, mas daquele que seria leitor/aluno/cristão/cidadão.

No capítulo três é possível vislumbrar a projeção do futuro deste leitor e a sua formação como leitor/aluno/cristão/cidadão, tendo como destaque de recorrência as Subunidades: conduta das crianças e aplicação da história. Estas preveem aspectos de modos e condutas infantis para um agir futuro.

No capítulo quatro serão apontados o conhecimento religioso e doutrinário e o conhecimento secular e ideológico. Estes conhecimentos, apesar de diferentes, prevalecem neste capítulo, porque em parte orientavam o currículo escolar.

Os aspectos religiosos sobressaíam em mensagens e textos de cunho doutrinário e religioso. Há grande quantidade desta área temática envolvida na revista. Não poderia ser diferente, já que o impresso era produzido por uma instituição religiosa, envolvida com a escola, mas voltada com o currículo de modo especial à religiosidade. As histórias bíblicas, as explicações doutrinárias, o reforço dos versículos com indicações no texto, o assistencialismo incentivado pelo impresso contornam a formação religiosa. Os aspectos de conhecimento secular e ideológico manifestaram-se através de textos contemplados com conhecimentos gerais, como ciências, natureza, matemática, português, relacionados, quase sempre, à religião. E os ideológicos, que não deixaram de fazer parte do currículo escolar, através de conteúdos formais e de orientação moral representados pelo Higienismo e Nacionalismo.

No capítulo cinco a evidência maior ficou por conta da relação da redação-leitor, a interlocução mantida entre o impresso e os leitores. Neste sentido, esta interlocução encaminhou na análise para os aspectos institucionais educativos, da escola e da igreja, como atividades escolares, mostrando as formas de educação familiar e escolar, dando visibilidade às escolas paroquiais e dominicais, orientando não somente os alunos/leitores, mas, também os professores. Neste ínterim, o ato de ler ganha importância, porque se percebe a necessidade de controle e estímulo dessa prática. Ainda foi possível perceber, por meio das dificuldades e problemas apontados na interlocução pela redação da revista, as estratégias e táticas usadas pela instância editorial e os leitores. Ainda neste item focado na escola, foi possível encontrar os depoentes porque na interlocução denominava-se o nome da escola e a localidade, selecionando esses depoentes no contexto pomerano atual.

Posteriormente, o capítulo seis ainda tratará dos aspectos lúdicos e publicitários da revista. A ludicidade, contando com a interlocução e as estratégias editoriais em chamar atenção do público infantil, e a publicidade contando com as imagens ilustrativas e com anúncios e propagandas.

Finalizando a estrutura dos capítulos, no sétimo serão apresentados os sujeitos narradores da pesquisa, mostrando a importância das fontes orais para se entender o processo de circulação, edição e produção da revista, bem como as estratégias e táticas utilizadas.

Por fim, apresenta-se o trabalho através das considerações finais, retomando elementos essenciais envolvendo desde problematizações, questionamentos e alguns elementos teóricos que ajudam a compreender o conjunto de dados pesquisados.

*Contextualização inicial- estudos e pesquisas
anteriores*

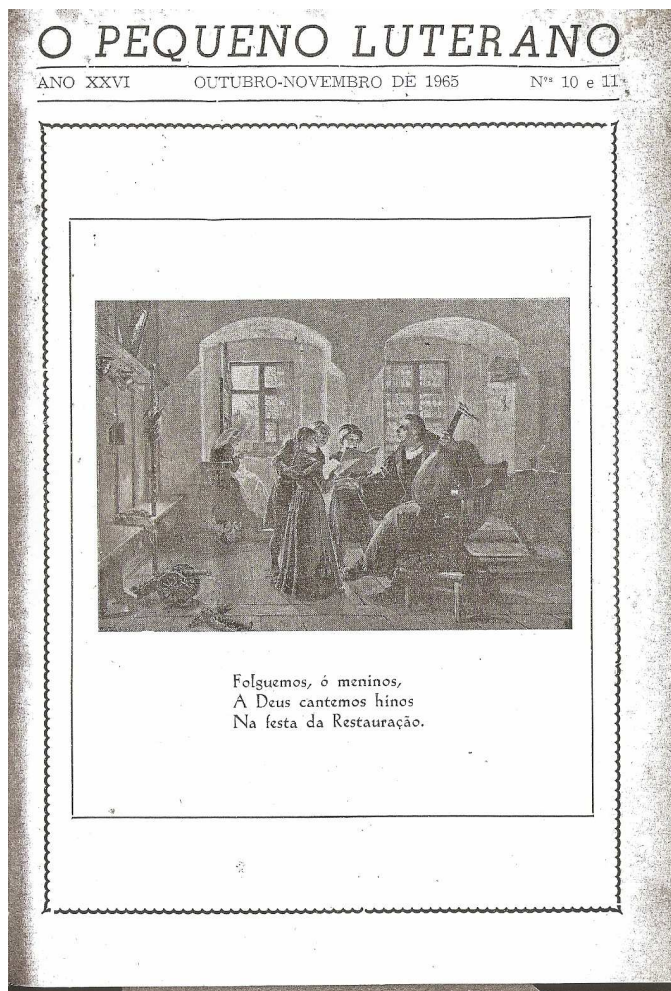


Figura 2 - Revista O Pequeno Luterano - Lutero cantando com seus filhos. out/nov, 1965.

1- CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL- ESTUDOS E PESQUISAS ANTERIORES

1.1 SÍNODO DE MISSOURI E SEU SURGIMENTO NO BRASIL - PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Neste primeiro capítulo será apresentado um panorama geral contemplando os leitores com dados interessantes e ricos da pesquisa realizada anteriormente por ocasião do mestrado. Essa contextualização é importante para uma melhor compreensão do objeto da tese, tendo em vista a proximidade e a interligação do tema.

Como abordado na introdução, o Sínodo de Missouri foi uma instituição religiosa confessional luterana fundada nos Estados Unidos por imigrantes alemães oriundos da Saxônia. Tentou-se definir, no estudo de mestrado, a identidade confessional dessa instituição a partir das fontes produzidas pelo Sínodo.¹⁷ As fontes foram questionadas e problematizadas, lembrando que na análise da instituição do Sínodo de Missouri, o estudo se centrou na perspectiva da representação da própria instituição. Mas, mesmo assim, aconteceria o risco de a análise das fontes não ser proveitosa se não houvesse um olhar crítico e se elas não fossem entendidas como uma forma de representação da instituição.

1.1.1 Formação do Sínodo de Missouri e difusão do luteranismo ortodoxo

O Sínodo tem uma característica clara e ortodoxa relacionada com a doutrina luterana. Exaltam a figura do reformador Marthin Lutero¹⁸ assim como o feito da Reforma Protestante¹⁹.

Entretanto, um movimento histórico não possui uma essência natural, ele está permeado e encharcado de influências do contexto social, cultural e político. Por isso, é possível perceber que na Alemanha, berço da reforma, ocorreram várias tendências e movimentos de oposição ao catolicismo. Dependendo da organização religiosa de cada grupo,

¹⁷ As fontes usadas no mestrado foram as revistas produzidas pelo Sínodo: Der Lutheraner, revista editada nos Estados Unidos já na metade do século XIX, sendo assinada por residentes no Brasil e Kirchenblatt, produzida e editada no Brasil em 1903. Ambas foram escritas em alemão gótico e continham textos teológicos, informações a respeito do trabalho da igreja e da escola. Estas duas revistas foram analisadas do período de 1900-1920. Ainda foram usados excertos da revista Mensageiro Luterano e do Jovem Luterano de 1940-1950 que retomavam o contexto da fundação do Sínodo.

¹⁸ Uma das peculiaridades do Sínodo é destacar a figura de Marthin Lutero como o responsável pelo resgate dos preceitos religiosos cristãos, e seguindo-o estariam dentro de uma doutrina verdadeiramente luterana.

¹⁹ Especialmente no que se refere à preocupação de Lutero em expandir o ensino básico na leitura da Bíblia e do catecismo (ALTMANN, 1994; BECK, 1996; BOBSIN, 2005),

havia uma característica doutrinária difusa. O surgimento do Sínodo de Missouri não foi diferente, ele começou a partir de divergências doutrinárias nas práticas confessionais e litúrgicas de organizações religiosas reformadas na Alemanha. Iniciou com os pastores M. Stephan e C. F. W. Walther e outros pastores que atuavam no país. Eles possuíam uma visão mais rígida e ortodoxa da igreja. Segundo os relatos nas revistas do Sínodo, os ideais racionalistas haviam sido difundidos na Europa, acentuando-se no final do século XIX.

O Sínodo criticava o racionalismo e o unionismo, que consistia na união da Igreja e do Estado. Para eles este modelo era anticristão; eram contra a secularização da igreja, assim como a secularização da educação. Diante destes dissabores, o grupo fundador do Sínodo da Alemanha formou nos Estados Unidos, em meados do século XIX, uma igreja considerada por eles pura e verdadeira na doutrina luterana. Assim relata a análise do Jovem Luterano:

Quasi no fim do verão de 1838, umas 650 pessoas chegaram a Bremen, afim de embarcar para a América. Todo o dinheiro que êles podiam reunir foi colocado numa caixa comum, para pagar as despesas de viagem, afim de estabelecer uma colônia na América. [...] Eles contrataram cinco navios para levar a terra prometida. No mês de novembro de 1838, todos os cinco navios deixaram o pôrto com 634 pessoas da Saxônia e outras partes da Alemanha, a bordo. [...] Porém nos meses de janeiro e fevereiro os demais imigrantes alcançaram o primeiro alvo, a cidade de São Luiz, no estado de Missouri (JOVEM LUTERANO, outubro de 1946, Ano VII, nº 10, p. 148-149).

No princípio, em Missouri, a congregação era pequena e comandada pelo reverendo C. F. W. Walther, idealizador da formação de um Sínodo. Entretanto, ele e os demais saxões não conseguiram fundar um Sínodo sozinho e precisaram contar com a ajuda dos luteranos do Norte dos Estados de Indiana, Michigan, Ohio e outros estados norte-americanos. Então, o Sínodo foi fundado em 26 de abril de 1847, na comunidade de São Paulo, de Chicago, Illinois. No entanto, existiram algumas divergências. Nem todas as comunidades aceitaram a filiação ao Sínodo, inclusive a comunidade de Chicago, não permanecendo filiada à organização.

O Sínodo conseguiu expandir através da propagação de seus valores e doutrina pela atuação dos seminários fundados para a formação de professores e pastores espalhados por

grande parte do território americano.²⁰ Detinham uma metodologia hierárquica e ortodoxa e tinham um espírito missionário em expandir em outras partes do mundo o seu trabalho.

O espírito missionário influenciou o estabelecimento dessa instituição no Brasil. A preocupação em ampliá-la começou no país de origem, nos Estados Unidos, e logo se propagou por outros continentes.

O trabalho do Sínodo nos últimos decênios do século XIX foi de fomentar projetos missionários, especialmente entre imigrantes alemães, sem, entretanto, deixar de se aproximar de outros grupos. O trabalho de missão era baseado nas doutrinas do Sínodo, propagadas através de auxílios financeiros e de pessoal capacitado com formação específica nos seminários como pastores ou como professores.

O início da missão do Sínodo no Brasil foi conflituoso e repleto de tensões entre as expectativas doutrinárias do Sínodo e a realidade brasileira apresentada. Nas reportagens do periódico *Der Lutheraner*, aparecem possibilidades de a missão estabelecer-se com vantagens e desvantagens na avaliação da Comissão de Missão. Era praxe os missionários realizarem uma sondagem na realidade em que eles pretendiam instalar-se. Era comum realizar trabalhos de missão em diferentes lugares e apresentar projetos missionários para difundir a instituição.

O enviado para o Rio Grande do Sul, pastor C. J. Broders, precisava se encontrar com o pastor Brutschin, de Estância Velha, este estava descontente com o Sínodo Riograndense. Broders chegou a Novo Hamburgo, RS, no dia 30 de março de 1900 (Warth, 1945, p.36) e foi hospedado pelo pastor Brutschin. Estabeleceu-se logo, entre ambos, uma cordial amizade [...] (STEYER, 1999, p. 36).

O surgimento de uma comunidade que quisesse aceitar o Sínodo foi importante para o desenvolvimento desta instituição no Brasil. Otto Beer (1925) comenta a história do Sínodo em uma das obras sobre o seu surgimento no Brasil.

No sul do Estado, na região de Pelotas e São Lourenço, existia uma grande organização alemã. O Sínodo Evangélico (Sínodo Riograndense) tinha descuidado e não vinha ocupando pastoralmente a região. Os assim chamados pseudopastores agiam ativamente na área. Aqui estavam radicados mais de 10.000 pomeranos e alemães da Renânia. Com o decorrer dos anos,

²⁰ Na revista *Der Lutheraner*, que servia de propaganda a outros países possíveis do Sínodo se instalar, aparecem muitas imagens da construção dos seminários espalhados pelas diferentes regiões dos Estados Unidos. Eram prédios imponentes e amplos e, juntamente com a construção material, havia a preocupação com o currículo da formação dos professores e pastores.

organizaram-se entre eles cerca de 30 sociedades escolares que também assumiam caráter de comunidades (BEER, 1925, p. 22,23).

Ao chegar à região de Pelotas, especificamente na Colônia São Pedro, Broders conversa com um morador, o Sr. August Gowert, que aceita os préstimos do pastor. Então, no dia 1º de julho de 1900 é fundada a primeira comunidade do Sínodo de Missouri na América do Sul (BEER, 1925, p.38). Logo depois, o pastor Broders começa a propaganda pelas colônias da região meridional do Rio Grande do Sul, no interior de Pelotas e São Lourenço do Sul, onde grande parte é de descendência pomerana.

O Sr. August Gowert agrada-se do trabalho doutrinário do Sínodo. Ele preocupa-se com a origem confessional da instituição de Broders e questiona-o acerca de fundamentos teológicos ²¹(WARTH, 1979, RIETH; 1990). Nessa reportagem ficou confirmada a instalação do Sínodo, por ter encontrado uma comunidade e grupos de pessoas que tinham o verdadeiro compromisso de fundar uma igreja luterana. Nos seus relatos ele afirma que encontrava petróleo da mais fina qualidade, destacando estas palavras em inglês no meio da narrativa em alemão gótico²².

Nesse contexto, o pastor Broders afirma ter encontrado pessoas que se afinaram com o projeto do Sínodo. A região encontrada era o interior de Pelotas, a comunidade de São Pedro, entre os pomeranos. Este grupo parecia seguir princípios religiosos parecidos com os do Sínodo. Broders os descreve como os de mais alta qualidade e destaca que eles estavam dispostos a aceitar a verdadeira fé luterana. Não havia possibilidades de aceitarem uma doutrina diferente, como a maçonaria.²³

²¹ Em anos posteriores, na revista Kirchenblatt, há um relato sobre o falecimento do Sr. Augusto Gowert, colocando-o como um dos responsáveis pela manutenção do Sínodo no Brasil. “Ele era um daqueles que amam a palavra de Deus. Mesmo na difícil época que a Boa Nova era rara por aqui, ele assumiu com diligência o papel de sacerdote do lar, suprimindo os seus com a palavra de Deus. [...] Ao lado de Deus, foi um dos grandes responsáveis pela igreja manter-se no colo da sã doutrina. Quando o pastor Broders passou pela região, estando em trabalho de pesquisa sobre campos missionários no estado, demoramos a crer nele, pois recentemente alguns pregadores de seitas haviam passado por aqui. A pessoa indicada para avaliar o teor da pregação e a pessoa de Broders foi o falecido: diante do seu veredicto, todos passaram a confiar no referido pastor (KIRCHENBLATT, 15/10/1911, Ano 8, nº 7, p. 52).

²² Segundo o Der Lutheraner de 11/12/1900, ano 56, nº 25, p 389, o pastor Broders relata: “I struck oil, some the finest quality” (Achei petróleo e da mais fina qualidade).

²³ A maçonaria era uma grande preocupação para Broders, especialmente quando ele esteve na região norte do Estado e impressionou-se com a aceitação e o convívio entre maçons e os adeptos do Sínodo Riograndense. Não conseguia aceitar essa tolerância religiosa. Por isso ele relata no Der Lutheraner “Como se encontra o Sínodo Evangélico homens tão negros? Eles vão de mão em mão e mantêm suas lojas. Inclusive um destes pastores é um mestre de cadeiras. A comunidade do presidente do Sínodo Evangélico e suas cerimônias estão repletas destes irmãos. Morre um católico que era maçônico e o pastor evangélico dá a mensagem fúnebre e o mestre de cadeira se deixa envolver” (DER LUTHERANER, 07/08/1900, Ano 56, nº 16, p. 246).

1.1.2 Primeiras comunidades: formação e disputas

As primeiras comunidades na região sul do Estado do Rio Grande do Sul que aceitaram fazer parte do Sínodo de Missouri possuíam as características do movimento imigratório. Eram organizadas em pequenas propriedades cujos membros eram agricultores. Mantinham um sistema de agricultura familiar com famílias, em geral, numerosas, por isso havia muitas crianças que deveriam frequentar a escola.

Nos primeiros dois anos de fundação do Sínodo (1900-1902), as comunidades formadas nesta região eram inicialmente cinco: congregação de São Pedro, (localizada no interior de Morro Redondo, na época pertencente a Pelotas) e Morro Redondo, próximo a São Pedro, Santa Coleta e Santa Eulália (interior de Pelotas) e Bom Jesus (interior de São Lourenço do Sul).

Logo a seguir, essas comunidades deram origem às outras comunidades do Sínodo na região meridional do Estado, as quais foram sendo formadas no interior de Canguçu, Piratini, Pelotas e São Lourenço do Sul²⁴.

As primeiras cinco comunidades puderam fortalecer o Sínodo para que em seguida ele pudesse se expandir para outras regiões do Estado. Assim aconteceu a primeira convenção²⁵ nacional do Sínodo, em 1904, no Rincão de São Pedro, noroeste do Estado. Buscaram a ampliação dos domínios da instituição fundando comunidades também em Porto Alegre, na capital do Estado. A força, entretanto, em número de fiéis e sustentação financeira se deu na região meridional, entre pomeranos.

1.1.3 Consolidação de um campo religioso e legitimação de práticas

A formação do campo religioso esteve intimamente relacionada com o campo escolar. Uma das estratégias era fortalecer a escola, trabalhando com pessoas capacitadas, ou seja, formadas, para estabelecer uma diferenciação em relação a comunidades independentes.

A preocupação foi tão intensa, que logo no início do estabelecimento da instituição, no interior do Rio Grande do Sul, foi fundado o primeiro seminário²⁶ para professores e

²⁴ Atualmente as comunidades que deram início ao Sínodo estão integradas em dois distritos: Distrito Sul I e Distrito Sul II, contando com 6169 e 9126 membros, respectivamente, segundo dados estatísticos do Anuário 2005 da IELB, apontando a reunião de fiéis dos dois distritos como um dos maiores da IELB.

²⁵ As convenções são reuniões entre as comunidades, que podiam ser nacionais, envolvendo todos os pastores e alguns representantes das comunidades, e também regionais, organizadas por localidades próximas, denominados distritos. Ainda hoje, estes encontros são comuns no espaço da IELB.

²⁶ A análise do seminário foi realizada no período da dissertação e resultou no artigo WEIDUSCHADT, Patrícia; TAMBARA, Elomar. **Seminário teológico e pedagógico do Sínodo de Missouri em São Lourenço do Sul-**

pastores. Esta iniciativa pode ser caracterizada como pioneira, porque mesmo com condições precárias de recursos materiais e humanos foi feito um esforço e o seminário abrigou cinco jovens que tiveram uma formação clássica, teológica e pedagógica. Nas pesquisas realizadas, percebemos que o esforço do pastor e professor chamado John Hartmeister e do auxílio de sua mulher foi fundamental, mas esta família não conseguiu permanecer por muito tempo, tendo que voltar em seguida para os EUA, por motivos de saúde. É interessante lembrar que quatro destes estudantes atuaram na realidade pomerana antes de completar os seus estudos como professores.

Estas foram práticas instauradas dentro deste contexto: diferenciar-se de outras instituições, nem que isso significasse divergências e conflitos, pois os pertencentes ao Missouri eram formados para se sentir fazendo parte da verdadeira igreja luterana. Os princípios de ortodoxia e rigidez doutrinária ficariam garantidos.

As duas principais instituições concorrentes, a igreja independente e o Sínodo Riograndense, foram as que tiveram maior relevância na constituição do campo religioso e na delimitação das práticas. Talvez, por apresentarem características muito próximas por se considerarem luteranas e terem se originado no contexto da imigração, os conflitos entre as três instituições foram evidentes, apresentando diferenças nos detalhes e nas minúcias doutrinárias, sendo que Sínodo de Missouri se afirmava como a autêntica igreja luterana.

O processo das igrejas independentes era visto como um desvio da igreja luterana já que essas denominações não investiam na formação de pastores e professores, nem tampouco orientavam os membros de forma sistemática na doutrina religiosa. Para as igrejas consideradas institucionais, as pessoas que atuavam nas igrejas independentes eram desconsideradas, uma vez que as denominavam como “pseudopastores”, ou seja, eram tidos como falsos pastores por não possuírem formação teológica adequada.

É interessante notar que a análise de Eliseu Teichmann (1996), em sua dissertação de mestrado, parte do princípio de que no contexto brasileiro, especificamente no Rio Grande do Sul, o independentismo não se dava em contraposição ao Estado brasileiro, mas em decorrência de uma busca de autonomia por parte dos descendentes daqueles que haviam

emigrado. A resistência aos sínodos foi forte, tanto ao Sínodo de Missouri como ao Sínodo Riograndense.²⁷

As comunidades livres independentes tiveram um papel significativo no contexto religioso dos pomeranos, representando a maioria de fiéis pomeranos na região de Pelotas e São Lourenço do Sul até os dias atuais²⁸, sendo que algumas das primeiras comunidades do Sínodo de Missouri surgiram a partir destas organizações independentes. Na verdade, a “igreja independente” solidificou-se logo no início da imigração alemã e prezava por uma organização livre, sem estar vinculada a qualquer instituição sinodal.

Quando o Sínodo de Missouri tentou estabelecer-se na região do extremo sul, algumas comunidades independentes estavam descontentes devido ao despreparo dos pastores ou por terem certo descaso com a vida religiosa. Então, a valorização destas comunidades em ter uma confessionalidade “verdadeiramente luterana” servia muitas vezes como um processo de diferenciação.

Em relação ao Sínodo Riograndense percebe-se a diferenciação de confessionalidade e de organização histórica no país. A confessionalidade do Sínodo de Missouri está assentada em princípios bem definidos, como a aceitação irrestrita das Sagradas Escrituras e as Confissões reunidas no Livro de Concórdia.

Entretanto, o Sínodo Riograndense, pioneiro no contexto de imigração, para conseguir certa unidade entre as comunidades, flexibilizou a aceitação de diferentes vertentes teológicas, pretendendo com isso conseguir adesão de um número maior de comunidades.

Analisando comparativamente os dois Sínodos, especialmente na constituição histórica dessas organizações, fica claro que o Sínodo de Missouri buscava inserir-se nas comunidades num projeto hierarquizado, ou seja, através da matriz dos Estados Unidos organizar-se-iam as igrejas e escolas nos seus pontos missionários de acordos com seus preceitos, daí seria necessário constituir-se como uma base confessional forte. Já no Sínodo

²⁷ Em relação ao Sínodo Riograndense, os conflitos com as organizações consideradas independentes também foi grande. Segundo Osmar Witt (1990, p. 290), em 1891, em uma Assembleia de São Sebastião do Caí, o Sínodo Riograndense cria o cargo de pastores itinerantes, ou seja, pastores que iriam nas comunidades atendidas por ‘pseudopastores’, para tentar convencer os membros a aceitar os préstimos do Sínodo. Era uma forma de trabalho que tentava conseguir que as comunidades livres se filiassem ao Sínodo, não impedindo resistências e conflitos entre as instituições.

²⁸ As comunidades independentes mantêm sua força na região meridional do estado, como aponta Ricardo Rieth (1990): “Atualmente existem no RS comunidades que se mantêm fiéis às origens da maioria das comunidades protestantes criadas até o último quartel do século XIX, que se preservam ‘livres’, ou seja, sem a vinculação de uma entidade eclesiástica maior. Em sua maioria, localizam-se nos municípios de São Lourenço do Sul, Canguçu, Pelotas e Camaquã, sendo atendidas por mais de 20 pastores-livres” (RIETH, 1990, p. 256).

Riograndense, a base da constituição das comunidades era através do convívio entre igreja e membros. Cada pastor adaptava as doutrinas à realidade encontrada nas comunidades.

1.2 POMERANOS – GRUPO ÉTNICO – CONTEXTO IMIGRATÓRIO

O grupo étnico pomerano tem suas peculiaridades históricas e sociais no contexto imigratório. Migraram para o Brasil em meados do século XIX, e os estados brasileiros de maior ocupação foram Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Pelo material historiográfico encontrado, grande parte dos pomeranos eram agricultores, e foram, na Alemanha, um povo massacrado e explorado, tendo grandes dificuldades na convivência e aceitação de outros grupos. Muitos trabalhos de pesquisa no campo da linguística, da história, da antropologia e de estudos sociológicos e, também trabalhos que enfocam a religiosidade foram realizadas por pesquisadores do Espírito Santo, abordando a constituição pomerana nesta realidade, os conflitos e dificuldades de adaptação. Tanto na realidade de Espírito Santo como em solo gaúcho os pomeranos buscaram se fortalecer através de uma sociedade comunitária, solidificada através da família, superstições e língua falada.

Joana Bahia (2001), analisa o significado do índice de evasão escolar na vida de uma comunidade de pequenos produtores rurais da Pomerânia, no Espírito Santo. Aborda o uso da língua pomerana, alemã e portuguesa, e a religiosidade luterana no ensino confirmatório²⁹ empreendida pelas igrejas luteranas e pelo Sínodo de Missouri para compreender os valores sociais e educacionais. (BAHIA, 2001). Este trabalho conta com uma abordagem antropológica da etnia pomerana evidenciando a constituição na família, na escola e na igreja como um vínculo único deste povo.

Em uma resenha da referida tese de Joana Bahia, Rogério Sávio Link (2007) aponta que a estrutura da análise trabalha com vários aspectos da cultura pomerana. Em uma análise construída a partir da visão dos camponeses, a obra foi dividida em três partes: a primeira sobre o cotidiano e a construção da identidade étnica e social; a segunda sobre os ritos de passagem; e a terceira sobre as bruxarias e benzeduras.

No Rio Grande do Sul, a organização comunitária pomerana se deu de forma similar. Estes grupos vieram para cá fugindo da exploração na Alemanha e buscando novas chances de se estabelecer.

²⁹ O ensino confirmatório equivale ao rito da Primeira Comunhão na realidade católica, mas, para os pomeranos possui um significado de rito de passagem, em que a criança transforma-se em jovem, podendo sair e namorar.

Os pomeranos, na Alemanha, mantinham uma característica própria de organização social, devido à constituição histórica em que estavam inseridos. Nos estudos de Salamoni (2000), a autora analisa a formação geográfica e histórica desta etnia:

No caso específico da Pomerânia, terra de origem dos imigrantes, esta localizava-se na região oriental da Alemanha, sob o domínio do Império Prussiano. Nessa região, a transição do sistema feudal para o capitalismo teve início em 1807, quando o Estado Prussiano decretou a abolição definitiva da servidão camponesa. Contudo, a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passavam a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para América, na busca de melhores condições de vida.

Diante deste quadro é possível entender que os camponeses, no caso de origem pomerana, habituaram-se a ser conduzidos pela mão por um 'senhor' que lhe ordenava e proibia e, por fim, se ocupava dos problemas fundamentais de sua existência (p. 37).

Dentro deste contexto, a maioria dos pomeranos eram agricultores e considerados escravos. Enfrentavam muitas dificuldades no país de origem, devido ao escasso trabalho e pouco acesso às terras, sobretudo, devido ao preconceito de serem considerados inferiores. Por isso necessitavam de trabalho e buscaram outros lugares para se estabelecer com possibilidades de firmarem-se como grupo étnico sem serem explorados como quase escravos. Os pomeranos, assim, podiam ser considerados desconfiados, pois, devido às dificuldades encontradas, apresentavam uma resistência passiva quando não queriam aceitar determinada situação.

Assim aconteceu a imigração na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul. Logo nos primórdios da colonização, foi fundada a colônia de São Lourenço do Sul, por Jacob Rheingantz, em 1858.³⁰ Em relação ao início desta colônia, Salamoni (1996) aponta:

Os núcleos de colonização, a partir de então, foram estabelecidos, alguns pelo governo imperial ou provincial e outros por iniciativa privada.

As imigrações realizadas por empresas particulares em várias regiões do Brasil não obtiveram o sucesso esperado, com exceção da Colônia de São Lourenço, organizada e promovida por Jacob Rheingantz em 1858, na Serra dos Tapes, Município de Pelotas, no Rio Grande do Sul (SALAMONI, p. 17).

³⁰ Segundo dados do Álbum Oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã, da Sociedade Editora de Publicações Especializada EDEL, LTDA, 1973.

Os primeiros imigrantes alemães ao sul do estado do Rio Grande do Sul vieram em grupos para a região de São Lourenço do Sul, à época fazendo parte do município de Pelotas.

“A instalação das escolas aconteceu simultaneamente com a edificação das Igrejas, uma vez que não se poderia imaginar uma comunidade sem um Templo” (SALAMONI, 1996, p. 38). A ligação da religião com a educação é evidente. Foi preciso iniciativa própria para estas instituições estruturarem-se sozinhas no contexto de colonização.

Nesse sentido, os colonos exigiram das autoridades a construção das escolas e a manutenção de professores no que raramente foram atendidos, fazendo com que ou construíssem eles próprios uma Igreja que servisse de escola, ou coubesse ao pastor, com a ajuda da comunidade, a construção de uma escola ao lado do templo (FACHEL, 2002, p. 153).

Isso demonstra a preocupação destes imigrantes em fortalecer uma unidade étnica a partir da educação e da religião, mesmo que os hábitos e costumes tivessem que se adaptar, tanto no sentido cultural quanto no físico, inclusive, em termos de relevo e clima.

1.2.1. Fortalecimento de uma identidade étnica

A identidade étnica está atrelada à nacionalidade e à religião, pois elas são múltiplas e relacionadas. Não se pretende afirmar que estas identidades nacionais, étnicas e religiosas são constituídas de forma estanque e dissociadas, mas acredita-se que elas são relacionadas entre si para demarcar e consolidar a identidade do grupo a partir da etnia, da nação e da religião.

A identidade nacional para estes imigrantes foi um fator que influenciou a consolidação de uma constituição religiosa peculiar. Nesse sentido, para estas comunidades, era possível não estar morando na terra natal e sentir-se, ainda, como se fosse pertencente à pátria alemã. Para conseguir este sentimento de pertencimento havia a necessidade de reforçar símbolos que lembravam a terra natal, como a língua, a religião, a organização do trabalho, etc.

Interessante notar que as tradições dos imigrantes pomeranos também tentaram recriar certos costumes, especialmente pautados na nação de origem. Havia tentativas destas comunidades em fortalecer um nacionalismo germânico que não era similar ao da Alemanha. Era necessário o reforço em se considerar alemão a partir de alguns símbolos, como o hino, a língua, a bandeira, os cânticos nacionais.

Entretanto, muito foi discutida a identidade nacional alemã numa perspectiva de unidade, como nos coloca Meyer (2001, p.86):

[...] muitos dos estudos que discutem a construção da nacionalidade e da identidade nacional estão preocupados em compreender as estratégias discursivas e os mecanismos de poder que tornam possível a produção de idéias de unidade, comunidade e/ou homogeneidade cultural contidas no termo nação, sendo que, em determinadas circunstâncias, pode ser bem mais relevante e necessário compreender a produção da nação na perspectiva da acentuação de suas diferenças internas (MEYER, 2001, p. 86).

O sentido de identidade nacional construído pelos pomeranos foi demarcado pelas diferenças encontradas entre os grupos e também pelas diferenças que eles sentiam em relação a outro grupo étnico. Eles puderam constituir um modo de vida valorizando e recriando instituições existentes na Alemanha, como as escolas e as igrejas, mas com novos arranjos e produzindo novas formas de constituí-las.

Esses arranjos não poderiam estar isentos de conflitos e tensões, tanto para os pomeranos que imigraram para a região meridional do Rio Grande do Sul, como para outros grupos germânicos de imigrantes. A constituição da nacionalidade ocorreu através de processos peculiares, já que teriam que produzir formas de conviver com uma nacionalidade alemã do país de origem e com uma cidadania do país que estavam fixados.

Nesse sentido, os estudos de Giralda Seyferth (1994) apontam no processo imigratório um sentimento de duplo pertencimento, ou seja, para os imigrantes era possível sentir-se pertencendo à nação alemã, num sentido cultural, e sentir-se um cidadão brasileiro ao naturalizar-se.

Os imigrantes, simbolicamente, romperam os laços com o território alemão no ato da renúncia da cidadania de origem, assumindo a 'colônia' como uma nova pátria.[...]a expressão 'criar raízes', no contexto pioneiro, remete à questão da cidadania brasileira, reivindicada através do ato de naturalização Mas a cidadania não anula o ideal de pertencimento ao povo alemão-lembrando sempre que o termo Volk é traduzível como etnia. A categoria Deutsch-brasilianer aparece na segunda metade do século passado para definir o duplo pertencimento - à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão (SEYFERTH, 1994, p. 15).

Neste duplo pertencimento é possível visualizar uma formação identitária própria, porque essa indefinição de pertença não era compreendida pela realidade brasileira e seriam inevitáveis os conflitos e tensões na constituição de uma identidade de dupla pertença.

Na verdade, o grupo precisava possuir expressão para constituir sua cultura. A língua é uma dessas expressões marcantes, tanto que é usada como defesa, ou ainda para fornecer uma unidade étnica a este grupo. Mesmo reconhecendo que esta unidade é repleta de conflitos, o grupo tenta acreditar que ela exista, e, para isto, se utiliza da língua para tentar preservar esta identidade étnica.

É interessante notar que a conservação da língua alemã era importante, não só para expressar sentimentos religiosos e culturais através das leituras, dos ritos religiosos, das canções aprendidas, mas também para preservar sua cultura e tentar defendê-la através da linguística. Mesmo os dialetos que não eram utilizados nas leituras ou na religião, adquiriram importância na medida em que consolidaram uma identidade étnica no cotidiano do trabalho, da família, do lazer.

Assim foi possível perceber os percursos do Sínodo de Missouri, que buscou espaços entre comunidades de pomeranos, uma organização comunitária coesa e predominantemente agrícola. A instituição teve de se instalar em meio a instituições luteranas concorrentes, demarcando as suas características para evidenciar a diferenciação das outras instituições, favorecendo também a legitimidade da participação dos pomeranos, fazendo-os valorizar o fato de fazerem parte de uma igreja “com princípios religiosos verdadeiros”, inculcando-lhes uma escolarização formal e religiosa, com conhecimentos aprofundados e específicos.

Cabe ressaltar o questionamento das vantagens em pertencer a uma instituição ortodoxa, já que para pertencer ao Sínodo de Missouri, seria necessário cumprir obrigações religiosas e financeiras maiores que as instituições concorrentes. É provável, que a vantagem para o grupo estaria em pertencer a uma “verdadeira igreja luterana”, como forma de se legitimar. Essa educação doutrinária foi expandida através de uma organização escolar com elementos doutrinários. A educação foi fortalecida com professores formados na doutrina luterana, pautada na preocupação do Sínodo na fundação do seminário, e investir em material impresso, logo no início da chegada ao Brasil.

Os currículos das escolas paroquiais dirigidas pelo Sínodo privilegiaram a religião como ponto central, as aulas contavam com noções básicas de catecismo, práticas de escrita e

leitura, com revistas e livros direcionados para a educação cristã, apresentando uma organização hierarquizada na distribuição dos professores e na educação.

O Sínodo para a sua expansão continuou investindo em instâncias educativas sistematizadas e organizadas, como a escola, mas além da esfera escolar, procurou consolidar a circulação de impressos, inclusive os infantis, em tentativas de formação de comunidades de leitores. Por isso, acredita-se na importância da revista como estratégia educativa.

1.3 ESTUDOS REFERENTES A ESCOLAS ÉTNICAS

Em relação à pesquisa da educação pomerana, há como eixo central uma instituição religiosa demarcando e moldando um currículo específico e a conduta de participantes. Obviamente, estes alunos frequentaram a escola, organizada e voltada para um projeto religioso. Seguindo nesta direção, esta pesquisa de certo modo está demarcada por estudos de escolas étnicas, tema também pesquisado no campo de História da Educação. Não se pretende isolar a História da Educação de determinados grupos étnicos, mas também não se deve inculcar uma visão universalizante de determinada etnia. Aborda-se aqui a especificidade da etnia pomerana e a sua constituição nos processos educativos. Como complementa Zélia Demartini (1998) ao analisar os diferentes campos de pesquisa da História da Educação:

[...] É necessário captar as diferenciações sociais existentes e como os problemas educacionais são vivenciados e representados por cada grupo para escaparmos de leituras lineares dos vários períodos que esquecem que somos desde nossas origens uma sociedade multifacetada, extremamente hierarquizada e tratam a população brasileira como se fosse um grupo homogêneo. [...] Esta perspectiva, tem possibilitado a descoberta de sistemas e experiências educacionais não documentados oficialmente, o conhecimento de aspectos importantes da demanda escolar mas também da atuação do Estado com relação aos diversos segmentos da população 'nacional' e 'estrangeira' [...] (p. 190-191).

Interessante esta argumentação da autora porque nos possibilita relacionar a pesquisa com um grupo étnico específico: os pomeranos. Acima de tudo, permite levantar uma infinidade de questões e reflexões a partir de uma educação diferenciada que teve a participação de uma instituição religiosa e as constantes investidas do estado brasileiro. Estes confrontos entre os grupos, a instituição e as demandas estatais, provavelmente possibilitaram, por diferentes vezes, adaptações, embates e novas formas de educar. Do mesmo modo, como aponta a autora, a nossa realidade educacional é extremamente

heterogênea e isto se percebe até mesmo entre os grupos considerados homogêneos, como os de imigração alemã.

Mas o que se tem visto nas últimas pesquisas, em escolas de imigração alemã, é uma diferenciação não só no que se refere aos grupos étnicos, como no que se refere à orientação religiosa: ou católica ou de diferentes tipos de luteranismo. Também há uma considerável variação entre a constituição das escolas urbanas e rurais. Apesar de ambas as escolas terem sido orientadas por religiosos e professores alemães, a diferenciação se dá no contexto em que estavam inseridas. As escolas urbanas teriam que se adaptar e ampliar as suas relações além das comunidades alemãs e foram menos resistentes ao uso do bilinguismo no espaço escolar. Mesmo que o alemão ocupasse o lugar central no currículo, o português precisava ter o seu espaço devido à ampliação desta rede.

O contexto urbano necessitava de uma maior diversificação do público de alunos, visto que havia uma maior concorrência entre as escolas, mesmo em meados do século XIX. Com isso, a aceitação de alunos lusos era visível, como Maria Cristina dos Santos Bezerra demonstra nos seus estudos sobre os imigrantes alemães em São Paulo: “Na capital paulista havia uma quantidade maior de escolas de origem estrangeira competindo entre si e ainda muitas escolas de origem germânica que também disputavam a hegemonia no interior do grupo” (BEZERRA, 2007).

O projeto das escolas urbanas tinha em comum com as escolas rurais a aglutinação comunitária, na maioria das vezes agregando escola e religião, entretanto apresentava uma flexibilização na aceitação de alunos lusos logo no início do século XX. Cabe destacar o que aponta Valquíria Renk (2003) em estudo que trata da imigração alemã em Curitiba: “Em Curitiba, por ser um centro urbano, industrial e comercial, as relações comerciais entre os dois grupos (alemães e brasileiros) eram muito intensas, daí mais uma necessidade de aprender a língua portuguesa” (RENK, 2003). Neste estudo a autora coloca a fundação de uma escola étnica na cidade tendo duas unidades: a ala brasileira e a ala alemã. Este ato acontece desde cedo na escola, diferentemente das escolas étnicas rurais das nossas pesquisas. Muitas vezes, no contexto rural, diziam-se bilíngues, mas o currículo e as práticas escolares até a década de 1930 permaneciam somente na língua alemã.

Ainda o referido estudo demonstra a fundação da escola em ambiente urbano ligada a uma instituição religiosa luterana e também católica. Assim, a mesma escola congregava alemães e lusos, católicos e protestantes. Tal característica, presente nas escolas urbanas, é

visível porque mantém relações e diferenciações internas com objetivo maior de sobrevivência.

Já no Rio Grande do Sul, especificamente na realidade pelotense, o estudo da dissertação de mestrado de Maria Angela Peter da Fonseca (2007) abordou a constituição das escolas alemãs urbanas em Pelotas em oposição às escolas rurais. A principal diferenciação estava na profissão do público que organizava as escolas: enquanto na região rural as comunidades eram formadas por pequenos agricultores, no contexto urbano havia uma classe de industriais e comerciantes interessados em organizar a escolarização de seus filhos. Neste sentido, pode-se observar que as escolas seriam pensadas e organizadas diferentemente, não só em relação ao currículo e aos conteúdos, mas também nas práticas culturais e morais. Tal situação não quer dizer que as escolas rurais não apresentassem diferenças internas e conflitos entre os seus participantes. No entanto, tais diferenças e conflitos ocorriam de forma sutil, mascarados, muitas vezes, por características próprias, como o associativismo entre escola, comunidade, religião, pela participação de quase um grupo homogêneo na escolarização e doutrinação religiosa. No início da escolarização das escolas étnicas pomeranas, por exemplo, não havia participação significativa de alunos de outra vertente luterana e muito menos lusos ou católicos. Mas dentro do próprio grupo, ou na comparação entre grupos próximos, havia uma distinção e diferenciação.

Os diferentes estudos sobre imigração alemã no Estado do Rio Grande do Sul (KREUTZ, 2004a; 2004b; 2003; 2001a; 2001b; 2000a; 2000b; 1998; 1994a; 1994b; 1994c; 1990, RAMBO, 2003; 2002; 1994) apontam para uma heterogeneidade entre diversos grupos que migraram em meados do século XIX. Mesmo na região meridional gaúcha, a maioria da etnia era de pomeranos, mas vieram outros grupos étnicos, gerando variações linguísticas, culturais e religiosas.

Desde cedo estes imigrantes buscaram organizar escolas étnicas ao lado de igrejas. Alguns grupos, no século XIX, tiveram apoio de instituições protestantes da Alemanha ou de padres católicos. Em alguns casos, como na região meridional, a organização se deu de forma independente. Em resumo, as escolas rurais eram comunitárias, em geral confessionais e religiosas.

Nas pesquisas de Kreutz (1990) sobre escolas étnicas alemãs católicas, analisa-se a tradição e especificidade dos imigrantes alemães em relação ao processo escolar, apontando que este grupo tinha uma organização forte de três séculos na Alemanha. O país de origem,

até 1871, era dividido em estados independentes, mas em muitas regiões, as quais vieram boa parte dos nossos imigrantes, viviam em pequenas comunidades rurais e comunitárias.

As ideias do Romantismo se identificavam com as ideias de comunitarismo, confluindo em favor do movimento de uma ampla Restauração política e religiosa. Em especial, as escolas católicas estavam inseridas no Projeto de Restauração Católica dos jesuítas, em 1870. No governo positivista da Primeira República, havia concessões às associações privadas e comunitárias. A igreja, a família e a escola tinham o mesmo objetivo, por isso o professor paroquial era um condutor moral (Kreutz, 2004).

Na realidade brasileira, Kreutz (2000b) revela diferentes fases para a constituição das escolas: na primeira fase (1824-1850), no Império, a constituição de material e organização; na segunda fase, aumento das escolas de imigração (1850-1875); na terceira fase (1875-1900) as igrejas organizaram-se sistematicamente, juntamente com as escolas e na quarta (1900-1939), fase de maior expansão e desenvolvimento, ocorre a formação de associações, de jornais, de material didático. Estas escolas eram mantidas pelas famílias e pelas igrejas, havendo nítida vinculação entre escola e igreja.

Percebe-se que na quarta fase a expansão foi maior por haver uma organização maior das comunidades, bem como a estruturação do Sínodo de Missouri, a consolidação do Sínodo Riograndense e das escolas de ordem católica. Portanto, é possível afirmar que as instituições religiosas tiveram um papel marcante na formação e na ampliação das comunidades religiosas e, por consequência, das escolas paroquiais.

Independente da confessionalidade das escolas de imigração, um aspecto que merece relevância é a questão étnica valorizada, explicitamente na língua, em que o uso do alemão era vital para a manutenção de valores religiosos. Por essa razão, em muitos estudos, a categoria da etnia é considerável.

O mesmo autor (1998) acredita que a articulação entre etnia, educação e história pode ser um terreno fecundo para a percepção da dinâmica do processo, entendendo a educação na sua historicidade. Há aí uma dimensão do étnico/cultural que se vincula com o educacional (Kreutz, 1998). Como reforça o autor,

Tornar a etnia como categoria de análise em história da educação leva ao desafio da revisão de conceitos, da genealogia dos mesmos e dos prováveis enclausuramentos teóricos em determinado âmbito cultural. [...] Neste sentido, a atenção para o étnico poderá ajudar a detectar melhor a complexidade, através da qual o processo educacional e escolar foi se

constituindo. Eleger a etnia como uma categoria de análise em história da educação significa, então, entender que o pertencimento étnico, enquanto uma singularização ou concreção da cultura numa especificidade própria, tem uma dimensão engendradora de articulação das potencialidades específicas de grupos no conjunto do processo histórico (KREUTZ, 1998, p 95).

Em outras palavras, é tentar entender como os processos em escolas étnicas tiveram suas peculiaridades, em especial, a influência das organizações religiosas e, sobretudo, o sentido de pertencimento que o grupo tinha com base no reconhecimento étnico. A escola é um lugar essencial de produção e reprodução de cultura, elemento distintivo daquilo que entra em jogo nas relações étnicas.

É ainda Kreutz (2001a) que alerta acerca da pluralidade cultural, lembrando as dificuldades em conjugar escola étnica com políticas públicas para uma educação nacional. Diz que no início do processo de colonização, a escola era uma das formas de dinamizar a vida dos imigrantes. Isto aconteceu também pela unificação tardia da Alemanha. O autor ainda reforça que cada etnia tem uma história de luta pela determinação de seus modos e seus valores. Os grupos se identificam pela cultura construída e os processos educacionais são um campo propício para essas identificações. O étnico é um processo não naturalizado, ou seja, a etnia precisa ser encarada em termos culturais. De acordo com a perspectiva da História Cultural, os processos de constituição étnica foram construídos e são relacionais. No caso das escolas comunitárias, apesar de virem da Alemanha com uma tradição específica da instrução escolar, relacionando com a religião, na realidade brasileira os grupos mantinham a sua organização original, mas permeada de algumas características próprias, dependendo de sua especificidade. Com a criação das escolas, os fiéis das igrejas podiam manter relações com a escolarização e certos benefícios dos sacramentos da igreja.

A expansão escolar promoveu o crescimento do associativismo nestas comunidades e uma ampla difusão da imprensa, com exceção das comunidades livres, que aproveitavam revistas e material didático de outras instituições. Essa relação da imprensa não se dá somente através de livros e cartilhas impressos, mas, também, com revistas infantis e jornais para professores.

A escolarização e a imprensa influenciaram as práticas que sustentaram e fortaleceram a permanência e o surgimento de tantas escolas étnicas. Ao mesmo tempo podia manter certa unidade entre a representação da etnia alemã, mesmo apresentando tantas

diferenciações de grupos. Mantinham através da língua o fortalecimento étnico para o ensino desta com a finalidade religiosa. Essa relativa unidade linguística de aprender a ler e a escrever em alemão e de realizar os ritos religiosos em língua alemã apagava, de certo modo, as diferenças linguísticas dos dialetos e das diferentes regiões de imigração, onde, indubitavelmente, sobreviviam peculiaridades. Neste sentido, tal unidade, vista de fora e de dentro do movimento imigratório, colaborou para uma efetiva expansão e rede entre escolas rurais com nuances de variações em relação ao projeto religioso de cada instituição.

Os estudos de Dagmar Meyer (2001) alertam sobre a busca por uma identidade única e homogênea, mas revelam diferenças internas. As fontes usadas em sua pesquisa foram fontes da imprensa religiosa luterana do Sínodo Riograndense e apontaram o que era *ser alemão*. A unidade parecia ser a língua transmitida nas escolas e nas igrejas (Meyer, 2001).

Ao tentar compreender a especificidade de cada grupo (a constituição das escolas étnicas apresenta caráter diferenciador de acordo com o grupo étnico e de acordo com a confessionalidade religiosa) precisa-se levar em conta o contexto social e histórico das localidades onde as escolas estiveram inseridas.

No caso desta pesquisa, o grupo pomerano teve características gerais na constituição das suas escolas comunitárias, similares aos demais grupos e contextos. Foi observado o pertencimento étnico das escolas de imigração em torno da língua alemã nas práticas educativas e religiosas. Tal especificidade não escapa nas escolas paroquiais. No contexto pesquisado, a formação das escolas apresenta, em muitos casos, a presença de um pastor formado, que era ao mesmo tempo professor, ou a presença de um professor com formação mínima, ou seja, o Sínodo valorizava o corpo docente com formação. Outra peculiaridade consistiu na adoção de material didático próprio da instituição do Sínodo de Missouri. E ainda uma outra diferenciação: a formação de escolas do Sínodo na realidade pomerana esteve inserida num contexto social de pequenas propriedades na região meridional contrapostas ao modelo latifundiário escravocrata da região.

Por tudo isso, justifica-se a importância em estudar a etnia pomerana observando as peculiaridades históricas e culturais. Entretanto, cabe enfatizar: estudar a etnia pomerana relacionada ao Sínodo, por entender que é no imbricamento da instituição religiosa - pertencimento étnico e contexto social histórico em que se deram as relações - que poderão ser desvelados muitos aspectos significativos e reveladores. Por isso, é fundamental a análise do *Pequeno Luterano*”, revista infantil usada nas escolas paroquiais e no espaço doméstico,

para que sejam entendidos inúmeros aspectos educativos. Apesar da circulação dessa revista não se dar majoritariamente no contexto pomerano, foi relevante a formação da rede de leitores nesse contexto a partir deste material .

1.4. SÍNODO DE MISSOURI: CONTINUIDADE E EXPANSÃO DO TRABALHO, ENFRENTAMENTO E ADAPTAÇÃO- DÉCADAS DE 1930-1960.

Considerando o recorte temporal desta pesquisa (1930 a 1960), é necessário abordar a continuidade de expansão do Sínodo de Missouri na região meridional do Estado. Neste período, o Sínodo já havia se estruturado de forma mais sistemática. O seminário para formação de pastores e professores estava devidamente organizado em Porto Alegre e formava uma quantidade significativa de pastores e docentes. Muitos se formavam alcançando ambas as titulações, vindo a atuar na dupla função em escolas paroquiais e nas comunidades.

A pesquisa anterior (WEIDUSCHADT, 2007) permitiu verificar que o Sínodo de Missouri foi fortalecido através das escolas, imprensa e fomento da doutrina ortodoxa luterana. Nas primeiras décadas, o Sínodo precisou adaptar-se e conquistar mais fiéis através do investimento escolar e de formação docente e teológica.

Na década de 1930, com as escolas organizadas, a expansão foi considerável. O aumento do número dos alunos e escolas foi visível e as comunidades se fortaleciam com pastores e professores formados no Seminário.

Podemos ver este avanço segundo as Crônicas da Igreja, organizadas por Marquardt e Warth (2006), sobre o histórico das convenções nacionais realizadas no Brasil. Uma prática comum do Sínodo era reunir-se em convenções anuais a fim de debater temas teológicos e pedagógicos, (inicialmente, tinha também como objetivo avaliar o trabalho e elaborar um relatório à Comissão Missionária). Na primeira convenção nacional, em 1902, foi fundado oficialmente o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros estados, composto por 14 professores, 1 professor sinodal e 10 congregações. Geralmente, estas convenções³¹ aconteciam de dois em dois anos.

Para o entendimento da constituição da organização da instituição, a convenção de 1910, em uma de suas resoluções, firmou o aluguel do internato para estudantes do Seminário

³¹ Ainda relatado nas Crônicas da Igreja por Marquardt e Warth (2006), o resumo das convenções está organizado pela data e o local da Convenção, o número de participantes, a tese teológica palestrada por um pastor e as resoluções administrativas, teológicas e pedagógicas encaminhadas para as comunidades.

para a formação de pastores e professores em Porto Alegre. Já na Convenção Nacional de 1913, a preocupação recaiu sobre os cuidados dos alunos ingressantes no Seminário, instalados em prédio próprio desde 29 de setembro de 1912. Em 1925, na 15ª Convenção Nacional, a preocupação com a formação de professores era revelada pelo tema da tese central organizada pelo reverendo A. T. Kramer intitulada “As escolas paroquiais luteranas”, que teve continuidade na 16ª convenção, em 1927, em que se conclui o tema. Em 1926, o prédio do Seminário já estava organizado e pôde o Sínodo investir de forma mais tranquila na formação e expansão.

Nesse sentido, pode-se inferir que a organização formal e devidamente institucionalizada do Seminário favoreceria uma demanda maior de formação de pastores e professores para atender as comunidades. O Sínodo passou a contar depois da década de 1930 com um número significativo de pastores e professores formados em solo brasileiro.³²

Diante destas considerações pretende-se apresentar a relevância da expansão da instituição e a sua articulação política administrativa na realidade de missão. A aposta que haviam feito na formação de pessoal qualificado, no avanço das publicações e obras através da editora, na constituição das escolas paroquiais, estava, por certo, garantindo o resultado desejado para uma rápida estruturação organizacional e institucional, que cada vez dependia menos da matriz americana.

Neste ínterim, o Sínodo se fortalecia. Entretanto, na década de 1930 sofreria muitas sanções e embates com o Estado Nacionalista de Getúlio Vargas, em especial no fim da década de 1930, quando o recrudescimento da política de nacionalização se estabelece de forma mais enfática. Apesar do Sínodo de Missouri não apresentar ligações com o germanismo e *Deutschtum* de outras organizações religiosas, a comunicação nos ritos religiosos e escolares era na língua alemã. A proibição desta causaria grandes problemas para a expansão do Sínodo, já que grande parte, senão toda, apenas lia e falava alemão. A maioria dos seus missionários e até mesmo pastores formados em solo brasileiro tinham a língua germânica como a língua principal. Nas escolas, os professores ensinavam com cartilhas na língua alemã. Os cultos, as catequeses e as reuniões também se davam em alemão.

³² A título de ilustração seguem os dados de pastores e professores trabalhando na realidade brasileira: desde 1900 até 1914, num total de 52 missionários, ou seja, eram pastores oriundos do exterior ou formados nos seminários americanos para trabalhar como professores no Seminário no Brasil ou para atuar como pastor e professor das comunidades. Em 1915 forma-se a primeira turma no Brasil. Então, de 1915 até 1930, formaram-se 46 pastores, enquanto continuava chegando mais 21 missionários. De 1930 a 1950 o número de formandos subiu para 62 pastores. O maior número de missionários foi no início da década de 1930 até 1938, com 23 missionários, e chegando mais dois até 1950 (MARQUARDT E WARTH, 2006).

Certamente a resistência foi grande. No caso do Sínodo de Missouri, houve uma resistência passiva, ou seja, sem confronto direto da instituição com o Estado, mas com formas de adaptação à nova política.

É possível entender esta resistência passiva como uma tentativa de se manter em posição de defesa que, todavia, não evitou todos os tipos de perseguições do regime autoritário de Vargas.

Nos estudos de René Gertz (1991), tratando sobre a questão do “Perigo Alemão”, o autor reforça que a perseguição ao Sínodo de Missouri não seria tão acentuada, porque este não mantinha ideal do germanismo, já que se tratava de instituição de origem norte-americana. Mas Gertz afirma que apesar do Missouri renegar o movimento germanista oficialmente, alguns fatos contrariam a posição, como a prisão dos pastores e dirigentes da igreja, Augusto Heine e Germano Beck, em 1942. O referido pesquisador encontrou documentos na Alemanha de um relatório de 1927 da escola Concórdia de Porto Alegre, pertencente ao Sínodo, enviado a Ausland-Institut, instituição alemã que se dedicava aos alemães no exterior. O referido relatório terminava com uma saudação a Hitler.

Pelo que se pode deduzir, há a posição oficial do Sínodo em não querer se envolver em questões políticas³³, visto que a principal preocupação era a propagação missionária e a expansão de sua doutrina através da articulação das comunidades, igrejas e escolas.

Entretanto, mesmo o Sínodo tentando manter a neutralidade, o contexto da nacionalização acabou forçando conflitos e gerando consequências para a instituição. No estudo de Sérgio Marlow (2002), que questiona a neutralidade absoluta e a total rejeição ao germanismo, o autor relativiza esta posição justificada pela valorização do Sínodo da etnia alemã, representada nos primórdios de sua instalação o reforço do uso da língua alemã nos rituais religiosos e na educação formal nas escolas comunitárias, bem como nos impressos dirigidos aos seus membros.

Além disso, pode ter havido um descontrole exagerado na política nacionalista em que situações extremas de perseguição não possibilitaram a percepção de diferença entre as

³³ Na primeira publicação da revista Kirchenblatt, o Sínodo expõe claramente a sua posição em não ser uma igreja alinhada com questões políticas, como o germanismo, reforça no texto a necessidade do uso da língua alemã em virtude da maioria dos seus fiéis serem descendentes germânicos, facilitando a propagação da doutrina nas escolas e igrejas. Eles afirmam literalmente no texto: [...] Não é por amor a Alemanha nem pela América do Norte que buscamos despertar no povo a Palavra de Deus! Não queremos ser entendidos como apoio a colunas de comércio ou a indústria, mas sim, como pregadores e mensageiros do Evangelho. [...] (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano I, nº 1, p 1).

instituições religiosas luteranas, já que, aparentemente, ambas usavam a língua alemã nos ritos e formação espiritual e geral.

Marlow apresenta este extremismo no contexto da Igreja Luterana-Sínodo de Missouri diante do incêndio provocado por um grupo de brasileiros e a consequente destruição de uma Igreja Luterana em Passo Santana, no Cerrito, na época interior de Pelotas. Este fato extremo de violência aparece nas pesquisas de José Plínio Fachel (2002), como a invasão de comércios no contexto urbano e na referida igreja, que é conhecida, atualmente, como Igreja Queimada.

Obviamente é possível refletir que em casos de perseguição há uma xenofobia e um descontrole pelo órgão repressor, o que o impossibilita de diferenciar as instituições e as práticas. A perseguição se homogeneiza, neste caso, a lembrança da germanidade está inscrito na língua falada e escrita. Este é o foco da perseguição às escolas, às igrejas, aos objetos pessoais dos imigrantes.

Apesar de no início da década de 1930 a política de nacionalização do ensino apresentar algumas características de repressão e cobranças a adaptações nas escolas étnicas, é somente no final desta década que efetivamente o Sínodo parece sofrer maiores cobranças. A prisão dos pastores e a invasão da igreja se darão na década de 1940, talvez por ser um período mais crítico do conflito da Segunda Guerra Mundial, em que o Brasil de fato assume posição oficial contra a Alemanha.

Na convenção de 1937, o Sínodo coloca como resolução a edição, em 1938, de um almanaque em português, o “Lar Cristão” e a expansão da missão radiofônica para os jovens. Neste período começam algumas adequações às propostas do Estado Novo que também visam atender às pessoas de origem lusa.

De forma enfática, em 1940, na 24ª convenção nacional, definitivamente o Sínodo tem como resoluções modificação da língua de suas revistas e a adequação completa da literatura religiosa em português. As seguintes resoluções foram:

1. “Wacht und Weide”, revista técnica, circulará como “Igreja Luterana”, “Der Waltherliga Bote” como o “Jovem Luterano” e o Evangelishes-Luterisches Kinderblatt” como o “O Pequeno Luterano”
2. A Hora Luterana começará a ser irradiada pela Rádio Farroupilha de Porto Alegre.
3. Agradecimento ao Rev. Rodolpho Frederico Mussard Hasse pela compilação do Hinário Luterano em português (MARQUARDT e WARTH, 2006, P 25).

Dessa forma, o Sínodo se obriga a efetuar muitas modificações nas suas práticas religiosas e educativas. A língua usada, sem dúvida, representava o ponto crucial da expansão da missão. Em contrapartida, os membros e fiéis sabiam que a instituição precisava se adequar. Era preciso adaptar a imprensa destinada aos professores (a revista técnica), aos jovens (Jovem Luterano), às crianças (O Pequeno Luterano). Os meios de comunicação também estavam expandindo, por isso seria útil a utilização do rádio, visto que tal adaptação poderia ser propagada. Por fim, o ponto forte da igreja, a musicalidade, precisaria de alterações no uso do hinário, que foi traduzido.

Neste contexto, houve modificações profundas, que a primeira vista podem parecer simples, mas que, certamente, devem ter deixado marcas naqueles que vivenciaram este processo. Na verdade, a valorização da língua alemã não terminou repentinamente, ainda se usava sermões pelos pastores nos cultos na língua alemã, principalmente depois do fim do Estado Novo. Provavelmente os ânimos ficaram mais brandos e muitas pessoas ainda precisavam dos ritos religiosos na língua alemã. Mas a geração que teve a escolarização na mudança linguística foi obrigada a preservar a língua portuguesa na escola e nos ritos religiosos, permanecendo fortalecido o dialeto, que como língua oral continuava a ser ensinada para os momentos da vida doméstica e do lazer.

Assim, na região meridional, as escolas paroquiais conseguiram adaptar-se às mudanças, por vezes contratando professores leigos para ministrar aulas, com apoio do pastor, que não poderia exercer o cargo oficialmente, por ser oriundo da Alemanha. Mas, nesta região, a total municipalização das escolas demorou a ocorrer, em especial nas escolas do Missouri, ficando a cargo de suas escolas paroquiais a educação das crianças e dos jovens, permanecendo a ligação com a religião ortodoxa luterana.

Entretanto, o Sínodo, apesar das dificuldades em manter os impressos e o material religioso que circulava na nacionalização do ensino, conseguiu estabelecer intensa publicação, a fim de propagar a doutrina e, no caso das crianças, garantir a publicação, edição e circulação da revista infantil “O Pequeno Luterano”, que será apresentada no próximo capítulo.

*Apresentação e análise da revista: O Pequeno
Luterano*



Figura 2- Revista O Pequeno Luterano- Todos à igreja em o ano novo! jan, 1957; 1962.

2-APRESENTAÇÃO GERAL E ANÁLISE DA REVISTA “O PEQUENO LUTERANO”

2.1 APRESENTAÇÃO GERAL

A revista *O Pequeno Luterano* é destacada como objeto de estudo nesta pesquisa por veicular textos direcionados às crianças das comunidades do Sínodo de Missouri e, ainda, por ser usada como elemento importante no processo educativo, de forma sistemática, nos períodos entre o final da década de 1930 até 1960.

No contexto pomerano, a referida revista era usada e circulava entre as crianças e escolas. O periódico começou a ser editado em 1931 na língua alemã gótica com o nome de *Kinderblatt*, e circulou bimestralmente até junho/julho de 1939, na língua germânica. Provavelmente tenha começado a circular em janeiro, mas até a presente data somente foi localizada a edição de novembro de 1931. Considerando que ali consta nº 11, infere-se que a revista já estaria em andamento. Alguns meses da revista no formato em alemão ainda estão faltando no conjunto a ser pesquisado. Somente em agosto/setembro de 1939 é que a revista passa a ser editada em português, agora denominada *O Pequeno Luterano*.

As primeiras revistas, ainda em alemão, começaram a circular com imagem de Jesus acolhendo as crianças, e o primeiro texto a que tivemos acesso relata de forma resumida a história do Evangelho de Jesus acalmado a tempestade.



Figura 3- Revista *Kinderblatt*, primeiro exemplar encontrado, nov, 1931.

Desde o início aponta a história de um professor ensinando aos seus alunos temas religiosos. Logo em seguida, no ano de 1932, a publicação foi mensal. No acervo pesquisado, o ano de 1933 está incompleto, e no de 1934 há apenas os exemplares de janeiro, fevereiro e outubro. O ano de 1935 conta apenas com os meses de abril, setembro e dezembro. Somente do ano 1936 ao mês de julho de 1939 é que foram encontradas as edições completas. Na maioria das vezes a edição é mensal, mas nos meses de janeiro-fevereiro e novembro-dezembro acontecem edições bimestrais, provavelmente devido às férias escolares. (Ver Anexo A) A edição ficava por conta da Casa Publicadora Concórdia. A redação era realizada por professores e/ou pastores que se dispunham a redigir, traduzir ou adaptar os textos de forma voluntária, ou seja, não eram remunerados para esta função. Abaixo estão relacionados os nomes destes redatores:

Tabela 2- Relação dos redatores e dos diretores gerais

Nome dos redatores	Período de atuação	Tempo de atuação
Friedrich Theodor Steyar	Início em nov/1931 até out/1938	6 anos e 11 meses
Karl H. Johannes Fiedler	nov/1938 até mudança para o português jun/jul 1939	9 meses
Carlos Warth (diretor geral)	out/1939 até o final da revista	27 anos
Louis Rehefeldt (diretor geral)	out/1939 até set/1949	12 meses
Walter Hesse	out/1939 até nov/1942	3 anos e 1 mês
J. A. Schmidt	dez/1942 a nov/1945	2 anos e 11 meses
Gastão Tomé	dez/1945 até jun/1946	7 meses
Paulo Fietz	jul/1946 até dez/1949	3 anos e 5 meses
Sem redator específico- colaboração dos alunos do seminário	jan/1950 até dez/1953	4 anos
George Muller	jan/1954 até dez/1960	7 anos
Marthin Flor	jan/1961 até dez/1961	1 ano

Alípio Linden	jan/1962 até dez/1965	4 anos
Darci Bauer	jan/1966 até jul/1966 e depois continua redator com os encartes até 1970.	7 meses

Os redatores mantinham contato com os leitores, liam as cartas e organizavam o conteúdo da revista, mas não tinham dedicação exclusiva como redatores. Em geral, acumulavam a função com o exercício do magistério e eclesiástico.

O primeiro redator, considerado redator e fundador da revista, foi o pastor Friedrich Theodor Steyer,³⁴ residente em Sítio, Santa Cruz do Sul, depois em Canoas, até sua morte, retratada no *Kinderblatt*, em outubro de 1938. No entanto, a correspondência de cartas, escritas pelas crianças e por representantes de escolas, era encaminhada para a Casa Publicadora Concórdia³⁵, localizada em Porto Alegre, e repassada ao redator. Esta foi a primeira e única redatora do Sínodo de Missouri, existente até os dias atuais. Antes de sua fundação, os livros eram impressos pela Concordia Publishing House, nos Estados Unidos. O tensionamento entre editora e redator, por certo, acontecia sendo que alguns objetivos da editora nem sempre se enquadravam aos dos redatores. Logo depois da morte do primeiro redator, o pastor Fiedler³⁶ o substituiu, assumindo a redação em novembro de 1938 até a mudança da revista para a língua portuguesa.

No processo de transição da língua alemã para a língua portuguesa, devido à proibição de circulação de impressos em língua germânica, o formato da revista não se modificou, mas certamente foi muito significativa a mudança da língua. É possível imaginar o impacto desta mudança em um curto espaço de tempo, afinal, a revista que continuava se dirigindo para um mesmo público teve que se modificar na linguagem, um dos aspectos mais importantes para o entendimento e compreensão da leitura. É provável que muitas crianças já

³⁴ Segundo Marquardt e Warth (2006, p 96), o pastor Steyer nasceu em Dresden, Alemanha, em 1898, formou-se no Seminário Concórdia em Porto Alegre, em 1925 e atuou como estatístico e secretário da igreja.

³⁵ Ela foi criada em 1923 com a missão de produzir e comercializar materiais. Devido à alta do dólar a importação de livros dos EUA tornou-se impraticável e a empresa tratou de imprimi-los no Brasil. O primeiro livro impresso foi o Catecismo Menor. Em 1926 foram adquiridas as primeiras máquinas e a Concórdia começou a imprimir livros, periódicos e folhetos para a Igreja em volume maior. A firma individual alterou sua razão social na década de 50 para Casa Publicadora Concórdia Ltda e posteriormente para Casa Publicadora Concórdia S/A e, depois, Redatora Concórdia. (<http://www.redatoraconcordia.com.br/novosite/content/noticias/noticia29.htm>) Acessado em 10/03/2010).

³⁶ Karl H. Johannes Fiedler formou-se pastor em 1929 na Alemanha, veio ao Brasil no ano de 1932, trabalhou e atuou como professor em Bom Jesus, São Lourenço do Sul; foi professor do Seminário e esteve nas mãos da Polícia Política em 1942 (WARTH, 1979).

tivessem tido um mínimo de noção da língua portuguesa, já que no mesmo período houve a proibição no meio escolar do uso de cartilhas ou de qualquer outro material didático em língua alemã.

Então, verifica-se que, subitamente nos meses de agosto/setembro de 1939, a revista volta com a mesma imagem na capa, mas reduzida, apresentando uma história bíblica, o resumo desta história e as orientações posteriores. Aparece na primeira capa o nome do redator Carlos Warth³⁷, o qual era, na época, o diretor do Seminário Concórdia e o do redator Professor L. C. Rehefeldt³⁸, na ocasião professor do Seminário Concórdia.



Figura 4- Revista *O Pequeno Luterano*, edição em português, ago/set, 1939.

No final da revista, há uma orientação informando que a correspondência seria enviada para o professor Walter Hesse³⁹ que, então, seria o “Tio” do *O Pequeno Luterano*.

³⁷ Carlos Warth nasceu no Brasil, foi pastor e redator de outras revistas como *Jovem Luterano* e *Lutherkalender*. Além de cronista e estatístico da igreja, ainda ocupou cargos administrativos, também na igreja (WARTH, 1979).

³⁸ Louis Rehefeldt nasceu nos Estados Unidos, foi diretor do Seminário Concórdia e redator do *Mensageiro Luterano* e *Lar Cristão*. Também ocupou cargos administrativos na igreja (WARTH, 1979).

³⁹ Walter Hesse nasceu na Alemanha, formou-se no Seminário em 1941 (WARTH, 1979).

Este professor ocupou a função também de redator do *O Pequeno Luterano* ao mesmo tempo em que ocupou a função de pastor em Barros Cassal, no RS.

Este primeiro número, que ainda mantinha um redator nascido na Alemanha, busca apresentar textos nacionalistas, como os relacionados a “7 de setembro”. Nos números seguintes segue a mesma preocupação nacionalista e ufanista, especialmente lembrando as datas comemorativas da pátria e as datas religiosas. No mês de outubro sempre aparecem homenagens à Reforma Luterana e a Lutero, comemorado no dia 31 de outubro. Em dezembro, relembram o Natal, assim como em cada época, Páscoa e Pentecostes. Estas três festas cristãs possuem especial relevância no espaço luterano, pois enfatizam a Trindade: Pai, no Natal, Filho, na Páscoa e Espírito Santo, no Pentecostes. Estes conhecimentos são repetidos em todos os periódicos de cada ano da revista e estão presentes desde os primeiros números.

Quanto ao recorte temporal deste estudo, o período de análise deve iniciar no ano de 1931, prosseguindo até 1966, quando a revista para de circular, permanecendo como encarte (de apenas uma página) na revista *Mensageiro Luterano*.

Até novembro de 1942 permanece o professor Walter Hesse como editor, redigindo vários textos e colocando alguns traduzidos, provavelmente, da literatura alemã, de matriz norte-americana. Em dezembro do mesmo ano assume o professor J. A. Schmidt⁴⁰, quando ainda são identificados textos nacionalistas e ufanistas. No ano de 1945 assume a redação o professor Gastão Tomé⁴¹, quando são identificados textos de autores lusos. Este professor permanece até junho de 1946 e, ao longo deste ano, sempre no final de cada edição consta a expressão “Autorizado a circular pelo D. I. P.”. Em julho, Tomé é substituído pelo professor Paulo Fietz⁴², o qual atua até dezembro de 1949. Em 1954 assume como redator o reverendo George J. Muller⁴³, permanecendo até dezembro de 1960, quando retorna aos Estados Unidos. Este redator foi o que permaneceu mais tempo na redação da revista.

⁴⁰ J. A. Schmidt formou-se como professor no Seminário Concórdia em 1919. Foi conselheiro escolar nos primórdios da fundação da igreja (WARTH, 1979).

⁴¹ Gastão Tomé formou-se como professor no Seminário Concórdia em 1933. Trabalhou no seminário Concórdia em Porto Alegre entre 1944-1968 (WARTH, 1979).

⁴² Paulo Fietz formou-se como professor em Porto Alegre no Seminário Concórdia em 1945 (WARTH, 1979).

⁴³ George Muller formou-se como pastor em 1937 nos Estados Unidos, atuou como professor do Seminário Concórdia e, posteriormente, voltou aos Estados Unidos. (WARTH, 1979).

A seguir assume como redator o Doutor Marthin Flor⁴⁴, atuando até o final do ano de 1961, quando se afasta para dirigir o Instituto Concórdia em São Paulo, sendo substituído por Alípio Linden⁴⁵, que era diretor de uma escola paroquial em Novo Hamburgo. Este atua até janeiro de 1966, sendo então substituído pelo professor Darci Bauer⁴⁶ até junho de 1966, ano em que a revista para de circular como periódico, tornando-se um encarte de outra revista.

Os redatores e diretores eram formados como professores e/ou pastores pela instituição do Sínodo do Missouri. Todos mantinham os mesmos compromissos com a instituição: divulgar a doutrina luterana através de uma educação religiosa e escolar. Por meio de uma mesma formação e ocupação de mesmos espaços, os editores seguiam preceitos e modos de organizar a revista. Os textos, muitas vezes, eram traduzidos por eles, especialmente leituras de origem alemã. Histórias bíblicas eram resumidas e, para cada uma delas, o redator apresentava uma mensagem, alertando o pequeno leitor, se ele estaria seguindo as indicações e exortações da igreja.

Em relação ao estilo gráfico da revista, houve poucas modificações ao longo das diferentes edições. Desde o início da publicação, o uso de imagens e de fotografias é frequente. Entre as décadas 1940-1950, o conteúdo mais significativo é o que contém mensagens religiosas, além das de cunho nacionalista, inclusive referentes a comemorações ufanista de datas comemorativas. Na década de 1960, o material gráfico continua com fotos e desenhos, apresentando também anúncios de produtos como patrocínio.

De forma geral as edições a serem analisadas compõem um material rico e numeroso. Na maioria dos anos a publicação foi mensal, raras vezes, bimestral ou, ainda, trimestral, em decorrência da falta de recursos financeiros ou em virtude da mudança de redatores. Mas, no geral, a instituição manteve a circulação da revista, em muitos momentos expondo suas dificuldades financeiras e estruturais, pedindo ajuda aos assinantes e a solidariedade comunitária. Havia um convencimento da importância dos fiéis em assinar e serem leitores de determinada literatura.

A revista, usada nas escolas paroquiais como veículo informativo, educativo e doutrinário, funcionava também como entretenimento para o público infantil. A preocupação

⁴⁴ Marthin Flor formou-se em 1944 em Porto Alegre, no Seminário Concórdia, especializou-se mais tarde em St. Louis, Estados Unidos (WARTH, 1979).

⁴⁵ Alípio Linden formou-se como professor no Seminário Concórdia em 1954 (WARTH, 1979). Este foi o único redator entrevistado, cujos detalhes serão explicitados no capítulo 7.

⁴⁶ Darci Bauer formou-se em 1953 em Porto Alegre no Seminário Concórdia e permaneceu como redator de *O Pequeno Luterano* até a revista virar um encarte (WARTH, 1979).

do Sínodo de Missouri era com as escolas e com a formação educacional das crianças dentro da doutrina ortodoxa luterana (WEIDUSCHADT, 2007). Como já referido anteriormente, *O Pequeno Luterano* continha leituras sobre o ensino da Bíblia, do catecismo, da vida de Lutero. Ainda havia textos em formas de histórias que tratavam de assuntos sobre as noções de higiene e de comportamento moral, ao mesmo tempo, apresentando brincadeiras, como charadas e palavras cruzadas sobre textos e conhecimentos bíblicos. Uma outra característica marcante era a interlocução que *O Pequeno Luterano* mantinha com seus leitores infantis e com as escolas.⁴⁷

2.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS CONSTITUÍDOS

Ao deparar-se com grande quantidade e qualidade de material para análise, é preciso definir formas objetivas de tratamento. O primeiro olhar da revista se deu logo no início do doutorado (2008), em que os conteúdos, o formato, as mensagens palpitavam e mostravam indícios do projeto educacional do Sínodo de Missouri. O olhar de forma mais apropriada ocorreu na biblioteca de São Leopoldo no Seminário Concórdia em um breve olhar por toda a coleção. Muitos dados eram apresentados ali, a revista em alemão e a transição ao português, a interlocução com os leitores, os textos doutrinários. Não haveria a possibilidade de se fazer uma seleção sem que houvesse uma imersão no material para delinear alguns pontos. Foi pedido fotocópias de toda a coleção sendo concedido prontamente. De posse das fontes, começou o trabalho de leitura e as tentativas de análise. As informações se acumulavam, surgiam dúvidas se a revista deveria ser o foco central da análise ou se somente ela deveria, por si só, constituir única fonte. Tais aspectos, entretanto, foram parcialmente definidos no processo da qualificação⁴⁸ e as possíveis recorrências e cruzamentos precisavam ser feitos. Previamente sabia-se da necessidade do uso de fontes orais para entender, sobretudo, a interlocução entre os leitores- redação que saltava aos olhos; a complementaridade entre o impresso e o testemunho seria indispensável.

Depois de eleger a revista como ponto central da pesquisa, as leituras realizadas de forma minuciosa evidenciavam a dificuldade que seria a realização de tal análise, por isso a

⁴⁷ Alguns destes aspectos serão apontados posteriormente na análise dos dados.

⁴⁸ Qualificação apresentada em maio de 2010 com o título Práticas educacionais do Sínodo de Missouri no contexto pomerano: constituição de uma cultura escolar (1930-1960). Neste momento foi apresentada sucinta análise da revista e muitas sugestões da banca apontaram para eleger “O Pequeno Luterano” como foco da pesquisa.

necessidade de se elaborar o banco de dados. Por sugestão da orientadora, baseado em trabalho de outras pesquisas,⁴⁹ tentou-se encontrar um instrumento que pudesse subsidiar o processo analítico.

2.2. 1 Procedimentos Operacionais

Conforme já referido, num primeiro momento foi realizada leitura geral de todos os números da revista disponibilizadas, verificando principais enunciados e elegendo Unidades significativas. Para catalogar e facilitar a análise destes dados foi utilizado o programa Ebook, um software livre usado por bibliotecários para catalogação de livros. Adaptações foram necessárias para os objetivos específicos deste estudo. Ao abrir o programa, visualiza-se modos de cadastro destes dados. O programa apresenta uma ferramenta denominada “Adicionar Livro”. Decidiu-se inserir ali o texto da revista. Assim, abria-se uma “caixa” como a apresentada a seguir:

Figura 5- Caixa do banco de dados Ebook.

⁴⁹ A sugestão foi em decorrência do trabalho de KULHMANN JUNIOR, Moisés; FERNANDES, Fabiana Silva. **Construção de base de dados e análise historiográfica de propostas educacionais: um estudo sobre o parque infantil paulistano. (1947-1957)**. 31º.Reunião Anual da Anped, 2008. Este texto tem como fonte principal a publicação mensal editada pela Divisão de Educação, Assistência e Recreio da Secretária de Educação e Higiene (1947-1957), e o autor utiliza software livre uso WINISIS, o modelo de dados difundidos pela Unesco.

Onde se denominava “Título”, anotava-se a Unidade de sentido construída, e onde se denominava “Subtítulo” anotava-se o título do texto da revista. Estes foram considerados na caixa denominada “Detalhes”. Neste item apareceu o autor, no qual foi colocado o(s) nome(s) do(s) autor(es) do(s) texto(s). Quando o texto não tinha autor específico, estipulou-se chamar “a redação”. Para o programa cadastrar, na caixa “Detalhes” da redação precisava constar obrigatoriamente um item. Então, optou-se pelo nome da revista (“pequeno luterano”) e na edição em alemão foi mencionado (“Kinderblatt”). Na caixa abaixo (Ed, Ano, Pags, Call No), e na caixa acima (ISBN), criou-se correlatos: Ed = número do mês correspondente; Ano= ano da revista; Call No= número do ano da edição, ISBN= o da edição.

The screenshot shows the 'BookDB Main Menu' interface. On the left, there is a sidebar with navigation options: Livros, Cópias, Autores, Editores, Categorias, Leitores, and Adicionar Livro. The main area displays a table of books with columns: Autor, Título, Editor, Data, Edição, Formato, Call Num, and Subtitle. A modal window titled 'Livros' is open, showing the details for a book with the title 'Histórias Bíblicas/ prescritivas'. The form includes fields for Title, Secondary Title, Author(s), Editor(s), Language, Publication Details (Format, ISBN, Ed, Ano, Págs, Call No), and various format options (Cartolina, Capa dura, Referência, Electrónico, Humor, Revista, Video, CD/DVD, Técnico, Outro). The # Cópias field shows 1 available copy. The interface also includes a 'Filters' section at the bottom with fields for Text, Level, Categoria, and Paraleiro.

Autor	Título	Editor	Data	Edição	Formato	Call Num	Subtitle
J. M	Histórias Bíblicas/ prescritivas	pequeno ...	1940	6-7	Referência	1	Qual é o pequeno que Jesu...
, Revista do Ensino	Lição de moral	pequeno ...	1940	3-4	Revista	1	Porque Alda mente
, Walter Hesse	Lição de moral	pequeno ...	1939	0	Revista	0	Dois o sabem
, Walter Hesse	Nacionalismo	pequeno ...	1939	0	Referência	0	O Cincoentenário da Repúb...
, Walter Hesse	Festas religiosas	pequeno ...	1940	1	Revista	1	Ano Novo
, Walter Hesse	Lição de mor...						
, Walter Hesse	Contato com						
, Walter Hesse	Festas religio						
, Walter Hesse	Festas religio						
, Walter Hesse	Lição de mor						
, Walter Hesse	Lição de mor						
, Walter Hesse	Lição de mor						
, Walter Hesse	Festas religio						
, Walter Hesse	Higienismo						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Contato com						
, Walter Hesse	Nacionalismo						
, Walter Hesse	Contato com						
, Walter Hesse	Lição de mor						
, Walter Hesse	Contato com						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Lição de mor						
, Walter Hesse	Contato com						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Lição de mor						
, Walter Hesse	Charadas						
, Walter Hesse	Festas religio						
, Walter Hesse	Contato com						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Nacionalismo						
, Walter Hesse	Histórias Bibli						
, Walter Hesse	Festas Religiosas	pequeno ...	1941	12	Revista	2	O Milagre do Natal
, Walter Hesse	Nacionalismo	pequeno ...	1942	11	Revista	3	Os feriados nacionais do m...
, Walter Hesse	Contato com os leitores	pequeno ...	1942	1	Revista	3	Pequena comunicação
, Walter Hesse	Histórias Bíblicas	pequeno ...	1942	2	Revista	3	A primeira lição sobre o pa...

Figura 6- Caixa completa com os dados

Ao cadastrar um item, como no exemplo acima, na caixa denominada “Título”, apontava-se uma Unidade construída, no caso “Histórias Bíblicas/ prescritivas”. No subtítulo (Secondary Title), colocava-se o título do texto da revista, no caso usado como exemplo: “Filhos Ingratos”, a autoria foi de Walter Hesse, e nos “Detalhes de Publicação”, foi cadastrado como “pequeno luterano”, Ed: 6-7, Ano: 1940, Pags: 25-26; Cal No,1: ISBN: jun/jul, ou seja, em 1940 foi considerado o ano 1 da revista em português. Esse título foi publicado em junho/julho, por isso o Cal No correspondia ao número do ano. Depois de acrescentar os detalhes, deveria direcionar a “Descrição/ Categorias” em que se abre outra janela, mas a partir do mesmo título.

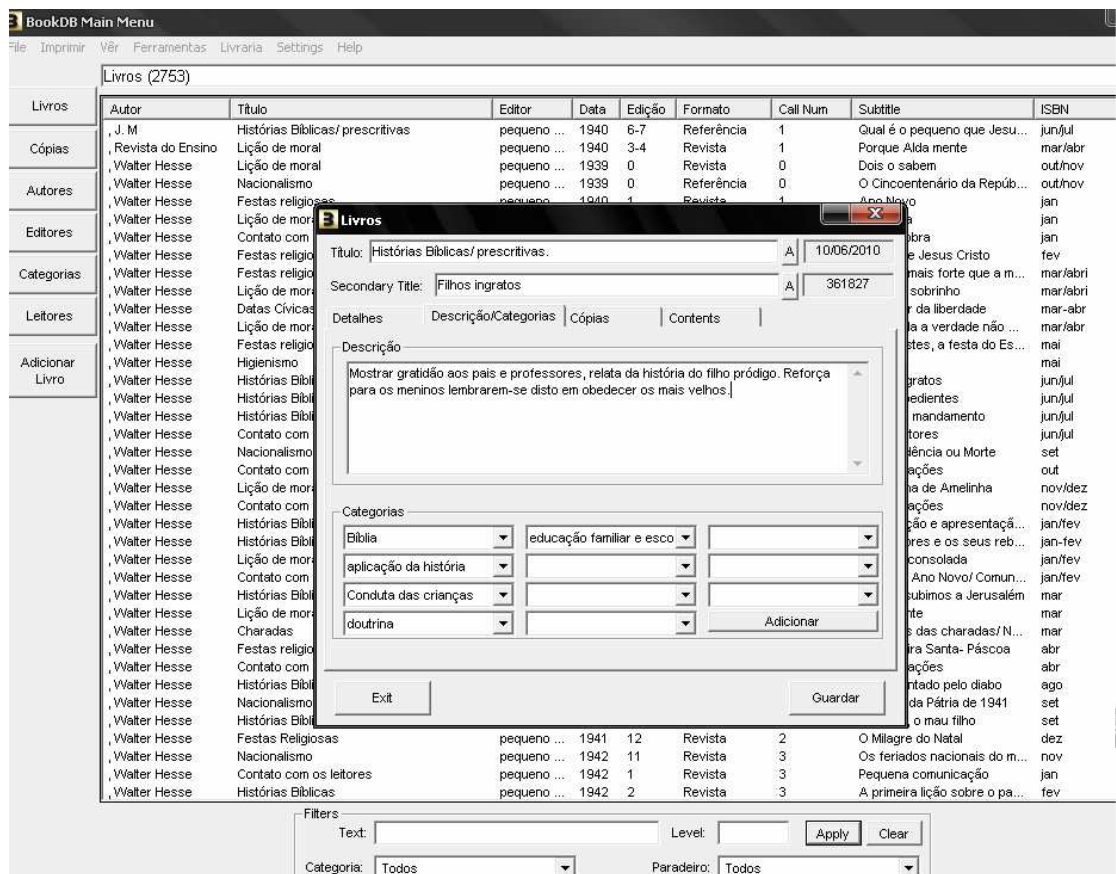


Figura 7- Caixa de dados com apresentação da Descrição/categorias

Na “Descrição” era cadastrado breve resumo do texto e nas “Categorias” era possível construir diferentes Subunidades, permitindo analisar o que seria mais recorrente. Era possível acrescentar novas Subunidades (no programa que se chama “Categorias”),

através do comando “Adicionar” para que estas Subunidades pudessem ser cruzadas com as Unidades gerais, como será abordado em seguida. As outras janelas foram desconsideradas, pois são de uso do programa de biblioteca, não sendo necessárias nesta análise. Por fim, a janela “Guardar” permitia salvar o que estava sendo trabalhado.

Todos os títulos da revista foram colocados nesta base de dados, com todos estes procedimentos. Mesmo os textos que continham apenas uma imagem foram catalogados. Trabalho exaustivo, mas que, certamente, facilitou a pesquisa, o trato com os dados e os possíveis cruzamentos. Nesta fase, ou seja, na constituição da base de dados já se pode dizer que houve um processo de análise preliminar.⁵⁰ No decorrer do processo do registro havia uma construção de Unidades gerais e de Subunidades, na medida em que se ia organizando os textos. Em seguida, será mostrado de forma mais detalhada como se processou a análise dos dados.

No título foram colocadas as Unidades gerais construídas a partir das recorrências encontradas no conteúdo da revista. Ao todo foram 2753 títulos, incluindo imagens e capas, a revista foi lida e destacada detalhadamente. Foram eleitas, no decorrer da análise, de acordo com leitura e perspectiva do tema, as seguintes Unidades gerais, colocadas abaixo na tabela em ordem alfabética:

Tabela 3 - Unidades e Recorrência

Unidades gerais	Quantidade de recorrência destes títulos
1- Adivinhações	49
2- Anúncios	60
3- Brincadeiras na escola	14
4- Charadas	198
5- Conhecimento geral	232
6- Contato leitor-revista	207
7- Datas cívicas	70
8- Escolas paroquiais	24

⁵⁰ Conforme KULHMANN em seu sugestivo trabalho, “Considerando esta Base de Dados, pode-se afirmar que a sua produção já se constituiu em um primeiro processo de análise da publicação, na medida em que exigiu o esforço para interpretar as informações que comporiam os dados; identificar as tendências e dados abordados pela publicação; classificar os artigos da publicação em termos de sua estrutura e finalidade e definir descritores” (KULHMANN, 2008, p.17).

9-	Festas religiosas	255
10-	Higienismo	59 , 33 assinados pelo SNES ⁵¹
11-	História em quadrinhos	13
12-	Histórias bíblicas	275
13-	Imagem	338 , no total, com 165 somente a imagem
14-	Lição de moral	742
15-	Nacionalismo	95
16-	Notícias da igreja	25
17-	Piadas	86
18-	Redação da revista	6

Desta forma, as Unidades gerais puderam ser agrupadas por temáticas comuns:

Tabela 4- Unidades gerais agrupadas.

Unidades agrupadas por temáticas comuns									
Conteúdos lúdicos	N. R.	Conteúdos religiosos e doutrinários	N. R.	Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	N. R.	Conteúdos da relação da redação com o leitor	N. R.	Conteúdos ilustrativos e publicitários	N. R.
Adivinhações	49	Festas religiosas	255	Conhecimento geral	232	Contato leitor- revista	207	Anúncios	60
Brincadeiras na escola	14	Histórias bíblicas	275	Datas Cívicas	70	Escolas paroquiais	24	Imagem	338
Charadas	198	Lição de moral	742	Higienismo	59	Notícias da igreja	25		
História em quadrinhos	13			Nacionalismo-	95	Redação da revista	6		
Piadas	86								

N. R: Significa número de recorrência.

⁵¹ Sigla que significa Serviço Nacional de Educação Sanitária.

Tabela 5- Agrupamento temático e número de recorrência

Agrupamento temático	Total de número de recorrência
Conteúdos lúdicos	360
Conteúdos religiosos e doutrinários	1272
Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	456
Conteúdos da relação da redação com os leitores	262
Conteúdos ilustrativos e publicitários	398

Pode-se observar que alguns agrupamentos temáticos totalizam grande recorrência na revista, como por exemplo os conteúdos religiosos e doutrinários. Entretanto, como a análise será qualitativa, o agrupamento temático com número pequeno de recorrência também será tratado com cuidado e profundidade. É necessário chamar a atenção para o fato de estas Unidades serem construídas a partir do olhar do pesquisador no trato com os dados e nos aspectos mais significativos do estudo, carregando traços subjetivos, mas, nem por isso, deixando de ter relevância e pertinência. A partir de uma análise quanti-qualitativa, acredita-se na riqueza do processo, em que a composição, o agrupamento, a quantificação e a profundidade no trato com os dados forneceu elementos representativos para o trabalho. A revista surge como documento e fonte que reforça e circunscreve a problemática. Neste sentido, o uso de impressos como fonte é riquíssimo, porque permite apreender determinados preceitos da produção, circulação, edição e apropriação da rede de leitores que se pretendia formar, e esta rede é móvel, produzindo apropriações diferentes do que era previsto pela edição.⁵² Nesta perspectiva, muitos estudos nos últimos anos têm recorrido à análise de impressos, compondo pesquisas e trabalhos através de inúmeras e variadas fontes.⁵³

⁵² Nesta discussão o centro conceitual está baseado em Chartier (2002, 2000, 1996a, 1996b).

⁵³ Na esteira analítica de uso de fontes variadas, em especial os impressos que podem ser fonte e objeto, os estudos da História Cultural têm auxiliado e ampliado o campo (Pesavento, 2004). Pode-se citar como exemplo o trabalho BICCAS, Maurilane de Souza. **O Impresso como Estratégia de Formação: revista de Minas Gerais (1925-1940)**. Belo Horizonte, Argumenton, 2008; FISHER, Beatriz. Daudt T. **Professoras: histórias e**

Importante dar atenção ao modo como cada Unidade geral foi constituída, respeitando o agrupamento temático apresentado. Será apresentado a seguir, de forma detalhada, cada um deles, com breve descrição das respectivas Unidades selecionadas:

2.2.2. Conteúdos lúdicos:

“**Adivinhações**”: construído por títulos e brincadeiras na revista, propostas às crianças com formas lúdicas ou através de proposta de descobertas de enigmas, apresentado ao leitor de forma prazerosa.

“**Brincadeiras de escola**”: descrições de brincadeiras onde se pode realizar recreação educativa como jogos sensoriais, perceptivos e coletivos.

“**Charadas**”: também possuem um aspecto lúdico na medida em que propõem a resolução de um enigma em forma de brincadeira. Em muitos casos, a revista pede que as respostas sejam remetidas à edição, oferecendo prêmios pelo maior número de acertos. Estas charadas podem ser perguntas, palavras cruzadas, descobertas em desenhos (na maioria das vezes são perguntas bíblicas).

“**Histórias em Quadrinhos**”: não tiveram papel quantitativo significativo na edição da revista, mas como possuem um material gráfico interessante, provavelmente, chamariam bastante atenção do público infantil. Neste item o conteúdo se apresenta através de histórias lúdicas, objetivando estabelecer aspectos que induzam a lição de moral, envolvendo, na maioria das vezes, imagens de crianças e animais. Percebe-se que não é apresentada nenhuma conotação religiosa ou bíblica. Estranha-se este fato, porque a igreja mantinha muitas vezes formas lúdicas e gráficas para apresentar histórias bíblicas (livros e cartilhas), mas devido ao alto custo de imagens na revista, as histórias em quadrinhos são mais restritas.

“**Piadas**”: espaço lúdico, editadas, quase sempre, ao final da edição de cada mês, ou sendo colocadas no final da página, para ocupar o restante do espaço gráfico, já que eram curtas. Usavam um tom irônico e envolviam, por vezes, o cotidiano familiar e escolar.

2.2.3. Conteúdos religiosos e doutrinários

“**Festas Religiosas**”: Unidade significativa em termos quantitativos e qualitativos, abordando aspectos relacionados com datas cristãs, enfatizando a comemoração religiosa na

igreja. Faz parte do currículo escolar em que a religiosidade é valorizada. Nos conteúdos “**Festas religiosas**” segue-se uma cronologia na edição das datas em praticamente todos os anos, pela ordem, a saber: o Ano Novo, entrelaçado com o ano eclesiástico da igreja,⁵⁴ a Páscoa, citando passagens bíblicas relacionadas a este tema, como Paixão, morte e ressurreição de Cristo, reforçando o ponto central da doutrina luterana, a salvação pela graça⁵⁵ de Cristo. Em seguida a revista apresenta o Pentecostes, festa do Espírito Santo, apoiada no valor da trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Aparecem passagens bíblicas, histórias, orações. Seguindo uma cronologia anual, por vezes, menciona-se a festa da colheita, em julho ou agosto, que é uma festa de caráter religioso, em que os cristãos oferecem víveres ou dinheiro para a igreja. Da mesma forma, é recorrente o dia da Reforma Luterana, comemorada no mês de outubro, ressaltando a biografia de Lutero e a história da constituição da igreja luterana. Num período bem longo da edição da revista, no final da década de 1940 até o início da década de 1960, em praticamente todos os meses, foi se contando a história e a vida de Lutero, demonstrando, assim, como estes fatos eram relevantes para serem lembrados na educação das crianças, através da revista, supondo que seriam também relevantes na escola. Ainda, o dia dos finados, muitas vezes era lembrado. Na finalização do ano apareciam as comemorações do Natal, com passagens bíblicas, versos, preces, orações e imagens, lembrando sempre os deveres dos cristãos, dos alunos e dos leitores.

“**Histórias Bíblicas**”: parte mais densa em conteúdo da revista. A importância qualitativa deste item é observável, na medida em que a formação religiosa e doutrinária era uma preocupação do Sínodo e da linha editorial. Muitas histórias da Bíblia são resumidas e contadas de forma espontânea, sempre complementadas com o exemplo das figuras bíblicas (más e boas), dos feitos e promessas de Deus e, sobretudo, com a explicação doutrinária do redator da revista. Então o espaço da escola provavelmente valorizaria este conhecimento. A

⁵⁴ O calendário eclesiástico serve para orientação da igreja acompanhar os acontecimentos religiosos. Indicam de forma didática aos pastores as relações de leituras bíblicas no momento do culto. Alguns autores o consideram o Ano da Igreja e o dividem em três ciclos: O ciclo do Natal, subdividido em Advento, Natal, Festa da circuncisão e Nome de Jesus, Dia da Epifania, Época da Epifania; Ciclo da Páscoa: Período da Quaresma, Semana Santa, Período da Páscoa; Ciclo da Igreja: domingos Pós Pentecostes, considerado um período comum, o das festas menores. Para saber mais ver: KARNOPP, David. **A dinâmica do culto cristão: origem, prática e simbologia**. Porto Alegre, Concórdia, 2003.

⁵⁵ A salvação pela graça é um dos pilares da doutrina luterana, em especial, pela vertente da igreja do Sínodo de Missouri. A graça foi um dos pontos fundamentais defendidos por Lutero, o que resultou no rompimento com a Igreja Católica, devido a venda das indulgências, ou seja, a venda do perdão. A doutrina luterana defende que não temos condições de conseguir o perdão pelo nosso próprio esforço ou pelas nossas obras, mas ela é dada de graça através da morte e ressurreição de Cristo.

conduta dos leitores deveria sempre seguir os exemplos bíblicos, daí a importância de conhecer a bíblia, de forma lúdica e contextualizada na doutrina que se pretendia ensinar.

“Lição de Moral”: denso em termos quantitativos fazendo parte da maioria das edições. São as histórias de cunho moral, ou seja, aquelas que proporcionam exemplos de comportamento, de práticas e de condutas para as crianças. São eivadas de religiosidade e são raras as que, mesmo não envolvendo diretamente mensagens bíblicas ou doutrinárias, não tenham um cunho de aplicação e fortalecimento da doutrina luterana. As histórias de **“Lição de Moral”** demonstram uma preocupação constante com histórias de missão e de conversão de pessoas que não tinham fé e que, por algum motivo, começam a ser crentes. Normalmente, essas histórias de missão relatam a biografia de missionários destinados a explorar terras e povos “pagãos” para realizarem a conversão. Muitas envolvem e se ocupam da necessidade de conduta das crianças. Há modos prescritivos para o público infantil em relação a estes textos e em relação à maneira de agir, em especial, a ação como cristão. As histórias também permitem enfatizar a doutrina luterana que se quer incutir, cujos personagens, em sua maioria representados por crianças no seu dia a dia escolar, familiar ou religioso, reforçam a pregação da doutrina e, em consequência, este conhecimento doutrinário exige práticas e condutas que formarão o cristão luterano.

2.2.4 Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico

“Conhecimento geral”: textos explicativos de diferentes assuntos, como explicações do conhecimento da ciência, descoberta de inventos. Da mesma forma, envolviam aspectos da língua portuguesa, do espaço geográfico, mas, em grande parte, sempre relacionando-os de maneira a reforçar a religião e a doutrina. Explica, por exemplo, a vida de insetos ou a formação geográfica de um país, visando lembrar e reforçar que é uma obra divina. Enfatiza-se que as invenções dos homens tiveram, em grande medida, o apoio de Deus.

“Datas Cívicas”: comemorações cívicas e datas especiais, em grande parte, previstas e planejadas para o meio escolar. Num primeiro momento, na edição do Kinderblatt, as datas se restringem à valorização da maternidade. Na mudança da edição para o português, a revista enfatiza as datas nacionais, valorizando o governo de Getúlio Vargas, numa tentativa de se adaptar às exigências deste novo regime. No decorrer do tempo, as datas seguem uma

ordem cronológica das principais datas do ano, como por exemplo, Dia de Tiradentes, Descobrimento do Brasil, Dia do Trabalho, Abolição da Escravatura, Dia da Independência, Proclamação da República, Dia da Bandeira, entre outros. Os textos desta Unidade se utilizam de uma linguagem ufanista e de nacionalismo exacerbado, bem como, de aspectos da história factual, lembrando os heróis, guerras, e contando, também, com elementos da história positivista, evidenciando, quase sempre, aspectos da neutralidade histórica, mesclada com um forte apelo ao fortalecimento da nação. Todavia, estes aspectos não inviabilizam, pelo contrário, fortalecem, a necessidade de, ao mesmo tempo, formar cidadãos que valorizem a nação e a formação de bons cristãos, valorizando a religião e a doutrina. Na verdade, os dois projetos, a formação cidadã e cristã se complementam e se articulam de uma forma eficaz. Isto pode ser percebido nos valores morais e religiosos que a enunciação das datas cívicas quer denotar.

“Higienismo”: mostra o movimento de determinado período histórico da educação brasileira, representado por uma corrente ideológica, sendo implantada em vários setores da sociedade, em especial, na escola. A valorização do conhecimento do corpo e da saúde, reforçada com forte apelo moral justificava-se, em certa medida, pela pouca ou nenhuma eficácia de políticas de saúde no país. Daí que o meio mais eficiente e de baixo custo seria o conhecimento escolar, traduzido em aprendizados de desenvolvimento de comportamento e de práticas. Os órgãos do governo são citados no periódico em forma de conselhos de saúde, sendo responsáveis pela metade dos títulos relativos ao item “Higienismo”, assinados pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES), veiculados pela escola e seus aparatos. Além dos conselhos práticos de saúde, muitos excertos continham histórias ilustrando uma vida higiênica, associada a valores morais e, sem dúvida, associada a valores cristãos.

“Nacionalismo”: construído a partir dos textos de história factual e inserido num contexto que intensifica e reforça os valores nacionais com princípios ufanistas e de civismo. Na transição da revista em alemão para a língua portuguesa são apresentados inúmeros textos de exaltação ao governo Vargas. A partir de então, a exaltação do patriotismo e conhecimento factual da história é recorrente. Estes textos são mais enfatizados no mês de setembro, mês da Pátria, e também em abril com as comemorações do descobrimento do Brasil. Eles se articulam com os textos das datas cívicas, o diferencial é que a ideia de patriotismo e nacionalismo ligados a uma conduta moral e cristã é mais fortemente acentuada. Interessante notar que na edição de alemão não aparece nenhum texto relacionado à categoria

Nacionalismo, a preocupação se deu com a revista em português, pois concomitante surgem as exigências das leis nacionalistas em relação ao imigrante alemão. Mesmo na década de 1950 e 1960, em que a preocupação nacional havia mudado de figura, ou seja, declinado do seu caráter impositivo devido ao fim do Estado Novo, persiste a relação de textos com a história nacional referente às guerras, em especial a Guerra do Paraguai, ou de datas marcantes para a história nacional, como independência, proclamação da república, entre outras. Tais histórias são apresentadas como feitos heroicos e de homenagens a homens que lutaram e desbravaram o território nacional, com pouca ou nenhuma crítica contextualizada.

2.2.5 Conteúdos da relação da redação com os leitores

“Contato leitor-revista”: em modalidades diversificadas, cartas de escolas enviadas à redação, leitores na condição de alunos, leitores respondendo charadas. As cartas, em grande parte, eram enviadas pelas escolas, com colaboração dos alunos. Por vezes, o conteúdo das correspondências apontam a descrição da escola, do professor, dos alunos, relatando o que aprendem e também mencionando o que mais gostam na edição da revista. A classe de alunos, em muitos casos, envia cartas a fim de contribuir com o orfanato Moreira,⁵⁶ mantido pela instituição luterana. Nestas cartas é apontado o valor doado às crianças órfãs. Do mesmo modo, são enviadas mensagens dos alunos/leitores para participar de concurso de redações, de charadas, em especial, as de conhecimento bíblico. As campanhas realizadas pelo impresso envolviam também pedidos de redações direcionadas para o cotidiano da instituição religiosa.

“Escolas Paroquiais”: em termos quantitativos parece não ter muita relevância, por ser um dos temas que menos aparecem. Mas este item foi construído ao observar os relatos e notícias de escolas paroquiais no impresso, sendo mais recorrente no final da década de 1950. Por outro lado, de forma indireta, o foco da escola paroquial, e nela o uso do periódico, parece ser cada vez mais contundente devido a outros itens que podem ser cruzados, como envio de cartas dos alunos, sendo estes apontados não só como leitores, mas como alunos de uma escola que os representa. O currículo escolar, em parte, está demonstrado na revista, na

⁵⁶ O Orfanato Moreira, uma das primeiras instituições assistencialistas mantidas pelo Sínodo de Missouri, localiza-se no interior do município gaúcho de “Gramado”, na localidade chamada de “Linha Moreira”. Abrigavam crianças abandonadas e idosos. Nas páginas do impresso, cria-se a identificação das crianças leitoras com as crianças órfãs.

cronologia das datas cívicas e das datas religiosas. Mas de qualquer modo, os títulos deste item são eivados de significado, em tentativas de estimular e valorizar a escola. Há textos que fazem uma espécie de auto-avaliação dos alunos e professores, sendo profícuo perceber como eles pretendiam envolver e educar um determinado tipo de aluno. Existem também apelos às escolas nas campanhas realizadas pela igreja, como envio de dinheiro ao orfanato Moreira ou em campanhas de missão. Este objetivo parece ser claro para o Sínodo fortalecer os meios educativos para propagar os seus princípios, inclusive a pessoas não luteranas. Muitas campanhas foram usadas nas escolas como tentativas de aumentar as assinaturas das revistas, supondo assim, que, em grande medida, o espaço educativo mantinha uma relação estreita com a edição e a manutenção da revista.

“Notícias da igreja”: textos que a instituição Igreja se coloca mais diretamente em contato com o leitor. Não somente o redator se dirigindo ao leitor, mas se aprofunda o conhecimento das práticas e da história da igreja. Alguns textos relatam como a igreja luterana se constituiu, o trabalho de missão em lugares diferentes do país ou, ainda, apresentam as suas convenções atuais nos Estados Unidos e no Brasil. Aparecem campanhas de ajuda ao orfanato Moreira ou campanhas de redações (interlocação que acontece no final dos anos 50). No início da década de 1960, as notícias das escolas dominicais são recorrentes, em especial, nas cidades maiores; aparecem também relatos de congressos de escolas dominicais.⁵⁷ Fica visível que a revista neste período também permitia fazer propaganda sobre o *modus operandis* de ser pastor, mostrando como eram as convenções e os seminários. Reforça o surgimento do investimento financeiro e humano nas escolas dominicais.

“Redação da revista”: pouca recorrência, aparecendo pela primeira vez dirigindo diretamente ao leitor com a informação da morte do primeiro editor. Na década de 1960, acontecem pedidos constantes sobre o aumento das assinaturas, oferecendo prêmios para os leitores que conseguissem mais assinantes. Relatam a situação difícil da revista e pedem

⁵⁷ As escolas dominicais são formas de educar as crianças, inicialmente elas usavam o espaço do culto, em que durante o sermão do pastor, as crianças saíam e tinham aulas adequadas a sua faixa etária. Geralmente eram organizadas com histórias bíblicas, atividades e práticas de música e orações, daí o termo dominical, visto que eram realizadas aos domingos. O Sínodo de Missouri no Brasil adotou esta prática logo no início do século XX, mas em cidades maiores, em que a escola paroquial não era tão fortalecida. Em lugares menores, a escola paroquial parecia cumprir este papel. Os congressos eram reuniões destas crianças das pequenas comunidades em um único dia para celebrações e atividades.

ajuda. Oferecem material de apoio, como sugestões de programas do auto de Natal ⁵⁸, para os professores comprarem, numa espécie de anúncio.

2.2.6 Conteúdos ilustrativos e publicitários

“Anúncio”: mais recorrente na fase final da revista, (década de 1960), com anúncios de livros religiosos, sendo destinados quase que exclusivamente para adultos, em especial, aos professores. Anunciam alguns hinários e cancioneiros. Outros anúncios foram usados como propaganda, provavelmente, como forma de publicidade paga, sendo mais recorrente os anúncios de remédios.

“Imagem”: geralmente constam nas capas da revista, ilustrando alguma passagem bíblica, reforçada, por vezes, com versículos bíblicos ou aparecendo alguma cena bucólica de paisagem ou cenas de infância. Muitas vezes, as imagens da capa ilustram o tema central daquele mês, como datas cívicas e nacionais. Outras vezes, não indicam um tema específico da edição do mês, lembrando apenas brincadeiras e momentos lúdicos. Em muitos casos, as imagens ilustram as histórias bíblicas, de lição e moral.

A seguir apresenta-se a tabela das Unidades gerais e Subunidades, abordando os possíveis cruzamentos e recorrências.

⁵⁸ As festividades de Natal sempre foram valorizadas no meio luterano, realizadas para as crianças da escola paroquial ou da escola dominical no fechamento do ano letivo da escola envolvendo a igreja e a família.

Tabela 6- Análise dos dados- Unidade e Subunidades

Unidades gerais e sub-Unidades

Em cada Unidade construída foi elaborado um resumo do texto e constituídas outras Subunidades que poderiam ser cruzadas. Foram 52 Subunidades, que no programa Ebook denominavam-se categorias, e que dependendo dos textos, apareceram em menor ou maior grau.

Agrupamento temático	Conteúdos Lúdicos					Conteúdos religiosos e doutrinários			Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico				Conteúdos da relação da redação com os leitores				Conteúdos ilustrativos e publicitários		Total Maior nº e recorrência entre as Unidades de sentido
	Número de Recorrência	Adivinhações- <u>49</u>	Brincadeiras na escola- <u>14</u>	Charadas- <u>198</u>	História em quadrinhos- <u>15</u>	Pladas- <u>108</u>	Festas religiosas- <u>255</u>	Histórias Bíblicas - <u>275</u>	Lição de moral- <u>742</u>	Conhecimento geral- <u>232</u>	Datas cívicas- <u>74</u>	Higienismo- <u>60</u>	Nacionalismo- <u>98</u>	Contato leitor-revista- <u>207</u>	Escolas paroquiais- <u>24</u>	Notícias da igreja- <u>26</u>	Redação da revista- <u>23</u>	Anúncios- <u>60</u>	
1-Alerta de doenças	0	0	0	2	0	1	1	4	5	1	29	0	1	0	0	0	16	3	2
2-Aplicação da história	3	1	28	9	16	100	142	619	51	26	13	27	53	6	4	1	0	302	12
3-Assistencialismo	0	0	1	0	0	7	2	28	1	0	0	0	6	0	5	0	0	0	1

4-Atividades escolares	6	11	29	0	20	12	20	43	25	7	0	6	81	23	10	11	26	75	7
5-Bíblia	12	3	100	0	4	191	256	259	24	6	2	8	23	6	10	7	25	326	11
6-Biografia	1	0	2	0	0	73	7	34	13	8	0	11	1	0	1	0	5	51	2
7-Bucolismo	0	0	1	0	0	0	0	16	10	4	0	2	2	0	0	0	0	62	1
8-Capa	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	3	2	0	2	0	0	0	97	1
9-Ciências	4	0	4	2	2	0	2	25	112	6	39	7	0	1	0	0	8	38	2
10-Civismo	0	0	2	0	2	2	2	14	11	23	1	79	6	0	0	0	0	37	2
11-Cond. das crianças	4	7	16	4	31	95	110	387	14	30	27	19	142	19	15	14	9	288	13
12-Condução de jovens	0	0	0	0	0	1	3	10	0	0	0	0	2	0	1	1	5	6	0
13-Confiança em Deus	0	0	1	0	0	90	127	215	19	3	1	2	12	3	9	1	5	214	5
14-Conformismo	0	0	0	0	0	1	2	15	3	0	0	6	0	0	0	0	0	4	0
15-Controle da leitura	0	0	1	0	0	6	1	7	3	1	2	0	42	1	1	11	15	15	2
16-Conversão	1	0	5	0	4	10	14	103	8	0	0	0	5	0	3	0	1	38	1
17-Curiosidades	39	3	123	2	57	4	18	21	147	0	0	0	18	0	1	1	0	68	4
18-Desenvolvimentismo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	2	0
19- Dinheiro e religião	0	0	1	0	0	4	4	11	0	0	0	1	27	3	5	2	0	16	0
20-Dirige ao leitor	5	0	23	1	6	57	70	99	20	8	1	14	93	4	3	10	1	119	6
21-Doutrina	1	1	11	0	0	171	214	238	13	9	0	6	28	9	13	5	21	281	9
22- Ed. Familiar e escola	0	0	7	1	25	30	27	164	10	18	4	7	40	14	3	4	13	124	7

23- Escola dominical	0	1	1	0	25	2	5	15	0	0	0	0	15	3	11	10	14	22	3
24-Escolas paroquiais	0	14	2	0	0	11	13	44	7	2	0	3	75	24	4	14	17	24	4
25-Estímulo da leitura	0	0	4	1	1	4	2	6	2	0	2	0	76	1	2	11	22	21	3
26-Eurocentrismo	0	0	0	0	6	0	1	23	6	1	0	0	0	0	0	0	0	11	0
27-Exaltação da política do governo	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	0	13	0	0	0	0	0	3	1
28-Gaúcho	0	0	0	0	0	0	0	1	6	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0
29-Geografia	3	0	9	0	1	0	2	3	57	0	2	0	2	2	1	0	0	8	1
30-Higienismo	0	0	0	2	0	2	0	3	12	1	55	1	1	0	0	0	17	7	1
31-História factual	1	0	4	0	1	0	3	4	39	27	0	69	0	1	2	0	1	24	3
32-Imagens	9	0	17	15	9	70	73	141	25	20	4	18	19	10	13	2	3	791	10
33-Ind. de versículos	0	0	5	0	0	28	48	45	2	2	0	3	3	2	2	1	0	52	2
34-Luteranismo	0	0	6	0	1	128	34	16	2	0	0	2	4	3	12	1	12	85	5
35-Matemática	0	0	0	0	0	0	2	6	5	0	0	0	0	1	0	0	0	6	0
36-Maternidade	0	0	0	0	4	3	1	45	0	19	2	0	2	0	0	0	1	35	0
37-Missão	0	0	0	0	0	8	7	74	4	0	0	0	10	0	9	0	1	27	2
38-Música	0	0	0	0	0	21	10	14	4	0	0	0	0	0	1	0	8	31	0
39-Obediência as autoridades	0	0	0	0	0	4	8	22	1	6	0	13	0	0	0	0	0	15	0
40-Órfãos	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	7	0	1	0	1	3	0
41-Poesia	2	0	0	0	0	25	18	49	15	24	6	13	3	4	0	0	0	74	2

42-Política	0	0	0	0	0	0	1	4	4	0	0	6	1	0	0	0	0	1	0
43-Pomeranos	1	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	19	0	1	0	0	3	0
44-Português	7	0	40	0	4	1	0	1	11	0	0	0	1	0	0	2	1	6	2
45-Publicidade	1	0	4	0	1	1	0	3	3	0	0	1	78	6	5	12	52	16	4
46-Reclamações/pedidos	1	0	7	0	2	1	0	0	0	0	0	0	91	2	3	12	9	7	2
47-Superstição	1	0	2	0	2	1	2	3	1	0	0	0	3	0	0	0	0	2	0
48-Texto lúdico	39	14	159	14	101	5	17	63	34	2	3	4	30	1	1	0	0	76	6
49-Textos explicativos	0	0	1	0	0	3	7	7	84	4	6	2	4	1	7	0	0	29	2
50-Trabalho	0	0	1	0	6	5	3	25	7	6	2	2	5	0	0	0	0	22	2
51-Ufanismo	0	0	0	0	1	0	4	11	10	18	0	76	1	0	0	1	0	30	2
52-Virtudes	2	0	1	1	2	21	36	280	13	12	5	6	10	2	1	0	0	118	4

Os números em vermelho significam grande número de recorrência das Unidades em cada Subunidade. Especificamente entre 14 e 4 recorrências.

Os títulos das Subunidades em verde significam que tiveram recorrência em até 3 Unidades.

Os títulos das Subunidades em amarelo significam nenhuma recorrência na Unidade.

2.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os cruzamentos de dados permitiram muitas inferências e constatações. As Unidades e as Subunidades foram construídas ao longo do processo de análise, a partir das recorrências encontradas nos textos da revista. As Unidades aparecem na primeira leitura geral do periódico, antes mesmo do uso da ferramenta “Ebook”. Ao se utilizar esta ferramenta tinha-se uma ideia prévia da representação dos títulos. Entretanto, as categorias denominadas no programa que foram chamadas de Subunidades, foram sendo adicionadas a medida que as histórias de cada título iam sendo resumidas e anotadas no banco de dados. Ao fim, formaram-se 52 Subunidades e com o auxílio da ferramenta foi possível cruzar as Unidades gerais com as respectivas Subunidades encontradas.

Analisando a tabela acima, fica evidente que algumas Subunidades não possuem grande número de recorrência em relação a cada Unidade geral. A partir de uma análise preliminar quantitativa percebe-se que das 52, 14 Subunidades não tiveram recorrência de quantidade em nenhuma das Unidades Gerais, o que não significa que devem ser descartadas, porque se elas, ao longo do processo da análise, foram construídas, indicam alguma relevância. Importante começar a análise por estas Subunidades de menor recorrência, no sentido de reforçar que elas são importantes nos aspectos qualitativos, e associadas, em grande medida, ao projeto que a revista se propunha.

As Subunidades que apresentaram nenhuma recorrência quantitativa, seguindo a ordem da tabela, foram: conduta de jovens, conformismo, desenvolvimentismo, dinheiro e religião, eurocentrismo, gaúcho, matemática, maternidade, música, obediência às autoridades, órfãos, política, pomeranos e superstição. Entretanto, muitas Subunidades supracitadas aparecem nos conteúdos religiosos e doutrinários. Mas a grande parte se situa nos conteúdos de conhecimento secular e ideológico, devido à inserção sutil destes conteúdos na revista, porque representavam políticas escolares e educacionais. Ainda as Subunidades dinheiro e religião e pomeranos se encontram nos conteúdos da relação da redação com os leitores, sendo o primeiro relacionado aos pedidos de ofertas e contribuições das crianças e o segundo relacionado à identificação de crianças pomeranas que se correspondiam com o editorial. Estão organizados por temáticas na tabela abaixo:

Tabela 7- Organização temática das Subunidades de menor recorrência.

Conteúdos lúdicos	Conteúdos Religiosos e doutrinários	Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	Conteúdos da relação da redação com o leitor	Conteúdos ilustrativos e publicitários
	Conduta de jovens Conformismo Órfãos Superstição	Desenvolvimentismo Eurocentrismo Gaúcho Matemática Maternidade Música Obediência às autoridades Política	Dinheiro e religião Pomeranos	

Em seguida serão analisadas as Subunidades com baixo índice de recorrência (até 3 recorrências). As características e aspectos abordados levam ao aprofundamento analítico do estudo.

Tabela 8- Conteúdos de Subunidades com recorrência intermediária.

Subunidade	Conteúdos lúdicos	Conteúdos Religiosos doutrinários	Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	Conteúdos da relação da redação com o leitor	Conteúdos ilustrativos e publicitários
Alerta de doenças			Higienismo		Anúncios
Assistencialismo		Lição de moral			
Biografia		Festas religiosas			Imagem
Bucolismo					Imagem
Capa					Imagem
Ciências			Conhec. Geral Higienismo		
Civismo			Datas cívicas Nacionalismo		
Controle da Leitura				Cont. redator-leitor Red da revista	
Conversão		Lição de moral			
Escola dominical	Piadas			Notícias da igreja Redação da revista	
Estímulo da leitura				Contato redator-leitor Notícias da igreja	Anúncios
Exaltação da política do gov.			Nacionalismo		
Geografia			Conhec. Geral		
Higienismo			Higienismo		
História factual			Conhec. Geral Datas cívicas Nacionalismo		
Ind. de versículos		Histórias Bíblicas			Imagem
Missão		Lição de moral		Notícias da igreja	
Poesia			Datas Cívicas		Imagem
Português	Charadas		Conhec. Geral		
Reclamações/				Contato redator-	

Pedidos				leitor Redação da revista	
Textos explicativos			Conh. Geral	Notícias da igreja	
Trabalho		Lição de moral			Imagem
Ufanismo			Datas Cívicas Nacionalismo		

A partir da separação das Subunidades relacionadas com as Unidades gerais, em seguida foi construída a seguinte tabela, em que se pode agrupar aspectos semelhantes.

Tabela 9- Agrupamento temático das Subunidades relacionadas

Conteúdos Religiosos doutrinários	Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	Conteúdos da relação da redação com o leitor
Assistencialismo	Alerta de doenças	Estímulo da leitura
Biografia	Ciências	Controle da leitura
Conversão	Civismo	Escola dominical
Bucolismo	Exaltação de Vargas	Reclamações/pedidos
Indicação de versículos	História factual	
Missão	Higienismo	
	Português	
	Textos explicativos	
	Ufanismo	
	Geografia	
	Poesia	
	Trabalho	

E, finalmente, foram tabuladas as Subunidades de maior recorrência inserindo-as em todas as Unidades gerais apresentadas.

Tabela 10- Subunidades com maior número de recorrência

Sub-Unidade	Conteúdos lúdicos	Conteúdos Religiosos e doutrinários	Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	Conteúdos da relação da redação com o leitor	Conteúdos ilustrativos e publicitários
Aplicação da história ⁵⁹	História em quadrinhos.	Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral	Conhec. Geral Datas cívicas Higienismo Nacionalismo	Cont. redator-leit Esc. Paroquiais	Anúncios Imagem
Atividades escolares	Brinc. na escola			Cont. redator-leit Esc. Paroquiais Not da igreja Red da revista	Anúncios Imagem
Bíblia	Adivinhações Brinc. na escola Charadas	Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral		Esc. Paroquiais Not da igreja Red da revista	Anúncios Imagem
Conduta das crianças	História em quadrinhos. Piadas	Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral	Datas cívicas Higienismo Nacionalismo	Cont. redator-leit Esc. Paroquiais Not da igreja Red da revista	Imagem
Confiança em Deus		Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral		Not da igreja	Imagem
Curiosidades	Adivinhações Piadas	Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral	Datas cívicas Higienismo Nacionalismo	Cont. redator-leit Esc. Paroquiais Not da igreja Red da revista	Imagem
Dirige ao leitor		Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral		Cont. redator-leit Esc. Paroquiais Not da igreja	
Doutrina	Charadas	Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral		Esc. Paroquiais Not da igreja Red da revista	Anúncios Imagem
Educação familiar e escolar	Piadas			Cont. redator-leit Esc. Paroquiais Not da igreja	
Escolas paroquiais	Brincadeiras na escola			Cont. redator-leitor Escolas paroquiais Notícias da igreja	
Imagens	História em quadrinhos.	Festas religiosas Histórias Bíblicas Lição de moral	Datas cívicas Nacionalismo	Esc. Paroquiais Not da igreja Red da revista	Imagem
Luteranismo		Festas religiosas Histórias Bíblicas		Not da igreja	Anúncios Imagem
Publicidade				Cont. redator-leit Not da igreja Red da revista	Anúncios
Texto lúdico	Adivinhações Brinc. na escola, Charadas Piadas Histórias em quadrinhos				Imagem
Virtudes		Histórias Bíblicas Lição de moral	Datas cívicas		Imagem

⁵⁹ O destaque em vermelho nestas Subunidades serve para destacá-las como Subunidades presentes em todas as áreas temáticas.

Resumindo, foram visualizados os conteúdos da revista com valores quantitativos consideráveis na base de dados. As Subunidades com maior número de recorrência nas Unidades gerais com o respectivo número de recorrência são as seguintes: Aplicação da história (11); atividades escolares (8); conduta das crianças (14); confiança em Deus (5); Curiosidades (5); Dirige ao leitor (6); Doutrina (10); Educação familiar e escolar (7); Escolas paroquiais (4); Imagem (10); Luteranismo (6); Publicidade (4); Texto lúdico (6); Virtudes (4).

Tabela 11 -Agrupamento temático nos conteúdos de maior recorrência apresentando aspectos gerais;

Formação moral, religiosa, escolar.	Formação religiosa	Formação escolar	Lúdico e Publicidade
Aplicação da história Conduta Curiosidades Dirige ao leitor Virtudes	Bíblia Confiança em Deus Doutrina Luteranismo	Atividades escolares Educação familiar e escolar Escolas paroquiais	Texto lúdico Imagens Publicidade

Observa-se que os quatro eixos da tabela acima estão relacionados. Num primeiro momento vê-se as Subunidades que englobam o projeto entrelaçado com a formação moral, religiosa e escolar. Entretanto, está interligado com outros conteúdos que apresentam somente aspectos da formação religiosa, ou somente da formação escolar, contrastando com os aspectos lúdicos e publicitários, mas que serve ao projeto da revista como apoio da veiculação destes ideários. Além disso, a interlocução, o contato redator- leitor (de acordo com a tabela 7) abrange quase todas as Subunidades.

Tabela 12- Agrupamento das Subunidades em áreas temáticas

Conteúdos lúdicos	Conteúdos Religiosos doutrinários	Conteúdos de conhecimento secular e de cunho ideológico	Conteúdos da relação da redação com o leitor	Conteúdos ilustrativos e publicitários
Aplicação da história Conduta das crianças Texto lúdico Curiosidades	Aplicação da história Conduta das crianças Dirige ao leitor Virtudes Bíblia Confiança em Deus Doutrina Luteranismo Assistencialismo Biografia Conversão Bucolismo Indicação de versículos Missão Conduta de jovens Conformismo	Aplicação da história Conduta das crianças Alerta de doenças Ciências Civismo Exaltação de Vargas História factual Higienismo Português Textos explicativos Ufanismo Geografia Poesia Desenvolvimentismo Eurocentrismo Gaúcho Matemática	Aplicação da história Conduta das crianças Educação familiar e escolar Escolas paroquiais Atividades escolares Estímulo da leitura Controle da leitura Escola dominical Reclamações/pedidos Dinheiro e religião Pomeranos Publicidade	Aplicação da história Conduta das crianças Imagens Capa

	Orfãos Superstição Música	Maternidade Obediência as autoridades Política Trabalho		
--	---------------------------------	------------------------------------------------------------------	--	--

A partir desta descrição, é possível visualizar o projeto da revista. As Subunidades “Aplicação da história” e “Conduta das crianças” estão presentes em todos os conteúdos, ou chamadas áreas temáticas, maciçamente. Pode-se inferir que o projeto para educar através da revista incidia nas formas que a redação aplicava “a moral da história”, tanto as de cunho moral, religioso como também de conhecimento secular. A interlocução, a ludicidade e a publicidade serviam quase sempre na busca da aplicabilidade e na utilidade em trabalhar estes conteúdos. O capítulo posterior irá analisar a revista, contemplando os aspectos acima citados por estar representando de certa forma o projeto educacional pretendido na revista: a formação da criança para o futuro. Foi uma das estratégias mais utilizadas e através delas pode-se intuir que o leitor foi “conduzido”. Afirma-se que o leitor foi totalmente capturado por esta intenção, porque, de fato, ele se apropria⁶⁰ de diferentes formas das leituras que lhes são apresentadas, usa de táticas escapatórias. Nas palavras de Certeau (2011)⁶¹, o leitor tem certa autonomia em pinçar e/ou caçar a mensagem que lhe faz sentido.

⁶⁰ Neste sentido foram usados os conceitos de Chartier (1992) sobre a apropriação. Cada leitor pode ser estimulado a um determinado interesse de leitura, desenvolver aptidões e expectativas em relação à leitura, mas irá imprimir um sentido próprio, de acordo com as suas experiências sociais.

As diferenças dos tipos de leitura não se dão somente pelas diferenças sociais e culturais, mas também pelas diferenças de geração, jovens, crianças ou de gênero, homens e mulheres. Embora sejam mencionadas diferenças de leitura, é preciso atentar que “As aptidões e expectativas são também diferenciadas de acordo com os usos extremamente variados que os leitores fazem do mesmo texto” (CHARTIER, 1992, p 212).

⁶¹ Ver em DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 17 ed. Petrópolis, Vozes, 2011. Especificamente o capítulo XII - Leitura uma operação de caça. [...] Se portanto, o livro é um efeito (Uma construção do leitor), deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *léctio*, produção própria do leitor. Este não toma o lugar de autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a ‘intenção’ deles [...] (DE CERTEAU, 2011, p. 241, grifos do autor).

*Projetar o futuro: a revista e as crianças na
aplicação moral da história*

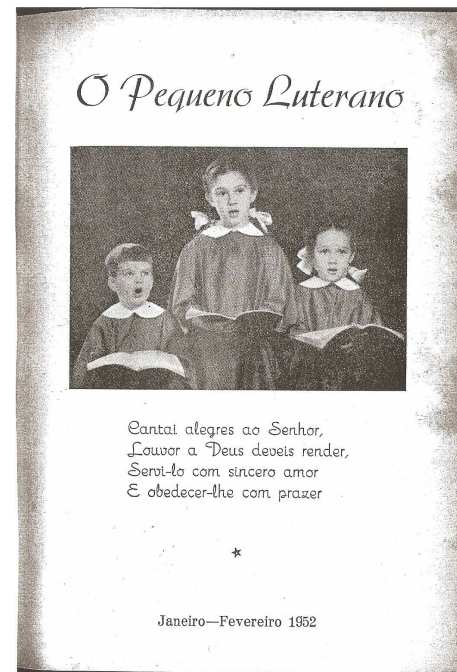
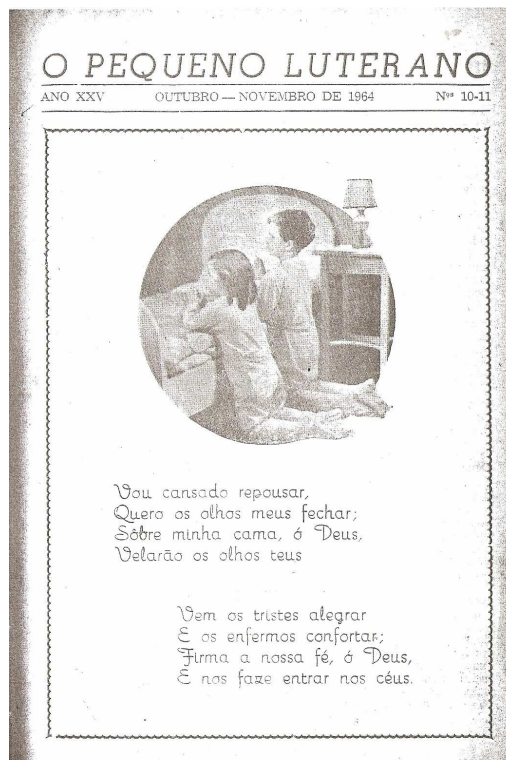


Figura 8- Revista O Pequeno Luterano- Crianças orando. out/nov, 1964.

Figura 9- Revista O Pequeno Luterano - Crianças cantando. jan/fev, 1952.

3- PROJETAR O FUTURO: A REVISTA E A CRIANÇA NA APLICAÇÃO MORAL DA HISTÓRIA

3.1 CONDUITA DAS CRIANÇAS

Ao comparar os textos mais recorrentes enquadrados nas Unidades de sentido *Histórias Bíblicas, Festas religiosas, Lição de Moral e Imagem*, seguidos de *Conhecimento geral, Charadas e Contato com os leitores*, já era, de certa forma esperado que, ao contrastar os dados, as Subunidades com maior número de recorrência seriam a *Conduta das Crianças e Aplicação da História*, seguidos de *Doutrina e Bíblia*. A partir destes dados é possível perceber o projeto de educação que a instituição religiosa queria direcionar e consolidar. Através do conhecimento bíblico e doutrinário, inserindo aspectos lúdicos e de interlocução entre leitores e edição, era possível apoiar a escola paroquial e seus professores e formar a criança, projetando-a para o futuro. A formação infantil visava projetar a criança cidadã ordeira à luz dos princípios cristãos de um luteranismo convicto através de práticas internalizadas, comumente utilizando práticas de leituras.

O leitor/aluno/cristão seria formado através das práticas, estas representadas pelo uso da revista infantil e por outros recursos didáticos, livros da igreja e da escola, a fim de se apropriar desta leitura no futuro, com revistas de acordo com a sua idade. Ou seja, a edição da revista usa estratégias para convencer os leitores a aceitar determinadas condutas como legítimas e corretas.

Obviamente que as relações não acontecem de forma mecânica: nesta necessidade de o Sínodo formar a educação das crianças, acontecem resistências e confrontos. São as táticas usadas pelos leitores que, em muitos casos, subvertem o que a revista pretende. Ao mesmo tempo, o conteúdo da revista não é neutro, o impresso pretende fazer parte do cotidiano escolar e familiar das crianças e não consegue facilmente se inserir. Em muitos momentos os textos das revistas mostram as dificuldades da edição, ora pedindo mais assinantes, ora reforçando os preceitos para evitar escapes da conduta que queriam formar.

Assim, com dados consistentes em relação à Subunidade “**Conduta das Crianças**”, percebe-se a necessidade da revista de, em muitos textos, reforçar o modo como esta criança leitora/aluna/cristã deve se portar. Não bastava somente ouvir as histórias bíblicas e as histórias de lição de moral, comemorar as festas religiosas, manter interlocução com a revista e leitores luteranos (mesma instituição), era crucial manter o processo de ouvir e se portar

com determinadas normas e preceitos. A atenção dedicada a esta Subunidade é altamente significativa na medida em que se observa uma busca pelo controle das relações afetuosas da criança, e em várias esferas de sua vida privada e pública, devendo ter como orientação central da conduta infantil a religião.

Cruzando, por exemplo, a Subunidade “Conduta das Crianças” com lição de moral tem-se 387 títulos. Percebe-se que as histórias de lição de moral mantêm uma preocupação com a conduta e com o modo de ser das crianças, há um dirigir ao leitor no sentido de aplicar essa história à vida a ser seguida.

O projeto proposto é de que os valores morais e religiosos não estão separados, mas permanecem em comum acordo. Na história denominada “O preguiçoso” encontra-se enunciados dizendo o que as crianças deverão seguir. A história relata as atitudes de um menino preguiçoso, enuncia as atitudes inadequadas deste menino, fala dele na escola, com a família, e na fase adulta não soube cuidar do dinheiro da família, era descuidado com a igreja, mas quando estava à beira da morte se arrependeu de ter sido preguiçoso, e o pastor da igreja disse que Jesus aceitaria o seu arrependimento (O Pequeno Luterano, jul/ 1944).

Em inúmeras histórias de lição de moral repete-se a mensagem veiculada pela revista em observar a conduta das crianças, com a perspectiva de projeção para o futuro, como cidadão e como cristão. Não um cristão que somente acredita e tem a sua fé, mas um cristão que vive a sua fé inserido no espaço religioso, atuando nas diversas esferas de participação da comunidade, sendo um leitor assíduo das revistas religiosas e, acima de tudo, um leitor interessado nas informações veiculadas pela igreja.

É perceptível a necessidade de controle da prática da leitura e sua orientação, começando desde a infância. Uma história que serve como ilustração chama-se “Os livros que tu lê”. Esta história demonstra a preocupação com os tipos de leitura feitas pelas crianças, então, conta-se um diálogo entre uma menina e sua mãe que estavam discutindo sobre o que um cristão deveria ler, reforçando a necessidade de obediência aos nossos pais e professores, especialmente, na indicação de leituras (O Pequeno Luterano, jul-out/1945). Assim, a instituição oferece e estimula diferentes leituras aos seus fiéis, preocupando-se em que os textos estejam de acordo com a faixa etária.

Existiam diversas publicações do Sínodo de Missouri, mantinham-se revistas para cada segmento, sendo “O Pequeno Luterano” dirigido ao público infantil. Na fase de adolescente e jovem era editado “O Jovem Luterano”, depois havia revistas específicas para a

família como “Mensageiro Luterano” ou o anuário chamado “Lar Cristão”, além de diversas publicações na língua alemã, pressupondo, assim, que havia até a década de 1960 muitos leitores do idioma alemão. Além das revistas, outros livros eram apresentados em forma de anúncios na própria edição da revista e, em muitos casos, não eram direcionados especificamente às crianças. “Livros Indispensáveis ao nosso Lar”, por exemplo, apresentava publicações direcionadas aos pais, professores e até mesmo material didático na escola. Havia diversas propagandas de livros, como publicações da liturgia, devocionários, lira juvenil (livro de cantos), livros para escolas dominicais, livros de histórias, livros de romances, direcionados aos pais, todos com o resumo e o valor⁶² (O Pequeno Luterano, fev/1963).

Percebe-se o espaço editorial servindo como propaganda de publicações indicadas pela instituição. Estas indicações são reforçadas nas propagandas que se apresentam, em muitos casos, em forma de imagens das capas dos livros, estimulando os leitores a adquirirem o material. O aprendizado das crianças seria através da leitura, claro, uma leitura controlada e doutrinária. Havia, sim, a preocupação lúdica, mas esta era um meio, o fim deveria estar na absorção da doutrina e na conduta de práticas relacionadas à igreja. Nas primeiras edições da revista, ainda denominada “Kinderblatt”, já é apresentada uma história em que a conduta da criança é relacionada à leitura, cujo título é “Quem não quiser trabalhar que também não coma”. Esta história usa versículos da Bíblia para ilustrar o comportamento de um menino que teria que ir na escola e cumprir suas obrigações do trabalho, ouvir o professor e os pais, ele a princípio estava resistindo, mas foi convencido a ser trabalhador, bom aluno e ordeiro. A história orienta os pais a contarem as histórias bíblicas. (Kinderblatt, nov-dez/1936).

Neste sentido, a conduta seria moldada pelas leituras que as crianças fariam. A relevância dos princípios de ser trabalhador, tanto em casa como na escola, é evidente dentro de um projeto de futuro em que a educação familiar, escolar e religiosa precisa estar alinhada. A orientação procede dos pais e professores em relação à leitura e, em especial, na seleção desta leitura. O controle é essencial, já que esta prática precisa ser desenvolvida para o aprendizado da doutrina e na educação de um cidadão ordeiro. Mas ela pode ser usada de forma errônea e desviante, por isso, a preocupação em cercear esta prática ou orientar como ela deveria ser feita é tão valorizada nas edições da revista.

⁶² Segundo entrevista com os redatores Alípio e Wanda Linden, a editora, denominada Casa Publicadora Concórdia, usava o espaço para fazer propaganda dos livros editados.

A orientação da conduta das crianças é usada para diferentes fins, a preocupação assistencialista se acentua em histórias em que estas práticas precisam ser reforçadas. Esta visão de caridade objetivava formar e moldar a conduta da criança a fim de disseminar determinadas práticas assistencialistas. Não se trata de discutir de forma mais aprofundada as diferenças sociais, a edição da revista apenas convida os leitores a se penalizarem com a situação das pessoas e busca certo conformismo, como mostra a história “Auxiliemos a minorar a miséria”. O texto relata os dias atuais repletos de dificuldades, em que os preços sobem e milhares passam fome. No jornal há relatos sobre a mãe e os seus doze filhos que estão na miséria, mas ela pediu caridade e foi atendida. Dizem que acreditam que nenhum leitor passe fome e que não podemos esquecer de agradecer a Deus e, nas orações, não podemos esquecer de pedir ajuda (O Pequeno Luterano, mar/1963). A mensagem do texto, inserido no contexto social da época, aponta para aspectos das práticas de oração em si, sem incentivo de ações e de entendimento maior da realidade social. É possível ver a neutralidade que a instituição quer impor na formação das relações políticas e sociais que os leitores se veem envolvidos.

Da mesma forma, numa tentativa de pseudoneutralidade, o texto, em um de seus títulos, “A esmola”, incentiva as práticas de caridade, reforçando-as e relacionando-as com os valores da Pátria. A história conta que um menino deu esmola a um mendigo, numa acepção de caráter assistencialista e de auxílio aos outros. No final evoca estes valores de assistência relacionados com o bem da Pátria e que eles serão úteis em proveito da nação (O Pequeno Luterano, ago-set/1942).

Os dois textos apontados anteriormente foram redigidos e editados em períodos de grande efervescência política no país, o primeiro antes do golpe de 1964 e o segundo no período de nacionalização do ensino e da ditadura de Vargas. Embora a redação queira deixar claro o conformismo em relação a estas questões sociais e políticas, ela influencia os leitores a não manter a percepção acurada em relação a estes problemas. Ela somente não se descuida de apresentar o projeto da formação religiosa, alinhada aos valores morais do nacionalismo e do patriotismo numa perspectiva de conformidade com a situação atual e reforça que não cabe aos cristãos luteranos resolver estas dificuldades, e sim, às autoridades, quaisquer que sejam constituídas. Cabe aos leitores cristãos luteranos acatar as decisões das autoridades e acatar as ordens. Entretanto, não se pode dizer que neste processo não ocorreu escapes a este projeto. A

exposição dos problemas sociais e políticos, por si só, proporcionava possíveis reflexões e desvios.⁶³

Além do caráter assistencialista, os textos que abordam a conduta da criança tinham a finalidade de formar determinadas práticas do público infantil. As crianças precisavam dominar e internalizar as práticas religiosas, envolvendo muitos valores morais e exacerbada obediência aos pais, professores e pastores. Deveriam buscar modos de ser, juntamente com o aprendizado, valorizar as práticas missionárias da instituição, bem como serem agradecidas a Deus.

As práticas religiosas envolviam a maneira de orar, a maneira de se comportar na igreja, e o modo como lidavam com o entendimento cristão. Muitas histórias da revista ilustram estas afirmações. Na edição do *Kinderblatt* temos “O domingo dia do Senhor” abordando a missão das crianças encarando o domingo para agradecer a Deus e divulgar para os pagãos o cristianismo (*Kinderblatt*, dez/ 1932). Outra história similar chamada “Trabalho fiscalizado” envolve o estudo do catecismo e da Bíblia. De forma resumida a história nos conta sobre a conversa de Max e Hanna e as suas tarefas de trabalho e, em especial, o trabalho importante de estudar o catecismo (*Kinderblatt*, fev, 1933). Ainda nas refeições, a criança deveria estar atenta às práticas religiosas como a história “Beim Essen nicht vergessen”, tendo como tradução literal, “Não esquecer junto à comida”, ou seja, o principal à mesa, nas refeições, será não esquecer de orar agradecendo e pedindo benção na alimentação (*Kinderblatt*, jan-fev/1939). As práticas religiosas estão circunscritas nos momentos de lazer como no texto “Um domingo agradável”, cujo relato conta a história de Pedrinho que não estava satisfeito por ter que ir à igreja, em vez de poder ir na pescaria, e que sua mãe lhe convence que a prioridade é ir na igreja. O editorial enfatiza primeiro a missão, depois o lazer. O texto encerra com uma oração (*O Pequeno Luterano*, ago/1947). Estes valores moldando a conduta tentam controlar os momentos das crianças envolvidas nos espaços lúdicos enfatizando que o prazer deve estar a serviço de Deus. É um modo de viver e de se formar, é preciso ser assim para poder dar exemplos a outras crianças.

⁶³ A educação do Sínodo buscava orientar os seus fiéis a não se envolver nas questões da realidade política e social, mas, segundo entrevista de Donald Schuller para esta pesquisa, questionado sobre a sua educação no seminário, relata que para criticar determinado assunto ou filosofia, havia necessidade de estudo e aprofundamento, com isso, era necessário aprender e discutir. Neste processo muitos estudantes debatiam e questionavam as ideias impostas, mesmo não sendo de modo oficial, seria em momentos de debates entre os próprios alunos, de forma sutil que haveria resistências a modelos conformistas.

Neste sentido, o fazer missão faz parte da conduta desejável que as crianças devem ter, como apresenta a história “Pequeno Missionário”, que revela a importância das crianças desde pequenas serem missionárias. Conta a história de crianças japonesas que se organizaram vendendo palhas para investir na missão (Kinderblatt, dez/1931). Este título faz parte das primeiras edições da revista, demonstrando os aspectos centrais dos objetivos da edição: ampliar os fiéis descrevendo projetos de missão, mas, sobretudo, fortalecer e preservar os que já faziam parte. Mas ao longo da revista a edição apresenta outra história: um menino de doze anos que ganhou adeptos na igreja fazendo missão; reforça aos leitores, revelando que assim deve ser as atitudes de todos os meninos e meninas, propagar a palavra de Deus a pessoas estranhas, fortalecendo a missão (O Pequeno Luterano, jul-ago/1958).

A ideia de missão defendida pelo Sínodo é por vezes paradoxal. Remete a buscar pessoas fora do meio religioso. Nas comunidades pomeranas, e inclusive de outras etnias alemãs, havia muita resistência em aceitar pessoas fora do meio, em muitos casos, houve apenas aceitação de adeptos de igrejas independentes, em que a etnia pomerana ou alemã foi preservada.⁶⁴ O objetivo em convencer os fiéis a contribuir em dinheiro era para fortalecer a missão, e esta prática deveria começar desde a infância.

Essa foi uma faceta importante que contribuiu para as intenções da revista em educar a conduta das crianças, mas houve outras, como educar para ser um bom filho obediente. A ideia do filho ideal deixou inúmeras mensagens nas páginas do impresso. Diferenciando-se os gêneros, as meninas são apresentadas como aquelas que devem ajudar as mães e os meninos como aqueles que devem ser ordeiros e protetores. O texto “Uma filhinha leal”, por exemplo, direcionado para as meninas, conta que uma menina estava se divertindo nas suas brincadeiras, a mãe a chamou e ela prontamente atendeu, sua amiga não entendeu, queria continuar a brincadeira, mas a menina respondeu que gostava muito de brincar, mas de ajudar a mãe também, então a amiga aprendeu com os exemplos positivos (O Pequeno Luterano, mar-jun/1945). O controle do comportamento das meninas parecia ser mais fácil, as histórias são mais leves, simplesmente abordam a educação da vida doméstica. Já em relação aos meninos, apresentam histórias mais fortes, como brigas, comportamento agressivo e até mais

⁶⁴ Entretanto, por vezes, o Sínodo de Missouri expandiu o seu campo de atuação entro o meio urbano com a população lusa. Já no meio rural, exemplificando com o caso no interior de Canguçu, temos como exemplo a comunidade negra em Manoel do Rego, pertencente ao Sínodo, entretanto é vista até hoje como exceção. Para saber mais na sustentação desta discussão, ver em GONÇALVES, Dilza Porto. A Memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” e, Canguçu. Porto Alegre, PUCRS, 2008.

sinais de desobediência, como apresenta a história “Quem não obedece ao pai tem que sofrer às mãos da autoridade”. O texto apresenta um personagem chamado Jaime, que frequentou a escola paroquial, a igreja, teve bons pais, mas que roubava; teve na casa do pastor, disse estar arrependido, mas continuou a roubar, foi preso pela polícia. A história enfatiza, então que precisamos pedir para Deus nos cuidar para que não caiamos em vícios e estejamos sempre ouvindo os pais, pastores e professores (O Pequeno Luterano, jul-ago/1959). Observa-se como a redação apresenta a história, colocando o personagem como tendo várias oportunidades de ser um bom rapaz: a família, a escola, a igreja e que, mesmo assim, ele se corrompeu, por isso, depois teve que pagar pelos seus atos. Há uma mensagem subliminar que diz que é necessário para preservar a conduta, além de estar cercado pelas três esferas supracitadas, ainda estar em constante alerta para a conduta não desviar-se do que é correto e certo. É preciso confiança em Deus e realimentação destes princípios, que será o envolvimento total na instituição, indo aos cultos, participando como membro ativo da comunidade, sendo leitor assíduo das publicações, e o ponto central, sendo preparado desde a infância.

A conduta religiosa não levava em consideração somente as funções cognitivas e o entendimento racional da fé, precisava de aceitação de determinadas práticas. Trata-se da disciplina detalhada e metódica, o atentar aos mínimos detalhes. É possível fundamentar estas ideias na perspectiva de Foucault a analisar a atenção ao detalhe na constituição das instituições modernas, como a fábrica, o quartel, o hospital e, mais intimamente relacionado com esta discussão, a escola:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. [...] Uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para controle e utilização dos homens, sobem através da era clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados. [...] (FOUCAULT, 1987, p. 121).

Neste sentido, o detalhe estaria presente nas manifestações educativas, na tentativa de disciplinar e controlar os corpos. A orientação de condutas se utiliza de técnicas a serem esplanadas nas práticas e, portanto, as publicações religiosas, especificamente a revista O Pequeno Luterano, estariam encharcadas destes preceitos.

A história “Que adianta ir à igreja?” de forma apropriada corrobora com esta discussão. O texto apresenta um menino dizendo ao pai que não adiantava ir à igreja porque

ele não entendia quase nada da mensagem do pastor, ao que o pai disse que ia pensar em dar uma resposta porque ele mesmo não compreendia tudo. Antes de o menino sair para escola dominical ele estava brincando com seu cachorro, o pai teve a ideia de explicar, o cão sabia que o menino o amava, mas não compreendia tudo. Assim, mesmo não compreendendo tudo, precisamos respeitar a Deus. As práticas para demonstrar o amor são manifestas em escutar a Bíblia, ir aos cultos, estudar o catecismo; e encerra com a indicação de versículos, que fortalecem esta idéia (O Pequeno Luterano, set-out/1960). É possível ver como a aceitação da fé, representada em práticas, precisa estar entrelaçada com condutas detalhadas e meticulosas, com o controle do pensamento no culto, ou seja, estar concentrado para não somente aprender, mas para fazer parte da instituição.

Em relação aos valores, há muitas histórias que abordam este tema, versando sobre honestidade, calúnia, inveja, entre outras. Uma das histórias chamada “Honestidade recompensada” relata que um moço colocava dinheiro no banco, mas sempre esperava a honestidade de seus conhecidos, um dia o banco colocou dinheiro a mais e ele devolveu (O Pequeno Luterano, mai-jun/1933).

Sobre a abordagem de outros valores pode-se incluir a história “A Calúnia”, que deprecia a mentira, especialmente na escola, entre professores e colegas, usando como exemplo histórias de crianças na escola (O Pequeno Luterano, jan/1940). Na mesma linha, a história “O Invejoso”, apresenta de forma lúdica e instrutiva a formação da conduta, o texto relata que um menino ficou com inveja de outro mais rico que havia ganhado um carrinho, então, ele começou a desdenhar do amigo, mas a criança rica resolveu dar o carrinho, arrependido o invejoso pediu desculpas e aceitou o carrinho emprestado (O Pequeno Luterano, ago/1944). Assim, inúmeras histórias de lição de moral enfocam nos textos valores a serem repassados às crianças.

O modo de ser da criança também é relevante. O texto em forma de poema, “A criança educada”, mostra a conduta das crianças em casa e na escola (O Pequeno Luterano, set-out/1933). O texto pormenoriza as atitudes da criança como filho e como aluno. Tais aspectos servem para que se observe a ênfase e a importância que o impresso dá às boas atitudes. Do mesmo modo, as boas maneiras e as regras de civilidade também seriam exemplos agradáveis de ser mostrar cristão, como aponta o texto “A criança educada/ Na mesa/ Na casa de Deus”, cujos textos mostram as formas de comportamento ao se alimentar e como assistir aos cultos ao ir à igreja (Kinderblatt, jan-fev/1934). É importante destacar a

inter-relação entre o comportamento de regras de convivência, aplicando-se, nas maneiras de se portar nas atividades religiosas. Os comportamentos em casa ou na igreja precisam ser controlados e vigiados. Mesmo que o objetivo central seja a educação cristã e doutrinária, não poderia haver descuido na esfera doméstica, pois o portar-se de maneira adequada também faz parte da vida de um cristão.

Do mesmo modo, o excerto em 1964, com o título “Tu e o teu exemplo”, relata que a nossa vida é cheia de exemplos e exorta como deve ser a conduta, chamando a atenção ao cumprimento de todos os deveres (O Pequeno Luterano, jul/1964). A ideia do texto se reflete no controle de uma conduta meticulosa e correta, insiste no reforço que as atitudes de uma criança cristã devem ser exemplares em outras esferas do cotidiano.

Especificamente, a conduta da criança como aluno é reforçada nos textos do impresso. A esfera escolar, sem dúvida, é uma das preocupações centrais da revista. Um texto de 1934 denominado “O que uma criança inteligente faz?”, inicia com uma indagação para o leitor já realizar uma auto avaliação de como ele se sente como aluno, assim, o excerto aborda as condutas das crianças como alunos, que devem cuidar do caderno, estudar na tábua, prestar atenção na escola, respeitar os colegas e o professores e, acima de tudo, confiar em Deus (Kinderblatt, jan-fev/1934).

Outro excerto relevante como elemento ilustrativo é intitulado “Bendita escola” que apresenta a escola e a vida escolar, acompanhado de imagem e poema. A apresentação gráfica mostra a imagem de Cristo e acrescenta o poema que liga a escola com a religião, com Deus e com a Pátria, evidenciando a escola como salvadora de muitos males (O Pequeno Luterano, out-nov/1949). Neste período a escola paroquial era supervisionada fortemente pela política do Estado Novo, então, se tornava importante a revista relacionar o projeto cristão luterano aos valores cívicos.

Ao relacionar a conduta da criança/leitor/aluno, é relevante pontuar outros textos que se cruzam entre a Unidade geral “Escolas Paroquiais” e a Subunidade “Conduta de Crianças”. Um texto denominado “O grande valor de vossa escola paroquial” mostra claramente o projeto educativo defendido pela instituição e reforçado nas páginas do impresso. Este texto mostra a imagem de uma escola paroquial rural, ilustrando práticas de condutas da maneira de ser do professor e dos alunos:

O grande valor de vossa escola paroquial
 [...] Ali tende um professor piedoso, luterano, para vos ensinar, ou talvez
 uma professora temente a Deus, luterana, para vos instruir. [...] Na escola

luterana Jesus é o pastor. [...] Na escola paroquial ajuntais um rico tesouro de histórias bíblicas. [...] Na escola estais decorando numerosas passagens da Sagrada Escritura que dia após dia servirão de esteio [...] Escutai bem quando o professor ou a professora vos ministra o ensino religioso, decorar as passagens e os hinos, obedecei com gosto os vossos pais e professores e sede carinhosos para com vossos colegas de aula. Dizei a outros as gloriosas verdades que aprendeis em vossa aula. E quando vossos pais ou tios derem um presente de dinheiro, reservai parte para a igreja (Muller, Pequeno Luterano, jan-fev/1965, p 9-11).

O discurso deste excerto menciona como deve ser o professor da escola paroquial, assim, cria-se o imaginário do que deve ser exigido do profissional e, logo em seguida, aponta as práticas importantes que devem ser desenvolvidas no aprendizado da doutrina. Ainda reforça a educação de contribuição financeira para a igreja. Evidencia-se a intersecção da escola paroquial com a igreja, além de se perceber a valorização de um currículo religioso. Também há no impresso discursos que determinam de maneira específica como devem ser os alunos. No texto “O professor e os três tipos de alunos”, aborda-se tipologias direcionadas ao leitor em que o faz refletir como ele é na escola. O excerto é assinado por um professor, que certamente estaria contribuindo com a redação:

O professor e os três tipos de alunos

Meus caros amiguinhos, sou professor há cinco anos. [...] Quanto ao “tipo” de aluno que tu és, deixo a resposta ao teu critério. [...] Aluno de 1ª categoria: é o aluno ciente do seu dever. [...] é desembaraçado, mas moderado. Faz perguntas ao seu professor. O bom aluno não fala sem permissão, na aula; lembra-se que mais se aprende escutando do que falando; ‘falar vale prata, mas calar vale ouro’[...] Tais alunos em geral tirarão boas notas. Serão amados, pelos cristãos, dentro da aula como fora dela. Tais alunos, quando adultos, por via de regra, acharão emprego [...] Alunos de 2ª categoria: este aluno gosta de brincar, discutir, brigar, desrespeitar, desobedecer, conversar e fazer algazarra, em vez de escutar, estudar e aprender na aula. [...] Enquanto poderiam estar na primeira série ginasial, ainda estarão no quinto ano primário, ou quando já poderiam ajudar aos seus pais no serviço na roça ou na fábrica, terão que recapitular um ano de aula para serem declarados alunos de ‘conclusão do curso primário. [...] Alunos de 3ª categoria: este é um tipo de aluno que vem a escolar com o firme propósito de SENTAR ou DORMIR, [...] São os PREGUIÇOSOS. A estes devemos assegurar o seguinte: A época de hoje já não permite boa colocação a quem apenas sabe assinar o nome; muito pior, porém, será para o futuro quando serão ‘velhos’. Vai ser difícil achar emprego sem ter um estudo mais ou menos aprimorado. [...] Depois de haveres lido este artigo, amiguinho leitor, deita por um pouquinho ‘O Pequeno Luterano’ de lado e reflita a que categoria de alunos tu pertences: aos aplicados mais educados ou aos preguiçosos? Penso que seria muito bonito se pudesse responder: ‘Eu pertença aos alunos da 1ª categoria’! (DECKERT, Gehard, jul-ago/ 1958, p 8-10).

Este texto mostra a importância em desenvolver a auto-análise dos leitores/alunos. Percebe-se a legitimidade da mensagem em dialogar com os leitores para verificar o comportamento em sala de aula, demonstrando, assim, para as crianças os reflexos na vida adulta. O discurso é eivado de enunciados formativos, ou seja, proposições apresentadas ao leitor, recordando as atitudes dos alunos no cotidiano da sala de aula, percebendo que o aluno aceitável seria aquele dócil, pacato, aquele que responderá somente quando for questionado. Este é o ideal a ser alcançado, na perspectiva da educação tradicional. O segundo é classificado como indomável, que não consegue boas notas, Em relação ao terceiro, o que os espera é a total ignorância, sem conseguir aprender a ler a escrever, não terá nenhuma chance no trabalho e ficará marginalizado. No final, a reflexão é induzida aos leitores, para pensar como são as suas atitudes como aluno, apontando o que seria desejável. O modo de leitura é controlado: solicita ao leitor deixar de lado a revista e pensar no que leu, observando a importância dada ao comportamento deste leitor como aluno.

O tipo ideal de aluno é tão ovacionado e valorizado nas páginas da revista que uma história com esta mensagem chama atenção. A abordagem escolar aparece em textos de “Volta às Aulas” e o acompanhamento deste evento deve estar agregado à fé e à confiança em Deus. Intitulada como “De volta à aula”, acompanhado de imagem, o excerto ilustra um conto em que duas crianças, Jorge e Marta, estão retornando às aulas. Eles pedem proteção no caminho da escola, pedem ao Espírito Santo para ajudar na compreensão do conhecimento da bíblia e do conhecimento secular, solicitam bom senso para agir com os professores e valorizar as leituras, oram pela saúde dos professores, pelo controle de suas atitudes, desejam evitar brigas com os colegas e em casa estudar e respeitar os pais para não repetir a escola (MULLER, O Pequeno Luterano, jan-fev/ 1959). O projeto do aluno dedicado e disciplinado está envolto com a fé em Deus. A premissa doutrinária do alcance de boas obras terá valor somente através da confiança em Deus. A seguir, a transcrição literal de partes do texto:

Os meninos Jorge e Marta não querem briga com os colegas. Comportam-se como meninos cristãos na escola e na rua. Em casa estudam cuidadosamente as lições. Não querem recitar mal o Catecismo e os hinos que o professor lhes deu para decorar. Jesus não gostaria disto. Respeitam os seus pais e fazem o possível para não rodar. Amam a Jesus que por eles morreu e que o Filho de Deus está em toda a parte. Tudo vê e ouve. Cuidam para não ofender com palavras feias. Também lembram-se como os pais trabalham para lhes dar alimento e educação; Jorge e Marta não querem que os pais precisem mandá-los dois anos para a mesma classe. Não só Jorge e Marta-vamos todos orar a Deus nos estudos, respeitar os pais e professores, e fazer

bom uso do tempo que o Senhor põe à nossa disposição em 1959 (MULLER, jan-fev/1959, p 6).

A preocupação em aproveitar o tempo de forma adequada é reforçada. Todas as crianças luteranas precisam dar exemplo e ter confiança em Deus para usar este tempo com coisas agradáveis. A história usa personagens para ampliar as atitudes apresentadas como aceitáveis e as não aceitáveis para servir de exemplo às crianças.

Outra história importante que revela aspectos de formação de uma criança educada tem como título “As férias não deviam terminar”: dois garotos conversavam, um deles achava que as férias eram muito longas e o outro acreditava que eram curtas. A redação questiona qual dos dois está certo e enfatiza que devemos gostar do começo das aulas e, assim, nos concentrar nos estudos e recapitular nas férias (O Pequeno Luterano, fev-mar/1966). Este texto nos ajuda a compreender a necessidade do controle e da formação desta criança mesmo nas férias, visto que estimulam as crianças a estarem atentas ao período escolar e alertas, mesmo no período de descanso.

A criança também, a partir da sua condição de leitora, é influenciada pelo discurso e mensagens do impresso a se inserir na vida da igreja, com estímulos voltados a buscar como profissão uma formação pastoral ou de professores paroquiais. O impresso visava a projeção do futuro na vida das crianças, sem descuidar do presente. Então, em vários momentos, os meninos leitores são chamados a conhecer o trabalho pastoral e professoral para que também pudessem ser tentados a escolher uma destas profissões. Os textos apresentam, quase sempre, a realidade do seminário em Porto Alegre, o cotidiano dos estudantes e seus aprendizados. De forma especial, reforçam a necessidade de mais pastores e professores para atuarem nas igrejas e escolas.⁶⁵

Uma história interessante é a que usa como exemplo um missionário chamado “George Stephenson”. Relata a biografia deste missionário que começou com 8 anos a se interessar pela crença em Deus e acabou trabalhando entre os povos pagãos. O texto começa

⁶⁵ Os entrevistados homens da pesquisa, que foram leitores da revista com correspondência enviada à redação, tiveram a presença da projeção do futuro em ser pastor. Mesmo não seguindo a profissão, de alguma forma tiveram em algum momento a sinalização do estudo de pastor. Um deles (Armando Wienke) estudou com mais afinco na escola paroquial para se aprofundar e fazer o teste de admissão, e outro (Fredo Westermann) teve por alguns anos no Seminário de São Paulo, completando a série ginásial. Pode-se perceber assim, que num primeiro momento este projeto esteve presente na infância, mas não foi concretizado, devido às desistências de ambos por esta opção profissional.

com um convite aos meninos para serem pastores e professores estudando no seminário em Porto Alegre (O Pequeno Luterano, abr/1937). Nesta história são evidenciados as Subunidades de missão, eurocentrismo, a biografia de um missionário, a conduta das crianças, os aspectos da doutrina e da Bíblia, bem como a educação familiar e escolar.

Do mesmo modo, em edições posteriores, são colocados textos persuadindo as crianças a entrarem na vida pastoral. O diálogo entre revista e leitores, apresentado como “Torna-te pastor ou professor”, vem reforçado com imagem significativa: um pastor pregando no púlpito, e de forma resumida, retoma a história de Jesus recebendo as crianças. O leitor agora tem a oportunidade de participar de uma escola dominical ou paroquial, é instruído, podendo levar estes conhecimentos a outros, tornando-se, portanto, um pregador da palavra. O seminário está aberto para meninos e jovens seguirem como pastores e professores (LINDEN, Alípio, O Pequeno Luterano, ago-set, 1963).

Ao considerar que a atividade de pastor e professor era exercida, quase exclusivamente, por homens, a relação de gênero se fez presente na revista. Obviamente que havia professoras trabalhando nas escolas paroquiais, desde a década de 1930, mas não com a formação clássica do seminário. Em relação ao ministério, até hoje na IELB não é permitido mulheres serem pastoras. Por outro lado, para a criança leitora do sexo feminino a educação para a maternidade era evidente. A revista mostra o exemplo de mãe que se deve ser. O excerto “Como a mãe deve aparentar” é um dos muitos exemplos encontrados na revista. A história fala da conduta da mãe e de seus filhos (O Pequeno Luterano, ago/1937). A aparência é um dos aspectos mais abordados, o estereótipo a ser seguido pelas meninas é a dedicação ao lar, a submissão do seu papel de mulher e, sobretudo, a importância de ser mãe cristã, cuja obrigação é ensinar as crianças o exemplo cristão. Neste sentido, projeta esta criança à vida adulta, incentivando o menino a exercer o ministério pastoral ou ser professor e a menina educada para ser boa mãe e/ou boa esposa.

Outra espécie de controle são as amigas escolhidas pelas crianças luteranas. A família, a igreja e as próprias crianças, segundo a orientação da revista, devem escolher amigas do mesmo meio religioso. Um texto ilustra de forma apropriada esta proposição chamada “O casamento de Branca de Neve”. A partir deste conto de fada, a redação aproveita para reforçar que Branca de Neve teve um final feliz, porque encontrou um noivo adequado. Assim, a partir da fábula a redação chama atenção, com o seguinte excerto:

“[...] Contudo, hoje em dia não é possível agir como Branca de Neve agiu. Não se pode casar com o primeiro moço que se encontra. Especialmente uma

criança cristã, ao atingir a idade de adulto, deverá pensar muito antes de se unir com um companheiro para toda a vida. A criança cristã sempre se baseia no que dizem os pais e no que diz a Bíblia. [...] Você que ainda vai à escola, comece hoje mesmo a cultivar boas amizades. Procure seus amigos entre pessoas de sua igreja. Procure amigos entre as crianças que vêm à escola paroquial, que freqüentam sua escola dominical. Isto é de grande importância. É assim que servimos Jesus. Jesus disse: “Não ameis o mundo, nem o que é do mundo, mas amai-vos uns aos outros” (Egon Steyer, Pequeno Luterano, out-nov/1965, p 5).

De forma direta, o texto orienta os relacionamentos afetuosos, amizades e namoro. Também os casamentos deveriam ser pensados, no futuro, com pessoas da mesma fé, assim, deveriam começar, na escola paroquial e dominical, a ter amigos que compartilhassem a mesma denominação religiosa. Observa-se, então, a ênfase no controle das relações afetuosas no período da década de 1960, devido à influência dos meios de comunicação e da vida moderna. Estes aspectos da modernidade, de alguma forma, atingiram as instituições religiosas, daí a preocupação em alertar em uma revista infantil elementos comportamentais que seriam apenas do mundo juvenil. Infere-se que de alguma maneira a revista poderia fazer parte das leituras dos jovens ou que estes textos, os quais pretendiam controlar as relações afetivas das crianças, deveriam servir para a educação pensando a projeção no futuro. As relações de amizade começavam na infância, então o cotidiano do lazer, da educação familiar deveria estar envolvido e perpassado pela esfera religiosa, neste caso, especificamente, pela instituição luterana. Assim, posteriormente na vida juvenil e adulta as escolhas dos pares estariam de acordo com os preceitos doutrinários, não havendo divergências na educação e vivência religiosa. Parece paradoxal que a instituição, em muitos momentos, se incline à propagação missionária, exposta em muitos textos da revista e, ao mesmo tempo, queira controlar as relações afetivas de crianças e jovens a permanecer num círculo fechado. Sem dúvida, a linha seria tênue, revelando contradições e conflitos deste impasse.

O que parece mais evidente é a necessidade de propagar os valores da educação doutrinária, implícitos e explícitos na formação de condutas aceitáveis perante os preceitos da instituição. Assim, os elementos discursivos da revista apontam, a todo o momento, formas e modos de agir esperados, juntamente com um autoexame, a partir de mensagens que apontem uma lição de moral, que seja aplicável nas condutas e na formação infantil.

A conduta entrelaçada com as Unidades gerais denominadas “Lição de Moral e “Escolas Paroquiais” apontam para a formação e projeção da criança no futuro, mas atentando para os espaços que ela ocupa no presente. Se as leituras e as mensagens do “Pequeno

Luterano” tinham o objetivo de permear e controlar a conduta infantil, necessariamente, seria preciso controlar a infância, alertando as implicações de ações que refletiriam no futuro, como escolhas afetivas e profissionais.

Mas sem dúvida, as “Histórias Bíblicas” e as “Festas Religiosas” evidenciaram, do mesmo modo que as histórias de “Lição de Moral”, a relação numerosa de textos neste cruzamento de dados. A presença e o conhecimento da Bíblia em linguagem infantil são evidenciados em muitos momentos na apresentação gráfica da revista. Aparece uma infinidade de imagens destas histórias e elas pretendem servir de exemplo a ser seguido pelas crianças. Seria possível citar inúmeros exemplos da confiança em Deus por parte de personagens da Bíblia, bem como suas atitudes em colocar a vida cristã em primeiro lugar. Os personagens expostos na revista são tanto do Antigo Testamento, especificamente as histórias de profetas, como Samuel, colocado como filho abnegado e educado pela mãe piedosa, e o aprendiz como discípulo do profeta Elias (O Pequeno Luterano, mar/1939). Em outro momento a mesma história é apresentada, mas, no final da redação, menciona-se o convite aos meninos para estudar no seminário (O Pequeno Luterano, out/1963). São citadas, ainda, histórias de Davi defendendo a Pátria, aproveitada como exemplo às crianças nas questões do patriotismo e nacionalismo (O Pequeno Luterano, set-out/1960)

Inúmeras histórias das parábolas e milagres de Jesus são abordadas como exemplos de condutas para as crianças leitoras e, ao mesmo tempo, servindo como conhecimento de histórias com objetivo de catequização doutrinária.

De forma parecida, as “Festas Religiosas” usam conteúdos bíblicos, com exceção das histórias de Lutero, e mencionam as festividades, balizando a conduta infantil. No Ano Novo, os leitores são orientados a agradecer e orar por bênçãos no ano que se inicia. Na Páscoa, Pentecostes e Natal, as atitudes das crianças são influenciadas através dos exemplos destas histórias e do aprofundamento doutrinário. Atitudes de caridade e de assistencialismo são as mais incentivadas, como na história “O mais belo presente de Natal”, cuja mensagem incentiva a dar presentes às crianças pobres, porém sem deixar de lado o mais importante, que é acreditar na salvação (O Pequeno Luterano, dez/1941). Em relação à festa do Pentecoste aborda-se a conduta a partir da narrativa resumida desta festa, sobre o uso dos idiomas, mas orienta que cada um dos discípulos precisou falar de cada vez, como exige a ordem. No final indica um texto bíblico (O Pequeno Luterano, mai-jun/1941).

As histórias podem ser usadas como doutrinação e como demarcação das diferentes crenças. As atitudes das crianças devem observar as diferenças religiosas e se portar de acordo com a religiosidade que lhes é imposta. O texto “Quarta feira de cinzas”, com a imagem da crucificação de Jesus, apresenta-se de tal forma que é como se falasse com as crianças. Explica-se o sentido da quarta feira de cinzas, que são 46 dias para dedicar a Jesus. No Antigo Testamento as pessoas lastimavam os seus pecados, assim como o profeta Jonas pregou. Antigamente as pessoas antigas colocavam cinzas na cabeça, os católicos têm um costume diferente; os luteranos, porém, não usam cinzas, mas lembram três coisas: somos pecadores, Cristo morreu por nós, lastimamos e acreditamos que somos salvos (Vertido por MULLER, O Pequeno Luterano, mar-abr/1960).

A redação da revista usa as datas das festas religiosas para reforçar a conduta desejável das crianças, para que elas sigam exemplos bíblicos e exemplos do fundador da igreja luterana: Martin Lutero. A biografia dele é contada às crianças para ser seguido como modelo. Nas histórias que abordam a biografia de Lutero menciona-se a sua infância, as suas atitudes como aluno e filho dedicado, o seu apreço ao estudo da Palavra de Deus, o exercício da paternidade em relação à educação de seus filhos, sua preocupação na formação das escolas paroquiais. A apresentação da história e da vida do fundador do luteranismo é usada para orientar a conduta infantil e, ao mesmo tempo, qualificar o aprendizado deste leitor. Uma das histórias que mostra Lutero como pai orientando os exemplos a seguir chama-se “Lutero expõe o catecismo na família” que, além de contar com imagens sugestivas ao tema, revela que Lutero sempre estudava com seus filhos, ensinava-lhes música, tinha a preocupação com a educação deles e com a das crianças cristãs. Ainda são indicados versículos, explicando que não entendemos tudo de Deus, mas que devemos crer (O Pequeno Luterano, out/1961). A mensagem valoriza o uso da Bíblia, aponta a importância da educação familiar e escolar, usa elementos da doutrina do luteranismo e busca ser modelo para a conduta das crianças. O enfoque no conhecimento bíblico nas leituras de material de orientação deve ser almejado pelas crianças leitoras do impresso.

Outro texto mencionando a perspectiva de Lutero como pai indica a preocupação com a educação formal de seus filhos. O texto intitulado “Um professor particular para os seus filhos” apresenta a figura de Lutero querendo dar uma boa educação para todas as crianças, mas pelo fato de não haver escolas públicas ele precisou contratar um professor particular para os seus filhos. Todos os filhos meninos cursaram o ensino universitário, com

exceção da filha mulher. Lutero tocava violão e cantava com seus filhos, tinha uma cancha de bolão no jardim, nunca permitiu que os filhos passassem fome, no entanto, eram castigados pela desobediência, era severo quanto a isto, cuidava da alma e da mente (O Pequeno Luterano, nov-dez/1957).

Além das histórias de Lutero como pai, muito interessantes são os relatos da vida de Lutero como estudante. O texto “Martinho Lutero” fala das escolas que ele frequentou, mencionando as de Masfeld, Magdeburgo, Eisenbach. Lutero gostava do canto, e em sua trajetória percebeu abusos e pecados do bispo. Em Erfurt ingressou na universidade. Ele orava a Deus e estudava. No final, o texto orienta o leitor para que tenha a mesma conduta (O Pequeno Luterano, mai-jun/1951). A partir da biografia infantil da figura central do luteranismo, a mensagem direciona-se para a educação familiar e escolar estar de acordo com os princípios de educação religiosa e doutrinária, a fim de conduzir as crianças na formação desejada e alinhada aos princípios do Sínodo de Missouri.

Mesmo as histórias de cunho histórico sobre a vida de Lutero – histórias que contam a trajetória do reformador, desde sua infância até a passagem como monge, a conversão e a luta para conseguir reformar a igreja – retomam a conduta das crianças. Relatam a sua biografia para reforçar que no espelho de suas atitudes a conduta infantil deve ser formada. Como elemento ilustrativo, a história relata a viagem de Lutero para Roma onde ele defendeu a Sagrada Escritura e as 95 teses. Dirige-se ao leitor apelando para o estudo do catecismo e da Bíblia. (O Pequeno Luterano, nov-dez/1940). As atitudes de Lutero devem servir para a formação da criança, a sua conduta deve ser de seguir estudando o catecismo e a Bíblia.

É importante o cruzamento da Subunidade “**Conduta das crianças**” com a Unidade geral “Redação da revista”, devido ao fato de a redação se dirigir diretamente aos leitores, tentando, de alguma forma, apelar à conduta das crianças. Numericamente, dentre 23 recorrências desta Unidade geral, cruzando com a Subunidade “Conduta das crianças”, visualiza-se 14 recorrências. Então, este aspecto precisa ser analisado detalhadamente. A edição se dirige como redação a partir da década de 1960, provavelmente, apresentando muitas dificuldades neste período de manutenção do impresso. Prova disto, é que em 1962,⁶⁶ nos meses de janeiro/fevereiro, abril, maio e junho, no final da revista aparece a propaganda

⁶⁶ Este período foi considerado conflituoso de acordo com a entrevista de Alípio e Wanda Linden, em que o relato dos redatores aponta para o descaso da instituição em manter a revista, apesar dela aumentar o número de páginas, mas mais em função dos patrocínios pagos, do que pelos assinantes. A revista passava por um processo de declínio, porque a escola paroquial assim também começava a se desestruturar.

com o título “Nosso Pequeno Luterano de graça”. Tratava-se de uma campanha que serviria para aumentar o número de leitores. Coloca-se na revista uma fórmula de pedido de assinaturas. Contavam, naquele momento, com 1162⁶⁷ assinantes, que ainda era um número pequeno para sustentar a revista e, por isso se fez a campanha. Cada assinante que conseguisse mais cinco leitores receberia uma assinatura de graça. Caberia ao leitor fazer campanha entre amigos da escola paroquial e da escola dominical (O Pequeno Luterano, jan-fev, mar, abr, mai, jun/1962).

Estes aspectos dos leitores envolvidos no projeto do impresso, inegavelmente, passariam pela formação de conduta através de leituras específicas. A circulação dos espaços da revista se encontrava dentro da escola e, logo depois, dentro das escolas dominicais. O leitor deveria de alguma forma ser responsável pela manutenção deste impresso, o qual era útil e proveitoso para delimitar e impor práticas e modos de ser do leitor/aluno.

A revista também dirige o leitor, propondo práticas com maior engajamento, não mais de forma coletiva, mas individual. Estas práticas centrariam no estudo mais sistemático de versículos e passagens bíblicas, como no título “Decorar uma passagem bíblica por mês” (em que se propõe uma história bíblica, a qual a criança deve contar sem precisar ler. Casualmente, ou não, esta leitura fazia alusão à obediência aos pais) (O Pequeno Luterano, mai/1966). Também, no mês seguinte, aparece outro título com a mesma essência: “Uma passagem bíblica por mês para ser decorada”. De forma similar, a revista tenta inculcar modos e práticas a serem seguidas pelas crianças (O Pequeno Luterano, jun/1966).

Os aspectos lúdicos também estavam presentes na conduta das crianças, quase sempre aparecendo em forma de piadas ou apresentação de brincadeiras na escola. Muitas histórias, com o intuito de proporcionar riso e prazer, trazem nas entrelinhas elementos relacionados com o modo de ser e agir das crianças. Em muitos momentos, as piadas de escola e família tiveram o seu papel para entreter, mas também, querendo moldar a conduta. São as estratégias realizadas pela revista para tentar envolver o leitor, de forma aparentemente desinteressada, a fim de atrair a atenção dos leitores em textos lúdicos que, no fundo, pretendem determinar o projeto institucional da redação. Neste sentido, vale lembrar os estudos de Certeau (2011) que mencionam a estratégia entendida como o propósito do dominador em postular um lugar para ser circunscrito como um próprio, este entendido como

⁶⁷ O número de assinantes consta com esta quantidade, mas na mesma época a tiragem ficava expressa em 1400, então, acredita-se que alguns números poderiam ser vendidos avulsos ou oferecidos nas escolas maiores. Ou ainda que poderiam ser oferecidos em troca dos anúncios publicitários.

parâmetro a ser seguido. Neste caso coloca-se como “dominador” a redação, que não se mostra explicitamente, mas através dos textos lúdicos institui determinados valores e práticas nas leituras.

A piada, em muitos casos, relata a criança travessa, aquela que está cometendo alguma atitude errada. Ainda que o tom da piada possa amenizar as ações erradas, na verdade, pretendem dizer que determinada atitude somente poderá ser tomada no contexto da piada, ou seja, que é aceitável no espaço de anedotas, mas não serve como guia da moral e da conduta cristã.

Pode-se ver tal fato por dois ângulos, de um lado, a mensagem da piada não serviria como parâmetro a ser seguido pelas crianças, de outro nestes textos poderia haver escapes do controle exacerbado das instituições, prova disto, a quantidade de anedotas com o tema família, escola e conduta. Tem-se como exemplo da mensagem anedótica como fuga do controle da disciplina escolar, a história “Esperteza de Hans”, em que ele queria que sua sala de aula fosse redonda para ele não ficar mais de castigo no canto (fev-mar/1965). A teoria de Certeau reforça estes dados, porque a mensagem do texto aponta como o escape ao controle do “dominador”, no caso a redação, são chamados de táticas, elas são usadas nas tarefas cotidianas como a leitura, e esta não se dá de forma passiva ela recria formas de apropriação dos conteúdos que são apresentados aos leitores.

Ainda, as relações da conduta da criança estão relacionadas com os valores nacionais e cívicos, muitas histórias abordam a formação da criança como cidadã ordeira e patriótica, como a história denominada “Patriotismo”, que explora o termo patriotismo, com exaltação da defesa da Pátria. Direciona o leitor a ser patriota na escola, nas práticas de estudo, como cidadão útil, e encerra com versículo bíblico. (O Pequeno Luterano, set-out/1950). É visível como as crianças são educadas para servir aos valores nacionais, relacionados à religião. O projeto do Sínodo se adapta à política nacionalista e ao estado desenvolvimentista, porque engloba os valores morais de aceitação, de dedicação e de trabalho ordeiro com os valores religiosos da instituição luterana de passividade e conformismo. O importante na conduta das crianças é formar cidadãos e fiéis que atendam aos objetivos das instituições: o estado e a igreja. Neste sentido, agregam preceitos e valores a serem seguidos pelas crianças.

3.2 APLICAÇÃO DA HISTÓRIA

Esta Subunidade apareceu em número qualitativo e quantitativo através de muitas histórias de cunho moral e de controle de comportamento, ou seja, a necessidade de aplicar a mensagem à conduta e à vida da criança/leitora.

A relação maior aparece com a Unidade geral “Lição de Moral”, perfazendo 619 itens. Muitas histórias que relacionam religião, conduta, missão e doutrina podem ser aplicadas na vida da criança. A relação com o item acima discutido é significativa na medida em que a conduta das crianças é moldada, a partir de exemplos aplicáveis.

Em geral nestas histórias aparece a figura de um adulto qualificado para orientar as crianças: a mãe, depois, o professor ou o pastor; em seguida o pai ou um amigo. A história “A lasquinha”, por exemplo, conta o cotidiano de uma menina chamada Maria que estava fazendo as tarefas escolares com a sua mãe, porém não perfeitamente. A mãe, por sua vez, mostrou-lhe que um pequeno estilhaço, uma lasca de fogo, pode se transformar num fogo enorme e estragar tudo. Em seguida pede para a criança rezar para sempre fazer as coisas com perfeição (O Pequeno Luterano, mar-abr/1933). A chamada para aplicar a história vem ao encontro da preocupação com a formação da criança. O que se deve fazer e ser é o ponto central. Até tornar-se uma criança dedicada e que pede auxílio a Deus ela não é auto-suficiente, mas necessita do apoio religioso, para isso, precisa demonstrar nas suas atitudes disciplina e obediência.

Da mesma forma, nas relações com os amigos, histórias com aplicação na vida são recorrentes. A história “Uma discussão boba” ilustra o relacionamento entre as crianças. Dois rapazes começaram a conversar e discutiram por causa das ideias egoístas de um deles, então passou um menino mais velho e falou do arrependimento, do pecado e da forma de ser cristão, depois os meninos se arrependeram (O Pequeno Luterano, jun/1944). O arrependimento é destacado como uma atitude que deve e pode ser aplicada à conduta. As desavenças e brigas acontecem com os pecadores, mas devem levar ao perdão, tanto nas relações de amizade como nas relações familiares. Então, de forma geral, esta Subunidade permite inferir como a educação familiar e escolar é reforçada através das histórias, que acabam tendo aplicabilidade prática na vida infantil. A aplicação, entretanto, possui uma denotação moral forte, que não fica, de modo algum, acima da religiosa. Os preceitos doutrinários e prescritivos dentro da catequização é que guiam, em grande parte, a orientação dada no impresso.

Segundo a revista, a relação doutrinária deve se fortalecer na família. Exemplos de histórias de filhos desobedientes são arrolados em vários textos, apontando o castigo esperado ou o aborrecimento e desgosto dos pais, quando as crianças não obedecem. O texto “Vestígios do Pecado” é um bom exemplo ilustrativo para perceber o perigo das crianças incorrerem em erros, apesar da certeza do perdão e da graça, a aplicação da história aponta para determinadas consequências irreversíveis diante da desobediência:

“Vestígios do pecado.

Um ferreiro piedoso tinha um filho malcriado, o qual lhe proporcionava um desgosto após o outro. Cada vez que ele ouvia de novo um pecado do filho, ele tomava um prego e o cravava na porta, até que a porta estava cheia deles, o filho ouviu falar disso no estrangeiro e se arrependeu e escreveu uma carta a seu pai, relatando profundo arrependimento. Nessa ocasião o ferreiro tirou o primeiro prego da porta. [...] Ele tornou-se a alegria do pai na velhice e fazia a seu pai todo o bem. Quando todos os pregos foram extraídos, o pai levou, cheio de contentamento, o seu filho à porta e mostrou-lhe como também o último tinha sido retirado. “Sim, querido, pai” disse o filho, “os pregos desapareceram, graças a Deus; “ e ele chorava amargamente- “os buracos na porta ficaram” (O Pequeno Luterano, mar-jun/1945, p. 23).

Essa história se aplica em relação ao cuidado nas escolhas das crianças, ou seja, elas não devem se firmar apenas nas suas escolhas, devem seguir piamente os preceitos de conduta religiosa doutrinária, a fim de evitar as marcas do pecado, estas marcas não são possíveis de remover. O texto é pragmático no exemplo de uma história entre pai e filho e as nuances de arrependimento e irreversibilidade são enfocadas e usadas como formas aplicáveis na conduta infantil.

Do mesmo modo, histórias de pessoas em situação de perigo ou descrentes são relatadas e permitem perceber o foco da aplicação, a necessidade da conversão de mais pessoas. A história “Grande perigo” conta que uma senhora ficou preocupada com uma tempestade no navio, o capitão disse que ele iria conduzir o navio a se desviar. A narrativa usa como exemplo a chegada do juízo final, a proteção de Jesus, e mostra a mulher como descrente, razão pela qual tinha medo (O Pequeno Luterano, jul-ago/1951). A aplicação da mensagem mostra a valorização da conversão e da necessidade de acreditarmos em Deus, especialmente, nas dificuldades. Coloca que os cristãos são fortalecidos nos momentos difíceis, diferentemente, dos descrentes, que se preocupam com as coisas terrenas. Por isso, enfoca a necessidade da vigilância da fé, de atitudes e de reflexões para determinar um controle desta crença.

Muitas histórias se aplicam ao comportamento infantil, como ele deve ser orientado, por isso, os relatos de mensagens envolvendo a família, a escola e a igreja aparecem a todo o momento nas páginas da revista. A forma de educar as crianças perpassa por histórias lúdicas, mas possuem aplicabilidade no cotidiano.

As histórias estão repletas de diálogos entre os familiares, o professor e o aluno, o pastor e o fiel, e a fala entre amigos. Na maioria das vezes são apresentadas histórias com personagens infantis, ou seja, as crianças são protagonistas, no intuito de criar identidade da criança com as leituras e, assim, fazer sentido a aplicação da mensagem na vida infantil. O objetivo da revista não está somente em entreter ou educar a conduta moral, mas, sobretudo, influenciar e instaurar estratégias através de práticas de leituras que favoreçam a formação religiosa e doutrinária específica defendida pela instituição responsável pela edição do impresso.

Em resumo, as histórias de moral contêm doses generosas de conhecimento doutrinário, religioso e missionário e provocam no leitor a aplicabilidade da história fazendo com que ele se coloque no lugar do personagem em questão. Por esta razão, em muitos casos, na finalização da história aparecem questionamentos e indagações ao leitor para reforçar pontos de relevância que se quer instaurar.

Pode-se citar como exemplo a história “Como vais? Bem demais.” Um pastor cumprimentou uma senhora e ela lhe respondeu que não ia bem, mas o pastor a lembrou da doutrina, do Espírito Santo, da bondade de Deus, de modo que ela deveria estar bem demais. Da outra vez que ela foi cumprimentada, já não se queixava mais. Por isso, no final são dirigidas ao leitor as seguintes perguntas: “*Sim, queridas crianças, cada um de nós filhos de Deus vai muito melhor do que merece, não é verdade?*” (O Pequeno Luterano, jan-fev/1956, p. 13). Embora esta história não tenha personagens infantis, ao final, a edição instiga aos leitores a se colocarem como cristãos conformados e agradecidos pela sua vida, que não devem ficar questionando os momentos ruins, e sim aceitá-los. Trata diretamente com as crianças o que se quer aplicar e reforçar: que temos mais do que merecemos.

Muitas vezes o aprofundamento da explicação doutrinária requer apoio externo, ou seja, pressupõe-se que em muitas histórias, no que tange à aplicabilidade doutrinária e religiosa, haveria dificuldade de compreensão para muitos leitores e, provavelmente, teriam

que ter apoio da família ou da escola e/ou da igreja para entender os aspectos doutrinários.⁶⁸ Seriam estratégias da edição em constituir o impresso como recurso didático e envolver a família em torno de seu conteúdo para garantir, muitas vezes, a legitimidade do seu uso.

São usadas histórias infantis para aprofundar o conhecimento doutrinário. Em um outro exemplo, a história “O que faz o verdadeiro amor?” revela que uma moça bonita trabalhava num palácio de um príncipe e que ele se apaixonou e fez dela uma princesa. O príncipe, no entanto, depois de casado, encontrou a princesa engraxando as botas dele. A princesa, ao ser questionada pela atitude respondeu que fazia isto porque o amava. Assim Cristo se mostra humilde, quer que também sejamos simples, com atitudes demonstradas nas devoções, nos cantos, no trabalho e nas ofertas. (O Pequeno Luterano, jul-ago/1959). É possível perceber a história em duas partes: a primeira em forma de conto, sobre príncipes e princesas, em uma linguagem própria do mundo infantil; a segunda, a aplicação da história é centrada no exemplo de Cristo como salvador, apontando as práticas consideradas necessárias para a formação do cristão.

Com a mesma interlocução entre a lição de moral e a religião, as Unidades “Festas Religiosas” e “Histórias Bíblicas” se prestam perfeitamente a possuir mensagens que envolvem aplicabilidade na conduta das crianças. Tratando-se das Festas Religiosas, as datas marcantes dos cristãos relembram exemplos de fé e vida. A biografia de Lutero é relembrada e sempre se pode aplicar a narrativa história da vida do reformador.

A história “A vida de Lutero” retrata bem esta discussão: Lutero, ainda criança, cantava para conseguir dinheiro enquanto estudava. Um casal rico, denominado Cotta se apiedou dele e lhe ajudou na universidade, semelhante à faculdade de Erfurt. Lutero viveu no meio dos pobres e dos ricos, com 18 anos ele descobre a Bíblia, no entanto, o papa ordenava que não se lesse a Bíblia (neste entremeio o texto é bem didático, explica o que é biblioteca). Na sequência explica que Lutero descobriu a Bíblia em latim (explica o que é esta língua), e que a primeira passagem que leu foi a de Samuel, sendo que a Bíblia, naquela época, ficava acorrentada. No final o leitor é lembrado que atualmente a leitura bíblica é permitida, todos têm facilidade e acesso à Bíblia e que por isso devemos aprender e decorar os principais salmos. Retoma a vida de Lutero, enfatizando a sua façanha de traduzir sozinho o Novo Testamento (O Pequeno Luterano, set/1954). O texto tenta demonstrar o esforço e a dedicação

⁶⁸ De acordo com as entrevistas envolvendo leitores, professores e editores, a revista era usada nas escolas paroquiais e no aprendizado da catequese.

de Lutero desde a infância e convida as crianças a se espelharem nestas atitudes. Do mesmo modo, retrata as dificuldades daquele tempo ao acesso à Bíblia e às leituras, por isso, a mensagem chama atenção das facilidades das crianças de hoje em poder aprender e conhecer a palavra de Deus e reforça o pedido para decorarem passagens importantes. Com isso, fica demonstrada a influência nas crianças em conhecer estas histórias e em colocá-las em prática.

De igual forma, o caráter prescritivo em torno da biografia do reformador é acentuado em histórias com pequenos excertos envolvendo a conduta e as práticas direcionadas para a formação das crianças. São histórias traduzidas do autor Flick intituladas “Histórias para o Catecismo”. Estas histórias são precedidas das imagens de Lutero, pai amoroso e dedicado aos filhos, que a fim de fazer a pequena filha dormir, havia composto um lindo hino de Natal, muito conhecido entre os luteranos. Depois, as histórias são pequenas lições de moral em torno do descanso e do repouso. Lutero teria advertido o colaborador Melancthon em cessar o trabalho da escrita, lembrando-lhe do dia do descanso. Outra história relata sobre a crítica da prática da esmola como ato de obras e sobre o pagamento de promessas, reforçando a justificação somente pela fé, o centro do agradecimento deveria ser a morte e ressurreição de Cristo por nós (Flick, Histórias para Catecismo, O Pequeno Luterano, out/1941).

Estas histórias demonstram a preocupação em agregar o aprendizado da doutrina às práticas infantis. Foram retirados do próprio catecismo, livros didáticos usados para a catequização e doutrinação dos fiéis, bem como, para aplicar o conhecimento religioso centrado na justificação pela fé e obras, diferentemente da doutrina pregada antes de Lutero, a salvação viria pelas obras e pelo esforço individual.

As Festas Religiosas, como já foram colocadas, marcam as datas especiais: Natal, Páscoa, Pentecostes e Ascensão de Cristo aos céus. Nestas festividades a revista acompanha o período em que são realizadas e relata alguma passagem bíblica ou história que possa ilustrar o sentido da realização destas comemorações. Os textos contemplam explicações e aprofundamento doutrinário nas histórias retiradas da Bíblia, recontadas para dirigirem-se ao leitor e concluir requerendo uma aplicação prática, ou, então, são adaptadas através de histórias com personagens infantis envolvidos nas comemorações.

Eis alguns exemplos: o texto “Quaresma” explica o significado dos quarenta dias antes da Páscoa, diz que devemos orar e que esta data celebra a tentação de Jesus pelo diabo no deserto, diz também que devemos sempre pedir perdão pelos nossos pecados e orar muito,

para também as crianças vencerem a tentação (Rev. Rudi Guths, O Pequeno Luterano, fev-mar/1965). Nesse texto a explicação da festa religiosa faz a criança tomar conhecimento, porque neste período antecederá uma data importante: a Páscoa.

Em outra história sobre Pentecostes, o fortalecimento da explicação doutrinária e a relação com o conhecimento bíblico aparecem de forma contundente. A história começa a partir de um questionamento de uma criança sobre o significado e conhecimento do Pentecostes, logo em seguida a redação coloca a narrativa da história bíblica, contando a vinda do Espírito Santo e como se aplica hoje em dia (O Pequeno Luterano, mar-jun/1945). A ênfase recai sobre a importância do fortalecimento da fé pelo Espírito Santo e a disseminação do cristianismo naquele momento, já que os discípulos estariam fortalecidos para espalhar o Evangelho. Da mesma forma, as crianças precisam confiar e disseminar a fé, dando exemplo como cristão.

Outro texto da revista coloca o personagem personificado da boa criança, do bom filho e do bom cristão na passagem do Natal. A história se chama “Uma estranha árvore de Natal!”, e conta que um menino de oito anos perdeu o pai, que era relojoeiro. Ele desejava ser hábil como o pai, para isso estudou bastante, mas um dia houve um incêndio e quase pegou fogo numa árvore que tinha em sua casa, porém ele a salvou. Então ele partiu e estudou o ofício e voltando numas férias foi surpreendido por uma tempestade, a represa tinha estourado e ele se salvou no salgueiro, que anos antes havia salvo. Ele só ouvia os hinos da igreja ao longe, mas acendeu umas velas e as pessoas viram que estava em cima da árvore, até que a sua mãe o encontrou (Trad. Wanda Linden, O Pequeno Luterano, dez/ 1962). Este texto usa a figura da árvore, símbolo do Natal, como a figura que liga a conduta do menino e sua formação, relembra o feito da sua infância e que ele como adulto ainda está relacionado com a família e a igreja. Importante ressaltar que esse tipo de texto cria uma identificação da criança e pode ser mais facilmente aplicado.

Do mesmo modo, muitas Histórias Bíblicas também se apresentam recontadas a partir do texto bíblico, aplicadas à vida das crianças e às suas práticas, mas usam, muitas vezes, personagens infantis. Na história bíblica da multiplicação dos pães e peixes, a redação optou por colocar um nome no menino que tinha trazido os mantimentos e possibilitou o milagre de Jesus, dando uma conotação lúdica à história. O texto se chama “Merenda para o vovô” e é contado assim: Um menino chamado Calebe tinha três peixes e cinco pães, somente daria o seu alimento quando enxergasse o vovô, então André, o discípulo de Cristo o

encontrou e deu ao Mestre para repartir, quando Calebe chegou em casa a mãe se surpreendeu com o balaio cheio de comida (O Pequeno Luterano, nov/1963). Esta história é adaptada a partir do texto bíblico para criar identificação do público infantil e facilitar a aplicação dos conhecimentos bíblicos no público leitor.

Entretanto, mesmo não usando personagens, grande parte das histórias bíblicas dirige-se ao leitor, exemplificando a vida de Cristo, dos apóstolos, dos profetas e de diferentes personagens da bíblia. Na história que Jesus acalma a tempestade, a redação relata de forma apropriada que enquanto os discípulos atravessavam o Mar da Galileia, e Jesus dormia, aconteceu uma grande tempestade; os discípulos ficaram preocupados e o Mestre ordenou ao mar que ele se aquietasse, com este exemplo o texto retoma a aplicação que muitos são os perigos e as tentações que nos cercam. Jesus queria experimentar a fé dos discípulos, assim como a nossa (O Pequeno Luterano, fev/1963).

Também existem recursos lúdicos, em que a redação escolhe um tema bíblico e sugere a interação da criança com o material bíblico. Em muitos momentos a redação oferece a descrição de um personagem bíblico, indicando versículos para descobrir a charada. O texto “Quem sou eu?” assim relata: nasci com grande aflição, era mendigo, encontrei um homem que me ajudou muito. Quem sou eu? Quem fez este milagre? Apresentava indicação do texto bíblico para descobrir. (O Pequeno Luterano, set-out/1960). Já o texto intitulado Quem... segundo a Bíblia, mostra perguntas de pessoas que fizeram alguma ação na Bíblia (O Pequeno Luterano, jan-fev/1962).

Ainda outro título “Quem sou eu?”, sugere apresentação diferente dos personagens bíblicos. O texto começa com o narrador dizendo que ele era um menino pastor de ovelhas e que lutou contra os perigos: um urso e um leão, mas sempre confiou em Deus. Um dia no seu país um gigante estava os ameaçando, todos fugiam, mas ele resolveu lutar apenas com uma funda, algumas pedras e um cajado. Venceu com a confiança em Deus. Também indica versículos para achar o personagem (O Pequeno Luterano, ago-set/1963)

A interlocução entre o leitor e o texto bíblico parece ser estimulada pela redação. Na verdade, pode-se dizer que há preocupação didática num saber específico: o aprendizado do manuseio do material, sem se esquecer da aplicação deste conhecimento nas práticas e na apropriação destes na educação religiosa dos leitores.

Assim, como a conduta da criança esteve relacionada com a Unidade geral do “Nacionalismo” e das “Datas cívicas”, a aplicação da história recorreu a estes temas, porque

contempla a formação do cidadão ordeiro e disciplinado. Usa em muitos momentos a história factual para endeusar heróis pátrios usando-os como exemplos a serem seguidos e aplicados na conduta das crianças. Em muitos casos, é contundente a aplicação da história em formar um caráter submisso e dar ênfase no não questionamento da ordem vigente. O simples questionar problemas políticos e sociais é rechaçado pela redação. Um dos textos que exemplifica este pensamento mescla nacionalismo e religião alinhados num mesmo projeto. O título do texto “Procurai a paz nas cidades” relata o cativo do povo judeu na Babilônia e aponta o profeta Jeremias dizendo que o povo tinha que cumprir o seu dever de cidadão. Nós também temos uma pátria, não é o céu, mas temos que respeitá-la (imagem dos mapas do Brasil). Estamos numa posição privilegiada em relação aos judeus daquele tempo, temos liberdade, por isso todos os cristãos devem ser bons cidadãos e orar muito. (imagem de mapas e do corcovado e de crianças orando). Não devemos criticar o governo, mas segundo o quarto mandamento, devemos obedecer às autoridades (Marthin Flor, O Pequeno Luterano, set/1961).

É visível o caráter ideológico deste texto, repleto de mensagens subliminares, no que tange à posição política que cada cidadão deveria assumir. Não seria conveniente o cidadão criticar o governo, caberia a ele apenas obedecer a autoridade constituída, especialmente no que se refere à ordem cívica. A preocupação das crianças religiosas seria a liberdade em professar a fé, esta crença não deveria “se misturar” com assuntos sociais e políticos. Pode-se supor que o texto é escrito num momento efervescente da política do cenário nacional, os anos 1960 estavam repletos de movimentos sociais se constituindo, entretanto, a redação da revista orienta a neutralidade e a preocupação somente com a garantia da liberdade doutrinária.

Outra história que mescla religião e nacionalismo apresenta de forma mais branda o não envolvimento do cristão nas questões políticas. A narrativa chamada “Bom Governo” conta a história de Moisés, que não conseguia julgar o povo e de Jetro, o sogro que o aconselhou a adotar o sistema de governo através da constituição de juízes. Então, a redação relaciona as próximas eleições, orientando aos leitores a votar em homens capazes, honestos e tementes a Deus. Ainda que os homens sejam bons, é melhor que sejam cristãos; também orienta as crianças a orarem a Deus por autoridades honestas (Muller, O Pequeno Luterano, set/1958).

Provavelmente a pequena mudança do enfoque poderia ser em função da mudança dos autores, que eram os editores da revista. Esta mensagem já orienta a repensar a escolha dos representantes, talvez, também, porque o movimento democrático no país exigia este comportamento, mas de qualquer modo, apresenta semelhanças no sentido de relacionar histórias bíblicas com o contexto político e aplica na conduta das crianças um comportamento passivo e voltado essencialmente ao caráter religioso. Entretanto, percebe-se que a projeção da criança em vir a ser o adulto está presente no impresso. Na verdade, a criança não votava, mas ela já estaria inserida através da educação doutrinária e cívica a manter a posição neutra e distante dos movimentos políticos e sociais.

Reforços na educação cívica e moral estão nas datas comemorativas lembradas como Dia das Mães, Dia da Árvore, Treze de maio, Dia do Trabalho. Mas o maior número de textos que busca a aplicação é a data relacionada com a maternidade. O enfoque recai sobre a atitude da criança/leitora/filho. Nestes casos, os poemas com imagens homenageando as mães são abundantes, o perfil da mãe cristã e dedicada é personificado. Um destes poemas, “Minha mãe”, de Casemiro de Abreu, é apresentado com seis versos. O poeta, que está na terra do exílio lembrando-se da mãe, fala não só da mãe, como da pátria e dos deveres do filho (O Pequeno Luterano, mai-jun/1952). Este movimento romântico da poesia brasileira é aproveitado para aplicar na conduta da criança a exaltação da figura materna e a valorização dela na vida infantil.

Outro texto que reforça a figura materna como ideal e exemplo às crianças, chama-se “O que os grandes homens disseram de suas mães”:

Lutero: Nada há mais amoroso do que o coração de uma mãe piedosa.

Abraão Lincoln (presidente dos Estados Unidos, libertador dos escravos): Recordo as orações de minha mãe e elas me têm seguido sempre; têm-me acompanhado através da vida. Tudo o que sou ou o que espero ser, devo a minha mãe angelical.

Agostinho: À minha mãe devo tudo. Se não sucumbi, há anos, no pecado e na miséria, foi graças às lágrimas com que implorava a Deus por mim (grifos da revista, O Pequeno Luterano, mai/1947, p 19).

Percebe-se na citação de biografias religiosas, exemplos de homens luteranos, ou que influenciaram o luteranismo, como Agostinho, e que valorizaram a maternidade. O ideal da mãe que é cristã e que ora em favor da felicidade dos filhos deve ser valorizado. A criança deve escutar as suas mães que são cristãs e, no futuro, quando adultas, devem ser pais e mães

cristãos. Neste sentido, o aplicar da história reflete os objetivos da revista em relação aos modos e às condutas da vida infantil.

As histórias que sugerem aplicação na conduta infantil também estão na Unidade “Conhecimento Geral”, especialmente nos conteúdos de ciências, animais e curiosidades em geral. Muitas delas relacionam os conhecimentos científicos com a religiosidade. O projeto da revista visava ao conhecimento, mas mantendo em primeiro lugar a visibilidade religiosa: a ciência deveria servir aos propósitos de Deus. Muitas curiosidades e conhecimentos exóticos relembram a obra maravilhosa da criação de Deus, ou ainda, se aplicam à formação moral da criança.

O texto que mescla ciências e religião, “No reino das Plantas”, é um bom exemplo para esta análise: Um ateu negava a existência de Deus, mas quando enxergou um lírio branco em flor se convenceu que Deus existia. Um preso na época de Napoleão chamado Charney era ateu e ficou preso, por um acaso uma plantinha começou a brotar, então começou a acreditar em Deus. Ele acreditava que tudo vinha por acaso, depois disso ele mudou de ideia (O Pequeno Luterano, out/1956). Por vezes, aparecem lendas para reforçar o conhecimento das ciências e da natureza, porém, não desconexo da obra de Deus. A história “A lenda da Via Láctea” conta que as estrelas foram colocadas no céu, depois é que Deus colocou um semeador, e os anjos não viram que o saco estava furado e formou um caminho chamado de Via Láctea, esta história bonita e divertida serve para lembrar a criação de Deus (O Pequeno Luterano, out-nov/1964). Este texto revela aspectos lúdicos para a criança não esquecer o conhecimento das ciências e ainda aproveita aspectos religiosos, reforçando a magnitude da obra divina. Inúmeras histórias possuem esta conotação e revelam a preocupação da revista em formar as crianças no conhecimento das ciências em geral, sem, no entanto, deixar de agregar valores religiosos.

Na aplicação do conhecimento geral aparecem regras de conduta e de comportamento, em relação à higiene, aos modos de comer, de se relacionar, enfim, às regras de civilidade. Também há regras do uso de leituras, como no texto denominado “O que diz o livro”:

Sou um dos seus melhores amigos. [...] Eu lhe levo a todos os países a passeios agradáveis, sem você se cansar e não cobro muito dinheiro. Podem meus leitorzinhos fazer uma viagem ao redor do mundo comigo. Eu lhes ensino as cousas mais belas da natureza. Falo das flores, da música, dos grandes homens, do passado e do presente. [...] Faço poucas exigências. Não gosto que me sujem nem que dobrem minhas páginas. [...] Ajudo a criança a ficar inteligente, interessante e culta. Auxilio-a a conversar com agrado e a

fazer mais amigos. Sou teu amigo, pequeno leitor. Queres tu ser também, o meu? (O Pequeno Luterano, mar-jun/ 1945, p 21).

Enfatizando a formação da criança leitora, estimula a leitura de livros em geral, acentuando a formação do hábito de leitura, com isso, fortalecendo a leitura da revista. Enfatiza o cuidado com o livro, formando o comportamento infantil em relação ao material impresso. O enfoque da aplicação do texto está em demonstrar as vantagens de ser uma criança leitora, isto a influenciará nas relações afetivas e nos laços de amizade. O questionamento ao final incita a intimidade do hábito de ler, um projeto a todo o momento reforçado pela revista, que necessita de leitores infantis.

Em relação à Unidade Contato leitor-revista e a Subunidade Aplicação da história, em geral são textos em que as crianças leitoras se corresponderam com a revista contando histórias em forma de fábulas e de lição de moral. Outros textos são campanhas realizadas pela edição da revista propondo redações às crianças ou envolvendo-as em projetos de assistência e de doações.

Uma história enviada por um leitor infantil que possui aplicação com fundo moral é de um dos entrevistados da pesquisa, Armindo Wienke⁶⁹. Ele conta a história chamada “O filho ingrato”: Augusto era um filho muito ingrato, quando ele estava casado, o seu pai foi visitá-lo, este sempre dera tudo a ele, quando Augusto viu que seu pai ia vir, ele e sua mulher esconderam o frango, o pai entrou, quando trouxeram o frango tinha se transformado em um monstro, ia lhe devorar por causa da ingratidão, no final da história o leitor aplica e retoma o quarto mandamento. (Armindo Wienke, O Pequeno Luterano, mai-jun/1952). É interessante notar a relação que o leitor faz para aplicar um comportamento que é tão valorizado nas páginas da revista: a obediência aos pais. A história traz uma aplicação moral e religiosa. Pode-se supor que a apropriação⁷⁰ do leitor pelo conteúdo da revista surtiu efeito. Os leitores ao contar histórias buscavam partilhar os conhecimentos religiosos, doutrinários e morais veiculados pela revista. Torna-se uma via de mão dupla, o impresso circula o ideário proposto e busca aplicá-lo, e os leitores na interlocução com o impresso retomam e reproduzem histórias aceitáveis pela edição e pelo público leitor.

Entretanto, retomando as discussões de Chartier acerca da apropriação da leitura, os textos permitem leituras múltiplas. A apreensão de leitores deve ser relacionada a redes

⁶⁹ Entrevista realizada dia 22/06/2009.

⁷⁰ Refere-se aqui ao sentido de apropriação do conceito de Roger Chartier, não somente a apropriação passiva e unilateral, mas com os efeitos possíveis de construção do leitor e as nuances de relação com a revista.

contraditórias das utilizações que os constituíram historicamente. Cada situação de escritura ou cada gênero tem a sua especificidade, uma relação e uma diferença. O real não é somente como o texto é apresentado graficamente, mas se constitui da percepção e das táticas de quem lê, assim como das estratégias de produção de quem faz/escreve (CERTEAU, 2011).

No caso desta pesquisa, os assinantes da revista estão estrategicamente permeados por uma comunidade de leitores que são instruídos para ler um determinado tipo de leitura. Neste sentido, se encontra um questionamento de Chartier:

[...] Se cada leitura realizada por cada leitor é, na verdade, uma criação secreta e singular, será ainda possível organizar essa pluralidade indistinguível de atos individuais com base em regularidades comuns? Será até mesmo possível imaginar algo correto a respeito disso? Como poderemos considerar, ao mesmo tempo, a irreduzível liberdade dos leitores e as coerções que têm por objetivo reprimir essa liberdade? (CHARTIER, 1992, p. 214).

O questionamento do autor é pertinente, pois, à primeira vista, a leitura aparenta um ato meramente introspectivo e individual. Muitos estudos apontam que as práticas de leitura são permeadas entre o ato de recepção e apropriação individual com um ato coletivo de comunidades de leitores, legitimados por membros que compartilham os mesmos estilos e apropriação de leitura.

Assim, conforme os modos de leitura são construídos historicamente e socialmente, as suas práticas também terão diferentes formas e significados, dependendo das relações sociais. As comunidades étnicas compartilham, muitas vezes, os mesmos estilos de leitura, ainda mais orientadas por uma instituição luterana, em que o estudo da Bíblia e da doutrina representam um dos pontos fortes da religiosidade.

Outro contato parte de uma composição conjunta da turma do 5º ano do município de Novo Hamburgo/RS. Estimulada pela redação da revista, estas práticas de envio de correspondências e histórias era muito comum. O título é “Vamos cooperar com o Pequeno Luterano”, e os leitores/alunos contam a história de Aninha que vive na região colonial, o seu pai pediu que ela trabalhasse na roça, mas ela resolveu descansar, então quando voltava para casa viu que ia ser atacada por um animal, ela tinha adormecido, era somente um sonho, mas na realidade as formigas estavam avançando sobre os seus pés. As formigas fizeram Aninha compreender que precisamos cumprir os nossos deveres, porque ela não tinha cumprido com a sua obrigação (O Pequeno Luterano, out/1962).

Estes aspectos educativos na aplicação de histórias se refletem nas orientações que a escola paroquial deveria ter em relação à criança aluna/leitora/cristã. A escola paroquial, na interlocução com a revista, orientada, provavelmente, pelos professores, compunha histórias que reforçavam a aplicabilidade de condutas desejáveis, como obediência e disciplina. Também reforçava a relação da escola com a religião e doutrina. O texto abaixo menciona o engajamento das práticas infantis se espelhando no modelo cristão:

Jesus teu guia

Ao chegar este número do Pequeno Luterano às tuas mãos estarás em plena atividade escolar. Diariamente deves preparar e estudar as lições. Deves fazê-lo gostosamente e com prazer. Queres assim servir a Deus, agradar e obedecer aos pais, mestres e demais superiores e viver em paz e harmonia com os colegas, estas são virtudes de um coração crente. – Certamente queres ter estas virtudes e qualidades. Então, toma Jesus como teu guia. Imita-o na tua vida. Ele, na sua infância, aprendeu na escola os mandamentos de seu Pai Celestial.[...] (O Pequeno Luterano, jun/1965, p 5).

O excerto faz o leitor lembrar a sua condição de aluno da escola paroquial, chama atenção ao exemplo da infância de Cristo, orientando o leitor para que ele cumpra as suas obrigações e deveres como cristão e como cidadão, incentivando-o a ter atitudes de docilidade e submissão. Logo em seguida, no mesmo excerto, a redação questiona o leitor proporcionando um auto exame dos atos das crianças em relação ao seu aprendizado escolar e religioso

[...] Estudas bem a História Bíblica e o Catecismo? Dás também respostas satisfatórias? Ou magoas o teu mestre com a tua preguiça? Isto seja longe de ti. Procedendo assim magoas a Jesus, teu querido mestre e guia. Pede perdão de tua falta e com dobrado ardor estuda as tuas lições. [...] Um aluno que não se aplica ao estudo da religião não conseguirá aprovação em outras matérias. Experimenta-o. Bem sabes que obra Lutero realizou. Ele restaurou em nós a verdade bíblica obscurecida pela igreja papal. Lutero alcançou isto pela oração. Duas horas ele orava diariamente. Quanto tempo tu oras por dia? [...](O Pequeno Luterano, jun/1965, p 5).

O texto compara a obediência ao professor com a obediência a Jesus, as perguntas dirigidas reforçam o aprendizado de conhecimentos religiosos, estes ficando em primeiro lugar. Retoma a doutrina luterana que se opõe ao catolicismo, insere a disciplina específica do tempo nas práticas de oração, ao aplicar o exemplo de Cristo e Lutero na vida escolar e religiosa das crianças. O entrelaçamento entre estes dois campos – escola e igreja – se acentuam nos textos da revista, entretanto, na realidade, as escolas paroquiais haviam perdido

espaço para as escolas públicas,⁷¹ por isso, talvez, a mensagem na revista em relação à educação escolar precisasse reforçar a importância da aplicação e interesse pela Bíblia e catecismo.

O projeto da revista neste capítulo parece ter visado à projeção do futuro aluno/leitor/criança/cidadão. Estes diferentes modos de ser não vinham fragmentados, mas apareciam na projeção do futuro em elementos das mensagens da revista: o controle e a circunscrição da conduta infantil e o uso das mensagens como aplicáveis a este modo de comportamento desejável.

⁷¹ Segundo dados das Crônicas da Igreja (1979), os números de alunos paroquiais estavam em decréscimo na década de 1960, em oposição crescente ao número de crianças que frequentavam as escolas dominicais. Para isso, a instituição precisava investir em formas diferenciadas de educação das crianças.

Aprender/ formar e moldar/ catequizar: a revista nos conteúdos religiosos, seculares e ideológicos

PEQUENO LUTERANO

O XXII JULHO / AGOSTO - 1961 Nº 1 e 2



Sigamos, pois, o bom Senhor
Alegres e confiantes.
Sempre prostemos sem temor
As horas mais cruciantes.
Quem fugir à luta aqui, perdena
O prêmio eterno lá no céu. (234.T)

PATRIOTISMO AÇÃO

O patriotismo, como verdadeiro, não se manifesta em mentes passivas, em desejos vãos, e sim, na atividade silenciosa, fiel e perseverante dentro do lar, da comunidade, no trabalho em que Deus nos põe. Não se trata de querer que alguém, possa vencer quem não se vence a si mesmo.

O soldado no campo de batalha

O carpinteiro, com labor exaustivo

O professor, trabalhando na escola

O trabalhador, com árduo trabalho

O médico, atendendo o doente

O professor, orientando o estudante

O agricultor, trabalhando a terra

A mãe, fazendo a refeição

A mãe, fazendo a refeição

Se não houver um espírito, unido com amor e entusiasmo, não há vitória. Não há vitória sem amor e entusiasmo. Não há vitória sem amor e entusiasmo.

Se não houver um espírito, unido com amor e entusiasmo, não há vitória. Não há vitória sem amor e entusiasmo. Não há vitória sem amor e entusiasmo.

Figura 10 - Revista O Pequeno Luterano- Rogamos, pois... jul/ago, 1961.

Figura 11- Revista O Pequeno Luterano- Patriotismo- Ação. set/1961. (ilustração interna, p. 10)

4- APRENDER/FORMAR E MOLDAR/CATEQUIZAR: A REVISTA NOS CONTEÚDOS RELIGIOSOS, SECULARES E IDEOLÓGICOS

4.1 ASPECTOS RELIGIOSOS

4.1.1 Doutrina e Bíblia

Como já mencionado, a conduta das crianças e a aplicabilidade das histórias de moral e religiosas tinham como fundamento estabelecer bases doutrinárias para estas crianças serem educadas. O impresso mostra através de seus textos a importância da doutrina. Muitas Subunidades como “Doutrina” e “Bíblia” estão circunscritas na abrangência de conteúdos religiosos e doutrinários e estão estritamente relacionadas com as Unidades gerais: Festas Religiosas, Histórias Bíblicas e Lição de Moral.

Em quase todas essas histórias a explicação doutrinária tem o seu lugar privilegiado nas páginas do impresso. Algumas vezes quando o aprofundamento é maior, questiona-se se as crianças entenderiam os textos complexos⁷². Em muitos momentos a redação sugere aos alunos que peçam a explicação do professor e do pastor e que leiam várias vezes a revista. Orientam as crianças para não pensar a revista somente como uma forma de entretenimento, mas como um veículo que possa auxiliar no conhecimento bíblico doutrinário.

Praticamente todas as Unidades Histórias Bíblicas e Festas Religiosas estão envoltas em aspectos doutrinários. Estes seriam os princípios reforçados pela própria instituição do Sínodo de Missouri: a instituição religiosa acredita na pureza doutrinária e apregoa aos fiéis esta ideia. Para esta pureza doutrinária se sustentar seria necessário educar os participantes nos conhecimentos religiosos, os quais estão contemplados nas páginas do impresso.

As histórias bíblicas são usadas como ilustração para aprofundar determinado conhecimento doutrinário. A história de Jesus pode parecer simples, mas mantém interlocução na educação das crianças.

Jesus apazigua a tempestade

Que menino luterano haverá que não conheça esta linda história bíblica? Quantas já ouvistes da boca do vosso professor ou da vossa professora, prestando toda a atenção às explicações tocante a esta história? Quantas vezes já não ficastes maravilhados como se maravilhamos os queridos discípulos, pensando ou dizendo: “Que homem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem? Sim: Quem é este que até os ventos e o mar lhe

⁷² Alguns dos entrevistados, leitores, professores e editores, relataram que a revista era usada para explicações doutrinárias.

obedecem? – Este é Jesus Nazareno, o Deus- Homem. Dele confessamos o segundo artigo do Credo cristão:...”Jesus Cristo, verdadeiro Deus,...e também verdadeiro homem”. Jesus é aquele que de si mesmo diz e pode dizer: “É me dado todo o poder no céu e na terra” (O Pequeno Luterano, ago-set/1942, p. 35).

A redação dirige-se ao leitor considerando como práticas comuns ouvir as histórias bíblicas na escola. Enfatiza a necessidade da explicação destas histórias, incentiva a gostarem destas histórias e a aprenderem a compreender os fundamentos doutrinários. A doutrina central será acreditar em Jesus como Salvador e na graça concedida aos homens.

Na Unidade geral “Festas religiosas” o espírito doutrinário se fortalece na menção das principais datas cristãs e luteranas. Junto a tais datas, vem a explicação e aplicação doutrinária desses conhecimentos. A festa religiosa para as crianças não deve ser somente um evento lúdico, uma vez que devem aprender desde cedo a profundidade da doutrina na lembrança destas datas. Um excerto sobre a Páscoa ilustra bem essa discussão. A história “ Feliz Páscoa” diz que o domingo da páscoa deve ser exaltado porque tem grande importância, é mais importante que o Natal. São muito importantes os ensinamentos do pastor e do professor ensinando quem era Jesus, que ele morreu, ressuscitou e saiu do túmulo onde estava sepultado. Finaliza com a saudação de Feliz Páscoa (O Pequeno Luterano, mar/1963).

Assim como estas histórias, as demais festas religiosas são permeadas por explicações doutrinárias, em especial, como já foi comentado, sobre a obra e a vida de Lutero. Há a preocupação em contar a vida do reformador, valorizando todos os detalhes e explicitando a constituição doutrinária que a instituição acredita.

A doutrina se faz presente em histórias de Lição de Moral, apontando fábulas infantis que devem ensinar e orientar as crianças no conhecimento doutrinário. A história “Bons frutos” auxilia nessa reflexão. Um menino perguntou ao pai o que era enxerto, ele disse que era a melhor parte da planta, assim uma árvore ruim pode dar bons frutos favorecida pelo enxerto, finaliza enfatizando que todos nós podemos produzir bons frutos através da salvação de Cristo (O Pequeno Luterano, mar-abr/1943).

Com essas histórias fáceis e do cotidiano da criança era possível explicar as questões doutrinárias. O impresso edita histórias lúdicas, identificadas com o universo infantil para colaborar na formação religiosa das crianças. Eles projetam a educação infantil no futuro, mas pensam no presente como esta criança está sendo educada. Então, em relação à apreensão de elementos da doutrina, não há descuidos, mas cuidados meticulosos, estratégias bem

formuladas, mesmo dentro do contexto da revista, que por diversas vezes manifestou problemas, como trocas de editores e atrasos dos números.

A doutrina e o conhecimento bíblico são valorizados na interlocução da revista com o leitor em assuntos referentes às escolas paroquiais, às notícias da igreja e à redação da revista. A preocupação com as escolas paroquiais tem significativo espaço no impresso. Os professores mantinham interlocução, seja para estimular os alunos a escrever na revista, como também para reivindicar melhorias. Um dos textos expõe claramente os objetivos da revista, assentado na preocupação da doutrina e em sua disseminação, que compensaria qualquer problema estrutural.

Um apelo aos pastores e professores

No Pequeno Luterano procuramos honrar a Deus Pai que não somente nos criou, sustenta e governa maravilhosamente, mas que ainda nos deu seu Filho unigênito como prova de garantia do amor que tem aos seus antigos inimigos. [...] Ademais procuramos conduzir os pequenos leitores de nossa revistinha ao Senhor, Rocha nossa, e conservá-los junto a Ele. São a nossa doutrina e admoestação do Senhor que lhes queremos oferecer antes de tudo. Claro, também queremos-lhe dar outra matéria de leitura, tirada da história universal, do reino da natureza e da vida diária, mas tudo útil e edificante (O Pequeno Luterano, George Muller, fev-mar/1957, p. 9).

Logo em seguida a redação coloca o propósito do apelo a partir desta explicação doutrinária inicial, o descontentamento de um docente:

[...] Soubemos que um de nossos professores, aborrecido com a publicação irregular e tardia do Pequeno Luterano, cancelou todas as assinaturas da sua escola. E eram muitas. Lamentamos muito que tempos atrás nosso periódico apareceu com grande irregularidade, mas cremos que nos dois anos passados este mal foi corrigido. Apelamos, pois aos irmãos pastores e professores que cooperem conosco, angariando tantas assinaturas quanto possível a fim de que o periódico possa terminar o ano sem dívidas. [...] Está claro que sempre receberemos com gosto sugestões para eventuais melhoramentos, bons artigos, - contribuições convenientes, enfim (O Pequeno Luterano, George Muller, fev-mar/1957, p. 9).

Pode-se perceber a importância e a força dos professores e dos pastores na circulação da revista, sem eles, o projeto estaria falho, como mostra a edição, necessitando de apoio. Fica claro que os professores influenciavam os leitores, e a edição se dirige também a eles, para que compreendessem os momentos difíceis e tivessem consciência da importância doutrinária do impresso na própria comunidade. Fica evidente as diferentes estratégias de

ampliar a circulação da revista e, neste caso, as táticas dos professores em pressionar a redação, suspendendo as assinaturas se os problemas persistissem.

Chama atenção o entrelaçamento do projeto escolar com a revista, mas aponta, em outros momentos, como o do enfraquecimento das escolas paroquiais, estratégias de envolvimento especificamente com a igreja. Por isso, a partir da década de 1960, a Unidade “Notícias da Igreja” se constitui, porque aborda as questões doutrinárias a partir de relatos da história e formação da igreja luterana (Marthin Flor, *O Pequeno Luterano*, mar-abr; jul-ago; nov- dez/1961) e esclarece o funcionamento organizacional (Muller, *O Pequeno Luterano*, set-out/1960). Estes assuntos são trazidos a fim de oferecer conhecimento relevante às crianças, porque através das informações administrativas e histórias da instituição igreja o envolvimento infantil e, conseqüentemente, familiar, estaria mantido.

4.1.2 Luteranismo

A Subunidade “Luteranismo” se relaciona por diversas vezes com a doutrina, visto que a doutrina luterana era a condutora da igreja e da edição do impresso. Constituiu-se esta Subunidade ao perceber-se a ênfase nos valores históricos e religiosos da questão luterana, entendida para a organização sinodal do Missouri, como a confissão de uma “verdadeira fé luterana”. Obviamente, a temática de maior recorrência seria nos conteúdos religiosos e doutrinários, representados pelas festas religiosas e histórias bíblicas. Estes eixos privilegiavam textos em que o luteranismo poderia ser explicado. No eixo das Festas religiosas, praticamente todos os textos estão relacionados com as histórias de Lutero. Especificamente em todas as edições mensais ou bimestrais de 1954 a 1960, conta-se a história da vida de Lutero de forma linear, a sua infância, a educação familiar e escolar, a vida de monge, a rebeldia contra a igreja, os concílios, o seu casamento, os seus filhos, até a sua morte. Nos demais períodos analisados do impresso, nos meses de outubro, fazia-se homenagem à figura de Lutero e ainda contava-se histórias e curiosidades ligadas a sua biografia.

A figura de Lutero é tomada como ponto central na formação e educação das crianças. Os aspectos ressaltados ficavam por conta da tradução da Bíblia, da importância do catecismo. Num texto traduzido pelo editor George Muller, conta-se a valorização do feito de Lutero em popularizar o uso da Bíblia:

Foi em 1517 que o Doutor Lutero traduziu o primeiro trecho da Escritura: eram 7 salmos de arrependimento. Daí em diante trabalhou 17 longos anos

com zelo ferrenho dedicando todo o tempo disponível à obra para concluir a gigantesca tarefa. . [...] Lutero lia a versão que ele havia preparado pessoalmente e então dava a palavra aos amigos para poderem exprimir suas opiniões pró ou contra a tradução proposta. Lutero sempre queria exprimir o sentido da Bíblia com palavras mais claras, de fácil compreensão para todos. Vós crianças não fazeis idéia das dificuldades que os tradutores enfrentaram nos livros de Jó e de certos profetas. Lutero as vezes refletia um mês inteiro sobre uma única palavra e interrogava outras pessoas sobre a melhor maneira de traduzi-la. [...] (George Muller, O Pequeno Luterano, mar-abr/1959, p.4-5).

A narrativa em detalhar a história da tradução da Bíblia, coloca a figura de Lutero como o doutor que se aprofundou neste conhecimento e se preocupou com o acesso ao livro sagrado. A constituição do luteranismo é contada e recontada nas páginas do impresso, e com isso objetivava-se fazer as crianças conhecerem e entenderem a formação da igreja. Ao colocar o zelo do reformador no texto, chama os leitores a valorizar este conhecimento que se tem agora e buscar apropriar-se dele.

Por meio da disseminação e reforço do luteranismo, as histórias bíblicas também contavam com elementos doutrinários luteranos. Há relações das histórias da bíblia com a constituição doutrinária luterana. Na história denominada “Jesus ajuda pescadores” se retoma a passagem bíblica em que os discípulos lançaram as redes e relata que o poder de Jesus se fez presente quando ele esteve aqui na terra: quatro pescadores lançaram as suas redes e não conseguiram peixes, mas quando o Mestre se aproximou da praia e mandou lançar as redes, logo ela se encheu de peixes; Pedro caiu de joelhos e disse que eles deveriam ser pescadores de homens. No final, os questionamentos ao leitor reforçam os ideais do luteranismo:

Que espécie de trabalho caro leitorzinho, pensa que Deus quer que você faça? Não gostaria de ser também quando homem, um pescador de homens, um ministro da palavra ou um professor? Se te decidires, mais tarde, a ser pastor, terás escolhido a profissão mais nobre que existe. Que Deus te ilumine com sabedoria quando deverás tomar uma decisão neste sentido (O Pequeno Luterano, ago/1962, p. 2).

A partir do exemplo da história bíblica de Jesus e dos seus discípulos como pescadores, o leitor é convidado a refletir sobre a possibilidade de trabalhar como pastor e/ou professor. Importante perceber que estas duas profissões se igualam, neste contexto, em importância, ambas realizam o trabalho de educação e orientação para os princípios luteranos.

A projeção do futuro das crianças aparece novamente na revista, numa forma de conduzir suas as escolhas, especialmente, na condução de decisões que se aproximem dos ideais da igreja.

Nas explicações doutrinárias é importante delimitar o que a instituição entendia por ser luterano. Orientar as crianças nesta perspectiva se tornava crucial, daí a necessidade de contar e recontar a história da igreja e de Lutero. Mas muitos textos são bem específicos questionando com o título “Verdadeiro Luterano?”:

O rev. George Crist era um dos pastores da Igreja Luterana Unida na América do Norte. Disse que Jesus Cristo não ressuscitou dos mortos... [...] e ainda teve a coragem de se chamar ‘luterano’. [...] Qualquer pastor, professor ou membro regular da Igreja Luterana que nega doutrinas da Bíblia deve ser excluído da mesma [...] (O Pequeno Luterano, Muller, out/1965, p. 6).

A narrativa expõe a preocupação da revista em educar o leitor luterano a identificar as diferentes doutrinas. Para se ter o entendimento de ser “verdadeiro luterano” seria necessário conhecer profundamente a fundamentação doutrinária. Por isso, determinados preceitos seriam cruciais na formação deste conhecimento, como as Subunidades abaixo relacionadas.

4.1.3 Confiança em Deus

Na maioria das vezes, as histórias bíblicas são resumidas e orienta-se a importância na confiança em Deus.

Com as histórias infantis em forma de fábulas, o impresso apresenta a mensagem final: a confiança em Deus. Essas histórias servem para reforçar os valores religiosos e doutrinários das crianças, mesclados com os valores morais. Um exemplo interessante é o da história “As pérolas”, que conta sobre um beduíno que se perdeu no deserto. Ele estava faminto e achou um saco pensando ser feijão, mas eram pérolas, ele ficou muito triste e orou a Deus com muita confiança, então apareceu o homem que havia perdido as pérolas e salvou o beduíno, dando-lhe comida e água (O Pequeno Luterano, jan-fev, 1946).

Nos momentos difíceis e perigosos a confiança em Deus deve ser exercida, assim como nos momentos da doença, como na história “O ferrão da abelha”, em que uma menina estava enferma à beira da morte. O pastor foi visitá-la e lhe perguntou se estava com medo, ela disse que confiava em Jesus e que a morte seria como um ferrão de abelha, ela seria mordida, mas ele ficaria ali. Assim Jesus nos protege do medo da morte (O Pequeno Luterano, jan-fev/1961). Muitas histórias de enfermidades e doenças são contadas para reforçar as atitudes das crianças em ter confiança em Deus.

Além das histórias com exemplos e lições, as histórias bíblicas usam como fundo ilustrativo o enredo da história para apregoar a necessidade da confiança em Deus. Um dos

excertos explica a proteção dos anjos, subsidiada com indicação de passagens bíblicas que comprovem o assunto. Através destes exemplos, a redação dirige-se ao leitor, questionando-o:

Quase todo cristão sabe contar da sua vida passagens de proteção dos santos anjos em situações perigosos. Meu caro leitorzinho, se os santos anjos não tivessem sustentado nas tuas mãos, não estarias hoje sadio em companhia dos que te são caros (O Pequeno Luterano, set/1943, p. 34).

A apropriação do conhecimento bíblico e doutrinário serve para valorizar essa confiança em Deus, que deve ser traduzida em atitudes de agradecimento. A história intitulada “Do atendimento da oração”, uma passagem longa e com grande aprofundamento doutrinário, explica o que significa a palavra Amém. Conta com a explicação de Lutero no catecismo e, ao final, convida o leitor para que ore, cita versículos e reforça que todos estão cercados de coisas erradas, mas que Deus aceita e ouve as orações (O Pequeno Luterano, C. H. Morris, out/1957). Assim, a confiança em Deus é colocada em muitas histórias bíblicas e, da mesma forma, nas histórias de festas religiosas.

Deste modo, as crianças conheceriam a Bíblia, os valores e teriam conhecimento para testemunhar a doutrina e a fé e poderiam divulgar a confiança através do exemplo e da aprendizagem da Bíblia e do catecismo.

4.1.4 Virtudes

Esta foi constituída a partir dos valores orientados pela edição da revista. Se a conduta da criança precisa ser moldada e conduzida, princípios virtuosos devem fazer parte das leituras e estar presente na comunidade de leitores. À preparação da vida futura do fiel luterano seria necessário o cultivo de determinados valores que aqui são chamados de “Virtudes”. Ao analisar esta Subunidade, percebe-se que a maior recorrência está nos conteúdos religiosos e doutrinários, representados pelas Histórias Bíblicas e Festas Religiosas e, ainda, nas Datas Cívicas, que fazem parte dos conteúdos de conhecimento secular e ideológico.

Não poderia deixar de ser recorrente nestas temáticas, sendo a virtude religiosa e cristã enfatizada nas páginas do periódico. Tratando-se das datas cívicas, a virtude civil e moral do cidadão era uma das preocupações proeminentes do projeto educativo expresso pela revista.

Ao relembrar as datas importantes, tanto àquelas alusivas à família – Dia das Mães, Dia dos Pais e Dia das Crianças –, como as datas nacionais, a abordagem das mensagens

vinham carregadas de apelo moral e patriótico. Neste sentido, evocavam-se as virtudes que deveriam ser incorporadas pelos leitores.

A educação das crianças para a apropriação de virtudes era um trabalho meticuloso e detalhado. Não era qualquer virtude a ser trabalhada, mas virtudes que reforçavam o projeto educativo do Sínodo, expresso pela revista. Em relação à formação do cidadão, o enfoque se dava no cumprimento fiel dos deveres, cercado por valores patrióticos e ufanistas. O título “O futuro soldado”, em forma de poema, expressa bem estas idéias. Abaixo a reprodução de alguns versos:

O futuro oficial

1. Sou pequeno, sou criança! / Mas um dia hei de crescer!/Desde já tenho esperança/ De que soldado vou ser.
2. Toda a força a meu comando/ Muita vez desfilará,/Ao tambor que vai rufando/ E ao clarim: - Tralalalá! [...]
1. Quero ser de minha Pátria/ Valoroso defensor/ Marcharei sob a bandeira/ Sempre que preciso for!
2. Companheiros! Eia! Avante!/ Que ouviremos desde já,/Da corneta o som vibrante: / -Tralalalá! Tralalalá! (J. B. Mello e Souza, O Pequeno Luterano, jul-ago/1946, p. 31).

Em forma de brincadeira e com a linguagem infantil, os versos expressam o conteúdo ideológico da época. Era o auge do movimento da campanha de nacionalização do Estado Novo, e a revista fazia questão de mostrar nos seus conteúdos o apoio a ideias de patriotismo e civismo, sempre com certo tom ufanista. Além disso, a formação da criança seria permeada por comportamentos virtuosos em relação aos deveres pátrios. Neste sentido, o projeto religioso se alinhava, em muitos momentos, com o projeto cívico e moral desta política. Com isso, conseguia-se apaziguar a liberação da circulação de impressos religiosos, como é caso da revista “O Pequeno Luterano” e, ao mesmo tempo, estas ideias colaborariam para o próprio projeto educativo e formador das camadas infantis.

Do mesmo modo, mas direcionado para aspectos religiosos e doutrinários, as atitudes virtuosas são recorrentes nas histórias bíblicas, e mais ainda nos textos de Lição de moral.

Os textos com fundo moral prevêm explicitar comportamentos e atitudes virtuosas a partir de suas histórias, muitas vezes centradas em personagens que servem como modelo e correção. Um dos textos corrobora a apropriação feita pela revista das ideias da campanha de Estado Novo. Ele é retirado da Cartilha do Povo, livro editado especificamente para ser usado nas escolas, no intuito de disseminar os ideais de Vargas.

A história relata que viajantes passavam pelo caminho e tinham uma pedra como estorvo. Todos reclamavam e um se cansou de ouvir resmungos e disse que todos deveriam ajudar a retirar a pedra, então o caminho ficou livre. (Cartilha do Povo, O Pequeno Luterano, jan-fev/1943). Os ideais de cooperação e ajuda mútua faziam parte do projeto nacionalista de Vargas, qualquer discordância ou resistência poderia ser considerada como a quebra de compartilhamento deste projeto.

Pode-se considerar o governo Vargas com um alto grau de populismo, legitimado pela ameaça das guerras e pelo medo ao comunismo. De acordo com o trabalho de Maria Helena Capelato (1998) sobre a propaganda de governos populistas como Vargas e Perón, a necessidade de implantar uma nova ordem no país não se daria sem um investimento massivo em propagandas de cunho nacionalista.

Inicialmente eram enfatizadas as grandes festas nacionais induzidas pelos órgãos públicos, representando assim o nascimento de uma nova ordem. Muitos estudos consideram que a propaganda do Estado Novo teve sua inspiração na Europa, nos governos nazistas e fascistas. Neste tipo de publicidade havia um grande apelo à emoção, à sensibilidade e à exaltação dos sentimentos com um forte planejamento e assistência dos órgãos oficiais (CAPELATO, 1998).

A revista na década de 1940 reforçou este ideário para corroborar o seu próprio projeto educativo, reforçando na criança a necessidade de conservar virtudes, o que não incluía objeções, contestações, nem posição crítica à realidade. Mas segundo este projeto, a passividade e o trabalho virtuoso seriam os caminhos para conciliar atitudes cristãs e morais. Não se quer dizer que as crianças teriam incorporado totalmente essa formação, elas certamente, poderiam usar de táticas e escapes aos discursos e mensagens do próprio impresso. A própria leitura e erudição podem criar mecanismos de reflexão que possibilitem tomar outras atitudes que não foram planejadas por determinada instituição. O depoimento de Donaldo Schuller, aluno do seminário na década de 1940, reforça a politização no meio estudantil, mesmo não sendo objetivo da instituição:

[...] pois bem a minha vida de seminário eu entrei em 45, depois da segunda mundial, os professores não eram politizados, mas a politização no núcleo estudantil era muito boa, foi um período de culto ao Getúlio Vargas, então o getulismo era muito forte, mas, enfim, falava-se sobre tudo, nós líamos Kant, tínhamos contato com as idéias de Karl Marx, líamos os existencialistas, de sorte, mas isso fora do currículo escolar, mas o seminário propiciava isso, então nós criamos um núcleo de leitura e de convívio, etc, que a gente estava lá, não podia fazer outra coisa, então discutia até as altas

horas da noite, pra mim a experiência de internato foi fundamental (Entrevista Donald Schuller, concedida em 26/07/2011).

O projeto educacional do Sínodo de Missouri, tanto na formação de pastores e professores, quanto ao objetivo educacional da revista “O Pequeno Luterano” consistia em estabelecer a formação moral e religiosa dos leitores, com desvinculação política. Entretanto, fica claro que nem sempre o projeto pretendido conseguiria se efetivar, pois o controle poderia ser provisório e dinâmico. Pode-se confirmar, através dos dados aqui coletados, o esforço e as tentativas em circunscrever os leitores/fiéis/alunos nesta perspectiva.

O empenho na realização deste projeto é visivelmente expresso nas mensagens e narrativas que englobam a Lição de Moral. Um excerto emblemático denomina-se “Sempre eu”, que ilustrado por uma história, reforça ao leitor a necessidade de realizar uma constante reflexão:

“Sempre eu”

Conheci um menino, que teve o apelido “Sempre Eu”. E por quê? Quando a sua mãe chamava pela janela ‘Antônio, traga lenha!’ fez ele uma cara desapontada e dizia: ‘Já outra vez, sempre eu, só eu !’[...] Posso te perguntar leitorzinho, não és também um ‘Sempre Eu’? Não fazes uma careta quando alguém pede um favor de ti? [...] Talvez não o pratiques dum modo tão grosseiro como o nosso ‘Sempre Eu’. Talvez ages duma maneira mais disfarçada. Preferes dizer ‘logo...só quero...’! Durante os teus brinquedos com a boneca, a mãe te manda fazer um serviço. Responder talvez: ‘Logo, só quero aprontar minha boneca’! Em outra oportunidade ouves: ‘Vem fazer os exercícios para a escola!’ Tua resposta é: ‘Ó mãezinha, logo, só quero terminar este jogo’. [...] Pretendes de recompensar o amor dos teus pais com estas respostas? Certamente não queres ser tão ingrato. [...] Por isso desejo que te examines a este respeito. Isto será muito proveitoso para ti. Jesus olhar-te-á com benevolência. Não gostarias de aprender a servir sem murmuração? Reflete sobre o assunto (O Pequeno Luterano, fev/1944, p. 6).

Num primeiro momento o texto expõe atitudes não aceitáveis de um menino, em seguida, dirige-se ao leitor, especificando situações que as crianças poderiam ter com a sua família, e assim também serem identificadas com o exemplo acima, para que no final a reflexão e o autoexame possam ser realizados. As virtudes seriam observadas através de exemplos negativos, para serem conhecidos e, assim, possivelmente corrigidos. Mas a correção e a busca de virtudes só se dariam a partir do conhecimento das condutas desejáveis. Muitas histórias apontam exemplos considerados positivos para a redação da

revista, mas as histórias negativas serviam para reforçar a vergonha e a lástima em ter esta conduta, propiciando a autoanálise das crianças.

Da mesma forma, em relação às histórias da Bíblia, muitas relembram personagens considerados virtuosos, mas também alguns que possuem comportamentos contrários à virtude. As histórias são lembradas nas páginas do impresso para reforçar o que é a má conduta. A história “Vai bem meu filho”? conta a vida de Davi, rei de Israel, cujo filho era orgulhoso e se rebelou contra o pai. Mesmo assim, Davi sempre se preocupava, até que ele morreu e Davi ficou muito triste. No final dirige-se ao leitor lembrando-o de considerar os seus pais, sendo sempre verdadeiros e cordeiros de Jesus (adaptado por Wanda Linden, O Pequeno Luterano, out/1963). O exemplo bíblico de Absalão, filho de Davi, em não aceitar os ensinamentos do pai é considerado uma atitude errada e as crianças devem observar bem a virtude da obediência aos superiores: pais, professores e pastores. Poder-se-ia citar muitas virtudes apontadas nas páginas do impresso como relevantes: confiança em Deus, bom senso, gratidão, resignação, entre outras. As virtudes eram expressas nas mensagens da revista, assim como o seu oposto, atitudes erradas e que não estavam de acordo com as atitudes de um cristão.

4.1.5 O dirigir-se ao leitor

Como era necessário educar o leitor através das virtudes religiosas e morais para formar a criança que no futuro seria o fiel ideal, aquele que deveria ser participante da denominação religiosa, tanto nos ritos como nas suas práticas, o dirigir-se ao leitor também se constituiu numa importante estratégia.

Esse modo de comunicação aparece essencialmente nos conteúdos religiosos e doutrinários, demonstrando, assim, a ênfase dada pela redação a este aspecto. Também apareceu de forma recorrente na Unidade Contato redator-leitor” e não poderia ser diferente, já que a redação frequentemente se dirigia ao leitor para engajá-lo nesta interlocução. A revista valia-se desta estratégia para divulgar suas mensagens, dirigindo-se diretamente ao leitor, em especial, reforçando a mensagem que queria propagar.

Obviamente os conteúdos religiosos e morais são os mais profícuos para esta prática. Contava-se uma história ou fazia-se a compilação de uma história bíblica e, logo em seguida, apresentava-se o diálogo entre redação e leitor, em forma de perguntas ou exortações morais ao pequeno que teria acesso à revista.

Essa prática não era diferente na educação dos leitores na igreja, na escola e nas aulas de catecismo. A educação religiosa e escolar abordava histórias para depois se dirigir às crianças a fim de refletirem sobre a fé, conduta e vida futura⁷³.

O “dirigir-se ao leitor” vale-se de histórias cristãs como exemplo e ao final retoma os aspectos práticos da vida infantil, questionando o leitor sobre como são as suas atitudes diante dos exemplos expostos. Como exemplo tem-se a narrativa “Qual é o pequeno que Jesus achou ser grande?” que conta a história dos apóstolos que estavam discutindo quem era o maior e aí Jesus coloca como maior as crianças. Assim se descreve como uma criança deve ser: humilde, crente, serviçal e obediente aos pais. No final dirige-se ao leitor:

Vede, meus amiguinhos, quem é grande perante Jesus! E aquele entre a gente pequena ou grande que é humilde, que crê e que serve. Sim é este o maior reino dos céus. E tu, meu leitorzinho, um ‘pequeno’ que Jesus achará ser grande? Jesus quer que sejas. (J. M., O Pequeno Luterano, jun-jul/1940, p. 21)⁷⁴

O reforço em fazer o leitor se integrar na história, ouvindo e interpretando, faz parte das estratégias da produção do impresso. Ele direciona os seus objetivos aos leitores para que possam conhecer a Bíblia e, sobretudo, fazê-los se apropriarem de determinadas práticas de auto-reflexão com referência a sua conduta e ao seu fazer cristão luterano. Essa apropriação poderá refletir em atitudes futuras, já que a instituição do Sínodo de Missouri apostou, desde o início da fundação no Brasil, no investimento infantil.

“O dirigir-se ao leitor” instaura práticas da educação religiosa nas crianças ao longo dos periódicos, sendo que, algumas vezes, a redação não se utiliza de histórias bíblicas ou de lição de moral para envolver o leitor, mas explana práticas que consideram necessárias de serem aprendidas e apropriadas pelos seus leitores. A história que se inicia no título “Como devemos orar?” dirige-se ao leitor, relatando as minúcias da maneira de orar, a posição corporal. Devem orar tanto quando se está sofrendo, como quando se tem um desejo, para aprender a lição na escola, pelo perdão, pelo agradecimento. Conduz as crianças a elaborarem suas próprias orações, encerra com o Pai Nosso (O Pequeno Luterano, mar-jun/1946). A orientação em fazer as crianças incorporarem determinadas práticas não se justifica apenas

⁷³ Muitas atas distritais e das comunidades refletem essa preocupação da educação das crianças, especialmente a partir da década de 1930, em que a escola paroquial começa a ser fiscalizada pelo poder público. A preocupação recaía sobre os jovens que precisavam ser preparados na escola paroquial, e depois de confirmados, ao passar a fase adulta, seria mais fácil controlar o comportamento e a sua participação em bailes, festas mundanas, etc. (Ata 15º Sínodo Regional- 1938 em Santa Coleta- Pelotas).

⁷⁴ Esta história é recontada de forma similar no Pequeno Luterano, mai/1963.

para a fase da infância, mas está também implícita na determinação da conduta futura. Ou seja, essa criança teria que no futuro ser participante da instituição e deveria estar com estas práticas internalizadas. Não se buscava o fiel denominado somente luterano, mas aquele que nas suas atitudes e nas práticas diferenciadas iria se destacar entre outros fiéis de denominações religiosas luteranas diferentes⁷⁵.

Em relação ao “Contato redator-leitor”, a Subunidade “dirigir-se ao leitor” é rica em dados e possui significativa inserção nas páginas da revista. Obviamente esta Unidade acentuaria o diálogo entre redação e leitor dirigindo-se informalmente aos leitores, mantendo, por vezes, a relação de proximidade, similar à relação familiar.

Nas primeiras edições do Kinderblatt, o redator fazia questão de ser chamado de “Onkel des Kinderblatt” (Tio do Kinderblatt), tratando as crianças como sobrinhos. Nesse sentido, havia o objetivo de facilitar a comunicação entre as crianças e a revista. Através dessa forma lúdica e familiar, a revista procurava estreitar laços de amizade e companheirismo entre os seus leitores. Previa a aproximação com as crianças através da participação dos leitores que enviavam cartas com notícias e charadas. De qualquer forma, a Subunidade “dirigir-se ao leitor” não está presente em todas as Unidades “Contato redator-revista”, porque se optou em determinar como relevante nesta Subunidade aqueles textos que explicitavam diretamente a conversa da redação com os leitores. Em muitos casos, havia a publicação das cartas, charadas, citação de nomes de crianças leitoras, mas não o efetivo direcionamento aos leitores por parte do editorial.

Outro aspecto a salientar é que a edição usava estratégias para chamar a atenção dos seus leitores, especialmente nos momentos de crise. Os leitores, por sua vez, nem sempre correspondiam às expectativas da edição, usando de táticas. Essas táticas em relação ao contato redator-leitor funcionavam de forma subliminar, isto é, em nenhum momento foram publicadas reclamações diretas ao editorial pela comunidade de leitores: as crianças, os pais e os professores resistiam, deixando de assinar a revista, não enviando as cartas, enfim, na ausência de participação expressavam o desencanto de ser leitor da revista⁷⁶.

Em momentos críticos ficam explícitos as dificuldades de relação entre a revista e os leitores. O período da década de 1940, na transição da passagem da circulação da revista do

⁷⁵ Como já foi abordado, neste contexto, foram praticados diferentes tipos de luteranismo.

⁷⁶ Estas resistências aparecem na Subunidade reclamações/pedidos que serão posteriormente abordadas. Apesar de ser uma Subunidade com poucos dados quantitativos, através deles podemos entender as táticas dos leitores e das comunidades de leitores envolvidos.

alemão ao português, evidencia-se este processo de forma nítida, exemplificado com o texto “Caro Leitores!”, o qual está reproduzido na íntegra:

Caros Leitores!

Com exceção da menina Noemia Hoerrle ninguém tem me enviado cartas nem soluções de charadas. Será falta de coragem ou é porque não conheceis o novo ‘tio do Pequeno Luterano’? Sejais francos!- Envio-vos as mais sinceras saudações. W. Hesse (HESSE, Walter, O Pequeno Luterano, jun-jul/1940, p. 28).

Talvez o enfraquecimento do diálogo entre redator e leitor possa ser atribuído à mudança da língua. É bem provável que a comunidade de leitores – crianças, professores, pais e pastores – apresentassem dificuldades na escrita em português, pois ainda se vivia na fase de adaptação da nacionalização do periódico. Além disso, foi um período de mudanças constantes de editores⁷⁷.

Também em momentos não críticos houve algum reforço em conservar o número de leitores ou então estimular o diálogo com as crianças assinantes da revista. Mesmo no período entre 1950-1953, em que não se tinha o redator específico, o “Tio do Pequeno Luterano”, apenas o diretor Carlos Warth (com a colaboração dos alunos do seminário), a campanha em chamar atenção dos leitores se intensificava, buscando a interlocução.

No final do ano de 1950, a redação cita muitas crianças nominalmente com participações de correspondência e respostas ao concurso de charadas. A redação dirige-se ao leitor, como aluno e assinante da revista:

Teu Cantinho

Correspondência - foram diversas as cartas que os nossos leitores nos enviaram durante o ano. Todas elas dão notícia das atividades escolares⁷⁸. [...] A todos ficamos muito gratos e pedimos que além das notícias a respeito do seu professor, da escola e de suas atividades, nos enviem pequenas histórias para serem publicadas. [...] Escrevam coisas interessantes que já observaram ou que aconteceram a vocês. Ficamos muito agradecidos. [...] (O Pequeno Luterano, Nov/1950, p 87).

⁷⁷ Neste período as trocas de editores foram mais frequentes, inclusive um dos editores desta fase não era descendente germânico, tendo sobrenome luso: Gastão Tomé.

⁷⁸ A título de curiosidade e por constar relações de leitores em Cerrito, seguem os nomes citados: “[...] De Três Passos nos escreveu o amiguinho Adelmo Tornquist. De Cerrito recebemos lidas cartinhas dos alunos: Valter Vellar, Vera Vellar, Evaldo Munsberg, Lia Peters, Rudolgo Vellar. Ainda recebemos uma carta dos amiguinhos Siegfried Bugs, de Reserva, Mun. De Rio Pardo, e de Marta Winterle de Arroio do Bica. [...]” (O Pequeno Luterano, Nov/1950, p 87).

Tal fase mostra certa mudança no dirigir-se ao leitor, solicitando que continuem enviando cartas, mas que ampliem a interlocução, que não sejam apenas leitores e descritores da realidade escolar, mas que possam criar histórias para serem publicadas. É possível supor que neste período muitos assinantes da revista não se localizavam nas escolas paroquiais. A educação pública avançava bastante e muitas famílias optariam por transferir seus filhos para as escolas municipais ou estaduais. Por isso, a redação reinventa novas estratégias e alternativas para não perder assinantes. Na mesma matéria os informes aos leitores continuam:

Concurso de Charadas - Com as charadas de agosto encerramos o concurso deste ano. O concurso terá reinício com as charadas de janeiro do próximo ano. Infelizmente alguns esqueceram de assinar o nome e assim não nos foi possível saber quem tinha enviado as respostas. Lamentamos também que a escola de Cerrito tenha recebido os últimos números deste ano e que muitas escolas não participaram do concurso. Caros amiguinhos, vamos ver se no próximo ano todos enviam suas respostas e redações. Resolvemos premiar com um livro aos que acertaram dez ou mais charadas durante o ano (*são citados 48 nomes*) Deste são os seguintes que acertaram dez ou mais charadas (*15 nomes*) (O Pequeno Luterano, Nov/1950, p 87-88).

Interessante notar que a importância foi dada ao leitor individual e não mais somente ao leitor como aluno de uma escola. Em relação às dificuldades das crianças em assinar as charadas, pode-se supor que não aconteceu intermediação da escola para o envio destas correspondências, justificando neste momento a fraca participação da instituição escolar. Na relação das crianças, inúmeras são da região meridional do Estado, comprovando a efetiva participação de leitores pertencentes à região do foco da pesquisa. Há pedidos de desculpas pelas falhas da edição, já que não havia o editor formalmente responsável pelas cartas, assim como os relatos dos atrasos dos números.

As estratégias da revista reportam-se à premiação individual dos leitores, por isso são oferecidos livros de presentes para acentuar essa prática. Esta fase pode ter sido passageira, pois nos anos posteriores é significativa a relação dos leitores/alunos com a redação. Como redator de maior permanência na revista, George Muller, estabeleceu campanhas incisivas em dirigir-se ao leitor para tentar ampliar o número de assinantes e reforçar a importância do impresso na educação infantil. A revista alinhava-se ao pensamento da instituição do Sínodo de Missouri buscando envolver as crianças em campanhas de doações geral da igreja. Era a

forma de educar as crianças para o sustento dos projetos da igreja. Assim, nestes textos, indicava-se o exemplo de uma escola:

Conquista para Cristo

O apelo que dirigimos às escolas luteranas no sentido de organizarem uma coleta de gratidão chamada ‘conquista para Cristo’, em vista dos 50 anos de bênçãos divinas que nossos pais e nós crianças vivos provando no seio da nossa querida Igreja Luterana, já foi atendido por uma escola. Trata-se da escola de São Paulo de Porto Alegre. Levantou até agora a soma de 133 cruzeiros para a obra de Cristo. O Salvador queira abençoar os pequenos contribuintes por sua graça (O Pequeno Luterano, ago/1954, p 54).

Nessa mesma direção, reportavam-se às crianças, agora de forma coletiva, envolvendo as escolas na campanha para aumentar os assinantes.

Campanha Pró Mais Leitores

Com a leitura cristã e sadia que o Pequeno Luterano oferece, devia ter muito mais assinantes. Qual a escola ou a comunidade que no fim do ano terá o maior número de leitores? Vamos oferecer lindos prêmios aos três primeiros colocados. (O Pequeno Luterano, ago/1954, p 54).

Percebe-se que o estímulo para aumento de assinaturas era direcionado aos leitores, mas aos leitores/alunos das escolas. A instituição escolar deveria organizar-se para propagar a assinatura do Pequeno Luterano, e de acordo com as estratégias da revista, a partir da premiação e da competição, deveria gerar disputas e interesses dos alunos/leitores para ter mais assinantes.

Ao longo da edição, as campanhas dirigidas aos leitores apresentam similaridades, mas é importante observar diferentes nuances de acordo com o propósito e a necessidade de cada contexto. Na década de 1960, novamente o apelo não fica circunscrito somente aos alunos/leitores, mas a leitores luteranos, também alunos de escolas dominicais e, mesmo que timidamente, tentam ampliar para leitores que não fossem pertencentes ao Sínodo de Missouri⁷⁹.

Esta campanha mencionada denomina-se “Atenção! Atenção! Atenção!” e dirige-se ao leitor lembrando a história do bom pastor, que cuida de suas ovelhas, indicando a respectiva passagem da Bíblia. A revista “O Pequeno Luterano” propõe o concurso de redações com o tema “Ser cordeiro de Jesus”. Os interessados deveriam participar, notificando a sua escola

⁷⁹ Esta ampliação a leitores de fora do Sínodo de Missouri nunca foi efetivada, a exemplos de outras revistas religiosas. Segundo Donaldo Schuller, editor responsável pela revista *Nostra Vitta*, o objetivo das revistas era atender ao público específico da igreja (Entrevista concedida em 26/07/2011).

paroquial ou dominical. O prazo dado foi até o final de julho e prometia premiações, como flâmulas ou outros brindes. Também poderiam participar crianças que não pertenciam à igreja (Prof. Marthin Raschke, O Pequeno Luterano, mai/1963).

Neste contato, a redação pede a redação individual, lembrando ao leitor que relacione em que grupo da igreja está inserido. O aceite de leitores fora da igreja é um dos fatos inéditos, já que a revista movimentava-se entre o círculo luterano. Pode-se inferir que tivessem tido interesse por leitores fora da igreja porque com isso poderiam converter-se à instituição. Poderia ser uma preocupação missionária da igreja. Em muitos casos, os de fora poderiam ter sido os alunos não luteranos das escolas paroquiais e dominicais⁸⁰ que de alguma forma estavam inseridos na comunidade de leitores, por serem estudantes de educandários luteranos.

4.1.6. Indicação de versículos

A maioria dos textos com indicação de versículos refere-se às histórias bíblicas contadas de forma resumida. Ao final aparecia o reforço dos versículos, ou seja, elas eram referendadas pelo texto bíblico. Em muitos casos, são citadas outras passagens para o leitor entender a relação dos conhecimentos bíblicos. Estas práticas auxiliavam no aprendizado do manuseio da Bíblia: os leitores são educados com este propósito, de acordo com o projeto da escola paroquial, em que a religião e o seu conhecimento ocupavam lugar central no currículo.

O uso de versículos auxiliava, sobretudo, ao leitor a se localizar no livro considerado o mais importante para o luterano⁸¹. Este aprendizado acompanhará no futuro o fiel a compreender como funciona a organização bíblica. Não se trata somente do conteúdo, mas também da forma como ele está organizado. A apresentação de versículos análogos aos textos reforça essa ideia. Interessante notar o grande número desta indicação não só em histórias bíblicas, mas em histórias de lição de moral ou de contato redator-leitor. Os versículos sempre são relevantes, podendo ilustrar e reforçar a história que prevê o ensinamento da conduta e do comportamento infantil. A história “Respeita ao teu próximo”,

⁸⁰ Em algumas entrevistas foi perceptível o envolvimento da revista com crianças fora do meio luterano, mas engendrado pela escola paroquial, que em alguns casos tinha alunos que não eram luteranos. Em entrevista, Armindo Wienke relata que na sua escola, alguns alunos eram de outras denominações e a revista era usada. A entrevista da professora Ida Strelow de Castro relata que a maioria de seus alunos não eram descendentes germânicos e nem luteranos, mas se fazia a propaganda da revista. Já a entrevistada Nívea Prestes, professora de escola dominical, diz que não acredita na expansão da igreja através da educação infantil.

⁸¹ Segundo preceitos do próprio reformador Martin Lutero.

abordando o respeito aos mais velhos, apresenta um menino que zombou de um velho aleijado, mas se arrependeu e foi desculpado. Assim encerra a passagem:

Desde aquele dia, de fato, o menino respeitava os velhos e, contando o ocorrido aos seus amigos, estes também todas as vezes que enxergavam um velho, lembraram-se do caso e nunca mais abusaram da velhice e dos defeitos dos outros. **Diz a santa Palavra de Deus: Diante das câs te levantarás e honrarás a face do velho. Lev. 19:32.** (O Pequeno Luterano, jan-fev/1950, p. 12).

O reforço na história com lição de moral, abordando a conduta da criança está entrelaçado com o versículo bíblico, por isso é importante a apresentação das histórias com mensagens que pretendem educar a conduta das crianças à luz de passagens bíblicas. Em algumas histórias há mais de uma indicação de versículos, possibilitando o incentivo das crianças em procurá-los na Bíblia e aprimorar o estudo.

4.1.7 Assistencialismo

Esta perspectiva esteve no centro da preocupação da revista para formar as crianças no espírito da caridade e, através dela, fortalecer a missão. O principal projeto enfatizado na maior parte da revista foi o Orfanato Moreira. Do mesmo modo, o auxílio aos estudantes do seminário era reforçado nas páginas do impresso⁸².

O ponto forte na formação da conduta assistencialista recaía outra vez nas histórias de lição de moral, abordando práticas que as crianças deveriam realizar para dar assistência aos enfermos, aos pobres, aos órfãos e aos mendigos. De acordo com os textos, as práticas das crianças apresentam certo conformismo e passividade com a situação de pobreza e miséria. O papel do cristão não será mudar a realidade, mas, sim, conformar-se com ela e imbuir-se de práticas de caridade e compaixão aos desvalidos. As histórias envolvendo “Lição de Moral” reforçam essas ideias nas crianças e apresentam modos de conduzir e as formas de agir. Uma das histórias, denominada “Dai aos que tiverem necessidade”, mesmo apontando fatos reais acontecidos, reitera valores assistencialistas: refere a realidade de Porto Alegre onde há

⁸² Praticamente em todas as publicações da igreja o pedido de auxílio aos estudantes do Seminário era difundido. Especialmente na publicação do Kirchenblatt (1930-1960), publicação que continuou a funcionar em alemão, destinada ao público adulto, consta textos doutrinários e notícias das paróquias, mas também se menciona reiteradas vezes os pedidos às comunidades de viveres para atender aos estudantes seminaristas. Também é mencionada a relação nominal das comunidades e as suas doações. Reforça-se assim, a formação das crianças para serem futuros adultos que ofertam e participam de práticas assistencialistas.

mendigos e aleijados. Ao ver um cego, uma senhora simples e trabalhadora deu suas últimas moedas como esmola. A redação reforça este ato como verdadeiro testemunho de caridade, indicando passagem bíblica do evangelho (da viúva pobre que ofertou o pouco que tinha), e dirigindo-se ao leitor:

Portanto, amiguinhos, se encontrardes um pobre que de fato nada pode fazer para o seu sustento, fazei como esta pobre viúva e dai-lhe também a vossa parte. Fazendo assim, por amor ao vosso bom Salvador, no dia do Juízo Final, que não está longe, Deus o acolherá. [...] (O Pequeno Luterano, mar-abr/1951, p. 16).

Os princípios da caridade são divulgados na revista e, ao mesmo tempo, a mensagem incide nas práticas de formação do leitor, relacionando com a doutrina, aspecto sempre reforçado e enfatizado no impresso.

4.1.8. Missão e Conversão

Com relação a este específico aspecto, verifica-se a preocupação com o fortalecimento da igreja a partir de condutas missionárias. Em praticamente todas as histórias que abordam a “Missão”, os aspectos de “Conversão” estão presentes.

São elementos que se assemelham nas histórias, cujas relações são, de certa forma, óbvias. Ao abordar histórias sobre as conquistas missionárias em longínquos países, a conversão de pessoas está presente. De fato, tal abordagem integra historicamente a formação da instituição do Sínodo de Missouri: a missão de expandir a igreja foi o que possibilitou a vinda desta instituição ao Brasil. Do mesmo modo, a instituição sempre mantinha projetos missionários em lugares de pouco acesso ao conhecimento da doutrina luterana⁸³.

Além dos projetos grandiosos do Sínodo em expandir a instituição, presente nos textos de biografias de importantes missionários que chegaram a lugares exóticos, como Índia, Ásia e África⁸⁴ e buscaram introduzir a religião luterana e cristã entre os considerados selvagens, aparecem, de maneira especial, as histórias que induzem as crianças a fazer missão e conversão dentro da sua própria realidade.

⁸³ Estes dados referem-se ao impresso analisado na dissertação de mestrado, “Der Lutheraner” (1896-1925), em que a propaganda de missão na África e Ásia, bem como América Latina é recorrente.

⁸⁴ Muitas histórias nas páginas da revista são relatos sobre missionários, sendo contadas em várias partes com continuação de textos a fim de despertar a curiosidade. A título de exemplo tem-se: George Stephenson - começou com oito anos no meio dos índios (O Pequeno Luterano, abr/1937); João Paton - missionário entre os canibais - história contada em duas partes: (O Pequeno Luterano, mai-jun e jul-ago/1951); Davi Livingstone - missionário na África (O Pequeno Luterano, mar-jun; /1954, repete jun-jul/1957); A História de Ana Simon, menina judia convertida através da escola cristã. (O Pequeno Luterano, abr; mai; jun; jul).

A revista teve como estratégia usar biografias de missionários que fizeram missão e/ou conversão para chamar atenção através dos pequenos gestos e práticas, orientando as crianças a incorporar estas práticas e os modos de agir. Por sua vez, os leitores recebiam estes textos e poderiam absorver estas estratégias ou usar táticas para escapar a estas orientações. Para não correr tais riscos, a redação desdobrava histórias e mensagens próximas da realidade infantil. Duas histórias com o mesmo conteúdo, mas em períodos diferentes e com realidades distintas mostram como as mensagens apontam para a formação infantil missionária. Uma delas está no primeiro ano da edição do *Kinderblatt*, em dez/1931, com o título “Pequenos Missionários”, relatando a importância das crianças, desde pequenas, serem missionárias. Conta a história de crianças japonesas que se organizaram vendendo palhas para investir na missão (*Kinderblatt*, dez/1931). A outra, em 1961, com o título “Como crianças inventaram meios para colaborar na obra da missão” orienta o modo de realizar esta prática:

Geralmente o povo acha que as contribuições para a Igreja e para a missão devem ser dadas pelo pai, pela mãe ou, se muito, pelas pessoas confirmadas da família. As crianças, dizem, nada têm e nada ganham, por isso nada podem contribuir. Será isso verdade? [...] As crianças de uma aldeia na Alemanha ouviram falar na obra da missão e resolveram colaborar também. Passaram pelos poteiros e juntaram todos os flocos de lá que as ovelhas perdiam [...] Venderam esta lã e, com muita alegria, trouxeram o dinheiro para a coleta dos adultos. [...] (*O Pequeno Luterano*, mar-abr/1961, p. 15).

Os ideais missionários são enfocados de acordo com a capacidade infantil de conseguir esforçar-se para auxiliar nestas práticas disseminadas pela instituição luterana do Missouri. O espaço escolar também servia como cenário para as histórias de educação missionária. O texto “Nossas palavras e atos são nossos retratos”, conta sobre a professora que antes de iniciar a sua aula na terceira série perguntou quem queria ser um missionário. Todos responderam que deveria ser um pastor ou professor, mas a professora disse que para fazer missão não era preciso ir a lugares distantes, pois poderiam convidar os amigos para assistirem aos cultos e falar a respeito de Jesus. No final, dirige-se ao leitor indagando se já fizeram isto. Termina com um poema e a imagem é de uma classe de alunos orando (*O Pequeno Luterano*, jun/1963).

Este preparo reforça práticas e modos de conduta, a fim de que as crianças possam auxiliar na igreja de todas as formas, que a instituição possa ser o meio social em que vivem não as desviando para outros espaços sociais. Assim, seria necessário que as crianças fizessem convites a amigos e colegas para participarem de sua religiosidade. Essa estratégia era usada pelo impresso, mas internamente possuía muitas incoerências. A revista era em sua maioria

direcionada a crianças somente do meio luterano, não havia efetivo empenho em aumentar o número de assinantes fora deste meio. A instituição luterana, também, de certo modo era restrita a espaços, mas, contraditoriamente desejava expandir-se para outros meios e etnias.⁸⁵

Então, o incentivo às crianças em fazer o trabalho missionário poderia ser reforçado somente como mero formalismo, não como prática efetiva. As publicações, a escola paroquial, e logo em seguida, as escolas dominicais, serviram muito mais para garantir a manutenção dos fiéis existentes do que ampliar o número com campanhas missionárias. É possível afirmar que as estratégias de manutenção eram feitas com qualidade e aprofundamento. As crianças eram cercadas na sua formação para que, no futuro, como adultas, viessem a ter forte apego às práticas e leituras da instituição.

Obviamente, as táticas usadas nem sempre permitiam o reforço das estratégias. O declínio das escolas paroquiais mostra que os pais educados anteriormente nesta instituição não se interessaram pela manutenção dos seus filhos nas escolas paroquiais, apesar da pressão existente no contexto. As escolas públicas passariam a ser o espaço procurado educativo nas décadas de 1960⁸⁶. Mas as escolas dominicais surgiram com força, buscando sustentar estes projetos educativos até os dias atuais.

4.1.9 Órfãos

Esta dimensão apresenta poucos itens relacionados, mas inseridos no projeto assistencialista da instituição. É mencionado em diferentes Unidades, mas de forma especial, no “Contato leitor-revista”, em que muitas cartas de escolas paroquiais enviavam à edição contribuições ao Orfanato de Moreira. As cartas apresentam quase o mesmo padrão, relatando a realidade escolar, o número de alunos, o valor das contribuições. Podiam ser enviadas por um aluno, o qual citava os demais colegas e os valores de contribuições ou podiam ser enviadas pelos professores, como o exemplo a seguir (O Pequeno Luterano, out/1948): a carta não revela a localidade, fala da professora Paulina Lang, que oferta para o orfanato e

⁸⁵ Como já foi referido, em alguns contextos a ampliação do Sínodo de Missouri se deu entre os lusos nas comunidades de Canguçu, reiterando o exemplo da comunidade negra de Manoel do Rego, no interior do município de Canguçu. Mas, neste período, e mesmo atualmente, o número de membros negros e lusos não representam a maioria dos fiéis luteranos do Sínodo de Missouri.

⁸⁶ No contexto pomerano, na região meridional do RS, o processo de tornar públicas as escolas paroquiais aconteceu mais tardiamente. Muitas escolas paroquiais se mantiveram até as décadas de 1980. Entretanto, a força como escola paroquial e a relação do pastorado com a educação já havia sido enfraquecida desde o fechamento do curso do seminário pedagógico nos primórdios da década de 1970.

especifica as demais ofertas⁸⁷. Interessante notar a necessidade de especificar o valor das doações aos órfãos. Em outros contatos específicos com os leitores, a edição relata a realidade do orfanato, apresenta imagens, pede doações.

Outro texto apresenta um relatório sobre a escola que fica junto ao orfanato, onde frequentam 110 alunos, sendo 67 do orfanato e 43 filhos dos membros da igreja. Mencionam o professor, a diretora, que foi uma das primeiras órfãs, e revelam a soma recolhida pelo orfanato, reforçando o assistencialismo em contribuições. Lembram que as crianças não ganham pacotes de Natal (doces), mas assinaturas da revista “O Pequeno Luterano” (O Pequeno Luterano, nov/ 1954).

Outros textos enfocam histórias de lição de moral envolvendo o tema orfandade. São apresentadas histórias de crianças órfãs que acabam encontrando uma família (O Pequeno Luterano, jan/fev, 1946), ou histórias usadas como exemplos para fortalecer o projeto do Orfanato Moreira. Apresentam uma história que parece ser verídica, de um orfanato dos EUA, onde se celebrava um culto: as crianças ouviam a palavra de Deus e cantavam músicas, muitos falavam das dificuldades, das dívidas, das necessidades. Então, uma criança disse que era bom ter estas dificuldades porque podiam ver a gratidão das pessoas em oferecer o pouco que tinham. A edição usa como exemplo este texto para angariar fundos para os órfãos de Moreira (O Pequeno Luterano, dez, 1954).

Percebe-se a importância do projeto assistencialista do orfanato como forma de conscientizar os pequenos, desde cedo, da necessidade de auxiliar em campanhas e, deste modo, educar os leitores/ crianças para ser um contribuinte na comunidade.

4.1.10 Conduta de jovens

A preocupação da revista em formar a criança estende-se também à vida de adolescente, de jovem e, finalmente, à vida adulta. Nestes ritos de passagem, obviamente, a preocupação da instituição recaía sobre a juventude, que corria o risco de ter maior contato com a “vida mundana”, ou seja, fora do círculo comunitário: família, escola e igreja. Apesar de a instituição manter também uma revista dirigida ao público jovem, O Jovem Luterano⁸⁸,

⁸⁷ De acordo com o nome da professora sabe-se que, provavelmente, esta escola se localizava no interior de Canguçu.

⁸⁸ Revista editada na década de 1920, denominada “Waltherliga Bote”, em homenagem ao primeiro presidente do Sínodo de Missouri Carl Ferdinand Wilhelm Walther, depois, com a nacionalização, denomina-se “Jovem Luterano”. Teve número significativo de assinantes, todos os entrevistados que foram leitores do Pequeno Luterano relatam ter assinado a revista “Jovem Luterano”.

em muitos momentos, a revista infantil também previa uma atenção maior aos jovens ou àqueles que, em breve, chegariam a esta fase da vida.

Logo no início da edição do *Kinderblatt*, as histórias bíblicas e histórias de lição moral mencionam jovens missionários, muitas vezes com exemplos dos personagens bíblicos. (O atencioso menino herói, *O Pequeno Luterano*, set/1936). A partir da década de 1960, a atenção é mais cuidadosa em relação à conduta dos jovens, perceptível nos anúncios de livros e devocionários⁸⁹ para esta faixa etária (*Livros Indispensáveis no lar*, *O Pequeno Luterano*, nov/1963). Do mesmo modo, as histórias bíblicas e as histórias de lição de moral enfatizavam a preocupação com as atitudes e com a obediência às autoridades, pais e pastores, bem como à formação da juventude futura. As notícias da igreja relatam encontros juvenis e a consolidação da organização de jovens nas comunidades, em especial, as urbanas (*Notícias da Igreja*, *O Pequeno Luterano*, nov/dez-1960). Ainda pretendiam envolver os jovens em tarefas de responsabilidade, como professores de escolas dominicais (*Superintendência das escolas dominicais conta com nova diretoria*, *O Pequeno Luterano*, jan-fev/1964). Para delimitar as relações nesta fase, a revista também utilizou mecanismos como correspondências entre jovens, alertando que deveriam trocar cartas somente com jovens e crianças da mesma denominação religiosa, ou seja, as correspondências deveriam ser uma prática somente entre luteranos (*Correspondência-Correio Juvenil*, *O Pequeno Luterano*, ago/1964).

4.1.11. Conformismo

Pouco recorrente na análise dos dados, situando-se em histórias de lição de moral, incidindo sobre diferenças sociais ou diferenças de destino. Orientavam os leitores a uma conformidade com a realidade enfrentada, esperando a benevolência de Deus para melhorar de vida ou condição social. (Tudo o que Deus envia é bom, ainda que de início nos pareça o contrário, *O Pequeno Luterano*, jan-fev/1948). O conformismo foi percebido de forma enfática em histórias que serviam como exemplo, estimulando as crianças a desejarem vida simples e cristã, a passividade diante das dificuldades e das injustiças (*Mariazinha celebra o Natal no céu*, *O Pequeno Luterano*, dez/1954). Muitas vezes este tópico está relacionado com questões do Nacionalismo, orientando os leitores a não reclamarem das autoridades, não se queixarem dos governantes, mesmo diante de situações difíceis (*O descobrimento do Brasil*,

⁸⁹ Devocionários são livros organizados que contém devoções, ou seja, reflexões curtas, de determinados textos bíblicos ou doutrinários. Essas mensagens ocupam normalmente uma página. Podiam ser organizados anualmente, com mensagens diárias, ou com compilações de várias histórias.

O Pequeno Luterano, mai/1943). Vale-se de histórias bíblicas para ilustrar o comportamento que temos de ter diante da autoridade (Honrarás a teu pai a e a tua mãe, O Pequeno Luterano, jul-ago/1958). Também o sentimento de resignação é valorizado diante de catástrofes e desgraças: há necessidade de as pessoas aceitarem tristezas e injustiças sem revolta (Não murmureis, O Pequeno Luterano, mai/1965). O projeto de fé e doutrina da igreja reforça este aspecto na medida em que jamais se encorajam manifestações coletivas em prol de causas sociais e políticas. A instituição do Sínodo de Missouri não se vê alinhada a estas questões, e estes aspectos são revelados de forma bem clara devido à preocupação central de estar no conhecimento da doutrina pela graça e no conhecimento pela fé.

4.1.12 Música

Fez parte do currículo escolar, e pretendia fortalecer a religião e os ritos que a envolvem, tanto na escola como na igreja. Um dos exemplos situa-se nos poemas dos hinos usados em louvor a Deus, e também alguns textos que relatam os ritos religiosos usados no culto de adoração. Muitas histórias de lição de moral e de histórias bíblicas encerram com poemas em forma de hinos dos cancioneiros luteranos, como a que menciona o trabalho de Jesus como um pastor, denominada “Os pastores e seu rebanho” e encerra com o hino “Guiamos Jesus” (O Pequeno Luterano, jan/fev/ 1941). Outro exemplo de hino composto por Lutero é “Eu venho desde os altos céus” (O Pequeno Luterano, dez/ 1951). As festas religiosas, envolvendo Páscoa, Natal e Reforma Luterana, mantêm relações estreitas com a musicalidade, tanto no intuito de ilustrar com a letra de um hino relacionado à respectiva data cristã, quanto ao destaque dado pelo reformador na inserção da música na religiosidade e no currículo escolar. Os hinos acompanham vários ritos de passagem, em especial, a morte: uma história relata a morte de uma menina que após sofrer um acidente cantava a música “Mais perto quero estar, meu Deus de ti” (O Pequeno Luterano, set/1965).

As biografias de compositores famosos são mencionadas na revista, em especial, a dos que se dedicaram à música sacra, como a história de Jonh Sebastian Bach, abordando aspectos sobre sua família, sua musicalidade, a precoce composição de músicas religiosas. Enfatiza-se que era um homem agradecido a Deus, dedicando-se na confecção das notas (O Pequeno Luterano, jul/ago,1950). Reporta também a genialidade do compositor.

A partir da década de 1960 são recorrentes os anúncios de livros e os anúncios de LP (disco de vinil) em forma de propaganda. Os livros relacionados à música eram cancioneiros e

preponderantemente livros para jovens, como a Lira juvenil⁹⁰. Os discos são apresentados como coletâneas de corais da própria igreja. O disco mais recorrente é acompanhado com o título “Jubilai”, contendo canções do Coral Luterano voltadas ao sentimento do Ano Eclesiástico (O Pequeno Luterano, mai/jun/ago/set/ 1965). Interessante notar que os anúncios de livros e de discos não são voltados especificamente para o público infantil. Infere-se que a revista circulava entre os professores de escolas paroquiais e dominicais como recurso didático. Um único anúncio de instrumento musical aparece, mas é relevante observar que era dirigido a um público interessando no aprendizado musical. A propaganda sugere uma novidade, a Pianola Elétrica, com descrições e aquisição na Casa Publicadora Concórdia (O Pequeno Luterano, mai/jun, 1961), divulgando a modernização dos instrumentos musicais.

4.1.13 Superstição

De um modo geral, a revista não admite costumes supersticiosos, incentivando os leitores a somente aceitar uma linha doutrinária de acordo com princípios religiosos ortodoxos. Entretanto histórias sobre anjos e a sua proteção às crianças integram algumas edições. São histórias místicas que fogem a regra da instituição em seguir preceitos totalmente ortodoxos. Em uma história ilustrativa a este respeito, “Aos seus anjos dará ordem a teu respeito”, um missionário nos Estados Unidos precisa fazer longas viagens e depara-se com índios, mas ele seguiu viagem sem medo, enquanto o outro, na estalagem, viu dois homens afirmando que o segundo seria um anjo que o havia protegido (O Pequeno Luterano, abr/ 1942).

Até aqui, de modo significativo, evidenciaram-se os conteúdos religiosos da revista, com objetivos claros de doutrinação e circunscrição de condutas. A seguir serão desdobrados aspectos de cunho ideológico e secular, mas igualmente relacionados ao projeto doutrinário e religioso do impresso.

⁹⁰ Livro composto por músicas religiosas. Este cancionário, Lira Juvenil, consistia em músicas mais modernas, diferente das tradicionais do hinário usado em cultos.

4.2 ASPECTOS DE CONHECIMENTO SECULAR E DE CONHECIMENTO IDEOLÓGICO

Os conhecimentos seculares e ideológicos constituem diversas Subunidades na análise. A revista, mesmo com a preocupação central na doutrina e no engajamento do leitor pela interlocução, propõe-se, também, a fornecer elementos educativos do conhecimento de disciplinas gerais. Ao mesmo tempo, ocupava-se com conhecimentos ideológicos, como as políticas governamentais e educacionais da época.

No primeiro caso, temos as Subunidades Ciências, História, Português, Matemática, Gaúcho, Geografia, Textos explicativos e Poesia, constituídas por conhecimentos seculares. Tratando-se dos conteúdos ideológicos, verifica-se que a política higienista foi forte durante as décadas de 1940-1960, alertando sobre doenças e Higienismo. Também foi forte a ideologia do Estado Novo, perpetuando seus ideais em décadas posteriores, tendo como Subunidades Civismo, Exaltação a Vargas, Obediência às Autoridades, Trabalho e Ufanismo. Evidentemente, muitas Subunidades se entrecruzam, como História Factual, Civismo e Ufanismo. Outros temas de cunho ideológico estão localizados nas Subunidades denominados Eurocentrismo, Desenvolvimentismo e Política.

4.2.2 Disciplinas Curriculares - Conhecimento secular

Se a revista era usada como apoio didático, as matérias seculares precisavam ser abordadas, não somente a título de curiosidade, mas instituídas para o aprendizado, este, em grande medida, relacionado ao pensamento cristão luterano. No impresso, a noção religiosa e doutrinária não é desviada em nenhum momento do seu propósito, isto é, os textos de **Ciência e História Factual** não se desprendem da função moral e religiosa empregada pelo Sínodo.

Um dos textos usados como exemplo chama-se “Milagres das folhas”: conta-se a história de crianças conversando, falando do ar e das folhas, do gás carbônico e do oxigênio, referindo que se as crianças pudessem ter na escola um microscópio poderiam ver o que tem nas folhas. (O Pequeno Luterano, nov/1955). A mensagem revela os conhecimentos da ciência, explicando os modos de organização. Conta sobre as inovações, como o microscópio, mas não deixa de relacionar todas as descobertas com a criação de Deus. Além das ciências, o conhecimento da **Geografia** também se entrelaça a estes valores.

O texto “Os Babilônios” é um exemplo ilustrativo sobre este tema. No início o redator sugere ao professor a utilização dos mapas:

Meninos, pedi ao vosso professor ou à professora vos mostrar os rios Eufrates e Tigre no mapa da Ásia. A linha de terra que se acha entre os dois rios se chama Mesopotâmia. Esta palavra significa justamente Entre Rios. A beira direita do Eufrates estava a famosa cidade da Babilônia (Vertido por Mueller, O Pequeno Luterano, dez, 1955, p. 5).

Na sequência do texto é abordada a explicação sobre a região geográfica babilônica, os costumes e o comércio, relacionando este conhecimento histórico e geográfico com os relatos do cativo do povo de Israel no Antigo Testamento. O texto é bem didático, por isso presume-se que fosse usado na escola. A redação faz relações e combinações dos conteúdos, sempre colocando em primeiro plano o conhecimento religioso.

Os conteúdos de **Português**, gramaticais e linguísticos, são relacionados ao conhecimento religioso, ou seja, aos conhecimentos da bíblia em geral, com charadas, adivinhações e palavras cruzadas. Assim, a relação entre conhecimento gramatical e bíblico é abordada de forma integrada. Um dos textos relativamente longos começa com um versículo bíblico e, em seguida, faz a análise morfológica deste versículo, denominando substantivos, adjetivos e verbos:

“Embaraçando sempre o escudo da fé, como o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno” (Ef. 6.16) [...] Há duas palavras no texto que falam de ações. Quais são? “Tomar” e “Apagar”. Estas palavras são “verbos”. Que nos manda fazer o texto lido? “Tomar o escudo da fé”. Para apagar os dardos do maligno [...] (Adpat C. H. Goebel, O Pequeno Luterano, ago-set, 1963, p. 2, grifos da redação).

Em seguida o texto aprofunda a doutrina, partindo do conhecimento da gramática. Este entrelaçamento mostra formas diferentes de abordar o conteúdo, configurando estratégias da edição para seduzir as escolas, fornecendo certo subsídio ao meio escolar. Todos estes textos se encaixam na Subunidade **Textos Explicativos** e nas Subunidades **Matemática e Gaúcho**.

A **“Matemática”** foi apontada nesta pesquisa, devido à valorização, em certa medida, do conhecimento matemático que se aplicava na educação paroquial em escolas étnicas alemãs⁹¹. De forma lúdica, o conhecimento matemático se dava através de charadas,

⁹¹ A título de ilustração, menciona-se a construção de práticas matemáticas a luz da etnomatemática (D’AMBRÓSIO, 1994, KNIJNICK, 2003), em que cada grupo constrói práticas e saberes específicos de acordo com o contexto. Assim a matemática, aparentemente, poderia ser um conhecimento universal, mas o conhecimento matemático se constitui a partir dos interesses do grupo. No caso da pesquisa, a valorização da matemática por imigrantes alemães estaria dentro da constituição de saberes práticos e racionais, mas inseridos no cotidiano, e

de brincadeiras e de descoberta de enigmas no intuito de desenvolver o raciocínio lógico. As habilidades concretas e abstratas do aprendizado matemático eram valorizadas, em grande parte, através do cálculo mental em forma de brincadeiras lúdicas e prazerosas.

Outra curiosidade em relação ao tópico Matemática: havia relação dos cálculos com as histórias bíblicas, intituladas “Charadas Bíblicas”. Nas escolas paroquiais, pelo que se constata no envio de relatos dos leitores/alunos ou dos professores, o currículo da matemática era bem aceito. Entre as histórias de conhecimento geral, as curiosidades envolvendo a matemática são apresentadas de inúmeras maneiras. Algumas ensinam cálculos de jogos de descoberta, outras contam a biografia de matemáticos, o modo como lidaram com o conteúdo. Alguns conhecimentos geométricos são ilustrados nas histórias. Uma história muito interessante assinada por Marthin Lutero e intitulada como “A Aritmética do cristão” relata que o crente deve somar as suas necessidades com auxílio de Deus e assim com a subtração, a divisão, a multiplicação e os pontos geométricos, exemplifica o que cada um significa na nossa vida (O Pequeno Luterano, jan-fev/ 1962, p 22).

Como a revista era editada no Rio Grande do Sul, em alguns momentos o impresso refere-se à valorização da cultura gaúcha, por isso optou-se em acrescentar a Subunidade “**Gaúcho**”. Este tópico tem pouquíssima representatividade na revista. Em termos numéricos foram catalogadas somente 9 aparições. Em geral, o maior número deste item está localizado em histórias de conhecimento geral, envolvendo aspectos geográficos, culturais e históricos. Estas histórias aparecem como informações acerca dos aspectos relacionados anteriormente, muitas apontando curiosidades da cultura gaúcha. Há uma história de lição de moral que exalta o valor e o caráter do gaúcho, relacionando as virtudes desse povo como um ideal cristão a ser seguido (LINDEN, Wanda, O Pequeno Luterano, Honestidade de um gaúcho, ago/1964).

Em relação às Subunidades **História factual** e **Poesia**, além de fazer parte do conhecimento secular, estão circunscritos e fazem parte de conhecimentos ideológicos. Estão entrelaçados com a ideologia nacionalista da época: década de 1940 com o Estado Novo, década de 1950 com o estado desenvolvimentista e anos 1960 com o retrocesso dos processos

no caso da instituição do Missouri, integrava os conhecimentos matemáticos com os conhecimentos bíblicos. Para saber mais ver em : WANDERER, Fernanda. Escola e Matemática Escolar: mecanismos de regulação sobre sujeitos escolares de uma localidade rural de colonização alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Unisinos, 2007. Tese de Doutorado.

democráticos e com o surgimento da ditadura militar. Do mesmo modo, a Poesia estava ligada às Datas Cívicas com exaltação e ufanismo patriótico.

A **História Factual** é assentada no ideário da história dos heróis, das guerras, sem criticidade ou questionamentos. Os fatos falam por eles mesmos e corroboram os contextos. É importante salientar que logo no início da transição da revista do alemão ao português, há **Exaltação da Política do Governo**, sendo que os textos abordam aspectos do nacionalismo, elogiando o governo e reforçando valores morais e patrióticos.

O texto/poema homenagem ao presidente, acompanhado da imagem oficial de Vargas, é bem colocado nesta discussão. Alguns versos são transcritos abaixo:

Homenagem ao Presidente Vargas

Getúlio Vargas, grandioso nome.
Grande e sempre célebre na história,
Rico manto de progresso e paz

Bordados pelos louros da vitória [...]
O Brasil queria um brasileiro
Que soubesse a glória defender

E o gaúcho ilustre levantou-se
Legando a pátria nosso viver. [...]
(Herculano Junior, O Pequeno Luterano,
mar-abr, 1943, p.7).



Dr. Getúlio Dornelles Vargas
Digníssimo Presidente da República

Figura 12 – Revista O Pequeno Luterano- Imagem de Getúlio Vargas. mar/abr, 1943.

Provavelmente, a exaltação da política de Vargas consistiu em alternativa encontrada para a revista subsistir. Talvez possa ser identificada como tática realizada pelo impresso, já que o domínio ficava por conta dos órgãos de censura do governo ⁹².

A imagem do presidente utilizada nas páginas da revista é a oficial, usada nas repartições e escolas. O texto em forma de poema revela o uso da propaganda em torno da figura que se construiu, a figura mítica do presidente, especialmente, entre o povo gaúcho. Interessante notar que essa exaltação não era referente ao vulto histórico do passado, mas à figura representada no presente. Ou seja, as formas de propaganda do governo Vargas ⁹³ incorporadas no impresso.

Já em outro contexto político, década de 1960, a redação repete esta exaltação ao governo no texto “Semana da Pátria”, exortando a aceitar as autoridades sem contestar, não falar mal dos órgãos policiais e dos governantes. Ressalta-se ali que as crianças devem ser bons cidadãos estudando e orando pelos governantes. No final, lembra D. Pedro I e outros vultos históricos brasileiros (O Pequeno Luterano, set/1965). Certo espírito de passividade e aceitação estão presentes nos discursos impressos, não interessando à redação entrar em questões políticas. Mais uma vez se confirma: orientação ao futuro fiel luterano era a formação religiosa, desconectada da formação política. Não está sendo julgada a posição da instituição, apenas constata-se os mecanismos e táticas usadas para escapar da visibilidade dos grupos dominantes da época. É evidente a posição em não se importar com a situação vivenciada, e sim exercer a religiosidade. Cabe aqui trazer o depoimento do professor Donaldo Schueller, que refere a desvalorização do lado político nas situações enfrentadas pelos luteranos colocando apropriadamente experiências pessoais vividas:

[...] o princípio da minha infância era votar a favor do governo situacionista. Por quê? Porque o governo era o elemento da estabilidade, então quer dizer que uma posição de conflito no governo, de interferir na vida política, absolutamente não estava dentro destas comunidades. Aí se pode entender também este luteranismo meramente cultural, era a cultura, respeite-se isso, somos luteranos, respeite-se isso, e mantém-se então esta tradição luterana

⁹² Nas edições de 1944 até nov/dez de 1946, todos os meses ao final da edição apareciam os dizeres: “Autorizado a circular pelo D. I. P.- Proc. 9654/40”. O departamento em questão era o Departamento de Informação e Propaganda, o qual estava fiscalizando as circulações impressas no país.

⁹³ Segundo trabalho de Capelato (1998) sobre a constituição da propaganda no governo Vargas, a produção dos livros didáticos era usada de forma direta e explícita em textos que não apresentavam contradições e conflitos. Os livros e cartilhas eram em formato de catecismo e mostravam a propaganda do Estado Novo. Além dos livros didáticos, havia panfletos e programas em rádio e televisão, em que se objetivava legitimar o cidadão trabalhador e ordeiro. Assim, o aluno seria educado nesta perspectiva, o que interessava era o interesse coletivo da nação. Esta identidade nacional coletiva seria alcançada através da educação, abordando novos valores e condutas.

de como nós viemos. [...] É este princípio, respeitada a nossa liberdade tudo muito bem, então se o governo é autoritário ou não é, inclusive eles já vieram desta tradição, o governo era autoritário na Europa, monarquista, vem para a monarquia brasileira, [...] Quando se cria uma consciência de cidadania, e eu sou efetivamente cidadão, muito bem, não éramos cidadão antes da segunda guerra mundial, Getúlio Vargas começou a combater as comunidades de imigrantes. Porque a obrigação da língua portuguesa, um fim para nacionalizar estes elementos que não eram considerados nacionais. Quer dizer comunidades absolutamente brasileiras por várias gerações, que não estavam dentro do sistema da língua portuguesa, estavam fora. Eu senti isto na minha infância, éramos outra coisa, éramos nascidos no Brasil sem sermos brasileiros, não havia uma consciência de brasilidade, esta consciência tinha que ser formada e recentemente. Muito bem, surgem várias consciências, a de ser luterano, a de ser descendente de alemão, de ser brasileiro, como se concilia esta situação? Quer dizer que havia a situação de conflito, e a situação de uma abertura só pode surgir a partir daí (Donaldo Schueller)

Tal testemunho reforça a valorização da formação da cultura luterana, que se daria através da religiosidade, da escolaridade voltada aos princípios da germanidade e da doutrina luterana. Assim, no governo do Estado Novo adaptou-se as novas condições, não deixando de defender o luteranismo e, ao mesmo tempo, não se importando muito com questões sociais e políticas do momento. O governo era considerado a instância não interventora da religiosidade, de sorte que a única tarefa dos cristãos seria apoiar e orar pelos governantes. A instituição entendia que não seria necessário contar com o apoio direto do governo nas questões da educação e religião, somente precisariam se adaptar a algumas regras. Não incomodar e não serem incomodados. Como exemplo citado pelo depoente, a construção da brasilidade foi realizada de forma passiva, acatando as normas do Estado Novo – evidentemente com resistência velada – para conseguir o que era considerado importante: a manutenção da religião⁹⁴.

⁹⁴ Prova desta resistência se concretizar é a manutenção de alguns impressos em alemão, em especial, aos destinados ao público adulto, que tinham se alfabetizado na língua alemã e não aprenderam a leitura da língua portuguesa. Os impressos Kirchenblatt e Lutherkalender foram mantidos, mesmo depois da nacionalização.

Dentro dessa perspectiva da exaltação ao governo, conteúdos apresentados à luz da **História Factual** mostram discursos e mensagens carregadas de elementos nacionalistas e ufanistas. Neste sentido, a **História Factual** ocupa, em grande parte, a Unidade “Conhecimento Geral”, em que se descrevem histórias sob a perspectiva da história tradicional, com relatos de guerras, de heróis, ou seja, sem nenhuma criticidade em relação aos fatos apresentados. Neste arcabouço de conhecimento, o “Nacionalismo” e as “Datas Cívicas” estão imbricados, uma vez que estas últimas Unidades reforçam a perspectiva da história que se quer enfatizar.

O Conhecimento Geral aponta para mensagens da História do Brasil presentes nos currículos das escolas da época na perspectiva da história linear e eurocêntrica, solicitando heroísmo dos nomes dos descobridores, dos bandeirantes, dos exploradores (O Pequeno Luterano, Os primitivos do RS, ago/1947). Apresentam várias curiosidades de determinada época, tanto da época colonial como do império, mas de forma descontextualizada, como entretenimento, destituído de maior reflexão (O Pequeno Luterano, com o título “Você sabia que..”, ago-set/1963; set/1964; fev-mar/1966; jun/1966).

Nas primeiras décadas da revista em português (O Pequeno Luterano, 1939-1949), textos alusivos ao dia 7 de setembro, por exemplo, eram referenciados como a data nacional relevante. Em muitos momentos, o tema sugestivo nacionalista abre a capa de setembro com imagem e poemas associados, ou seja, as mensagens são eivadas de brasilidade e de comum acordo com o projeto estadonovista.



Figura 13- Revista O Pequeno Luterano- 7 de setembro. set,1943.

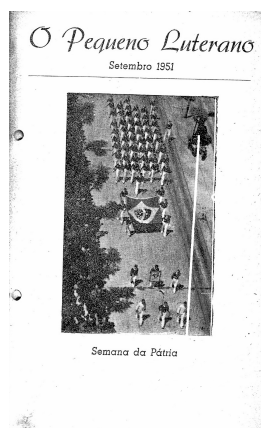


Figura 14- Revista O Pequeno Luterano- Semana da Pátria. set,1951.

Mas nas décadas de 1950-1960 o nacionalismo exposto nas páginas é nutrido por aspectos do governo desenvolvimentista e continua na mesma esteira da história ufanista e tradicional. Os próprios títulos destas histórias dão a ideia como o currículo escolar das escolas utilizava este veículo. Relacionam-se alguns títulos para ilustrar esta análise. A história “Heróis da Pátria” enfatiza o Dia do Soldado, dirige o leitor a celebrar a Pátria com várias histórias de feitos heroicos: a história versa sobre o corneteiro João José que, com heroísmo, na guerra, toca a corneta até o fim. Adiante, menciona-se a história de Duque de Caxias, herói humilde, que deu o seu café a um soldado (O Pequeno Luterano, jul-ago/1950); aparecem muitos relatos da gloriosa passagem de Humaitá, Patriotismo, guerra contra o Paraguai e pormenores do glorioso feito, batalhas de feitos heroicos, etc.(O Pequeno Luterano, mar-abr/1953). Na década de 1960, as chamadas com o título “Histórias de nossa história”, aparecem em quase todos os meses do ano de 1963 (O Pequeno Luterano, jan; fev; mar; mai; jun; jul; ago-set/1963) e em alguns meses de 1964 (O Pequeno Luterano, jan/fev; jul; ago; set).

Essas histórias relatam a biografia de heróis brasileiros do império, da república, da Guerra do Paraguai, da Inconfidência Mineira, entre outros. Todos os textos nacionalistas contemplam o ideário da história organizada em fatos e referem sempre a história oficial. Por vezes, se contam acontecimentos pitorescos de biografias e feitos heroicos, sem jamais questionar a conduta ou problematizar os fatos. Não há contextualização estabelecendo relações com o tempo presente vivenciado. Conforme já foi aludido, os conteúdos históricos reforçam ideias majoritárias daquele período, além de ratificar o projeto moral e cristão doutrinário da revista.

Um bom exemplo é o texto carregado dos preceitos moralistas e doutrinários, além da perspectiva ufanista exacerbada, “A Bandeira do Marquês de Olinda”, que repete os feitos heroicos da Guerra do Paraguai, entrelaçado com o simbolismo dos valores pátrios:

O acontecimento que passarás a ler, meu amiguinho, serve como homenagem à nossa querida bandeira, símbolo de nosso grande e belo Brasil. No dia 13 de novembro de 1864 o vapor brasileiro ‘Marquês de Olinda’ viu-se aprisionado, de uma ora para outra, pelo exército paraguaio. [...] O oficial paraguaio ordenou com voz áspera: - Retirem esta bandeira de negros e levem-na para servir de tapete para o nosso chefe. Que ultraje! Que desaforo para o Brasil! (O Pequeno Luterano, nov/1962, p. 7).

A história finaliza com a ocupação da capital paraguaia e o resgate da bandeira que estava servindo de tapete no Paraguai. A um oficial já velho coube trazer a bandeira de volta ao solo brasileiro. No final, a edição entrelaça a história repleta de fatos heroicos com a formação cidadã dos luteranos, revestidos de valores doutrinários:

Lembremo-nos, sempre, meus amiguinhos, Deus nos deu uma Pátria tão grande e tão linda. Devemos estar agradecidos ao bondoso Pai celestial por todas as bênçãos que nos dá e sempre de novo pedirmos que ele proteja a nossa Pátria contra tudo o que lhe possa ser prejudicial (O Pequeno Luterano, nov/1962, p. 8).

O comportamento do cidadão deveria estar alinhado ao conformismo e passividade diante da realidade política apresentada. Apesar de o recurso usado ser a história da guerra passada, o presente também deveria ser lembrado nos feitos e fatos heroicos. O cidadão deveria deixar os governantes agir, o cristão deveria orar por eles, este é o seu papel, as relações sociais são deixadas para a instância governamental. Pode-se perceber latente o uso destes valores ideológicos englobando a **História Factual** e o **Ufanismo** entre vários elementos das ideologias nacionalistas no contexto brasileiro.

O momento de tensão maior se deu a partir da década de 1950-1960, ou seja, o pós-guerra caracterizou-se pela polarização política entre Estados Unidos e União Soviética. Neste sentido, a revista, após tentar posicionamento apolítico, reforça o seu alinhamento contra as ideias comunistas, justificando-se na perseguição religiosa daqueles países aos cristãos. Como exemplos, as histórias “Viagem para a China”, contada em três partes. Na primeira, a revista oferece uma visão histórica, o texto conta que depois das cruzadas houve muitos homens na Europa que queriam viajar para terras estranhas (pedem às crianças para que localizem a Ásia no mapa); relata a história de Marco Pólo que, apesar, de ter sido europeu, viveu na China 17 anos, sendo enviado pelo imperador da China para outros lugares. Os europeus se admiravam que a China fosse um lugar civilizado; a muralha chinesa era admirada. No final da história, reforça-se o fato da China ser comunista, critica-se este regime, dizendo que muitos discordaram indo trabalhar em outros lugares (O Pequeno Luterano, jan/fev,1959). O segundo texto relata a China como uns dos países ricos em natureza, convidam os leitores a fazerem uma viagem: imaginar como se estivessem no porto de Shangai, com barcos de moradia, granjas de arroz, bichos de seda. Entretanto, criticam a política comunista, ao colocar no discurso as dificuldades de moradia dos trabalhadores chineses (O Pequeno Luterano, mar-

abr/ 1959). O terceiro texto revela os costumes do povo, mostra a parte geográfica, as grandes fazendas, a cidade de Pequim, as ruas estreitas, os costumes alimentares, os costumes do cumprimento. Menciona a vida moderna, a escola para ler e escrever, a educação das meninas e enfatiza que em alguns lugares os missionários são tolerados. Ao final, são reforçados os males do comunismo (O Pequeno Luterano, mai/jun,1959). Os três textos em sequência apontam preocupação do impresso com os países comunistas, pois estes podiam eliminar o cristianismo.

No período histórico de grande efervescência, década de 1960, a revista se mantém distante do momento político. Um discurso subliminar em relação aos fatos políticos apresenta pseudo-neutralidade⁹⁵.

Como se verifica, a menção às autoridades não se limitaram apenas à esfera familiar, escolar e religiosa. A obediência civil e pacífica ao Estado era instigada em textos direcionados, em especial, os de cunho nacionalista. Especialmente no período de nacionalização do ensino, textos engrandecendo os heróis da Pátria, insistindo na aceitação da condução pacífica dos governantes foram recorrentes. Mas as histórias de lição de moral, em que aparecem aspectos de obediência aos pais relacionados à doutrina, especificamente com o quarto mandamento, são as que aparecem de modo ainda mais significativo. Os filhos não devem descuidar dos seus deveres e respeitar aos superiores, porque, certamente, se não o fizerem, poderão ser castigados. As histórias de lição de moral levam à aplicação de condutas ou lembram sobre o castigo, o arrependimento e a subserviência, práticas importantes na conduta das crianças. Do mesmo modo, histórias bíblicas são apresentadas repletas de exemplos de obediência, enfatizando, a dedicação a Deus e a doutrina difundida pelo Sínodo⁹⁶.

⁹⁵ Em outros textos da revista, outras posições de neutralidade política reaparecem, como na crítica ao comunismo. Os textos de Lição de Moral, ilustrados a partir de um excerto denominado “Não fale mal do governador” exemplificam de forma clara esta discussão: Duarte da Costa governava o Brasil colônia e tinha o costume de passear à noite sozinho pela cidade, ouvindo os comentários e as queixas do povo. Numa noite fria estava passeando e ouviu uma discussão, uns o criticavam, outros o defendiam, deu um susto, e disse: não falem mal do governador, não se deve falar mal de ninguém. Ao final do texto indica versículos, que reforçam a aceitação da autoridade sem contestar (O Pequeno Luterano, jun/1962).

⁹⁶ A título de ilustração, a história denominada “As portas do seminário estão abertas”, indica a postura que as crianças e jovens devem ter em relação aos pais mais velhos. De forma resumida, a história relata a passagem bíblica de Eli, orientador de Samuel, o qual via os seus pais uma vez por ano. Ele era diferente dos filhos de Eli que eram maus e não eram repreendidos, mas um dia Samuel recebeu um aviso que os filhos de Eli seriam castigados. Quem não obedece a Deus é castigado. Assim, muitos podem ser pastores e professores para seguir a Cristo e orientar as demais pessoas que não são obedientes (O Pequeno Luterano, out/1963). Neste caso, a obediência é treinada e moldada para Cristo, mas, acima de tudo, ela é voltada para Deus.

O “**Desenvolvimentismo**”, Subunidade com menor número de recorrência nas Unidades, é construído partindo, em especial, dos pressupostos dos discursos nacionalistas presentes na revista. Mas apesar de somente um título do nacionalismo se encontrar relacionado a este tópico, foram encontrados textos que reforçam a ideia do país moderno, com mais ênfase a partir da década de 1950, tendo como exemplo a admiração dos monumentos, como o de Brasília, (Deus abençoe a nossa Pátria, O Pequeno Luterano, nov/1955) bem como o relato da natureza brasileira que precisava ser explorada (O Pequeno Luterano, O assombroso Amazonas, out/1955). Mas alguns excertos mostram outros textos históricos, numa perspectiva de exaltação dos heróis e da nação. Ainda chama atenção este tópico veiculado na revista em forma de notícias da igreja, com relatos de expansão e de resultados de missão da instituição (O Pequeno Luterano, Notícias da Igreja, nov-dez/1960).

Outra Subunidade de cunho ideológico, “**Eurocentrismo**” foi constituída a partir de textos que colocavam o homem europeu, branco, cristão, e neste contexto, ainda, luterano, como o mais correto exemplo e modelo a ser seguido. As histórias de lição de moral reforçam essa ideia, que a missão e conversão destinada a povos africanos e asiáticos era uma obrigação dos povos cristianizados, em levar a verdadeira fé e os ensinamentos de Cristo aos pagãos (O Pequeno Luterano, João Paton - missionários entre os canibais, parte 1, set/1951). Muitas histórias, na sua maioria relatos reais, em que são mencionadas biografias de missionários, contam que estes deixaram a sua vida confortável na “civilização” e foram morar em tribos e aldeias que tinham costumes considerados pela instituição religiosa como “errados” e “perniciosos” (O Pequeno Luterano, João Paton - missionário entre os canibais, parte 3, mar-abr/1952). As histórias abordam os costumes religiosos destes povos e apontam para a necessidade e a urgência da conversão deles. Ainda, reforçam que temos que agradecer muito por termos a estrutura religiosa considerada “verdadeira”.

É possível contextualizar todas estas ideias, pois neste período, a noção do respeito étnico à diversidade não era tão apregoada entre os meios culturais ocidentais. Assim, este pensamento não era exclusivo das instituições religiosas cristãs, mas de todo conjunto da sociedade eurocêntrica. As histórias revelam estes missionários como homens exemplares, que devem servir, de fato, como exemplos para as crianças. Por sua vez, os leitores devem fazer missão, não sendo necessário pregar a palavra aos pagãos em lugares longínquos, mas reforçar e disseminar práticas missionárias no meio em que vivem. O exemplo destes destemidos missionários reforçaria práticas comuns, como falar da palavra de Deus e

salvação, propagando a mensagem a todos através do conhecimento religioso. Do mesmo modo, seria necessário orientar a conduta infantil, inculcando a certeza nestas crianças à participação em uma instituição considerada como a que detém os verdadeiros princípios doutrinários (O Pequeno Luterano, João Paton - missionários entre os canibais, parte 2, jan-fev/1952)⁹⁷.

4.3 A QUESTÃO DO HIGIENISMO

Outro conteúdo de cunho ideológico insistentemente apresentado na revista é o que se refere ao movimento higienista, também abordado como conhecimento secular, mas com forte apelo moral. Estes aspectos constituíram as Subunidades **Alerta de Doenças e Higienismo**.

O movimento higienista da época, atrelado ao nacionalismo do Estado Novo, é reforçado pela dimensão da ordem e da moral. Há necessidade de controlar e moldar o espírito com ideais de nacionalismo e obrigações cívicas, agregado ao controle corporal através de práticas higienistas.

Tais ideias formaram todo um ideário na sociedade brasileira. Tal ideário esteve presente nas relações sociais e culturais, como a preocupação com o controle das epidemias, através da vacinação em massa, etc. Na escola, o movimento higienista pôde ser fortalecido com a inserção dos saberes médicos à pedagogia, ou seja, a figura do médico não deveria ser dispensada do meio escolar. Essa atuação não consistia somente na presença física, como inspetor, prescritor e examinador das condições dos corpos e da saúde das crianças, mas, presente em exortações e cuidados. Maria Stephanou (2006b) refere que a preocupação estava relacionada a uma concepção fisiológica, que examina o indivíduo no seu detalhadamente, mas que necessita da adesão social para levar a efeito os seus objetivos. A respeito disso, afirma:

Uma nova concepção de medicina, dessa maneira, estendia-se para uma 'leitura' médica dos fenômenos educativos: uma visão fisiológica do escolar, a importância atribuída a todas as atividades funcionais do ser vivo a serem consideradas pela escola – uma educação física, mental, intelectual, moral –, as condições do terreno e as predisposições herdadas ou constituídas pelos

⁹⁷ Em número menor, mas não menos significativas, são as histórias ligadas a Datas Cívicas e conhecimento histórico, em que são reforçados valores de nacionalismo, colocando a cultura indígena como aquela que precisou ser civilizada pelos brancos, especialmente, em se tratando da religião. Percebe-se na análise que o eurocentrismo mantinha relações com a ideologia política, embora o Sínodo fizesse questão de reforçar a sua neutralidade, acabava condenando governos comunistas e que não tivessem alinhados a projetos cristãos (O Pequeno Luterano, A missão entre os selvagens, jan-fev/1958; A Índia, jul-ago/1959; O grande Deus Triúno, jul-ago/ 1962).

processos preventivos e pedagógicos. Além do mais, a concepção fisiológica estende-se para o social e pensa o indivíduo e a coletividade como absolutamente interdependentes: um indivíduo não contribui para uma sociedade sadia e, inversamente, uma sociedade em degeneração produz indivíduos imperfeitos [...] (p. 37).

Conforme o discurso da época, este conhecimento médico precisava ser apropriado pelos professores e pais, a sociedade funcional carecia de uma educação física, mental e moral. Estas três perspectivas estavam juntas e atreladas aos mesmos objetivos: formar pessoas sadias e ordeiras, que ocupassem sua mente com pensamentos pacíficos. Assim, os modos, tanto físicos quanto intelectuais, precisavam de controle por meio da educação. A ligação do médico com educadores necessitava ser cada vez mais estreita:

Da mesma forma que ao pedagogo competia apropriar-se dos conhecimentos científicos da biologia e da psicologia para compreender a criança e qualificar sua tarefa educativa, o médico na escola não exercia simplesmente medicina, mas constituía-se como educador. Ora, para o bom desenvolvimento de tão elevada função, além do preparo médico especializado, também cumpria ao médico possuir dotes de espírito que permitissem abranger filosoficamente o conjunto das ciências relacionadas com a pedagogia (STEPHANOU, 2006b, p 41).

Essa inter-relação e valorização dos saberes médicos foram propagandeadas no ideário higienista já no final dos anos 1920, vindo com força nas décadas de 1930-1950. Essas mensagens, além de serem reforçadas nos currículos escolares, na presença de práticas médicas nas escolas, em manuais e livros didáticos, foram veiculadas também em almanaques, manuais médicos prescritivos⁹⁸, e também em revistas dirigidas ao público infantil, como é o caso de *O Pequeno Luterano*. Nada mais útil para uma revista que tinha

⁹⁸ Maria Stephanou aborda o uso de mensagens higienistas direcionadas para o público em geral através de manuais de saúde. Estes se transformaram em livros com autores médicos e eram veiculados através da imprensa: “Os manuais sobre os quais me detive foram objeto de significativa circulação e difusão, sendo manifesta a preocupação do Dr. Mário Totta, seu autor, em atingir diferentes grupos sociais. Embora descuidados pelas investigações no âmbito da História da Educação constituíram-se em meios educativos por excelência, voltados especialmente à população das cidades e visando a uma educação sanitária para além das escolas. Mais do que um conteúdo instrucional, os manuais se colocam como dispositivo privilegiado no que se refere à produção de novas subjetividades, identificadas com as atenções a dispensar a si mesmo, produzir-se como sujeito de uma higiene, uma educação e uma conduta próprias à urbanidade e, afinal, ‘civilizadas’” (STEPHANOU, 2006a, p. 42).

objetivos religiosos e educativos, veicular textos que exortassem e controlassem os seus fiéis, podendo estabelecer relações entre higienismo, moralidade e doutrina.

Nas leituras de *O Pequeno Luterano*, essas mensagens do higienismo aliam-se ao nacionalismo ufanista enfatizado na época. Com o culto à Pátria, são reforçados também preceitos do militarismo⁹⁹ através da educação física nas escolas, já que esta disciplina atenderia uma demanda de valorização do corpo para a formação de bons cidadãos, disciplinados e ordeiros.

Muitos artigos da revista estão relacionados à higiene, saúde e patriotismo, sendo cada vez mais recorrentes na revista, especialmente entre as décadas de 1930-1955. O Sínodo de Missouri não estava alinhado ao movimento germanista promovido por outras instituições luteranas, mas era uma instituição que tinha entre a maioria de seus fiéis descendentes germânicos. Assim, infere-se que era preciso reforçar os valores patrióticos e os valores higienistas para evitar perseguições do Estado Novo.

Ainda em publicação na língua alemã, a preocupação com os hábitos higiênicos é destacada e relacionada aos princípios doutrinários cristãos.

Não esquecer a limpeza dos dentes
 Volto mais uma vez sobre a atenção a esta necessidade. Vocês não devem de esquecer este dever. Muitos são perturbados com as queixas dos dentes e com as dores. Mas está em vocês mesmos que estas queixas possam ser evitadas ou diminuídas. Para isto é necessário apenas um trato com os dentes. Cada um, com um pouco de dinheiro pode comprar uma escova de dente. Há também que comprar pasta de dentes para uma minuciosa limpeza. Certamente é necessário que de tempos em tempos procurem o dentista. Quando eu recomendo a vocês um trato com os dentes é para não sofrerem mais tarde. O Apóstolo Paulo adverte aos cristãos, que vossos corpos devem ser tratados ordeiramente. Com o tratamento do corpo pertence também a limpeza dos dentes. Em torno disso ainda digo:
 Não esquecer a limpeza dos dentes! (Kinderblatt, out/ 1937, p. 38-39).

O conselho sobre a limpeza do corpo é relacionado com a ordem moral e religiosa que, na revista, conforme se verificou até aqui, era preciso ressaltar. Evidencia-se um controle minucioso das práticas higiênicas concomitante a práticas religiosas, configurando um verdadeiro processo disciplinar. Com apoio em Foucault (1989), é possível melhor compreender estas práticas:

⁹⁹ Não se pretende aprofundar a formação da ênfase militarista na educação física no Brasil, mas entende-se que cabe destacar este movimento, o qual auxiliou na formação de um ideário nacionalista, ufanista e, também, dos ideais higiênicos. Para saber mais sobre o militarismo e educação física, ver SOARES (2002; 1991).

A disciplina é uma anatomia da política do detalhe. [...] Nessa grande tradição da eminência do detalhe viriam a se localizar sem dificuldade as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente, de treinamento [...] (FOUCAULT, 1989, p.120).

Tais cuidados apontam para um controle meticuloso e minucioso do corpo, não apenas no aspecto da higiene corporal, mas em relação ao comportamento moral e disciplinado. A maneira de andar, a atitude de não roer unhas mostram que os pequenos gestos e hábitos mereciam toda a atenção¹⁰⁰. Até mesmo em relação aos modos de leitura as orientações estão presentes na revista. A preocupação se dá desde a higiene dos olhos e até às maneiras de ler¹⁰¹.

Assim como o Higienismo, a Subunidade **Alerta de Doenças** conta com textos de exortação moral e higienista. O espaço educativo da revista era ocupado com estes textos, porque no espaço escolar seria necessário organizar a saúde pública da população. Os investimentos no setor da saúde neste período eram ínfimos, e seria naturalmente mais econômico a escola se ocupar com a educação para a saúde.

Cabe registrar que anúncios de remédios são recorrentes na revista a partir da década de 1960. De certa forma serviram para financiar os custos¹⁰² divulgando remédios comuns – para evitar doenças simples, como verminose, gripes, problemas estomacais – e fortificantes para memória e para o físico. De modo geral, tais textos são prescritivos e informativos.

A Subunidade “**Maternidade**” faz parte dos conteúdos ideológicos, porque se relaciona à educação da criança, destacando o papel da mãe como de fundamental

¹⁰⁰ Uma das histórias contadas no O Pequeno Luterano ilustra bem esta proposição:

Pedro - um menino de bons hábitos

Pedro, ao clarear o dia, salta de cama bem disposto. Veste-se e vai lavar o seu rosto. Saúda os pais e em sua companhia toma café. Antes de ir à escola dá uma última olhada nas lições e verifica se nada falta. Despede-se do papai e da mamãe e dirige-se logo após diretamente à escola. (...) Chega pontualmente. Na aula, Pedro é atencioso e comportado. (...) Os seus exercícios mostram capricho e asseio. No recreio é bom companheiro. (...) Finda a aula, sem demorar, volta ao lar paterno. Evita as más companhias. Na rua não grita, nem briga (...) (O Pequeno Luterano, jun/ 1947, p. 23).

¹⁰¹ A seguir um pequeno excerto que ilustra bem esta afirmação. São apontados alguns tópicos de deveres e não deveres em relação aos olhos:

Higiene dos olhos

Devemos

- No fim de cada 15 minutos de leitura, erguer os olhos do livro e olhar um pouco para a distância. (...)

Não devemos

- Ler num trem ou automóvel em movimento. (...)

- Levar aos olhos toalhas, lenços ou qualquer outro objeto sujo. (...) (Extraído de AVENTURAS NO MUNDO DA HIGIENE, de *Érico Veríssimo*) (O Pequeno Luterano, jan/fev, 1948, p. 6-7).

¹⁰² De acordo com a entrevista dos editores, Alípio e Wanda Linden, a revista aumentou muito o número de páginas, antes do fechamento, devido à propaganda e à publicidade.

importância. Caracteriza-se também como ideológico porque incita a conduta feminina à aceitação de preceitos de como ser uma mãe saudável e investida de exemplo moral¹⁰³.

Histórias enviadas pelos leitores também continham elementos da maternidade e preocupação em formar mulheres para esta tarefa. Um anúncio de programa de dia das mães é observado na edição da revista, que orienta para que fosse usado nas escolas paroquiais e dominicais. (O Pequeno Luterano, fev/mar, 1965). O projeto de educação na casa e na escola estaria fortalecido com a figura materna.

A revista não hesita em exortar leitores a respeitar seus pais, exaltando a figura da mãe, relacionando com a doutrina e com o ensinamento dos mandamentos. A história do Kinderblatt (Das vierte Gebot), “O quarto mandamento”, instrui sobre esta prescrição através de perguntas do catecismo de alto grau de dificuldade, seguidas de exortações morais e questionamentos positivos sobre a conduta das crianças (Kinderblatt, set/out, 1933).

Os aspectos ideológicos e seculares permearam os conteúdos da revista, mantendo estreitas relações com os conteúdos escolares, que será abordado especificamente no próximo capítulo.

¹⁰³ Ao fazer o cruzamento com as Unidades, as que mais aparecem são as Datas Cívicas, em forma de poema e de atitudes que os filhos devem ter em relação às mães. Uma destas histórias faz referência ao dia das mães, contendo imagem com o título “Tu e a tua mãe” e relembra o sacrifício e os cuidados que a mãe tem, e a educação especialmente religiosa para abençoar os filhos. (O Pequeno Luterano, jul/1964). Diferentes poemas e histórias sobre a maternidade são retratados em forma de imagens, em que a docilidade, a suavidade, a dedicação aos filhos e ao lar são definidos e devem ser exercidos pela mulher.

*Escolas paroquiais e a revista- interlocução
institucional?*

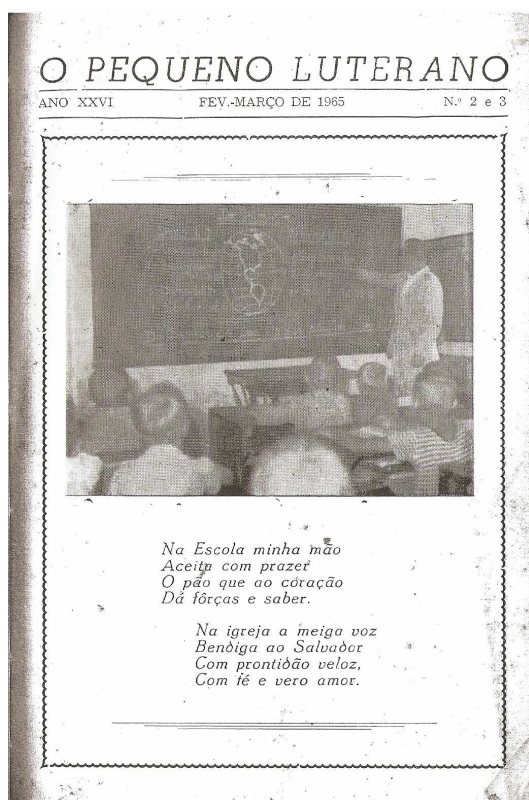


Figura 15 - Revista O Pequeno Luterano – Sala de aula: Escola Paroquial, fev/mar, 1965.

Figura 16 - Revista O Pequeno Luterano- Sala de aula: Escola Dominical, jun, 1963.

5. AS ESCOLAS PAROQUIAIS E A REVISTA - INTERLOCUÇÃO INSTITUCIONAL?

5.1 ATIVIDADE ESCOLARES

A educação formal era relevante para o Sínodo. As escolas paroquiais sempre fizeram considerável investimento, desde o início da formação¹⁰⁴. Entretanto, nas décadas de 1950-1960 elas perderam força, pois muitos alunos/leitores começaram a estudar em escolas públicas. A revista precisou criar mecanismos de envolvimento dos leitores em atividades que representassem o conhecimento escolar. Por isso, nesta análise a Subunidade Atividades Escolares é representativa, em especial, localizada na abrangência dos conteúdos da relação redator-leitores. Demonstra-se, assim, que as Unidades gerais *Contato Leitor-Revista*, *Escolas Paroquiais*, *Notícias da Igreja* e *Redação da Revista* são as mais recorrentes no campo das Atividades Escolares.

Muitas cartas enviadas à redação são de alunos escrevendo sobre sua escola ou participando na solução de charadas. Há um envolvimento previsto pela revista em receber e publicar as cartas de alunos e de escolas. Nestas cartas os leitores relatam as práticas escolares, como premiações de melhor aluno e resolução de charadas estimuladas pela redação. Em determinado momento, as correspondências se intensificam, há concursos de redações. São diferentes estratégias usadas pela edição para envolver o leitor, na condição de aluno, que, por sua vez, reelabora e usa táticas para se adequar a estas propostas. Enviam charadas e interagem com a revista, mas, por vezes, a redação reclama da falta de leitores interessados em escrever. Há o envio, por exemplo, de uma carta à redação, intitulada “A carta de Plínio”, assinada por Plínio Isidoro Wegner, de Candelária: o menino expõe notícias da sua escola, o número de alunos, a sua confirmação, relata que vai ao seminário. A redação responde que espera ouvir mais projetos de outras escolas, que muitos leitores não têm

¹⁰⁴ Conforme já referendado na dissertação de mestrado WEIDUSCHADT, 2007.

enviado cartas e não mantêm esta interlocução com o impresso (O Pequeno Luterano, mar/jun, 1964).

Era preciso recriar diferentes estratégias editoriais para favorecer a interlocução entre leitor e impresso. Seria uma tentativa de manter os assinantes, o interesse deles, o seu uso na escola. De acordo com reclamações, a revista continuava esperando também novos leitores interessados.

Ainda sob a perspectiva de análise, verifica-se que as Atividades Escolares perpassam a Unidade Escolas Paroquiais. Muitas práticas foram orientadas para as escolas através do impresso, como orações publicadas sugeridas especificamente para o uso na escola, (Ir somente com Deus para o início das aulas, O Pequeno Luterano, jan/fev, 1938). No final da década de 1950 até 1960 muitos textos tomam a defesa da escola, com propósitos de defender a escola paroquial, lembrando as suas práticas e a importância delas na vida educativa das crianças.¹⁰⁵ As Atividades Escolares estão entrelaçadas com os conteúdos ilustrativos e gráficos. Era necessário chamar a atenção no meio escolar através de material didático e livros, porque, apesar dela ser destinada ao público infantil, o público adulto, pais e professores, também a liam e as usavam nas escolas. Tais anúncios são publicados depois da década de 1960. Mais comuns são livros litúrgicos, doutrinários e cancionários.¹⁰⁶

Nas páginas do Pequeno Luterano, as imagens reforçam a ligação da criança leitora à criança aluna. Uma das imagens relevantes mostra a criança orando na escola (O Pequeno Luterano, mar-abr/1958). Outra imagem apresenta um aluno oferecendo um presente a sua professora (O Pequeno Luterano, jan-fev, 1959).

¹⁰⁵ O título “Batalhemos por nossas escolas” foi utilizado no impresso para expor os objetivos de uma escola cristã. O texto exalta a escola paroquial para o fortalecimento da congregação cristã, por isso que ainda ao lado de uma igreja deve haver uma escola, não serão apenas instruídas nas matérias seculares, mas também os alunos serão instruídos na religião cristã, alunos devem ser educados e viver num ambiente cristão. No final, cita a escola paroquial do município de Novo Hamburgo/RS que foi fundada em 1925 como uma escola missionária, sendo, no momento, dirigida pelo diretor e professor Alípio Linden, (depoente da pesquisa), auxiliado por quatro professores (O Pequeno Luterano, set/1962).

¹⁰⁶ Um, em especial, chama atenção: Lições Concórdia de Marthin Lutero, servindo para o uso das escolas dominicais e paroquiais. O livro anunciado trata da vida e obra do reformador, serve como livro de leitura para as crianças do primeiro ano. (O Pequeno Luterano, jul/1964). No entanto, depois, o anúncio se repete em vários meses do ano de 1964 (O Pequeno Luterano, ago/set/out-nov/dez/ 1964).

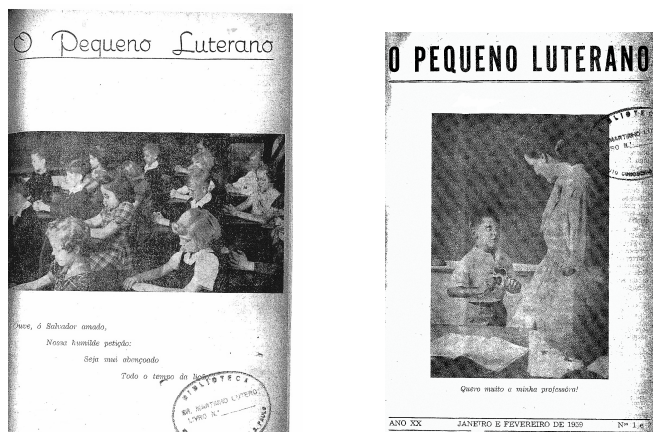


Figura 17 - Revista O Pequeno Luterano- Oração na escola. mar/abr,1958.

Figura 18- Revista O Pequeno Luterano- Quero muito a minha professora! jan/fev/,1959.

A revista, mesmo não tendo muitas condições para investir em recursos gráficos, valorizava a imagem de crianças na escola, envolvidas com professores, colegas. Chama a atenção a variedade de imagens em relação à escola.

5.2 EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR

A Subunidade Educação Familiar e Escolar se constitui por diferentes temáticas, esteve circunscrita nos conteúdos religiosos e doutrinários representados pelas histórias de Lição de Moral nos conteúdos de cunho ideológico representados pelas Datas Cívicas e com inúmeras imagens da relação familiar e escolar das crianças. Como a família e a escola mantinham interlocução relevante na revista, a temática de conteúdos de relação redator-leitor é intensa.

O trabalho da família e da escola se complementava no contexto das escolas paroquiais. A revista “O Pequeno Luterano” também apresentava interlocução revista-leitor no espaço escolar. Muitas propostas da revista estimularam este espaço, como os concursos de redação. Pode-se usar como exemplo o concurso com a temática “Figura Materna”. O tema foi previamente escolhido pela redação e intitulava-se “Por que gosto da mamãe?”. A leitora

vencedora teve o direito de publicar a sua carta.¹⁰⁷ As orientações e as indicações do comportamento descritos na redação da leitora mostram as práticas que as crianças deveriam seguir e também orientam o comportamento dos pais para proporcionar aos filhos a educação religiosa, estimulando o conhecimento bíblico.

Em relação às escolas paroquiais um texto importante e relacionado com estas discussões é o chamado “De volta para a Escola”, ele é sugestivo e vem acompanhado de imagem ilustrativa de crianças se aproximando de sua professora:

‘No dia 1º de março recomeçam as aulas. Vou pedir a Deus que abençoe meus estudos e que dê boa saúde ao meu professor. Quero bem a ele porque sei que me quer bem a mim. Quero lhe obedecer, preparar bem as lições em casa e fazer bom uso do tempo de que disponho. Se eu sou leviano e preguiçoso talvez vá ‘rodar’ nos exames de fim de ano; então terei perdido tempo e gasto inutilmente o dinheiro de meus bons pais. Isto não quero fazer. Quero dar um bom exemplo aos meus colegas. Procurarei viver em harmonia com todos eles. Não vou colar, porque isto realmente é furto e enganar o professor. Jesus não aprova isso. (O Pequeno Luterano, Muller, fev-mar/1957, p.2).

Notável perceber a condução do comportamento das crianças como alunos e filhos. O redator coloca o narrador como se fosse o leitor que retoma os estudos e perfila os comportamentos desejáveis que um aluno e um filho devem ter. A relação da família com a escola é de complementaridade. A partir do texto, pode-se supor que estes leitores eram, em sua maioria, pertencentes às escolas paroquiais. A moral religiosa novamente é colocada em cena, as atitudes da escola precisam estar de acordo com os princípios cristãos. O modo como o impresso se organiza e cerca o meio escolar é, de certo modo, eficiente, ele usa estratégias para isso, ele quer moldar um determinado comportamento. Contudo, o leitor se apropria e não se pode afirmar que ele seguirá todas as orientações, visto que poderá usar táticas de escape.

As relações na escola, por vezes, não são tão harmoniosas, há conflitos e descontentamentos. No entanto, diretamente, não se visualiza no impresso estes conflitos, até porque a edição mantém o controle na circulação dos conteúdos. A partir de textos analisados, pode-se inferir que havia muitos problemas com a revista, pois precisavam não só de mais assinantes para se manter, como de doações para ilustração. Havia escolas cancelando as

¹⁰⁷ A carta da menina relata a educação dos pais em se preocupar com a religião, a mãe sempre contando histórias bíblicas, reforça o dever de obediência aos pais, orienta que não devemos ter ingratidão e o dever de ser solícito com os pais (O Pequeno Luterano, Loni Decken, jul-ago/1950).

assinaturas em função de a revista focar, em grande parte, os conteúdos religiosos e doutrinários.

O excerto que se dirige às escolas mostra através do título a tensão e uma certa dependência da redação em relação aos seus leitores e ao universo escolar.

Um apelo às escolas

Para ser atraente e interessante, nosso Pequeno Luterano precisa apresentar clichês, estampas, quadrinhos. Cada número devia ter bonita estampa na capa, tamanho maior, e umas três, de tamanho adequado nas outras folhas. Mas estes clichês que são feitos de chumbo e dos quais se tiram os quadros, custam ente 30 e 25 cruzeiros cada um. Se cada escola ajudasse com um donativo de Cr\$ 350,00 poderíamos mandar fazer uma porção de estampas e desta maneira tornar cada vez mais atraente o nosso Pequeno Luterano. Quem vai cooperar? Podeis enviar um vale postal para este endereço...[...] Se o Alfredinho e a Carmem tiverem um pai abastado que sozinho quer fazer uma oferta neste sentido naturalmente também será aceita (O Pequeno Luterano, Muller, fev-mar/1957, p.2).

O texto mostra claramente o uso da revista na escola, a ligação deveria ser coesa e estreita, pelo menos neste período. O dirigir-se à escola para auxiliar nas dificuldades demonstra que a instituição escolar teria influência nos assinantes. Poderia ser que nem todos os alunos tivessem a assinatura, mas o seu conteúdo era compartilhado com os alunos assinantes e não assinantes¹⁰⁸. A edição percebia que a revista precisava ser mais atrativa nos aspectos gráficos, já que neste período havia concorrência de outras revistas não religiosas ou de outras confessionalidades diferentes.

Os tensionamentos sofridos na circulação, produção e apropriação da revista são bem caracterizados no texto “Observações a respeito do Pequeno Luterano”. O texto faz um balanço geral da edição e expõe as dificuldades da revista ao mesmo tempo em que corrobora a hipótese do uso da revista nas escolas paroquiais, confirmando o uso em atividades escolares e sendo disseminada entre as crianças para estimular e controlar a leitura.

O texto é longo, mas traz elementos importantes. De forma resumida o redator coloca o seu papel como editor desde 1954 e revela que muitos pastores e professores redigem muitas revistas da igreja sem ter dedicação exclusiva para esta tarefa, acumulando outras funções, como o magistério e o pastorado. Desculpam-se pelos atrasos, explicam de forma

¹⁰⁸ O uso da revista na escola por assinantes e não assinantes será referendado neste trabalho nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa.

detalhada o processo da edição, mencionam a impressão por parte da editora de livros para escolas. Criticam as histórias em quadrinhos¹⁰⁹ e outras revistas religiosas, sem preocupação doutrinária:

Ao examinarmos, porém, as muitas revistas para as crianças, quantas entre elas trazem real proveito aos seus pequenos leitores? Umaz trazem histórias tão sangrentas em quadrinhos por vezes tão horripilantes que sentimos repulsa. [...] Outras revistas há que não contém artigos ou estampas nocivos; limitam-se a apresentar fatos, cousas, histórias que estimulam a mente. Desta categoria faz parte a revista 'Nosso Amiguinho', publicada pela Igreja Adventista (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 14-15).

Em seguida reforça a explicação dos objetivos da revista:

Nosso alvo
 NOSSO ALVO é outro. Queremos fazer mais do que estimular e divertir a mente. Queremos proclamar o Cristo Crucificado e Ressuscitado. Queremos ensinar aos pequenos leitores quem é Jesus e como nos salvou mediante sua vida e morte. [...] Queremos ajudar aos pastores, professores e pais a formar filhos de Deus, sólidos cristãos, bons cidadãos da pátria (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 15).

Reforça-se, através do impresso, a interligação entre religião, escola e família, não esquecendo a formação cívica, por isso, aponta-se para a relação dos conteúdos considerados importantes e editados no Pequeno Luterano:

De acordo com nossa concepção uma boa revista para crianças, ela deve conter os seguintes elementos: Instrução progressiva no catecismo, histórias bíblicas, trechos edificantes da história da igreja, trechos da história universal, descrições das maravilhas que Deus opera nos vários reinos da natureza, atualidades da vida com oportuna aplicação às crianças, perguntas bíblicas, charadas e piadas inocentes, projetos proveitosos (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 15).

Percebe-se a relação dos conteúdos na ordem de importância para a revista, primeiro a doutrina, a religião, o conhecimento da igreja, o conhecimento geral e, por fim, os conteúdos lúdicos, não deixando de lado a religiosidade. Reforça os objetivos de formação

¹⁰⁹ O controle da leitura infantil não estava somente na preocupação de instituições religiosas, mas fazia parte de políticas governamentais e educativas para coibir determinados livros ou revistas infantis. Para aprofundar mais, ver em VENTORINI, Eliana. **Regulação da leitura e da literatura infanto-juvenil no Rio Grande do Sul, na década de 1950: interdição, triagem e intervenção das autoridades**. Porto Alegre, UFRGS, 2009. Dissertação de mestrado.

cristã e doutrinária que os leitores devem ter. O texto não se dirige somente ao público infantil, neste caso, a redação se volta aos pais e professores, em especial à esfera escolar, porque no final se menciona:

Um voto de agradecimento

Queremos aqui agradecer a todos os pastores e professores que se esforçam por difundir o quanto possível O Pequeno Luterano entre os membros de suas paróquias. Exortam-nos desta maneira a continuarmos na redação do jornalzinho em vez de dizermos: Basta-nos o serviço que temos com a comunidade; pode um outro se encarregar do Pequeno Luterano.[...] (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 15).

Por outro lado, a redação aponta pontos negativos, os tensionamentos em relação à escola e às comunidades:

Motivo de tristeza

O que estranha sobremodo é que 12 pastores e 7 professores tenham apenas 1 assinante do Pequeno Luterano, cada um. 5 pastores têm somente 2 assinantes; 4 ministros têm 4 assinantes, respectivamente. Como explicar isso? Será por que o Pequeno Luterano tem feição muito humilde ou é muito caro ou não se faz reclame em seu favor (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 15 e 16).

É visível a rede de leitores que a redação buscou em torno da educação familiar e escolar dentro do próprio espaço comunitário da igreja, dirigindo no final ao público infantil ao qual pretende atingir:

Um apelo

Rogamos a todos que procurem introduzir 1 Pequeno Luterano em cada família que tenha filhos na idade de 7 a 15 anos. Estimados irmãos pastores, professores e prezadas crianças, vamos todos orar a Deus, pedindo-lhe que faça prosperar nossa revista para sua glória e eterno proveito de muitos leitores. E lembrem-se que sempre aceitamos com gosto colaborações proveitosas e oportunas tanto da parte dos pastores e professores como da dos pequenos amigos (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 15 e 16).

A idade das crianças prescrita pelo impresso como a ideal estaria de acordo com a idade escolar no ensino fundamental, estaria na base da formação das crianças. Chama atenção a integração da rede de leitura formada pela escola e pela igreja. Por isso, na seqüência do texto são citados os pastores e as comunidades com o respectivo número de

assinantes. Queremos reproduzir para dimensionar o quanto era importante legitimar o uso da revista no contato redator-leitor.

Estatística

Os pastores que têm o maior número de assinantes são os seguintes:

Augusto Gedrat, Moreira, RGS - 75¹¹⁰

George Mueller, Porto Alegre- RGS - 53¹¹¹

Reinwald Hesse, Toropi, RGS - 43

Ernesto Heine, São Paulo - 34¹¹²

Edgar Klein, Rolante- RGS- 31

Gustavo Scolze, Imbituva, Paraná - 30

Paulo Hasse- Riod e Janeiro - 30

Evaldo Elicker, Sítio, RGS - 30

Carlos Warth,¹¹³ Novo Hamburgo, RGS - 25

Alfredo Hueller,¹¹⁴ Solidez, RGS- 20

Se nossa lista contém erros, pedimos aos irmãos que os retifiquem. Alguns dos professores também conseguiram número apreciável de assinantes (O Pequeno Luterano, Muller, mar-abr/1958, p. 15 e 16).

Chama atenção a publicação estatística nas páginas da revista. Certamente não estariam direcionadas ao público infantil, mas sim, à rede de leitores que precisava ser fortalecida com os dirigentes das comunidades: os pastores e os professores. Muitos destes pastores atuavam como professores, como no caso de Solidez, interior de Canguçu, em que o acúmulo da dupla função ocorria. A propaganda deveria partir deles, a revista usa de estratégias para persuadir, colocando os casos positivos de assinaturas significativas de determinadas comunidades para servir de exemplo às outras. Neste caso, é possível perceber a importância da revista usada nos meios educativos e religiosos da instituição.

Por isso, as histórias de educação familiar e escolar estavam ligadas às histórias de lição de moral, diretamente relacionadas aos comportamentos desejáveis das crianças se portarem, especialmente, no espaço doméstico.

A família, junto com a escola, seria o espaço propício para as atividades de leitura e instrução através do impresso, nela a rede de leitores poderia ser formada, porque através dos

¹¹⁰ Este número se dava no Orfanato de Moreira, em que os números da revista eram dados gratuitamente.

¹¹¹ Redator e editor da revista, mas atuava como pastor na comunidade de Porto Alegre.

¹¹² Na cidade de São Paulo começava a funcionar um seminário e escola fundados pelos Sínodo de Missouri, na época.

¹¹³ Diretor geral da revista "O Pequeno Luterano".

¹¹⁴ Localidade do interior de Canguçu, é mencionada com grande número de assinantes. Por ser um lugar de pequeno número populacional, fica demonstrado um número significativo de assinantes.

indícios¹¹⁵, acreditava-se que muitos pais eram leitores de revistas religiosas e, nas décadas de 50 e 60, alguns teriam sido leitores de revistas infantis e juvenis, organizadas pela igreja.¹¹⁶

A noção do trabalho como virtude é estimulada através de histórias que refletem uma lição a ser aprendida. A história “Os Pequenos Preguiçosos” ilustra esta assertiva: crianças não queriam ir à escola, mas encontraram um formigueiro trabalhando, abelhas colhendo mel, o sabiá caçando moscas para os filhotes, o regato se recusou a brincar com elas porque precisava irrigar os campos. Deste modo, as crianças aprenderam através do trabalho da natureza a exortação moral do trabalho: evitar o tédio, o vício e a ociosidade (O Pequeno Luterano, jan-fev/1947).

Essa preocupação moral com a ocupação do tempo está nas histórias de lição de moral e previsto no projeto de futuro na educação familiar e escolar. O trabalho sempre foi valorizado nas comunidades alemãs de imigração, em especial, nas comunidades do mundo rural¹¹⁷. Era necessário criar nas crianças a educação para esta noção de trabalho, natural e incontestável. O exemplo da natureza que é regida por ciclo natural deveria servir às pessoas para que evitassem o tempo ocioso, a fim de não se desviarem da família e da igreja.

As vantagens em serem bons filhos e bons alunos se traduziriam na disciplina e na determinação nos trabalhos domésticos e escolares para que, no futuro, pudessem ser pessoas que valorizariam estes preceitos. Mas, acima de tudo, o sucesso alcançado desta disciplina precisava ser creditado à confiança em Deus, daí a importância da orientação religiosa e doutrinária.

¹¹⁵ Muitos dos depoentes tiveram os seus pais como assinantes da revista infantil e outras publicações da instituição.

¹¹⁶ Nas primeiras edições, as histórias mostram como devem ser as atitudes dos filhos, os modos de se comportar e até de pensar. A história “Geschenke ohne Geld”, Presente sem dinheiro, evidencia esta questão. Descreve Maria como uma moça ordeira e caprichosa. Descreve, também, as suas atitudes como filha, neta e aluna que se contenta, pelo pagamento de suas tarefas, com o sol maravilhoso que Deus dá todos os dias (O Pequeno Luterano, set/1935, p.35). O papel infantil representado é o da conduta desejável e a criança além de ser trabalhadora e cumpridora de seus deveres, tanto domésticos, como escolares, não deve esperar pagamento, mas, sim, agradecer. Evidencia-se a preparação para a valorização do trabalho doméstico da menina, preparando-a para ser a mulher que cuidará da casa.

¹¹⁷ Referenda-se a noção do trabalho rural ligado a comunidades protestantes na concepção de Max Weber em que aborda a ética protestante na valorização do trabalho, imbuído de valores cristãos e morais a serviço da obra de Deus. IN: WEBER, Max. **A ética protestante e o Espírito do Capitalismo**. 7ª Ed. Livraria Pioneira Editora, 1992. Ainda referenda-se as discussões do mundo do trabalho e do lazer nas pesquisas de WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Lazer e a Construção da Identidade numa Comunidade Rural de Descendentes Germânicos em Pelotas**, Pelotas, 2004. Monografia, cujos aspectos de lazer e trabalho aparecem interligados com a religiosidade. O lazer estaria organizado de acordo com a organização comunitária religiosa e o trabalho enfatizado como a virtude máxima do cristão.

A preocupação da revista pelo espaço escolar pode ser mostrada nos textos e histórias de exortação. A situação dos professores se apresentava através de textos engraçados e irônicos, mas que, no fundo, manifestavam a preocupação com a realidade educacional e com a valorização dos profissionais. Como exemplo, a história conta que um professor da escola pública desistiu de lecionar e foi ser domador de leões, ao final reforça aos leitores a tristeza que existe quando alunos desprezam seu professor. (O Pequeno Luterano, julho/1960). A história revela grande número de indisciplina e desinteresse por parte dos alunos, deixando o professor sem alternativas, desmotivando-o de suas atribuições. Mostra que o ofício de professor era difícil e o compara como “domador de feras”.

Assim, muitas histórias de lição de moral enfatizam a educação familiar e escolar, elas revelam aspectos que precisam ser apropriados pelas crianças, não somente de forma direta, mas através de histórias lúdicas, irônicas e ilustrativas, mostrando o comportamento infantil desejável, o que era aceitável, e o que não seria aceitável.

Nas páginas do impresso evidenciavam-se parâmetros de comportamentos positivos e negativos. Deixava-se claro o que era aceitável para uma criança luterana e cristã, em especial, o que não era. O regramento evidencia-se na Unidade “Escolas Paroquiais”, em que se apontavam modos de relacionamento entre alunos e professores. Neste cruzamento entre a Unidade “Escolas paroquiais” e a Subunidade “educação familiar e escolar”, surgiram aproximações relevante para a análise, como ocorre na história “Tu e teu professor” que começa com questionamentos e apresenta a imagem do professor ensinando os seus alunos:

Tu e o teu professor

QUEM és tu? - um simples aluno que cada dia vai à escola a procura de novos conhecimentos. Não te conheço, mas certamente tens um lar. Um lar onde todos os dias estás em contato com o teu pai, tua mãe e irmãs. És um leitor do Pequeno Luterano.

QUANDO nasceste quem cuidava de ti era a tua mãe. [...] Agora já estás maior e vais para a escola.

TE LEMBRAS ainda quando, no mês de março, foste pela primeira vez à escola? Mas o maior amigo que encontras é o teu professor.

TALVEZ já tiveste a oportunidade de aprender a ler e a escrever um pouco em casa, antes de ires à escola, a tua mãe, certamente, te ensinou uma oração, que usas de noite, antes de deitares. Talvez, já foste, aos domingos à escola dominical. Lá tiveste contato com um professor. Aprendeste lindas histórias da Palavra de Deus. Agora estás diante de um outro professor. Não é o professor que somente conta histórias bíblicas, mas que fala de outras coisas. Agora, deves preparar e estudar as lições para o dia seguinte. Para que estas lições sejam bem aproveitadas deve haver amizade entre ti e o teu professor (O Pequeno Luterano, R. Gueths, jan-fev/1964, p. 10).

No início do texto, a redação procura conduzir ao leitor/aluno para que ele possa realizar uma autoavaliação, pressupondo as características dos seus leitores. O texto aborda o comprometimento e o entrelaçamento da esfera familiar e da escola, ou seja, os pais iniciaram este projeto, de educar na religião e nas competências da escrita e da leitura, mas cabe ao professor continuar a expandir este conhecimento.

Interessante notar, que nesta fase da revista, meados dos anos 1960, há diferenciação entre o professor de escola dominical e da escola regular, não existe alusão tão proeminente ao professor paroquial, o projeto de educar na doutrina e na religião poderia estar delegado à esfera da escola dominical.

A revista orienta as crianças a terem respeito pelo professor, implicitamente orienta aos professores a buscarem uma relação afetuosa com os seus alunos. Se os professores tinham acesso à revista e buscavam nela apoio didático, eles também teriam sido influenciados por estes textos.

O “Contato redator-leitor” perpassava a educação escolar e familiar porque através da interlocução entre o leitor, a redação e as campanhas produzidas pela revista, como trocas de correspondências, concurso de redações, envio de soluções de charadas e piadas, envio de cartas relatando o cotidiano escolar, fortaleciam a educação das crianças e faziam elas se apropriarem do material de forma mais eficiente.

5.3 ESCOLAS PAROQUIAIS

Em relação exclusivamente a escolas paroquiais, a maior incidência se situa nos conteúdos da relação da redação com o leitor, a interlocução se dava entre aluno/leitor com a revista. Como já foi abordado, as escolas paroquiais usavam a revista como veículo informativo para relatar as características do próprio estabelecimento educativo. Assim fortaleciam a rede de leitores, mostrando o engajamento estabelecido entre o impresso e a escola.

As práticas de correspondência cada vez mais são fortalecidas com envio de cartas para doações e auxílios para a igreja. Estas doações seriam necessárias, a fim de educar as crianças a serem os contribuintes futuros para a instituição religiosa.

Os relatos de doações que mais se destacam no impresso são aqueles enviados pelos leitores aos estudantes do seminário. Muitos dos estudantes seminaristas recebiam auxílios financeiros e bolsas de estudo. Viviam em regime de internato desde o período do ginásio até

o final do teológico. Em média, um seminarista ficava mais de uma década no seminário para ser pastor ou ainda poderia optar em fazer concomitante a formação de professor. Neste sentido, essa formação precisava ser mantida com recursos das comunidades. Mais do que as somas enviadas, era o ato em si que precisava ser valorizado. Era a educação para a mordomia cristã.¹¹⁸

Em muitos momentos os estudantes do seminário colaboraram com a redação do *Pequeno Luterano*. Promovendo o quadro “Janelinha Aberta”, mantinham contato com os leitores, estimulando-os a enviarem redações e informações de sua realidade (anos de 1951 e 1952). Mas o objetivo maior deste engajamento era a propaganda do seminário e a divulgação para futuros leitores seguirem estas carreiras.¹¹⁹

As campanhas de donativos, como já foram abordadas, girava também em torno do orfanato de Moreira. Os pedidos eram tão importantes que, em dado momento, o próprio diretor (Carlos Warth) da revista se dirigiu aos leitores, reforçando a importância da escola na organização de donativos ao orfanato pelos alunos/leitores. A carta é especificamente dirigida aos leitores, retoma o currículo das escolas cristãs, exemplifica com conteúdos bíblicos de jovens que seguiram na fé, relata o abandono de crianças, o trabalho do orfanato de Moreira e tenta envolver os professores e pastores para esta campanha de donativos de dinheiro para esta instituição. Importante reproduzir na íntegra os elementos textuais mais relevantes:

Uma carta do diretor desta folhinha
 Caros meninos e leitores do “Pequeno Luterano”
 [...] Muitos de vós têm a felicidade de ser mandados por vossos pais a uma escola cristã onde, além de matérias seculares, estudais o vosso Catecismo e as histórias bíblicas, chegando assim mais perto conhecimento do vosso Senhor e Salvador Jesus. [...] Não todas as crianças que têm o privilégio de possuir pais. Pois acontece que crianças em tenra idade já perdem os pais ou um dos dois pela morte. [...] Em Moreira agora foi comprada um bom lote de terras por um preço favorável para os órfãos. Os órfãos mais velhos, já confirmados, estão trabalhando nestas terras auxiliados pelos órfãos alunos de escola durante o tempo que não frequentam as aulas da escola paroquial (WARTH, Carlos, *O Pequeno Luterano*, ago/1944, p. 29-30).

¹¹⁸ Os incentivos das práticas de mordomia cristãos estavam presentes na educação luterana do Missouri. O sentido do termo baseia-se na parábola do mordomo de Cristo, (baseado nas passagens bíblicas de Lucas 12, 45-51, Mateus 24, 45-51), ou seja, vivemos para aproveitar melhor os nossos dons, o tempo, bem como o dinheiro. A orientação doutrinária da instituição, em especial, no contexto pesquisado, diz que somos representantes de Deus, mordomos, e devemos viver a nossa vida em favor desta causa. Para referendar melhor, ver em WERNING, Waldo. **O Chamado a Mordomia**. Porto Alegre, Concórdia, 1969.

¹¹⁹ Estes aspectos são referidos nas entrevistas dos leitores Armino Wienke, Fredo Westermann, do professor Donaldo Schueller, e da professora Ida Strelow. Também são mostradas referências destes aspectos na própria revista.

Esta carta abre a edição da revista do referido mês. O diretor relembra o acesso à escola paroquial como privilégio de meninos cristãos luteranos. Neste apelo, o discurso retoma elementos de sensibilização dos leitores a serem possíveis colaboradores desta instituição. Relata os procedimentos de doações de forma detalhada, explicando como poderão auxiliar nesta campanha, não somente as crianças, mas envolvendo toda a comunidade religiosa.

Agora a campanha se ampliará, não enviarão somente somas de dinheiro, mas poderão adquirir 4 cartões de quadros bíblicos que representam o menino Jesus, o anjo da guarda, Jesus o bom pastor e o nascimento de Jesus, acompanhado com os versos da Bíblia e com os dizeres 'Lembrança de minha oferta para os nossos órfãos. Nossa proposta e pedido é que os vossos pastores e professores encomendem um certo número destes quadrinhos a serem vendidos em prol dos órfãos. A oferta mínima devia ser 50 centavos, mas também pode ser mais alta até 10 cruzeiros. Acompanha cada quadrinho um ' canhoto' que deverá ser marcado ou perfurado e entregue ao pastor ou professor para o seu controle, junto com o dinheiro adquirido. Pedimos que esta venda seja feita no decorrer deste ano em curso. O pastor enviará o dinheiro ao tesoureiro de nosso Sínodo. Vendendo estes cartões e contribuindo também com vossa oferta vós crianças podeis ajudar fazer a obra de caridade em prol de nossos órfãos. Mãos à obra, pois caros meninos! E Deus abençoe por este serviço, prestado aos nossos órfãos! Saudações em Cristo envia-vos vosso C. H. Warth, pelo comitê pró órfãos (Warth, Carlos, O Pequeno Luterano, , ago/1944, p. 30).

As doações não se limitariam apenas ao envio de somas de dinheiro, mas estariam circunscritas de simbolismo e representadas por objetos¹²⁰ que relembrarão o auxílio e, ao mesmo tempo, reforçarão a doutrina religiosa, como é o caso dos quadros adquiridos. Além das imagens bíblicas, o reforço da frase como lembrança, legitima a campanha em favor dos aspectos altruístas, assistencialistas e religiosos a serem lembrados.

Essas campanhas foram criadas para reforçar condutas na rede de leitores constituídas do Pequeno Luterano, elas foram sistematizadas entre a escola, a igreja e a revista, ainda com a incursão institucional do Sínodo. Elas prevêm modos de agir das crianças projetando as suas atitudes no futuro. O impresso assim produzido usa de estratégias que provavelmente vão incidir nos leitores. Existe o estímulo do brinde, representado pelos

¹²⁰ Estes objetos são relevantes porque são artefatos de memória, segundo Radley (1994, p. 68) "Los objetos, aparentemente, se apresentam a si mesmos de modo inesperado y 'evocan recuerdos', pero tambien son parte de un mundo material ordenado de forma que mantegna ciertos mitos e ideologias acerca de la gente como individuos y ciertas culturas concretas." A memória não fica restrita somente aos processos discursivos, mas encontra nos signos e nas representações através dos objetos, e dos artefatos, os evocadores das recordações, que são, ao mesmo tempo, compartilhados pelo grupo.

quadros, da legitimidade em ser o doador da obra do orfanato, isto supõe a conduta desejável do cristão luterano. No final do texto as crianças são conclamadas a vender estes cartões, elas terão que estar diretamente envolvidas neste projeto.

Além das contribuições assistencialistas, a oferta de material didático às escolas era anunciada ao público leitor, que sem dúvida nenhuma era restrita aos alunos. Percebe-se que os pais, os professores e corpo escolar tinham atenção especial da revista. O impresso menciona a edição de um novo programa de Natal, que abaixo será reproduzido:

Novo Programa de Natal

A comissão de publicações de nossa Igreja resolveu editar um novo *Programa de Natal*. Trata-se de um programa diferente a todos os anteriores, contendo, além de uma série de novas poesias e canções de natal, colóquios entre anjos e pastores, e recitações em grupo, que relatam o nascimento do Menino Jesus, e ensinam de forma sublime o alto significado da mais linda história de todos os tempos.

Estará a venda a partir do próximo mês de novembro

Professores, pastores, leigos e crianças:

Enviai vossos pedidos com antecedência à
CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA S. A.

Caixa posta 916

Porto Alegre-RGS (O Pequeno Luterano, out/1962, p.11).

A apresentação do auto de Natal era valorizada no âmbito escolar e religioso da instituição do Missouri. Esta prática foi estimulada desde a instalação do Sínodo nas primeiras comunidades pomeranas.¹²¹

Em geral, as crianças ensaiavam apresentações com encenações, aprendizado de versos e apresentação de cânticos alusivos a esta data religiosa. Havia necessidade de apoio didático para a sistematização da apresentação anunciada pela revista. É editado na revista exemplos de encenações do auto de Natal, diferenciado e com novidades para ser usado nas escolas e nas igrejas. As práticas teatrais e lúdicas eram fomentadas nas páginas do periódico e dirigidas não somente a leitores infantis, mas ao público adulto que necessitaria deste apoio didático.

Além do anúncio “Programas de Natal”, a Unidade “Brincadeiras na escola” está em todo o corpo da Subunidade “Escolas Paroquiais”. Não poderia ser diferente, uma vez que estas brincadeiras sugeriam atividades escolares realizadas com os alunos nas escolas

¹²¹ Segundo referências do *Der Lutheraner* nos primórdios da instalação do Sínodo, o pastor Broders relatava a representação do auto de Natal pelas crianças como novidade e inovação, apreciada por todos da comunidade (*Der Lutheraner*, 1901, p. 201).

paroquiais, e também nas dominicais. Pode-se supor que estas brincadeiras estariam sugeridas para o público de professores, já que eles iriam desenvolver estas atividades no meio escolar¹²².

5.4 . ESCOLA DOMINICAL

Esta prática educativa é reforçada no Sínodo de Missouri a partir da década de 1960 com muita força nas páginas do impresso. É visível o crescimento deste meio educativo pelo aumento de alunos e professores desta prática¹²³. Desde o início da constituição da igreja em solo brasileiro havia dados nas revistas oficiais de aulas de escolas dominicais. No “O Pequeno Luterano”, textos sobre o tema “escola dominical” nos primeiros anos de circulação são escassos. Este tema aparece na edição de 1930: 1934 e 1936, em que crianças se correspondiam, relatando que faziam parte da escola dominical. Depois, dois textos de Lição de moral da década de 1940, contendo o assunto e pouco mais de uma dezena na década de 1950, mesclando históricas de Lição de moral, com contatos de leitores dizendo que participavam destas escolas, mas, em muitos casos, diziam participar também das escolas paroquiais. Então, não se pode afirmar que esta prática era relativamente nova na década posterior, mas ela se solidificou e teve a sistematização maior dos meios educativos, logo após o declínio das escolas paroquiais.

Esta prática toma forma quantitativa nas páginas da revista a partir da década de 1960. Foi uma das formas de propagar o projeto de missão e conversão, mas, sobretudo, preparar a criança neste novo meio educativo religioso. Por isso, o contato com os leitores foi tão intenso. As práticas precisavam ser disseminadas nas comunidades e entre as crianças.

¹²² Muitas brincadeiras eram descrições de jogos lúdicos para serem realizados na sala de aula em grupos pelos alunos, e muitas delas usavam conhecimentos bíblicos. Duas brincadeiras são exemplificadas com o título de “Pessoas da Bíblia” e “Rei”. A primeira consiste em duas filas que terão que escrever nomes da Bíblia em um tempo estipulado. Quem escrever mais ganhará. A segunda denominada Rei: dois times leem nomes, cada vez que se menciona um rei bíblico, o grupo que gritar Rei leva um ponto; quem gritar errado perde. A redação auxilia citando nomes de reis bíblicos (O Pequeno Luterano, out/1956). Em todas as brincadeiras há a descrição minuciosa dos jogos para serem aproveitadas no âmbito escolar. Os jogos lúdicos e os manuais de recreação neste período foram disseminados no contexto escolar, a partir da década de 1960, e tinham como base educar as crianças através de jogos que envolviam atividades em grupo, balizando condutas e impondo, de certa forma, padrões de comportamento.

¹²³ Segundo Warth (1979) nas Crônicas da Igreja aparece breve estatística das escolas dominicais, ao contrário das paroquiais. Então mostram neste documento que a primeira escola dominical no Brasil realizada pelo Sínodo de Missouri aconteceu em 1906, em Porto Alegre. Mas revelam aumento considerável nas décadas de 1960 e 1970. Em 1948 tinham 1859 crianças e 99 professores, de 1949 a 1959, 2000 alunos e 150 professores. Depois, subiu para 2500, até atingir em 1970, 14.924 com 787 professores.

Alguns textos mostram a disseminação deste meio pedagógico relatando os encontros entre cidades vizinhas. Estes encontros eram denominados Congressos Mirins, eles reuniam as crianças anualmente num domingo, havia o conto das histórias bíblicas, músicas, atividades lúdicas e lanche comunitário. Era uma forma de congregar as comunidades.

Na revista, através das “Notícias da Igreja”, os congressos relatados são vistos como acontecimento especial. A revista traz informações sobre o encontro das escolas dominicais em Porto Alegre, em que participaram 270 crianças acompanhadas por 17 professoras. As atividades iniciaram na capela do Seminário Concórdia com palestra, futebol almoço piquenique, jogos, distribuição de balas. (O Pequeno Luterano, dez/1962)¹²⁴.

Deste modo, pode-se perceber que as escolas dominicais estavam se estruturando, os relatos aparecem na capital, em Porto Alegre. No contexto urbano a expansão da formação religiosa para crianças fora da igreja e no meio urbano ou em outros lugares que não havia penetração de escolas paroquiais do Sínodo de Missouri era viável. A organização destes eventos era um fato novo entre as crianças e deveria ser estimulado para sistematizar as práticas. O acento era em relação ao aprendizado da doutrina, aos aspectos lúdicos e a integração com jogos e brincadeiras.

Num dos textos, um dos colaboradores da revista e organizadores da escola dominical explica esta prática.

Congresso de Escolas Dominicais

Já estiveste num congresso de escolas dominicais? [...] O que é afinal um congresso de escolas dominicais? É uma reunião de vários grupos de crianças que estão no mesmo grau de instrução ou idade.[...] que é que se faz num congresso de escolas dominicais? Pode-se realizar um culto especial na abertura do congresso. No sermão, o pastor falará sobre a escola dominical e seus alunos, que são cordeirinhos de Jesus. [...] Após o culto poderá haver uma aula em conjunto com um programa especial. Esse seria o programa na parte da manhã. À tarde, poderão realizar competições esportivas entre as diversas escolas presentes. Jogos de futebol, caçador, pingue-pongue não poderão falta. [...] Nesses congressos as crianças são despertadas e avivadas mais para seus trabalhos na escola dominical. [...] peça ao teu professor para que procure realizar um congresso de escolas dominicais de tua região (Rev. R. Gueths, O Pequeno Luterano, set/1964, p. 9).

Além da explicação da prática, o texto acima as divulgava. A preocupação recaía na fase infantil que ficaria desassistida de espaços na comunidade religiosa, seria

¹²⁴ Em outros anos e em publicações diferentes da revista, o relato desenrola-se da mesma forma: em julho de 1963 mencionam o Congresso Mirim em Porto Alegre (O Pequeno Luterano, jul/1963); em dezembro de 1963, Congresso Mirim em Mondaí, Santa Catarina; e, em dezembro de 1964, novamente o Congresso Mirim em Porto Alegre.

anterior a fase de preparação da confirmação¹²⁵ da criança. O autor explicita as vantagens do congresso e a forma como organizá-lo. Entretanto, neste período, os congressos tinham maior aceitação nas áreas urbanas, devido ao fato de nestas localidades não existirem escolas paroquiais¹²⁶.

Interessante notar que o texto se dirige às crianças, mas que também são claramente direcionados aos professores e/ou àqueles que se preocupavam com a educação infantil dentro das igrejas. A expansão foi motivada a partir de exemplos nas cidades maiores, com reforço de fotos e imagens, para realmente as comunidades menores e rurais se motivarem. Entretanto, na zona rural, onde as distâncias e os problemas de locomoção poderiam dificultar o encontro das crianças em congressos, houve pouca disseminação neste período, apenas em anos posteriores esta prática se ampliou. Muitos textos eram dirigidos aos professores ou àqueles que gostariam de trabalhar como professores nas escolas dominicais a partir de anúncios de quadros e estampas, com propaganda de material didático para escola dominical e estampas e gravuras coloridas.

QUADROS BÍBLICOS E ESTAMPAS

A — QUADROS

Jesus em Getsêmani — Série NB — 28 x 23 cm.	Cr\$ 20,00
Jesus abençoa os meninos — Série NB — 28 x 23 cm. Cr\$	20,00
O anjo da guarda — Série NB — 28 x 23 cm.	Cr\$ 20,00
Jesus (gravura simples) — Série NB — 28 x 23 cm. Cr\$	20,00

B — ESTAMPAS

Quadros diversos de Jesus — friso dourado - 11 x 6 cm. a	Cr\$ 5,00
Quadros sem douração (11 x 6 cm.)	
Jesus abençoa as crianças	Cr\$ 2,00
A pesca maravilhosa	Cr\$ 2,00
Jesus sai do túmulo	Cr\$ 2,00
A multiplicação dos pães	Cr\$ 2,00
Jesus e o manco rico	Cr\$ 2,00
Maria Madalena enxuga os pés de Jesus	Cr\$ 2,00
Jesus no poço de Jacó	Cr\$ 2,00
Jesus lava os pés de seus discípulos	Cr\$ 2,00
João Batista menino	Cr\$ 2,00
25 estampas (motivos do V.T. e do N.T.) — 10 x 7 cm.	Cr\$ 75,00

C — FOLHAS DE CROMO

Série Lobato, nº 4, 5 e 6 (6 gravuras coloridas e ilustradas e crianças, contendo também versículos bíblicos)	Cr\$ 15,00
36 gravuras coloridas diferentes, contendo flores e versículos bíblicos (séries 51 e 52)	Cr\$ 100,00
100 gravuras coloridas, contendo pássaros e versículos bíblicos (séries 2578 e 2654)	Cr\$ 100,00
12 gravuras, contendo flores e versículos bíblicos (série C.P.C. — E 1, 2, 3, 4, 5 e 6 — D 1, 3, 4 e 5 — 803, 804, 805	Cr\$ 25,00
E ainda lápis com versículos bíblicos	Cr\$ 17,00

CASA PUBLICADORA CONCORDIA S. A.
Rua São Paulo, 523-529
Caixa Postal, 918
Porto Alegre — Rio Grande do Sul

Figura 19 – Revista O Pequeno Luterano -Anúncio de quadros bíblicos e estampas para escolas dominicais. mai; jun; jul, 1963, p.12.

¹²⁵ Confirmação é o rito de passagem em que a criança confirmará o batismo e terá direito a tomar a eucaristia, mas, no meio comunitário, seria a fase de passagem da vida infantil para a de jovem, ou seja, após este rito as pessoas confirmadas teriam o direito ao namoro.

¹²⁶ Apesar de Porto Alegre ter estabelecimento de ensino forte, não se caracterizava como escola paroquial e sim como uma escola de maior abrangência e que atendia muitas crianças fora da igreja.

Entretanto, na região rural meridional, foco do estudo, as escolas dominicais ainda não tinham adquirido força. Elas cuidavam da educação das crianças. Observa-se isto a partir das correspondências desta região, cujos leitores ainda denominavam-se como alunos de escolas paroquiais¹²⁷.

Pode-se perceber que a escola dominical foi se fortalecendo na medida em que a instituição do Sínodo de Missouri foi perdendo as escolas paroquiais. O crescimento das escolas dominicais foi percebido pelo impresso que tentou adaptar estratégias para a sua divulgação, a fim de aproveitar este movimento para favorecer a interlocução com as crianças a partir de outra via educacional.

Percebe-se que a revista pretendia educar as crianças, servindo para divulgar e ser material didático formal na escola e também no espaço religioso e doméstico. Eram necessárias muitas estratégias e formas de se conseguir a ampliação e interesse do universo infantil em ler o impresso. Uma delas era a manutenção da relação da redação com o leitor.

5.5 ESTÍMULO E CONTROLE DA LEITURA

Estas Subunidades foram constituídas a partir de textos que incentivavam esta prática preocupando-se em controlar as leituras que não seriam consideradas “sadias” para os leitores.

Nas campanhas de redações e envio de cartas havia considerável estímulo da leitura. Como exemplo apresenta-se o concurso de redação “Quem quer receber um livro de graça”, reforçando a propaganda para os leitores ganharem livros se respondessem as perguntas das charadas. Outro exemplo de proposta de concurso de redação teve como tema “O que é nossa Pátria?” (O Pequeno Luterano, abr/1950).

Buscou-se ainda, no estímulo da leitura, orientar a organização de uma biblioteca nas escolas oferecendo livros. Abaixo, menciona-se oferecimento de livros infantis para escolas e os preços, com sugestões de pagamento de empréstimos aos alunos.

¹²⁷ Em uma das campanhas organizadas pela igreja para envolver as crianças denominada “Apascenta os meus cordeirinhos”, era apresentada uma proposta de concurso de redações para os alunos das escolas paroquiais e dominicais, solicitando participação dos alunos, professores e pastores. No desenrolar desta atividade, foram enviadas 1802 redações. As escolas da região meridional Do RS são citadas, entre elas: Pedro Osório, Santa Coleta, (interior de Pelotas) Capão Bonito (interior de Canguçu), Harmonia (interior de São Lourenço do Sul) e Piratini. Uma única escola dominical aparece: a da cidade de Pelotas (O Pequeno Luterano, out/1963).

Biblioteca para escolas	
Aquisição: A	
Volumes: 20	
Importância: Cr\$ 199,60	
Biblioteca Infantil	
Nº 9	As três cabeças de ouro Cr\$ 3,00
Nº 10	Memórias de um burro " 3,00
Nº 15	A serpente negra " 3,00
Nº 21	A galinha dos ovos de ouro " 3,00
Nº 26	A pétala de rosa " 3,00
Nº 31	Amor de ouro " 3,00
Nº 38	As pedras preciosas " 3,00
Nº 40	O fidalgo e o mendigo " 3,00
Nº 56	O caçador sem medo " 3,00
Nº 64	Pedro Malasartes " 3,00
Nº 87	A gigantinha " 3,00
Estrido Ott	Bimbi na Groenlândia " 25,00
Vingem através do Brasil	Gravi de Leste I " 25,00
Felix Salten	Bambi " 20,00
Maria A. P. Campos	Grandes Múscos na infância " 4,00
Jayne de Aitavila	Luango o negro dos Palmars " 10,00
Kurt Wiese	A defesa dos coelinhos " 15,00
Marianne Jolowicz	Uma história celeste " 10,00
A. A. Milno	Dudu-de-Puf " 25,00
L. G. Fleury	Globi em Paris " 25,00
R. S. Fleury	Santos Dumont " 7,00
TOTAL: 199,60	
As despesas causadas pela aquisição destes livros serão compensadas, se, à razão de Cr\$ 0,50 pelo empréstimo de um livro, cada livro for procurado 20 vezes.	
CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA	
Caixa Postal 916 — Rua São Pedro, 639 — PORTO ALEGRE	

Figura 20 - Revista O Pequeno Luterano - Livros sugeridos para a organização de biblioteca escolar. jul/ago, 1950, p. 2.

Em muitos casos, estas propagandas eram organizadas pela Casa Publicadora Concórdia, que possuía estes livros para vender e estimulava às crianças com orientações de organização destas práticas. As propagandas de livros, quadros e estampas eram promovidas pela editora, sem participação direta do redator. Esta questão foi esclarecida a partir dos depoimentos dos redatores, que comentaram que a diagramação e a disposição gráfica eram realizadas pela editora, e que se usava propaganda de livros da própria editora. A Casa Publicadora aproveitava e fazia propaganda para ela mesmo de livros e material impresso em geral (segundo entrevista de Alípio e Wanda Linden, concedida em 27 de agosto de 2011).

O alvo, sem dúvida, era a escola, neste caso, principalmente o professor. Muitos anúncios de livros e materiais eram destinados aos professores e pastores. A propaganda da assinatura da Revista do Ensino a apresenta como a melhor revista pedagógica e com orientação técnica, informam o preço da assinatura e indicam que a remessa de pedido deverá ser feita à Casa Publicadora Concórdia (O Pequeno Luterano, jun/1963). Ao apresentar diversos materiais para a escola e para a educação religiosa, a editora, de certa forma controlava as leituras, orientando aos professores que estimulassem os alunos para que também eles aprendessem a escolher de forma adequada a leitura de lazer.

Mas em relação ao próprio impresso, as formas de usá-lo eram orientadas pela redação e edição. A redação em 1960 envia um texto relevante e que ilustrará bem esta discussão:

O CANTO DO REDATOR

LENDO O PEQUENO LUTERANO - Como é que você usa o Pequeno Luterano? Somente procura as charadas e suas respectivas respostas? Ou limita-se a olhar as estampas? Espero que não! Queremos, sim, trazer sempre figuras interessantes, mas a coisa principal do Pequeno Luterano são os artigos. Escrevemo-los para o bem de sua alma e de sua mente. Naturalmente não deve ser lido tudo duma vez. Não é preciso, leia um artigo na segunda-feira, outro na terça, outro na quarta, e assim por diante até que termine o periódico. Certas páginas você poderá usar para as suas devoções. [...] (FLOR, Marthin, O Pequeno Luterano, mai-jun/1960, p. 16, grifos da redação).

O controle da leitura é detalhado no manuseio da revista e no que se deve dar importância: ao conteúdo religioso. Além de usado como meio educativo escolar, ele também daria suporte na formação religiosa. A sugestão da redação em espaçar a leitura poderia ter vários motivos, aproveitar os artigos para a reflexão mais aprofundada do texto, ter como leitura principal a revista durante o mês. Mesmo a instituição tentando controlar a forma e o conteúdo das leituras das crianças, elas não iriam seguir a risca. Provavelmente, elas se deteriam mais nas brincadeiras, como charadas e adivinhações e nas imagens do que nos textos, em forma de artigos religiosos e de conduta. Pode-se supor que isso acontecia devido à chamada de atenção do editor ao criticar as crianças que buscam somente os espaços lúdicos. Então o controle e estímulo da leitura estavam interligados, ora incentivando, ora com cuidados e limitações.

Estas seriam as muitas estratégias usadas pelos editores e redatores representando a instituição luterana. As táticas, realizadas pelos leitores, podiam estar implícitas, eles poderiam valorizar mais os conteúdos lúdicos e não se deter de forma aprofundada nas mensagens de formação doutrinária, como a revista sugeria.

5.6 Reclamações/pedidos

Nesta Subunidade, as formas de táticas usadas pelos leitores são mais evidenciadas. As reclamações seriam os descontentamentos dos leitores, sendo realizados indiretamente. Como já foi comentado, os redatores, por vezes, se desculpavam e pediam aos leitores o incentivo, o aumento de assinaturas, o envio de histórias e de cartas. Apelavam às escolas para que se engajassem no aumento das assinaturas, nas propostas de campanhas de redação e de arrecadação de fundos para os estudantes do seminário e ao orfanato, entre outras.

Em diferentes contextos, na interlocução com os leitores, a edição chama atenção das crianças em colaborar com a revista, aceitá-la passivamente como recurso religioso e de

formação moral, e assim ajudar a redação a aumentar o número de assinantes. A estratégia não seria somente formar leitores, mas envolvê-los no projeto. Cabe dizer que seria necessário engajar a escola paroquial e, logo depois, a escola dominical neste projeto da revista. O texto a seguir das primeiras edições da revista em português ilustra a discussão:

Carta de Ano Novo

Com este número o nosso “Pequeno Luterano” entra no segundo ano de existência. Congratulo-me com os meus pequenos leitores por este grato ensejo e faço votos que o nosso jornalzinho tenha uma longa duração e que aqueles que o lêem e apreciam, aumentem numericamente. Quanto maior o número de assinantes, melhor para o nosso pequeno amigo. Por isso apelo aos meus pequenos leitores que façam o maior empenho possível da sua parte, para que aumente o número de leitores do “Pequeno Luterano” [...] (HESSE, Walther. O Pequeno Luterano, jan-fev/1941, p. 7).

Este fragmento do texto mostra como a redação estava conseguindo manter a revista. Ao longo do ano anterior, foi possível reorganizar a edição na adaptação à língua portuguesa, e com isso se pedia o aumento do número de assinantes. Buscava-se nos leitores o apoio necessário. Era a estratégia usada quando a revista orientava os leitores e os conduzia a atender os propósitos, mas também poderia por outro lado ser a tática, por serem dependentes dos leitores para se manter, pediam ajuda e colaboração. Logo em seguida, no texto, o editorial exprime seus objetivos de forma enfática, deixando claro que as crianças deveriam valorizar e aceitar a forma como a revista estava organizada.

Sabeis perfeitamente o que é para cada um de vós o “Pequeno Luterano”. Além de histórias recreativas, charadas e outras leituras interessantes, ele, sobretudo, procurou durante o ano passado instruir-vos naquilo que é de suma importância, na Palavra de Deus. E é o seu fim principal. Talvez um ou outro não estivesse contente com o jornalzinho, porque não trouxe muito de interessante e de leitura leve. Isto o “Pequeno Luterano” também não quer. O que nós queremos é propagar o Reino de Deus, este é o nosso fim (HESSE, Walther. O Pequeno Luterano, jan-fev/1941, p. 7).

Este texto, a exemplo de outros, esclarece os objetivos da revista e permite algumas suposições: a revista vinha recebendo reclamações ou críticas e, assim, precisou justificar os conteúdos desenvolvidos ou ela simplesmente aventou o baixo número de assinantes devido à valorização dos conteúdos doutrinários e religiosos. Mas reforça a importância da instrução religiosa, sendo o objetivo máximo proposto pela instituição do Sínodo de Missouri. Faz o apelo às escolas e aos alunos para a colaboração e adesão a este projeto:

[...] Peço aos pequenos leitores que contribuam para maior tiragem do nosso “Pequeno Luterano”. Não será possível que todos os alunos das nossas aulas paroquiais assinam o nosso jornalzinho? Não aumentará então o número de assinantes: se cada um da sua parte fizer o maior empenho possível, alcançaremos o nosso objetivo. A todos os pequenos leitores do “Pequeno Luterano” deseja um abençoado Ano Novo HESSE, Walther (O Pequeno Luterano, jan-fev/1941, p. 7e 8).

Observa-se como as escolas foram fundamentais para a sustentação da revista e a sua disseminação. Apesar de não ser explícito o uso da revista como material didático na escola, a utilização e apoio dos textos são relatados por testemunhas orais da pesquisa, ao serem questionadas pelo uso da revista na escola:

Ele usava (o professor), porque tinha umas histórias bem boas para as crianças, que ele usava, então às vezes ele explicava tudo direitinho as histórias, as histórias bíblicas. (entrevista da leitora e aluna Hilda Lange, concedida dia 16/02/2011)

Eu acho que sim, porque ela era uma revista, como é que eu vou dizer, fora de série, acho que sim ajudava, as crianças gostavam, elas ficavam bem atentas, prestavam atenção bem, apesar de eu não sei se algum (aluno) continuou, os pais se revoltavam porque eu ensinava, mas era aquela coisa o pastor Alves dizia quem frequenta a escola tem que assistir a religião, então muitos pais achavam que não era necessário, mas era muito necessário, mas muitos pais concordavam com a gente (Entrevista da professora Ida Strelow, concedida dia 29/06/2011).

No primeiro depoimento tem-se a visão da aluna que estudou na década de 1940, em que a revista fazia parte da escola, relatando leituras e explicação do professor. No caso da professora, ela relatou que tinha pouca experiência com os alunos e a revista foi fundamental para explicar o conteúdo religioso, ainda mais para se justificar aos pais dos alunos, pois a escola em que atuava não era composta somente por luteranos, muitos alunos não pertenciam ao Sínodo de Missouri.

Entre todas estas práticas a Subunidade reclamações/pedidos ajuda a perceber como aconteciam as tensões entre a editoração da revista e a resposta de seus leitores. Na própria revista é possível verificar em muitos momentos o número de assinantes e as localidades envolvidas, classificadas por escola.

Estes assinantes não estavam fora da instituição luterana. O projeto de atender às características doutrinárias e não ao lúdico é uma das prerrogativas da redação em optar por uma revista doutrinária direcionada aos seus fiéis. Não tinham a ambição de ampliar para fora

dos círculos, mas ser usada nas escolas mantidas pela igreja, mesmo que estas tivessem alunos de outras confissões. O reforço a esta ideia aparece de acordo com o testemunho do professor e pastor Donald Schueller, que aborda a utilização das publicações luteranas e os objetivos destas nas comunidades:

[...] bom agora a respeito da revista do Pequeno Luterano. Bom as comunidades luteranas, nas suas publicações organizaram um sistema escolar paroquial como os luteranos em geral, os luteranos da igreja evangélica de confissão luterana fizeram a mesma coisa, de sorte que me parece que a primeira instituição escolar organizada no estado foi de imigrantes que então de igrejas luteranas porque o sistema público não estava suficientemente desenvolvido naquela época. Como eram populações que vieram muito alfabetizadas e como na igreja luterana a posição crítica e a leitura da Bíblia para exercer uma função política era fundamental, este programa de ensino estava vinculado diretamente a um papel da formação integral religiosa luterana das pessoas e as revistas primeiro estavam vinculadas a tudo isto também, quer dizer, eram revistas dirigidas primordialmente a comunidades luteranas no sentido da formação do homem luterano. Não se tinha interesse de atingir leitores além deste núcleo confessional de leitores e isto se reflete ainda de alguma maneira nas publicações de agora em que as revistas teológicas e religiosas são dirigidas principalmente a leitores luteranos e a pastores [...] (Entrevista Donald Schueler, concedida em 26/07/2011).

O testemunho corrobora a ideia do direcionamento das publicações em geral da instituição do Missouri, e apesar das peculiaridades da revista “O Pequeno Luterano” em atender a demanda escolar, não foge a regra de esta ser direcionada ao círculo da igreja. Independente da quantidade dos assinantes, a revista não se desviava do objetivo principal: propagar a educação doutrinária.

De igual forma, é perceptível o problema com os redatores, havendo várias trocas durante a edição, devido a problemas de ordem pessoal e profissional para a manutenção do redator. Nenhum redator teve dedicação exclusiva à revista, acumulavam múltiplas tarefas¹²⁸. Quando se tinha problemas com os redatores, aconteciam atrasos e problemas com a distribuição e circulação do impresso. (O Pequeno Luterano, jan/1940; fev-mar, abr/ 1966)¹²⁹.

Este tópico, reclamações/pedidos, apesar de não ter recorrência quantitativa significativa, mostra as relações estratégicas da revista em se legitimar em relação às táticas

¹²⁸ Segundo a entrevista dos redatores, são afirmadas as dificuldades encontradas em acumular tarefas profissionais, religiosas e familiares. (Entrevista de Alípio e Wanda Linden, concedida em 27 de agosto de 2011).

¹²⁹ Na década de 1940, as reclamações giraram em detrimento da nacionalização da revista com a mudança da língua. E em 1966, a revista estava chegando ao final da sua edição com a publicação de grande número de páginas, havia inúmeros pedidos e reclamações, como desculpas pelo atraso em razão da troca de editores.

dos leitores, mas, também de forma inversa, observam-se nestes problemas as táticas desenvolvidas pelos leitores em relação ao controle e cerceamento da revista.

5.7. DINHEIRO E RELIGIÃO

Constituiu-se, a partir de inúmeros contatos que a edição fazia com os leitores, e é significativa na compreensão da relação, estratégias/táticas entre os leitores e a redação da revista.

A campanha “Avante por Jesus” (jul-ago/1959) proposta pela redação teve como objetivo o trabalho de missão entre povos ou regiões em que o cristianismo e luteranismo eram desconhecidos. Orientava-se nas escolas dominicais e paroquiais a confecção por parte das crianças de um envelope especial com dizeres religiosos, contendo os respectivos nomes. Em cada sala de aula era sugerida a eleição de um líder para organizar esta campanha. Estas doações explicitam mecanismos simbólicos num ritual determinado e denotam sentido para o leitor. Era necessário, não apenas a doação em si, mas o significado do ato serviria para educar o grupo nestas práticas religiosas.

Outra prática comum era o envio de correspondências das escolas, com somas de dinheiro em forma de ofertas pelos leitores/alunos. A quantia da oferta era descrita no relato, ou seja, cada aluno/leitor era citado com a sua respectiva oferta. Foi possível identificar e descobrir através deste costume muitos leitores assinantes da revista que foram depoentes da pesquisa (Comunicações e ofertas de escolas paroquiais, ago/set-1939).

As doações, ora ao orfanato, ora às campanhas de missão, ora às campanhas para assistir vítimas de enchente (Comunicações, jul/1941) ou, então, até mesmo para o auxílio da própria revista eram estimuladas pelo impresso (Mais leitorzinhos, jan-fev/1959; Clube de leitores, Mais leitorzinhos, Ofertas, jan-fev/1960). Vislumbra-se uma forma clara de formar os leitores infantis, suas condutas e modos no cotidiano no intuito de orientá-los a um sentimento de pertença à instituição religiosa do Sínodo de Missouri. A revista pede auxílio para o seu próprio sustento, em muitos momentos de crises, com colaboração e campanhas para aumentar o número de assinantes.

Esta forma de educar os leitores infantis para eles se sentirem fazendo parte de uma instituição que buscava uma maior autonomia financeira, desvinculada dos auxílios do

exterior¹³⁰ seria imprescindível para fortalecer a doutrina e o grupo ligado ao Sínodo (Várias Chamadas, mar-abr/1960).

5.8. POMERANOS

O foco da abrangência da apropriação da revista se deu em todo o Rio Grande do Sul, e de forma mais tímida em alguns estados do Sudeste. A Subunidade Pomeranos foi formulada para mapear os leitores e as escolas entre aqueles pertencentes à região meridional do RS, local com presença maciça de pomeranos, embora, nem todos os alunos e professores das escolas fossem desta etnia. Alguns conviviam dentro da realidade em que a maioria dos alunos/leitores pertencia à descendência pomerana. É importante reforçar esta questão, na medida em que os pomeranos sempre acreditaram que não tinham muita representatividade ou importância¹³¹.

Embora, a revista pudesse ter tido uma circulação maior na região da capital do estado do RS, ao compararmos a ocupação populacional da capital e da região estudada, supõe-se que a circulação da revista era intensa na região, entre os pomeranos. Muitos alunos/leitores e professores escreveram cartas, doações, participaram das campanhas da igreja, enviaram as soluções das charadas e adivinhações. Nota-se que em todos os períodos da revista as notícias de leitores, professores e pastores desta região são significativas e há de fato uma participação destas comunidades na assinatura da revista. A maioria dos depoentes escolhidos para a pesquisa foi encontrada neste campo de dados, aqueles que, em especial, se comunicaram com o redator, revelando diferentes aspectos de comunicação que, posteriormente, se quer discutir. Pode parecer que em aspectos quantitativos a Subunidade “Pomeranos” não apareça de forma efetiva, mas na proposta da pesquisa revela valor significativo para a análise dos dados. Percebe-se a inserção do público escolar e familiar nas

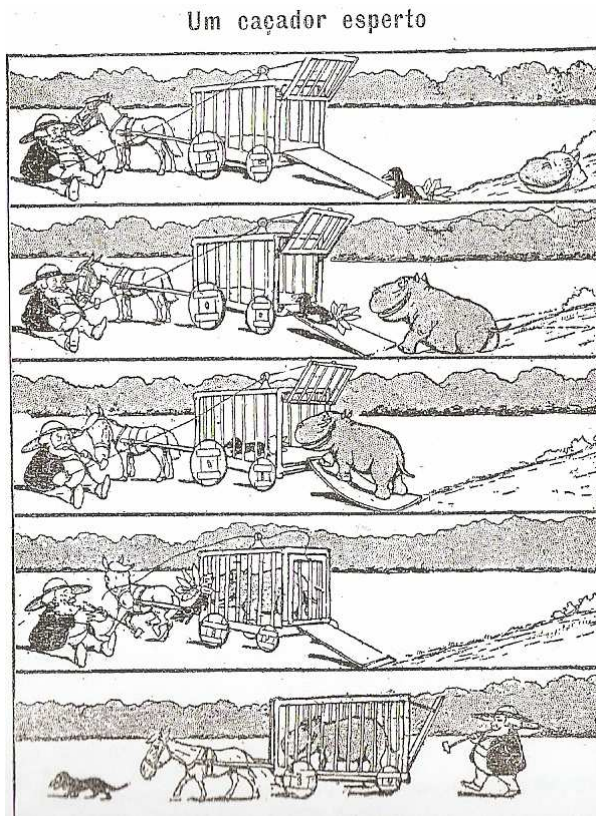
¹³⁰ Ao constituir-se Sínodo no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, os pastores, os professores e a formação destes, bem como o sustento de muitas paróquias, recebiam considerável ajuda da igreja mãe nos Estados Unidos. Entretanto, de acordo com várias publicações da igreja (Der Lutheraner, Kirchenblatt, Mensageiro Luterano), o Sínodo de Missouri no Brasil era estimulado a buscar autonomia financeira e estrutural.

¹³¹ Referenda-se esta afirmação a partir do estudo de doutorado de Carmo Thum (2009), em que os pomeranos sofreram um processo de silenciamento das suas práticas culturais. O autor analisa o conceito de pomeranidade reiventada, ou seja, os pomeranos negaram em muitos momentos a sua cultura, buscando reinventar suas tradições a partir do que era considerado o “verdadeiro alemão” aqueles que falavam a língua clássica e, conseqüentemente, mantinham as tradições culturais, escolares e religiosas.

leituras da revista, possibilitando assim, observar a influência desta na educação destas crianças.

A partir da análise da interlocução fica demonstrado o projeto da revista em usar os espaços educativos do Sínodo para circulação. O impresso estaria eivado dos conteúdos do currículo escolar das escolas paroquiais. O próprio contato se dava com os leitores/alunos ou com professores e pastores no ensejo de conseguir ampliar o número de assinantes e de legitimar a revista na escola.

A revista dada à ver: lúdico e publicidade



Disco LP 12" HI-FI — 33 RPM.

A mais recente gravação do Coral Luterano. Uma realização do Cave e Davel.

Músicas que traduzem o profundo sentimento e o incontido júbilo cristãos em todo o Ano Eclesiástico.

PREÇO: Cr\$ 6.500

DIRIJA SEUS PEDIDOS À

CASA PUBLICADORA CONCORDIA S. A.
Rua São Pedro, 633/639 — Cx. Postal, 916
Porto Alegre — R.G.S. — Brasil

Figura 21- Revista O Pequeno Luterano -História em quadrinhos. mar/abr, 1949, p. 10.

Figura 22- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de discos LP, mar/abr/mai, 1965, p.12.

6- A REVISTA DADA A VER: LÚDICO E PUBLICIDADE

6.1. CONTEÚDOS LÚDICOS

6.1.1 Texto Lúdico

Apresenta o maior número de recorrência, representada pelas brincadeiras, pelas piadas, pelas adivinhações, pelas histórias em quadrinhos e pelas charadas, preenchem grande parte do corpo editorial desta Unidade.

O humor apresentado na revista através das piadas, das charadas e das adivinhações apresenta-se na forma de textos curtos. Muitas vezes, tem-se a impressão que serviam para preencher espaços vazios da revista. O suporte e a forma da revista dedicavam pequenas tiras para as piadas. Em muitos casos, como se tratava de textos pequenos servia para preenchimento da página, porém, de qualquer forma, tinham considerável valor tipográfico, estes aspectos tipográficos não podem ser desconsiderados. Uma vez que estão presentes nos modos e práticas de leitura, a parte gráfica e a sua disposição são construídas pelo corpo editorial e ganham sentido na apropriação dos leitores. Como afirma Charter (1996b):

Existe aí algo como uma demonstração limite dos efeitos dos procedimentos tipográficos sobre a leitura dos textos e a melhor ilustração possível da atenção necessária aos sinais de leitura inscritos implicitamente nas formas do impresso. Trata-se, portanto, antes de mais nada, de sinalizar como os objetos tipográficos encontram inscritos em suas estruturas a representação espontânea, feita por seu editor, das competências de leitura do público ao qual ele os destina (CHARTIER, 1996b, p.96-97) .

Nesse sentido, está implícita a utilização dos textos lúdicos em forma de piada, aparentemente, de modo desinteressado, e como complemento gráfico no impresso, entretanto estes textos representam valor significativo. O editor aproveitava espaços para chamar atenção do leitor com a mensagem lúdica, e, ao mesmo tempo, buscava educar a conduta da criança.

Prova disso é a presença de elementos familiares e escolares nos textos lúdicos. As travessuras dos filhos, dos alunos e a forma irônica de se tratar estas atitudes balizam, em certa medida, as condutas dos leitores. Ao usar da ironia a piada não coloca diretamente o leitor como fazendo parte desta situação. Ele irá se apropriar deste elemento lúdico e entenderá a moral que se quer produzir, mas não se colocará diretamente naquele contexto.

Assim, pode-se afirmar que os textos de humor influenciaram grandemente os leitores na formação educativa.¹³²

A maioria dos elementos textuais das piadas aborda o espaço doméstico e escolar, envolvendo em muitos casos personagens infantis na relação da criança com os pais ou professores. Algumas vezes, as piadas ocupavam lugar na revista com títulos específicos, como “Um Grão de Riso”, que eram um conjunto de piadas (cinco ou seis) que circularam na edição de 1951 (dos meses de julho a dezembro). Nestas tiras os assuntos abordados nas piadas revelam o espaço escolar e familiar.

UM GRÃO DE RISO

Pudera!

PROFESSOR- Esta composição sobre o teu cachorrinho está igualzinha a de seu irmão. Como se explica isto?

ALUNO- Sim professor. É que o cachorrinho é o mesmo....

A solução...

- Filhinho, o que fez você com os dois cruzeiros que lhes dei ontem para tomar seu remédio?

- Com um cruzeiro comprei balas e outro dei ao Zequinha.

- Ao Zequinha? Para que?

- Para ele tomar o remédio por mim. [...] (O Pequeno Luterano, out-Nov/1951, p 55).

Foram colocados em destaque estas duas piadas que exemplificam as relações na escola e na família. As atitudes das crianças não são condutas desejáveis, mas os aspectos irônicos são apontados, para que, subliminarmente as atitudes estejam dentro de padrões que não devem ser incorporados pelos leitores. A situação exige entendimento do texto irônico e humorístico, mas, para, em muitos casos, objetiva-se reconhecer a conduta negativa para ela não ser seguida, reforçando as condutas positivas. O texto lúdico pode ser usado como estratégia da revista para educar, abordando o relacionamento das crianças com os seus

¹³² Trabalhos sobre o humor na educação das crianças já foram desenvolvidos. Referenda-se significativo trabalho sobre o humor em comunidades alemãs orientadas pelos jesuítas na impressão de uma revista Familienfreund (O amigo da família), resultado da dissertação de mestrado de SILVA, Haike Roselane Kleber. **Representações do humor no imaginário teuto-brasileiro.** São Leopoldo, Pós-graduação em História, Unisinos, 1998, Dissertação de Mestrado, transformada em publicação do livro SILVA, Haike Roselane Kleber e ARENDT, Isabel Cristina. **Representação do discurso teuto-católico e a construção de identidades.** São Leopoldo, EST, 2000. A autora afirma e corrobora-se com esta ideia “Os textos de humor constituem-se em estratégias de poder que, ao lado do púlpito, das associações, da escola e de outros discursos veiculados pela imprensa, possibilitavam aos padres uma influência decisiva na vida dos teuto-católicos (SILVA, 2000, p. 36). Ainda, no trabalho referido realizou-se um levantamento dos personagens participantes das piadas, em grande parte, são pais, filhos, professores e pastores, podendo assim, perceber, que o projeto familiar e religioso estava presentes em comunidades religiosas étnicas.

educadores, ou direcionando as piadas que envolvem personagens infantis em outros momentos¹³³.

Em relação às charadas e às adivinhações, na maioria das vezes, eram dispostas no final da revista para serem resolvidas pelas crianças, sendo enviadas aos redatores. Mesmo que o texto lúdico possa, aparentemente, ter a simples função de entreter, os aspectos sub-reptícios do humor pretendem formar condutas e modos de leitura, através de mensagens inocentes, assim se quer determinar estratégias de educação para as crianças.

As charadas também detinham estes aspectos lúdicos, mas se apresentam, na maioria das vezes, em contato leitor- revista. Como já foram abordadas, as charadas serviam para as crianças resolverem e enviarem à redação a solução, mantendo a interlocução entre leitor e revista. Grande parte são charadas envolvendo conhecimento bíblico e doutrinário, e, na mesma página conhecimento da gramática portuguesa. O lúdico fazia parte do universo infantil, imbuído de valores religiosos, a fim de facilitar o seu aprendizado, fortalecendo a rede de leitores e a projeção para o futuro. As charadas bíblicas elegiam um tema para a resolução das mesmas, como: animais da Bíblia, casas da Bíblia, homens e mulheres do Antigo e Novo Testamento, etc. O conhecimento de gramática poderia vir através de palavras cruzadas, orientava-se a encontrar a palavra, lembrando conteúdos gramaticais. A título de ilustração apresenta-se o seguinte texto lúdico:

ANIMAIS DA BÍBLIA

1. Que animal tentou a Eva?
2. Que animal Deus mandou a Abraão sacrificar em lugar de seu filho Isaac?
3. Com que animais sonhou Faraó?
4. Que aves alimentaram o profeta Elias? [...]
9. Que animais guardava o filho pródigo?
11. Que animal usou Jesus para montar no dia de sua estrada triunfal em Jerusalém?
12. Qual a ave que cantou três vezes? [...]

Para você adivinhar

1. Qual é o nome de cordilheira da América que é também tempo de verbo?

¹³³ As relações com comerciantes também aparece, em que as crianças enganam o “dono da venda” na compra de doces, ou ainda os textos mostram como driblar as regras prescritivas, como os hábitos de higiênicos. Como exemplo pode-se citar as piadas intituladas: Três meninos/ A escova de dente. A primeira fala de um comerciante que pegava as balas para dois meninos de um lugar alto, então disse para o terceiro se queria o mesmo, quando o negociante desceu o terceiro menino queria a metade do valor. Uma criança queria comprar uma escova de dentes forte porque em casa eram oito pessoas (O Pequeno Luterano, jan-fev/1951). A ideologia higienista permeia o contexto da piada, as crianças riem das atitudes, mas sabiam que o riso se dava em virtude da conduta estar errada. Do mesmo modo, a aparente ingenuidade da criança poderia criar situações engraçadas entre o mundo infantil e o espaço do comércio.

2. Qual é o nome de uma ave que, trocando a primeira letra por outra, é uma ave de guerra?
3. Cabe no mundo, mas não cabe no céu?

Soluções de nov- dez

1. O piolho
2. A sombra
3. O botão (O Pequeno Luterano, jan-fev/1949, p. 8).

As charadas com conhecimento bíblico são apresentadas em forma de brincadeira, instigando a curiosidade das crianças. Os animais da Bíblia que precisavam ser adivinhados, pesquisados ou lembrados das histórias aprendidas na igreja e na escola são mencionados em ordem linear da história bíblica indicada. Apesar de na citação haver supressão das perguntas de número 5 a 8, o desenrolar do exercício é o que nos interessa para que se perceba a ordem didática e linear do conhecimento bíblico. As primeiras perguntas são de conhecimento da Bíblia do Antigo Testamento, em seguida do Novo Testamento, culminando com questões relacionadas a festa da Páscoa.

As atividades lúdicas são delineadas com o sentido funcionalista do aprendizado do conhecimento doutrinário. Na mesma página as adivinhações são de conhecimento geral, em especial, centradas na linguagem. Logo em seguida, as soluções das edições anteriores são citadas, para a criança acompanhar os acertos e continuar a manter a interlocução entre a revista e o leitor.

A área de matemática é frequentemente arrolada nas charadas e adivinhações, são apresentados cálculos em forma de brincadeiras, ensinando cálculos mentais, outros com resultado previsto.

QUEBRA- CABEÇA

$$6 \times 5 + 30 \div 10 - 3 =$$

$$50 + 20 - 10 \div 20 =$$

$$9 \times 9 - 1 + 20 \div 5 =$$

$$25 + 75 \div 2 \times 2 - 50 =$$

$$30 - 15 + 5 \times 4 \div 2 =$$

Procure fazer os cálculos de cabeça. Escreve os resultados no espaço em branco. Soma os resultados parciais. O total deve ser 116. Se não tiveres obtido este resultado, começa de novo. Não desistas. Que sejas feliz! (O Pequeno Luterano, mai-jun/1951, p. 36).

O ensino da matemática nas comunidades alemãs e nas escolas comunitárias, como já foi abordado, era valorizado, ensinavam às crianças conhecimentos que podiam ser usados para a vida, apesar de usar o conhecimento formal deste conteúdo. Os cálculos mentais eram estimulados com vivências lúdicas e de descoberta. Assim como os textos lúdicos a

Subunidade “Curiosidades” apresentou reincidência nos conteúdos de entretenimento da revista.

6.1.2 Curiosidades:

As Curiosidades foram constituídas a partir de textos que poderiam instigar o universo infantil na busca de descobertas. Em relação aos aspectos lúdicos as charadas, as piadas e as adivinhações fazem parte em grande número desta Subunidade. Apresentam além das características de entretenimento, elementos peculiares destinados aos leitores. Eram educados a serem leitores com modos específicos para lidar com estes textos, estimulados a prever novidades e descobertas. Os enigmas com as pistas visavam o desenvolvimento da curiosidade da criança e apontavam para as descobertas que elas tinham que realizar. Do mesmo modo, nas palavras cruzadas era englobado mais de um tipo de conhecimento, e ainda funcionava como interlocução entre os leitores e a revista, como se pode ver no exemplo abaixo:

**PALAVRAS
CRUZADAS**

1	2	3	4	5
6				
7			8	
9		10		
11				

Horizontais:

1. Atuavas (sinôn.)
7. Um dos meses do ano.
8. Arno Timm (abrev.)
9. Metade de dois.
10. Imperativo do verbo *pôr*.
11. Pres. do Subj. de *assar*.

Verticais:

1. Território brasileiro (norte)
2. Animal doméstico (plural).
3. Contrário de *voltar*.
4. Reprêsa d'água.
5. Adições, juntas.
10. Nilo Silva (abrev.).

O Concurso das palavras cruzadas de 1963 tem início com a revista do mês de janeiro. Concorrerão ao prêmio apenas os que enviarem as respostas referentes a todos os números do Pequeno Luterano de 1963.

Figura 23 - Revista O Pequeno Luterano- Palavras Cruzadas. mar/1963, p. 10.

Percebe-se que através desta atividade lúdica despertava-se a curiosidade infantil, e ao mesmo tempo, estimulava-se o aprendizado de muitos conhecimentos curriculares: gramática, matemática e geografia. Chama atenção o concurso proposto aos leitores através desta atividade. Esta prática permaneceu até 1966, com chamadas em quase todos os meses. Os leitores faziam as cruzadas e enviavam à redação. Assim, se usava elementos do aprendizado escolar reforçando nas atividades com as características da Subunidade Curiosidades.

Do mesmo modo, a Unidade “Conhecimento Geral” apresentava considerável número de curiosidades: conhecimentos da natureza, como a fauna e a flora, da geografia, da história, do civismo, de hábitos e costumes, etc. Algumas vezes, apresentava-se por meio de textos curtos com títulos de impacto. Entre as décadas de 1940 e 1950, na redação de George Mueller, textos interessantes como: “Migalhas para guardar”, abordavam em pequenos trechos informações acerca destes aspectos levantados acima. Eram informativos, mas de certa forma, apresentavam fatos que deveriam despertar no leitor/aluno a curiosidade para aprofundar o conhecimento. Nesta rede de leitores havia a preocupação em conhecer aspectos diversos da cultura geral, justificando a revista como necessária no meio em que circulava. O excerto abaixo exemplifica estas questões apontadas:

Migalhas para você guardar

- A cidade que mais sofreu com o grande terremoto de 1755, foi Lisboa, onde morreram, no espaço de 6 minutos, mais de 6.000 pessoas.
- Os mosquitos fogem da cor vermelha e são atraídos pela cor azul.
- O número de estrelas visíveis não passa de 6000 (O Pequeno Luterano, set/1949, p. 6).

Este texto reforça o aprendizado, tendo como base a cultura geral. Os leitores se apropriariam de certa erudição, não estando necessariamente relacionado com o conhecimento prático da escola. A redação sugere elementos textuais na perspectiva da Subunidade Curiosidades, informando assuntos variados e peculiares, ou seja, muitos fugiam aos conhecimentos curriculares tradicionais. Neste sentido, a redação usa o tema “Curiosidades” como estratégia para fortalecer a rede de leitores e estimular a criança a buscar mais leituras, projetando no futuro um adulto leitor. Este diferencial era propiciado pelo conteúdo da revista com excertos breves contando curiosidades exóticas e ou curiosidades diferenciadas:

CURIOSIDADES

O maior dos oceanos, o Pacífico, ocupa mais espaço do que todas as terras do Globo reunidas.

Os morcegos dormem sempre de cabeça para baixo.

O besouro pode arrastar um objeto com 182 vezes seu próprio peso.

O coração de um recém-nascido bate duas vezes mais depressa do que o coração dos adultos.

Nos Estados Unidos consomem-se mais legumes do que em qualquer outra parte do mundo. Meus amiguinhos deviam acostumar-se a comer muitas verduras, por ser tão saudável para o corpo. [...]

O Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, onde se realizam as grandes partidas de futebol, é o maior do mundo. Cabem nele 155.000 espectadores. Trabalharam na sua construção 1500 operários [...] (O Pequeno Luterano, jul-ago/1953, p.6).

Estas frases funcionavam como enunciados explicativos e permitem perceber como as informações poderiam ser colocadas com impacto através de sentenças curtas. As curiosidades da cultura geral seriam o diferencial na apropriação da leitura. Além de informar, por vezes, faziam juízo de valor, dirigiam ao leitor, orientando a sua conduta a partir das notícias diferenciadas. Supõe-se que os leitores poderiam ampliar o conhecimento destas informações, ou ainda, usar de táticas, ler apenas os excertos e considerar o aprendizado como um diferencial na sua formação. Assim, pensando na rede de leitores aqui pesquisada, representada em sua maioria por leitores rurais e de comunidades que tinham pouco acesso a leituras diferenciadas, a constituição deste tipo de leitura seria de grande valia.

Essas informações poderiam auxiliar na formação de leitores engajados no projeto doutrinário, se aprenderia determinados assuntos estranhos ao mundo rural e comunitário em que se vivia. De forma nenhuma se quer ser pragmático, acreditando que o público leitor não tinha acesso à novidade, até porque, em determinado período da circulação da revista (1950-1960), a expansão das comunicações de massa, como o rádio, se fortaleceu. Apenas se quer enfatizar que determinados assuntos e fatos gerariam impacto no saber das crianças e no seu aprendizado, suscitariam buscas de novos conhecimentos ou também conformação com a informação recebida do impresso constada.

6.2 CONTEÚDOS ILUSTRATIVOS E PUBLICITÁRIOS

6.2.1 Publicidade

A **Publicidade** foi uma das estratégias do editorial para atrair mais leitores, e também para fortalecer a sua manutenção. Por isso, o maior número de recorrência se localiza entre os conteúdos da relação da redação com os leitores e entre os anúncios.

Seria legítimo a publicidade surtir efeito na interlocução da redação com os leitores, porque ela poderia auxiliar e reforçar os objetivos da produção e circulação da revista. Em geral, a publicidade se utilizava de estratégias já aqui abordadas, ao chamar os leitores na interlocução participativa, através de envio de correspondências. Servia como propaganda da própria revista aos leitores, reforçando pedidos de ajuda para sanar as dificuldades e

engajando o leitor com a revista.¹³⁴ Os momentos com dificuldades, já apresentados nesta pesquisa, também serviram para reforçar a propaganda através da interlocução com as crianças. O texto a seguir expõe as dificuldades na transição da língua alemã para a língua portuguesa, reforçando a necessidade do apoio da comunidade escolar e religiosa:

Mãos à obra

Meus caros leitores!

Como eu já disse na minha ‘Carta de Natal’, o ‘Pequeno Luterano’ passa por certa crise. O Sínodo agora resolveu, confiante em Deus, a continuação da publicação do nosso jornalzinho em língua vernácula. Compreendemos perfeitamente que havemos de encontrar várias dificuldades, mas isto não importa. Devemos esforçar-nos para obter novos leitores e também os velhos amiguinhos certamente nos ficarão fiéis. Não é nossa obra, mas é obra de Deus e nós apenas somos serventes de Deus. [...] Vós sois a futura geração da nossa igreja e desde já deveis ficar conhecendo os vossos deveres de bons cristãos. [...] (HESSE, Walter. O Pequeno Luterano, jan/1940, p.2).

A publicidade envolvia neste caso a necessidade de adaptações. Nota-se que a revista havia perdido o fôlego, devido à mudança linguística. De algumas crianças lusas, novos leitores que não falavam a língua alemã, poderiam surgir, sem falar dos que precisavam se adaptar a leitura do português. O impacto se deu também em relação à edição da revista, visto que muitos dos redatores anteriores¹³⁵ estavam habituados a compor as mensagens da revista na língua germânica, o que gerou muitas dificuldades. Entretanto, o projeto escolar também apresentava problemas, por isso, acredita-se haver complementaridade entre a educação nas escolas e nas circulação do impresso. A inter-relação entre a revista e a escola fica demonstrada na finalização do texto:

[...] E também referindo-se ao novo ano letivo vos digo ‘ Mãos à obra’. Esforçai-vos nos vossos estudos para alcançar sempre melhor êxito, mostrando-vos dignos do amor dos vossos pais e superiores que vos mandam à escola, muitas vezes com grandes sacrifícios. Não vos esqueçais, porém, que a ‘nossa força nada faz’. Não tudo o que somos é graça do Senhor nosso Deus. Ele nos queira abençoar e guiar durante todos este ano!

¹³⁴ Nas primeiras edições o Kinderblatt, alguns textos intitulados Mitteilungen (Participação), serviam para expor cartas de diferentes leitores, com agradecimentos a estes. Reforça a propaganda do impresso para ser adquirido no outro ano, constando o seu preço. Lembra o período de férias, necessitando a confirmação de pedidos, valorizando o uso da revista na escola (Kinderblatt, nov-dez/1937).

¹³⁵ Vinte anos mais tarde, Walter Hesse escreve a revista expondo as dificuldades da época de transição. No texto “Parabéns para o 20º Aniversário do Pequeno Luterano”, ele relata, em carta que foi o primeiro redator da revista em português, e foram tormentosos os dias de 1939, quando a revista estava para ser nacionalizada, o Rev Fiedler não poderia ser mais o redator, devido a dificuldades de escrever em português, na época era professor paroquial e assumiu esta tarefa, até que em 1943 ele próprio teve que ser substituído por causa de sua nacionalidade pelo professor Schmidt. Agradece a todos e deseja que a revista cresça. A redação coloca uma nota agradecendo (Walter Hesse, O Pequeno Luterano, set-out/1959).

Senhor, em ti confiamos! Walter Hesse (Hesse, Walter, O Pequeno Luterano, jan/1940, p.2).

Apesar das dificuldades, permanecia a orientação de como os leitores deveriam ser nas escolas, buscando relacionar o uso da revista ao projeto educativo envolvido. Orientava-se ao estudo e à dedicação, reforçada pela doutrina da graça e da confiança em Deus.

A publicidade foi constituída a partir de projetos que envolviam os leitores, como por exemplo, propaganda dos pedidos de ajudas para pessoas que não tiveram oportunidade de ter uma escola paroquial. Constava pedidos de auxílio de projetos da igreja: Sociedade Bíblica, colaboração no orfanato, na construção de igrejas e na Hora Luterana (programação de rádio). Também era solicitado apoio ao estudantes seminaristas(O Pequeno Luterano, jul-ago/1958), também com avisos aos assinantes das datas do pagamento (O Pequeno Luterano, out/1962), bem como em campanhas para aumentar o número de assinantes, se cada leitor conseguisse mais cinco, receberia a assinatura de graça. (jun/1962).¹³⁶ Estas práticas foram usadas como estratégias de publicidade da revista, buscando apoio nesta rede de leitores.

A publicidade da revista consistia também em convencer os leitores a se tornarem pastores e/ou professores. A partir da história ilustrativa da cura de cegos por médicos, a redação convida aos leitores a se inserir no projeto da igreja:

Vamos, pois, por mãos à obra! Tu que és ainda pequeno, prepara-te ao trabalho de levar cegos a Cristo, Sabes como fazê-lo? Tu que és menina, convida as tuas amiguinhas para assistirem à escola dominical. Tu que és menino, estuda e decide-te para mais tarde entrar no seminário para seres pastor ou professor de nossa igreja. É tão fácil ingressar no seminário, basta teres vontade, mesmo que não tenhas todo o dinheiro necessário para pagar os estudos. A nossa igreja auxilia os estudantes pobres para que possam ser mais tarde pastores e professores. Diga ao teu professor ou ao teu pastor que queres ajudar a levar cegos a Cristo. Eles te ensinarão como deverás proceder (Deckert, Gerhardt. O Pequeno Luterano, ago-set/1957, p. 12).

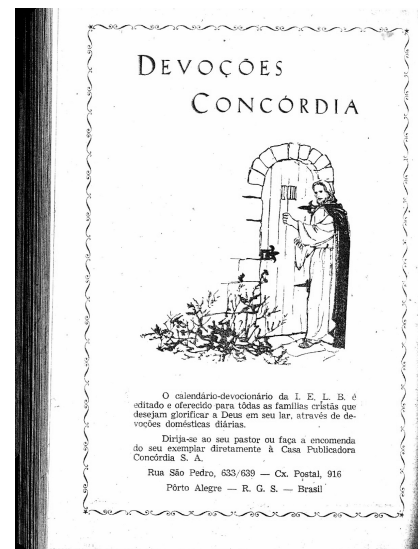
Evidencia-se o projeto de futuro previsto pela instituição na educação das crianças através do impresso. Os projetos eram diferenciados em relação ao gênero, para as meninas o servir a Deus estaria relacionado a práticas missionárias na esfera doméstica, dentro do próprio círculo de amizades, para os meninos o projeto futuro seria o de tornarem-se pastores ou professores, tarefa indispensável na igreja. A propaganda reforça os modos

¹³⁶ Neste período, a redação contava com 1162 assinantes e colocava como publicidade a meta de aumentar este número para 2000 assinantes.

para se atingir este objetivo, demonstrando, assim, a necessidade do Sínodo de Missouri ter estes profissionais.

A publicidade também se apropriou de anúncios de vendas direcionadas à comunidade leitora, aí se incluí além das crianças, pais, professores e pastores. Em relação aos anúncios, tem-se, em grande parte, propaganda de livros, com maior incidência, na década de 1960. As maiores dos livros citados eram religiosos, como catecismos, devocionários, cancionários, livros doutrinários, propagandas de revistas para adultos. Inclusive a propaganda de Devocionários Concórdia orientava o uso por toda a família. Estes livros tinham mensagens diárias, com indicações bíblicas, em que a família se reunia para ler. (O Pequeno Luterano, out-nov; dez/1965; fev-mar, abr/1966).

Figura 24- revista O Pequeno Luterano- Propaganda de devocionário. out/nov; dez/1965; fev/mar, abr/1966, p. 10.



A publicidade direcionada às crianças aparece em uma única edição denominada “Atenção garotada”, em que se faz propaganda de brinquedos plásticos para montar como cópias de modelos de automóveis, caminhão, avião, etc (O Pequeno Luterano, out/1962).

Figura 25- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de brinquedos para as crianças. out/1962, p.10.

Atenção Garotada

Brinquedos Plásticos: Automóveis, aviões, caminhões, helicópteros. Em escala oficial perfeita. Fácil de armar e pintar. Nada de lixar e cortar. Acompanha cola plástica e minuciosas instruções. Aviões com base para expor em mesa ou parede.

AUTOMÓVEIS		
Oldsmobile	1904	Cr\$ 580,00
Regal	1914	" 760,00
Merced	1913	" 760,00
CAMINHÃO		
Chevrolet	1961	" 896,00
AVIÕES		
Viscount		" 577,00
Boing B-47		" 896,00
Bell P-39 "Airacobra"		" 896,00
De Haviland Comet 4		" 567,00
Convair F-102-A		" 896,00
HELICÓPTEROS		
Helicopter "Sikorsky"		" 896,00

Façam seus pedidos à
CASA PUBLICADORA CONCÓRDIA S. A. — Cx. Postal 916 — P. Alegre

Outros anúncios são de estabelecimentos comerciais, da cidade de Porto Alegre, como a "Vidraçaria Portoalegrense", em que consta o nome e endereço. (O Pequeno Luterano, out/1962)

Figura 26- Revista O Pequeno Luterano- Anúncio de estabelecimentos comerciais¹³⁷. out/1962, p. 10.



Além destes anúncios de estabelecimentos comerciais, a revista tinha anunciantes de produtos farmacêuticos como remédios e fortificantes, muitos usados por crianças, denominados Aligrip, Vermibon e Hepetalgina Paraguassú¹³⁸. Estes anúncios comerciais poderiam ser pagos, e circulavam também através de calendários..¹³⁹

¹³⁷ Na década de 1960, (1960-1966), a Vidraçaria Portoalegrense, é citada dez vezes, provavelmente seria um patrocinador luterano e que tivesse interesse nas assinaturas.

¹³⁸ Produto de Venâncio Aires, publicada a sua utilização no diário oficial de 26 de abril de 1927.

¹³⁹ De acordo com os produtos considerados efêmeros do site Traça, consta a gravura do calendário de 1956 com propaganda do medicamento Aligrip. No verso, relação de demais medicamentos do laboratório, como a pomada Ferisulfamil e a o medicamento Hepetalgina Paraguassú.. Percebe-se significativa circulação destes medicamentos neste período no espaço doméstico das famílias. (<http://www.traca.com.br/efemero/pagina/9902/>. Acessado em 20/08/2011)

Neste período, os remédios de determinados laboratórios locais anunciavam os seus produtos pois serviam para medicar as doenças típicas da infância como verminose, gripes e problemas estomacais. O reforço dos anúncios auxiliava a manutenção da revista, já que eram inúmeros os problemas financeiros. Na entrevista aos redatores, mencionam que a propaganda no período 1960-1965, possibilitou o aumento do número de páginas. Mas a publicidade paga era negociada diretamente com a editora. Os responsáveis pela escrita tinham somente a obrigação de escrever o conteúdo e deixar a montagem e disposição gráfica dos textos e da publicidade sob a responsabilidade da Casa Publicadora Concórdia

6.2.2 Imagem

A imagem foi constituída através da ilustração gráfica da revista. Ela era direcionada ao público infantil, por isso, contava com recursos que pudessem chamar a atenção do leitor. A importância desta Subunidade se deu com a construção da Unidade também denominada “Imagem”, mas diferencia-se daquela em virtude da imagem como Unidade se apresentar em geral na capa da revista, sem histórias ou mensagens escritas. Mas na Subunidade “Imagem”, outros conteúdos são ilustrados com gravuras. Encontra-se em grande quantidade nos conteúdos religiosos e doutrinários, demonstrado assim a preocupação da revista na disseminação deste conhecimento. Nos conteúdos lúdicos as histórias em quadrinhos ganham notoriedade, porque precisam do recurso ilustrativo. Nos conteúdos ideológicos as Datas Cívicas e o Nacionalismo ganham elementos gráficos, para reforçar valores cidadãos patrióticos, de certa forma, exigidos pelo Estado Novo e pelo Estado desenvolvimentista. Nos conteúdos contato redator- leitor, são inúmeras imagens retratando as escolas paroquiais, a redação da revista e as notícias da igreja. As imagens não tinham função apenas decorativa, estando inseridas e de acordo com os objetivos da revista¹⁴⁰.

Praticamente a terça parte da revista de histórias com conteúdos doutrinários e religiosos são ilustradas, demonstrando assim, a preocupação da utilização gráfica nas revistas infantis, tentando chamar atenção e incentivar o leitor infantil a ter interesse pela religião e doutrina. Poderia se supor que por motivos financeiros, já abordados anteriormente, a revista

¹⁴⁰ Apesar de não se aprofundar metodologicamente no referencial teórico sobre a imagem e a fotografia, entende-se que o seu uso no impresso teve uma intencionalidade e buscava estar de acordo com o projeto da revista, daí o recurso de imagens religiosas, nacionalistas e infantis. Para referendar melhor o estudo sobre imagem ver em LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

não investia muito em imagens. Comprova-se que na década de 1960, há um leve aumento de imagens na revista, a popularização de decalques, poderia ser responsável pela queda dos custos dos materiais gráficos. Em geral eram imagens em forma de pintura, mas a partir da década de 1960 as imagens aparecem em forma de fotografia.

A título de comparação, destaca-se uma história recorrente nas páginas do impresso ao longo da edição. O texto bíblico é adaptado de várias formas, o texto em questão conta como Jesus, quando bebê é apresentado ao templo para ser circuncidado, cumprindo a profecia de Ana e Simeão, dois idosos que o reconheceram como filho de Deus. A história aparece com diferentes imagens e contadas de forma diversa em muitas edições da revista. Muitas outras passagens bíblicas também são contadas repetitivamente no decorrer das edições. A mudança de gerações foi grande no transcorrer do período da análise. Na maioria dos casos, as histórias são contadas de forma diferente, mas encontram-se histórias com as imagens reproduzidas da mesma forma em épocas distintas.

Foram encontradas em períodos diferentes, quatro publicações da história de Jesus quando ele é apresentado no templo. A primeira imagem é a única diferente e está publicada no Kinderblatt (Kinderblatt, jan/1932, p 1-2). A segunda imagem está em três aparições diferentes: A apresentação de Jesus no templo, (O Pequeno Luterano, jan-fev/ 1953, p. 1-2), A apresentação de Jesus no templo, (O Pequeno Luterano, jan-fev/1962, p 1-2), e A apresentação no templo (O Pequeno Luterano, dez/1964, p 3).

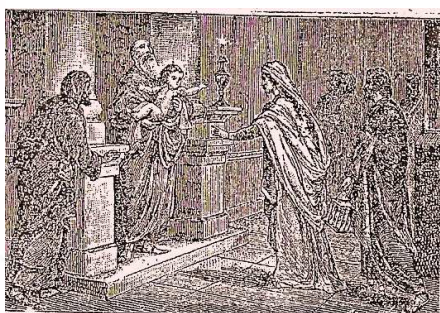


Figura 27- Jesus apresentado no templo Figura 28- Jesus apresentado no templo

Percebem-se dificuldades da revista em investir nos recursos gráficos. Há pequenas modificações das imagens do período em alemão, mas entre as décadas de 1950-1960 o uso de imagens repetidas era recorrente nas suas páginas.¹⁴¹ Desta forma, pode-se inferir que a

¹⁴¹ Inclusive as histórias escritas dos anos de 1953 e 1962 são exatamente iguais.

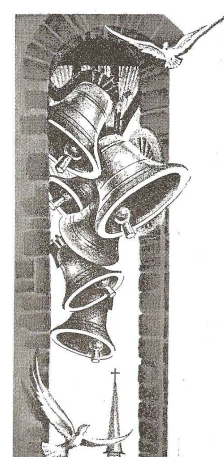
revista não buscava o aprimoramento das imagens, elas eram reaproveitadas de livros ou outros materiais já publicados pelo Sínodo.

As festas religiosas são ilustradas com muitas imagens, em especial no Natal e nas festividades em comemoração à Reforma Luterana. Em relação às festividades e comemorações religiosas, as ilustrações buscam evidenciar os fatos narrados e os símbolos envolvidos.

A festa do Natal tinha como ponto central o menino Jesus, podendo estar relacionado com o mundo infantil. Pode ter sido grande o uso das imagens, em função das escolas paroquiais e dominicais concentrarem esforços em promover programas de Natal. Abaixo algumas imagens e o resumo dos textos ilustrados por elas, para reforçar estas ideias:

Figura 29- Revista O Pequeno Luterano Sinos- Sinetas e suas mensagens. dez/1964, p. 9.

Explica o significado dos sinos em nos chamar para ouvir a palavra de Deus. A mensagem reforça que assim como quem fabrica os sinos para o som sair perfeito, a nossa vida também tem de ser moldada por Deus.





Jaz na estrebaria
O Salvador Jesus;
Filho é de Maria,
Mas como o sol reluz.

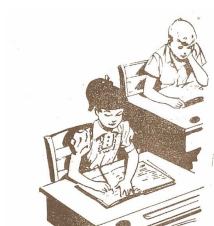
Figura 30- O Pequeno Luterano- Jaz na estrebaria.. nov-dez/1959, p.4.

Relata que o Verbo se fez carne. O milagre de Natal consiste em Deus ter participado, aprofundando bastante a doutrina. Imagem de Maria segurando o menino menciona que o verbo é cheio de graça, corrige todo o mal de Adão e Eva. O texto termina com uma poesia, convidando às crianças a ajudarem com algum dinheiro os necessitados.

Praticamente em todos os meses de dezembro as imagens natalinas são colocadas na capa da revista para ilustrar esta comemoração, mas muitas são acompanhadas de histórias para o aprendizado doutrinário e religioso.

Nos conteúdos ideológicos as imagens aparecem constantemente. Serviam para reforçar determinados elementos previstos pelas campanhas de nacionalização de ensino e da educação cívica presente na educação da época.

O civismo foi absorvido pelas escolas paroquiais, não somente no período do Estado Novo, mas em momentos posteriores- décadas de 1950-1960- foi inserido nos currículos escolares, representados por textos e imagens da revista.



**AMAI,
MENINOS
A
ESCOLA**

A ESCOLA E O L.

Mais um ano inicia para os estudantes da nossa Pátria. Mais um ano que pode ser muito útil ou que também pode ser desperdiçado. [...] Aos nossos amiguinhos desejamos um ano cheio de venturas e bons estudos. A todos vocês o Pequeno Luterano saúda com a bela poesia que segue. (O Pequeno Luterano, mar/1964, p. 8)

Figura 31- O Pequeno Luterano- Amai meninos a Escola. mar/1964, p.8.

O texto e a imagem são apresentados no início do ano letivo, reforçando o uso do impresso na escola. Neste momento, nota-se que a formação cidadã e patriótica está mais solidificada. Neste aspecto a imagem ainda é mais reveladora, diante dela percebe-se o que é

valorizado na constituição do aluno: a concentração das crianças, a posição nas suas carteiras, a leitura e a escrita realizada.

6.2.3 Capa

Os aspectos gráficos estiveram presentes, na maioria dos casos, nas capas da revista, tendo a função de abertura do periódico. Na maioria das edições a abertura da revista com ilustrações nas capas é recorrente, em especial pós 1945. Anteriormente (1931-1944) os números da revista não tinham capas separadas de abertura, ou seja, elas começavam as histórias, com ou sem gravuras¹⁴². Logo em seguida, o editorial ia seguindo a mesma ordem. Em 1945, a revista muda a disposição gráfica das capas, elas por vezes, apresentam-se em forma de pinturas, mas em grande quantidade são capas em forma de fotografias, quase sempre retratando crianças no cotidiano infantil. As capas apresentam ainda, paisagens em forma de pintura, bem como fotografias de cidades do Estado do Rio Grande do Sul. Inúmeras capas abrem com imagens alusivas as histórias bíblicas e as festas religiosas. Em todo este período há mescla de imagens inseridas nesta tipologia acima mencionada.

Capas em forma de pintura:

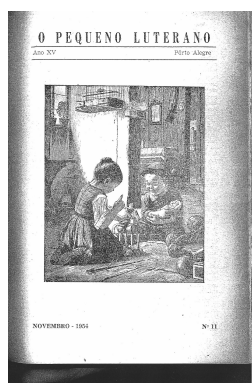


Figura 33- Revista O Pequeno Luterano- Crianças conversando. nov/1962¹⁴³.

¹⁴² Como já foi apresentado na parte da apresentação geral da revista.

¹⁴³ Esta capa é repetida da de mar-jun/1946.

Figura 34- Revista O Pequeno Luterano- Crianças orando. abr/mai,1957.

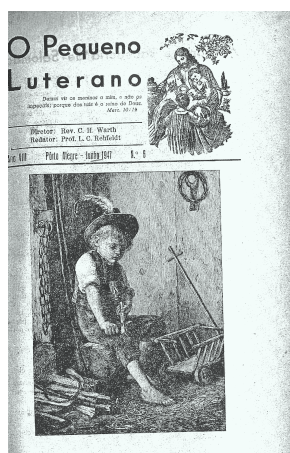
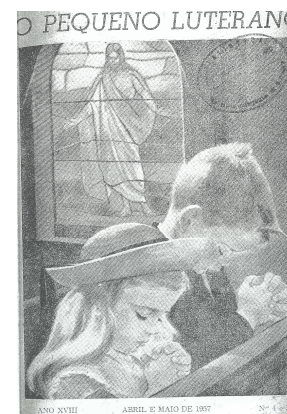


Figura 35- Revista O Pequeno Luterano- Menino Sentado. jul,1947.

Como já foi comentado, a repetição de imagens era bastante comum nas páginas do impresso, provavelmente, a editora tinha um banco de imagens em que as ilustrações eram escolhidas. O depoimento de Wanda Linden, uma das redatoras, revela a existência de um álbum de fotos na editora Concórdia, em que os redatores ajudavam a escolher as imagens, mas muitas vezes o editor a escolhia (Depoimento de Alípio e Wanda Linden, concedido dia 27 de agosto de 2011).

As imagens acima, representam cenas bucólicas envolvendo a natureza e a criança solitária, representando uma criança rural, e o cotidiano infantil que servem para ilustrar e fortalecer as práticas educativas, morais e religiosas a serem realizadas pelas crianças.

As imagens de histórias bíblicas são bastante valorizadas na página do impresso, sucessivas vezes foram repetidas em vários períodos da publicação, provando que havia um banco de imagens e estas eram usadas repetidamente para evitar gastos na edição da revista.

¹⁴⁴ Entretanto temos muitas imagens nas capas que ilustram o tema da história bíblica do mês, em especial, as festas comemorativas religiosas.

6.2.3.2 Capas de Histórias Bíblicas e Festas Religiosas.

Figura 35- Revista O Pequeno Luterano -Como morreu Jesus na cruz. mar/abr, 1944.

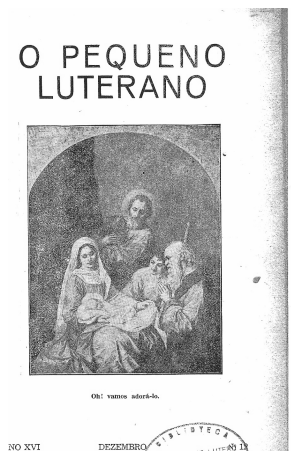


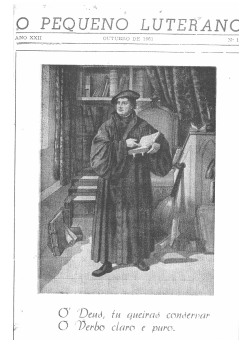
Figura 36- Revista O Pequeno Luterano. Oh! Vamos adorá-lo. dez,1955.



Figura 37 – Revista O Pequeno Luterano- Ele não está aqui! mar/abr, 1959.

¹⁴⁴ Em alguns momentos a revista pede auxílio para o financiamento das ilustrações ou agradece a contribuição de dinheiro para comprar estampas. (Agradecemos, O Pequeno Luterano, nov-dez/1960), Agradecimento de doações para as figuras que são caras e embelezam a revista, cita os nomes. (O Pequeno Luterano, set-out/1959).

Figura 38 – Revista O Pequeno Luterano- Martin Lutero. out/1963.



Evidentemente se o enfoque religioso e doutrinário ocupou lugar de destaque nos conteúdos, nos aspectos gráficos não seria diferente. As imagens das histórias bíblicas e das festas religiosas são numerosas, tanto na abertura da revista como em todo o corpo do impresso. A seguir alguns exemplos de capas em forma de fotografia, em que as crianças são representadas.

6.2.3.3 Capas em forma de fotografia:

Figura 39- Revista O Pequeno Luterano - Julia com apenas um ano e meio. jan/fev. 1949.

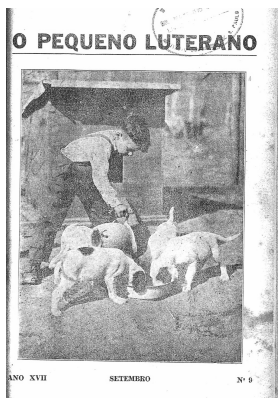
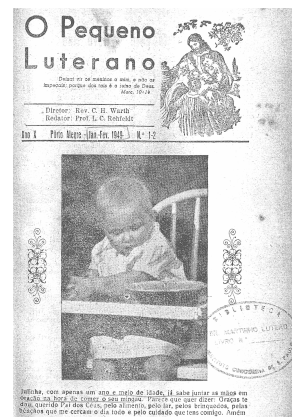


Figura 40- Revista O Pequeno Luterano - Menino tratando animais. set, 1956, p.1.

Figura 41- Revista O Pequeno Luterano- Quando olho para dentro... jan/fev,1949.



O cotidiano infantil está bem representado nas fotografias, o incentivo às práticas religiosas desde a primeira infância se reflete no aprender os gestos e os símbolos que remetem à religiosidade. A ocupação da criança rural retratada nas páginas do impresso é marcante pelo fato de muitos assinantes serem filhos de pequenos agricultores. As comunidades de sustentação do Sínodo e de assinantes da revista, em certa medida, eram comunidades rurais. O aspecto familiar também é mostrado no convívio das crianças com seus irmãos.

As paisagens são retratadas no impresso, também, como fotografia, abrindo como capa. Estas paisagens podiam ser de um local específico, a fim de conhecimento geográfico ou de paisagens em que as crianças participavam na imagem. Pressupunha-se a formação da criança na valorização da natureza, denotando aspectos bucólicos e da realidade rural.

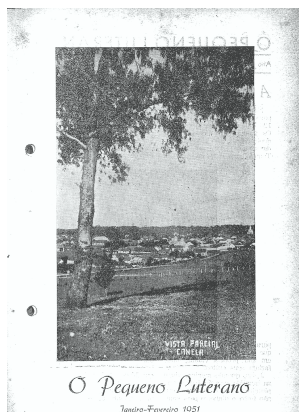


Figura 42 – Revista O Pequeno Luterano- Vista parcial de Canela. jan/fev,1951.

Figura 43- Revista O Pequeno Luterano -Cavaleiros na estrada. set,1954.

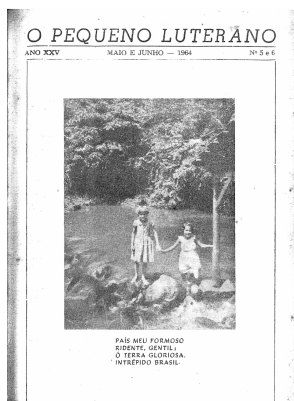
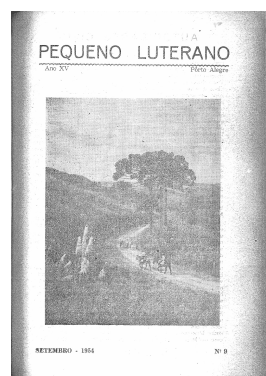


Figura 44- Revista O Pequeno Luterano – País, meu formoso... mai/jun, 1964.

Neste sentido, os aspectos gráficos e publicitários não foram o foco central da preocupação da revista. Não havia grandes investimentos nestes aspectos. As ilustrações são mostradas, servindo de modelo religioso, escolar e orientador da conduta infantil. Estratégias

publicitárias foram usadas, e pode-se dizer, que a partir da década de 1960 foram os anúncios que mantiveram a revista, já que os assinantes estavam em 1160¹⁴⁵, e a tiragem chegava a 1400 revistas.

Tendo em vista a revista ter dados quantitativos relevantes em relação aos conteúdos da Imagem, percebe-se a tentativa da edição em influenciar as crianças no interesse pela revista através das estratégias ilustrativas e lúdicas.

¹⁴⁵ Segundo dados da revista “O Pequeno Luterano”, mar/ 1962.

*Aspectos da memória e história oral- sujeitos da
pesquisa- cruzamentos e entrecruzamentos*

O PEQUENO LUTERANO

ANO XXIV

MARÇO — 1963

Nº 3



Prof. Alípio O. Linden, diretor da ESCOLA DE APLICAÇÃO da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, quando, depois do culto de sua instalação, no dia 10 do corrente, era homenageado por três representantes da Escola Concórdia.

(Mais detalhes na pág. 4)

Figura 45- Revista O Pequeno Luterano- Professor Alípio O. Linden. mar, 1963.

7 - SUJEITOS QUE LERAM E/OU FIZERAM A REVISTA - CRUZAMENTOS E ENTRECruzAMENTOS

Este capítulo aborda, de forma sistemática, os sujeitos da pesquisa, selecionados a partir de matérias e demais informações advindas do periódico. Segue abaixo um quadro resumo com dados que permitem uma visão do conjunto dos depoentes.

7.1 APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Tabela13 - Relação dos depoentes da pesquisa

Nome do depoente	Período de contato na revista	Modo de contato	Condição na pesquisa
1. Armindo Wienke	Redação “O filho ingrato” - O Pequeno Luterano, mai/jun, 1952, p. 27.	Envio de redação	Leitor infantil
2. Ada Westermann	Cartas - O Pequeno Luterano, jan/fev, 1960, p. 16. Página dos Leitores, jul/1960, p. 10.	Descrição da escola (Cerrito) - correspondência	Leitora infantil
3. Fredo Westermann	Redação “O perna de Pau”. O Pequeno Luterano, mai-jun/1961, p. 14-15.	Envio de redação - escola Cerrito.	Leitor infantil
4. Hilda Lange Kopereck	Comunicação - O Pequeno Luterano - set/1944, p. 40	Descrição da escola (São Pedro) - donativos ao Orfanato	Leitora infantil
5. Loni Neunfeld Weiduschadt	Não escreveu na revista.	Leitora do Pequeno Luterano	Leitora infantil
6. Nivea Prestes	Em Pelotas se fazem assim - O Pequeno Luterano, dez/1965.	Descrição da escola dominical - Pelotas	Leitora - professora escola dominical
7. Ida Strelow de Castro	Uma carta da Guabirova. O Pequeno Luterano, jan-fev/1956, p 11.	Descrição da escola paroquial - Pelotas	Leitora - professora escola paroquial
8. Wanda e Alípio Linden	Redatora - jan/1962 até jan/1965	Redatores dos textos	Redatores
9. Donaldo Schueller	Poema Pinheirinho de Natal. O Pequeno Luterano, dex/1949, p. 47	Envio de poema na condição de aluno do Seminário	Leitor infantil e editor de revistas do Sínodo.

Neste trabalho, a escolha dos testemunhos orais não se deu de forma aleatória, sendo os mesmos escolhidos entre os leitores que se comunicavam com a revista e que viviam na região pomerana, com exceção dos redatores Alípio e Wanda Linden e de Donald Schueller. Estes foram incluídos não só pelo testemunho e experiência como leitores. O casal Alípio e Wanda Linden como redatores e professores e Donald Schueller como professor e pastor do seminário, e como editor de outra revista: a dos estudantes semináristas denominada *Nostra Vitta*, (relatava o cotidiano, o estudo, as formaturas, etc).

Vale lembrar que os participantes leitores mirins fizeram parte da rede de leitores ao mesmo tempo em que faziam parte da comunidade. Por isso, além daqueles que se comunicaram com a revista, foi selecionado também um testemunho por fazer parte da minha vivência: trata-se da minha mãe, com muitas lembranças da revista usada na escola e no espaço doméstico¹⁴⁶.

A opção pela história oral se deu em função de tentar compreender a apropriação da revista e o alcance didático e educacional do impresso através de sujeitos que tiveram acesso como leitores e/ou redatores em determinado período de suas vidas. Neste sentido, cabe enfatizar que o testemunho deles deve ser considerado como releitura do passado a partir de concepções e vivências hoje acumuladas.

7.1.1 A memória e os sujeitos da pesquisa

A memória é também coletiva e parte de um processo no qual o grupo, para dar um sentido de pertencimento nas relações sociais, acaba formando uma incessante construção das suas representações sociais na realidade em que viveu. Ou seja, é coletiva porque as recordações do grupo se marcam na lembrança do indivíduo pelo outro: é necessário ter o outro para reforçar e lembrar a recordação ou as práticas que os grupos tentam conservar¹⁴⁷.

Poderia se pensar que as memórias “são invadidas por novos arranjos, incessantes, caleidoscópicos, irrepitíveis. Mesmo aquelas narrativas mais frequentadas, constantemente declaradas, mesmo nestas, há algo de sutilmente distinto a cada repetição” (STEPHANOU,

¹⁴⁶ Ela pertenceu à escola de Solidez, a qual, segundo as estatísticas apresentadas no capítulo anterior, está entre as escolas com maior número de assinaturas.

¹⁴⁷ Algumas ideias expressas em relação à memória e à educação foram inspiradas em *História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes*. FISCHER, Beatriz T. Daudt e WEIDUSCHADT, Patrícia. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. T. D.; PERES, L.M.V. (orgs). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Liber Livro, 2009.

2011). Elas são coletivas, mantendo distinções de acordo com a vivência singular dos depoentes.

Por isso, nas pesquisas em história da educação, incluindo análise das práticas escolares dos sujeitos ou de investigação de instituições escolares religiosas, é necessário levar em conta que as lembranças dos depoentes estão configuradas de acordo com o grupo social a que pertencem. A lembrança de qualquer pessoa vai estar ligada à construção histórica e à identificação com o grupo que a constituiu, pois relações sociais e culturais dos grupos são marcantes na formação destas memórias coletivas. Se a memória é um processo, também é importante perceber as formas como o grupo se relaciona e se identifica, em especial, nos processos históricos educativos. Há muitas discussões em torno da dicotomia memória coletiva e individual, sendo a última apontada como se os indivíduos por si só tivessem uma capacidade nata de possuir esta memória. De fato, ela não está desvinculada da memória coletiva, como coloca Halbwachs (1990):

[...] a memória individual, enquanto se opõe à memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente do ato de lembrar e do reconhecimento de lembranças? De modo algum. Porque, se essa primeira lembrança foi suprimida, se não nos é possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conservava [...] (HALBWACHS, 1990, p 34).

A memória individual se assenta na memória coletiva porque as lembranças e recordações do grupo são construídas em uma base de memória coletiva. Para analisar o processo histórico de escolarização é preciso ter esta assertiva presente: a memória coletiva é fundamental para a constituição das relações sociais. O que se entende como evocação da lembrança individual é muito tênue, cada indivíduo tem sua singularidade, mas esta singularidade é construída socialmente.

[...] A idéia que representamos mais facilmente, composta por elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a idéia que os outros fazem de nós: e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mas chegados a nós [...] Essas lembranças estão ‘para todo o mundo’ dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. [...] (HALBWACHS, 1990, p. 49).

Nesta perspectiva, é relevante pensar a história oral como uma metodologia que analisa os relatos dos depoentes, levando em consideração as lembranças destes sujeitos pertencentes a um grupo social, ou seja, aos envolvidos como leitores e redatores da revista. O aparecimento da memória é relativo às produções e às recordações que se tem socialmente. A metodologia da história oral em processos históricos da educação, como é caso desta pesquisa, destaca as memórias que se tenta apreender destes depoentes formados numa base coletiva, nas relações sociais, porque todos ainda são pertencentes ao mesmo círculo social e religioso e, ao mesmo tempo, mantém singularidades próprias.

No mais, se a memória coletiva tira a sua força e sai duração do fato de ter suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos involuntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. [...] Todavia quando tentamos explicar essa diversidade voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. [...] (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Essas mudanças de lugar e do meio apontam que as constituições não são estáticas, possuem constantes embates e transformações, entendendo assim que as memórias são modificadas e cambiantes, já que envolvidas num processo de diversidade e variabilidade e imbricadas na construção social.

Poder-se-ia pensar que a memória relembrada coletivamente pelos depoentes no tempo presente se baseia num tempo vivido no passado, mas sempre reconstituído e ressignificado. “E em se tratando de reminiscências, tal conteúdo só é passível de se efetivar, em sua forma mais genuína, através do presente discursivo de quem recorda.” (FISCHER, 2011). O tempo da rememoração no presente, assentado no passado, não é um tempo mensurável. O tempo do passado e do presente anda junto através dos significados e das representações, e precisa ser encarado como um tempo vivido.

Cabe ressaltar que muitos dos depoentes rememoraram os fatos e os construíram de forma ucrônica, ou seja, os fatos não são totalmente verdadeiros, são contraditórios, mas o que interessa na pesquisa são as crenças e os símbolos criados e fortalecidos pelo grupo, permitindo entender as memórias permeadas no contexto. Em relação ao conceito da ucrônia, Alessandro Portelli (1996), ao pesquisar sobre a militância do Partido Comunista na Itália em

tempos atrás, visualiza discursos contraditórios, porém eivados de desejos. Para muitos depoentes a sua história de vida tem relação íntima com as suas aspirações e eles criam sonhos que acabam representando parte de suas experiências. O autor conclui:

[...] A ucrônia, assim, resguarda a preciosa consciência da injustiça do mundo existente, mas fornece os meios de resignação e reconciliação. Na medida em que aviva as chamas do descontentamento ao revelar a contradição entre realidade e desejo, faz com que esta contradição não ecloda em conflito aberto (p. 58).

Na realidade, depoimentos da história oral não guardam uma verdade, mas uma representação, ficando essa tensão entre o que aconteceu e o que o depoente desejaria que tivesse acontecido, ou o que ele representa como acontecido, não interessando a busca da verdade absoluta na perspectiva da história positivista. Assim, nesta perspectiva, não podemos levar somente em consideração os acontecimentos que poderiam ser provados com evidências incontestáveis.

É importante pensar a categoria da memória, lembrando que os discursos produzidos pelos depoentes são também representações do real. Assim, a memória não é um fato da realidade, mas uma representação. Ela não é pessoal, de uma única voz, sempre está inserida num contexto social. Como relembra Pesavento (2004):

[...] Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o lembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer (PESAVENTO, 2004, p. 94).

Isto posto, é importante salientar que a lembrança depende dos significados que o depoente concede às suas reminiscências, ou seja, ele vai evidenciar o que mais lhe dá sentido. Além disso, a memória é seletiva: para lembrar-se de algo, precisa-se contar com o esquecimento. O importante é considerar o que foi lembrado, por que foi lembrado, o que isto ressignifica para o depoente nas lembranças que o constituem. Em muitos casos, os depoentes não se apresentaram dispostos a lembrar do contato com a revista, mas reforçaram outros aspectos da sua formação religiosa e escolar.

Entende-se, como Halbwachs (1990), que a memória não é uma tábula rasa e sim constituída e construída pelas significações relevantes do grupo. Na pesquisa, ela ajudou a compreender as práticas escolares que envolviam o campo da religião e da escola, bem como as disposições de cunho moral e religioso interiorizadas pelo grupo.

Os discursos produzidos através da rememoração de depoentes estão imbricados por diferentes narrativas do seu entorno e das falas polifônicas constituídas pelo grupo de pertença. Como menciona FISCHER (2005), o individual (eus) está circunscrito e costurado com o social (nós). Assim, é profícuo ampliar a rede de depoentes, buscando entrelaçar diferentes tipos de narrativas de vida para capturar discursos que darão sentido às representações dos sujeitos.

Allan Radley (1992) acredita que a memória, além de ser um produto do discurso, também está presente nos objetos, nos artefatos, na cultura material, sendo possível recordar fazendo relações com os objetos produzidos e preservados pelos grupos. Em se tratando do espaço escolar, os objetos materiais evocados nas memórias ou a materialidade dos artefatos escolares e religiosos – cartilhas, livros, periódicos, boletins, medalhas, flâmulas, entre outros – valorizados pelos depoentes, são de extrema importância e poderão ser evocadores de recordações compartilhadas pelo grupo.

[...] Los objetos, aparentemente, se presentan a sí mismos de modo inesperado y ‘evocan recuerdos’ pero tambien son parte de un mundo material ordenado de forma que mantenga ciertos mitos e ideologias acerca de la gente como individuos y de ciertas culturas concretas. [...] Estes es el sino de algunos artefactos que pertenecen a cada época; sobrevivir a los peligros hasta llegar a un período em el que su desplazamiento se percibe como significativo, y al ser entónces deliberadamente apartados convertirse em indícios del pasado, em objetos ‘para recordar’ (RADLEY, 1994, p. 68).

Importante frisar, entretanto, que nos estudos em história da educação também a memória compartilhada pelos artefatos e pelos discursos não supõe neutralidade, já que tudo está imbricado na pertença de uma determinada realidade educacional que se quer conservar e manter. Clarice Nunes (2003) acrescenta no campo da História da Educação esta valorização da cultura escolar imbricada nos objetos:

Lembrar do espaço escolar é lembrar também do entorno, que leva da casa a escola, percurso de descoberta e manipulação, de aventuras e perigos, de brincadeiras e de desafios. [...] Neste sentido, a escola como lugar de memória é simultaneamente material, simbólica e funcional. [...] O mesmo se dá com os objetos usados na escola; [...] Continuam servindo como depositários de vivencias

ricas de significado, animados por nossos amores, estórias, toques, revividos pela interação entre pessoas e coisa, agora apenas representada. [...] (NUNES, 2003, p. 5).

É relevante avaliar estes aspectos da memória envolvendo objetos, uma vez que ficam evidentes na cultura escolar. O meio escolar está constituído de materialidade, apresentando significados através das recordações, especialmente quando se parte do pressuposto de que a memória advém de experiências vividas e materializadas.

Nas entrevistas com leitores que tiveram publicações no impresso, sempre se buscou preliminarmente, com diálogo, a provocação de reminiscências de suas leituras da revista, para depois mostrar o periódico. Este servia como evocador de memória, já que, revendo o seu nome ali publicado poderia sentir-se provocado a falar.

Assim, busca-se compreender a apropriação que os sujeitos fizeram das respectivas leituras e, assim, cercar o objeto de investigação para melhor responder às questões desencadeadoras da pesquisa

7.2 OS SUJEITOS E A APROPRIAÇÃO NA REVISTA “O PEQUENO LUTERANO”

7.2.1 “Os leitores”- Projeto do futuro - “Ser pastor ou professor?”

O primeiro contato foi com Armindo Wienke, que publicou uma história na revista na década de 1950, período em que os estudantes do seminário organizavam a redação. Por meio da chamada “A Janelinha Aberta”, muitos leitores foram convidados a publicar histórias e redações. Além de Armindo, outros leitores também escreveram redações e fábulas. O nome do depoente é mencionado na edição de dezembro de 1951, em que no quadro “A Janelinha Aberta” é arrolada a colaboração de alguns leitores e, em seguida, a promessa da publicação:

[...] E queremos registrar ainda a colaboração de dois amiguinhos que reproduziram ambos uma história que haviam lido ou ouvido. São eles **Paul Gert** de Arroio do Meio e **Armindo Wienke** de Canguçu. Pretendemos publicar estas histórias, bem como as melhores redações, nos próximos números do “Pequeno Luterano” (O Pequeno Luterano, dez/1951, p. 58, grifos da redação).

Constata-se que esta forma de relacionamento entre o leitor infantil e a revista visava proporcionar certa legitimidade em ser uma criança ordeira e religiosa, também dedicada nas tarefas, porque seu nome aparecia como um leitor assíduo e mencionado com relevância.

O anúncio de contato com o leitor estabelecendo o vínculo consistia em estratégia da redação para manter o interesse dos leitores, tendo nome publicado juntamente com a história enviada. Parte da história segue abaixo:

O filho ingrato

Era uma vez um velho Mariano. Sempre fora pai muito extremoso. Augusto, seu filho, lhe era tudo: a sua esperança, o seu consolo, a sua alegria na velhice. Um dia estava Augusto diante da porta com sua mulher. Tinham diante de si um frango assado e aprontavam-se a comerem-no regaladamente quando viram de longe o velho pai se aproximando. Que fizeram? Logo trataram de esconder o prato para não terem que dividi-lo com o pai. [...] Porém o frango assado tinha-se transformado num sapo enorme que saltou à cabeça e ao rosto de Augusto. [...] Eis o que sucede aos filhos que não cumprem o mandamento da Lei de Deus: Honra a teu pai e a tua mãe. (Esta história foi enviada pelo leitorzinho Armino Wienke, de Canguçu, que a ouvira de sua vovozinha) (O Pequeno Luterano, mai/jun, 1952, p. 27)

O depoente lembra que quando escreveu a redação para *O Pequeno Luterano* foi por incentivo de sua irmã mais velha. Leu uma fábula sobre o sapo e reproduziu a história. Interessante que a revista publicou que era contado por sua avó. Ele diz não se recordar ao certo. Na época tinha 12 anos e era aluno de uma escola paroquial em Herval, interior de Canguçu. Seu professor era o pastor Reinaldo Albrecht, formado em teologia e pedagogia pelo seminário. Segundo o seu relato, nesta escola não se usava muito *O Pequeno Luterano* porque tinha alunos que eram de outras denominações religiosas. O pastor e professor ensinava a religião a partir das Histórias Bíblicas, sem aprofundar muito a questão doutrinária. A história publicada por este leitor está de acordo com os princípios doutrinários e morais difundidos pela instituição do Missouri e, conseqüentemente, pela revista. O encerramento é acompanhado com a citação do quarto mandamento, valorizando a conduta da criança voltada à obediência aos pais.

O depoente ainda revela as suas práticas de leitor assíduo da revista. Na sua casa havia assinaturas de outras revistas religiosas, como *Nostra Vita*¹⁴⁸, *Lar Cristão*¹⁴⁹ - um almanaque anual da igreja - e também de revistas laicas, como *O Cruzeiro*. Pelo que se

¹⁴⁸ Revista publicada pelo Sínodo, relatava o cotidiano dos estudantes do Seminário Concórdia.

¹⁴⁹ Almanaque anual com as principais informações do Sínodo, além, de textos teológicos, históricos e de estudo.

depreende, este leitor vivia num mundo letrado em que a leitura tinha relevância social e a apropriação de leituras se dava também fora do ambiente escolar.

A trajetória de vida de seu Armindo na infância esteve marcada pela perspectiva de estudo no seminário, mas em seu depoimento percebe-se certo silenciamento em relação a este fato. Simplesmente afirmou que o pai precisava de sua ajuda no comércio e acabou não tendo a formação de pastor ou professor.

O segundo leitor masculino, Fredo Westermann, aparece na década de sessenta como leitor infantil. Sua família participava na interlocução com o impresso, visto que não só ele, mas também as três irmãs¹⁵⁰ tiveram publicação na revista. Ele publicou uma história denominada “O perna de Pau” (O Pequeno Luterano, mai-jun/1961, p. 14-15.). História longa (que ocupou duas páginas) para a média publicada na revista, que conta a zombaria das crianças em uma escola de um senhor velho que tinha uma perna de pau devido à guerra. A história revela a lição de moral e a valorização do herói em defesa da Pátria, imbuído de valores nacionalistas e ufanistas, próprio do conteúdo da revista. Logo em seguida, coloca o nome do leitor e o seu endereço, porque nesta época o estímulo às correspondências de cartas era grande. Ao deparar-se com sua participação na revista ele diz não lembrar de ter escrito, fica admirado e revela que no ano de 1961 ele estava no seminário. Ele fica na dúvida se as irmãs teriam enviado a carta ou ele teria escrito em forma de compilação em 1960, ano em que morava em Cerrito, interior de Pelotas. Ela foi publicada no ano seguinte.

O leitor então lembra agora fortemente das correspondências e do envio de cartas. Ele tinha ido estudar no seminário em São Paulo, cursando o ginásio. Neste contexto, mantinha esta prática.

Ah! Isto pode, eu me lembro: aqui em São Paulo a gente mantinha isto, escrevia, a gente nem conhecia as pessoas, lá do Espírito Santo. Deixavam endereço, tinha correspondência. E outra coisa, a gente tinha uma espécie de competição no colégio em São Paulo, entre quem mais recebia carta. Como é que tu iria receber as cartas se tu não enviasses também . [...] ¹⁵¹

Na escola paroquial que estudou em Cerrito, recorda-se de usar a revista para conhecimento bíblico. No espaço doméstico e familiar havia muitas assinaturas de revistas, como as da família de Armindo Wienke: o Kirchenblatt, Mensageiro Luterano, Jovem

¹⁵⁰ Sua irmã, Ada Westermann, também participou desta pesquisa. Mais duas irmãs também publicaram, são elas: Elda Westermann, (Publicação na revista jan/1959, envio de história) e Edith Westermann (Publicação na revista em mai-jun/1959, com envio de carta e relato da escola).

¹⁵¹ Depoimento de Fredo Westermann, concedido em 10 de fevereiro de 2011.

Luterano e, depois, no tempo do seminário “O Concordiano”¹⁵², entre outras. De certa forma estavam envolvidos nesta rede de leitura. Chama atenção o estudo no seminário. Outra vez um leitor que atendia as sugestões da revista em relação ao projeto de futuro, mas que não seguiu carreira de pastor. Afirma que não tinha a intenção de ser pastor, apenas estava ali na tentativa de continuar a estudar, já que seu pai queria os filhos para a força de trabalho. Assim como Armindo, o projeto de futuro desejado pelo seu pai e incentivado pelo impresso (ser pastor) não foi levado adiante. No depoimento é perceptível o silêncio, as reticências, a mudança de assunto referente a este tema. Mas Fredo seguiu seus estudos universitários e atualmente é empresário.

Interessante notar que os depoentes do sexo masculino tiveram os projetos de estudos na infância com a perspectiva de formação pastoral ou pedagógica. Mesmo não seguindo (o primeiro tornou-se agricultor, o segundo, empresário), são hoje atuantes na igreja e leitores de revistas do Sínodo. A revista incentivava a ideia de pastorado e magistério aos meninos. Estratégias planejadas para ampliar o número de interessados ao Seminário. Os leitores aqui representados pelos sujeitos da pesquisa, atenderam a esta estratégia, apenas de início. Escaparam dela ao não seguir a carreira prevista e usaram o estudo para ampliar conhecimentos e seguir adiante na escolarização. Eles tiveram preparação para um maior aprofundamento de seus estudos. Nas entrevistas, o silêncio parece indicar certo desconforto em relação a esta passagem de suas vidas, quando havia expectativas na preparação de sua infância para o serviço da igreja.

7.2.2. Leitora Ada Westermann: troca de correspondências, através do impresso

A revista perpassava o meio familiar, geralmente de famílias numerosas, em que todas as crianças liam o Pequeno Luterano. O testemunho de Ada Westermann reforça a apropriação do impresso por todas as crianças da casa.

Ela enviou duas cartas à redação em 1960: a primeira em janeiro e a outra em julho. Na primeira, conta sobre a escola que estuda; na segunda, compila uma história. A família desta leitora manteve vínculos estreitos com a revista, os seus três irmãos também escreveram para o impresso. Optou-se em entrevistá-la primeiramente porque o seu nível de envolvimento na rede de leitores foi maior. Na construção narrativa da leitora, a partir da memória em depoimento concedido, buscou-se relacionar este percurso com a lembrança de leitora. Ecléa

¹⁵² Revista produzida pelos estudantes do seminário de São Paulo.

Bosi, em “Memória e Sociedade lembrança de velhos” (BOSI, 1987, p. 17), afirma que as lembranças evocadas referem aquilo que o depoente vivenciou no meio social, ou seja, nas relações com o seu grupo: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência a este indivíduo”.

Daí a necessidade nesta pesquisa de se entender os depoimentos sob tal perspectiva, buscando compreender como hoje se processa a memória escolar dos indivíduos, especialmente a relação da escolarização com a religiosidade. Também Loiva Otero Felix ajuda a referendar o que aqui se tem argumentado: “As lembranças, constituídas nas relações sociais, são mantidas nos diversos grupos de referência e também nos espaços sociais da família, do trabalho, do lazer, da religiosidade, ancoradas no vivido, na experiência histórica” (FELIX, 1998, p. 42). Ou seja, entende-se a memória como uma construção social, necessitando de grupos e comunidades para se constituir.

Nascida numa família de luteranos ligados ao Sínodo de Missouri, seus pais eram atuantes na igreja local e tinham relações de prestígio no Seminário em Porto Alegre. Iniciou seus estudos numa escola paroquial em Cerrito, localidade próxima a Pelotas, mas continuou os estudos de nível ginásial em Porto Alegre, graças à mobilidade que o pai tinha como comerciante e viajante.

A primeira carta enviada por ela à revista relata de forma mais detalhada a realidade escolar:

Cerrito

Caros amiguinhos do Pequeno Luterano, Quero por meio desta cartinha relatar-vos algo sobre os alunos da Escola Miguel Calmon.

No dia 13 de setembro de 1959 festejamos o aniversário do nosso professor sr. Edmundo Arndt.

Dia 13 de setembro era domingo, se não me engano; de manhã realizou-se um culto aqui em nosso meio, na igreja São João; este culto foi dado pelo nosso pastor Hiller.

Ao meio dia almoçamos cada qual em sua casa e em seguida, às duas horas, saímos todos juntos da Escola para a casa do nosso professor. Ao chegarmos ali, cada qual ofereceu o seu presente e lhe desejou felicidades.

Logo após saímos para brincar: jogamos caçador e brincamos de roda. Ao entardecer fomos todos para casa.

Terminando esta cartinha, quero desejar a todos os alunos felicidades e a bênção de Deus. Subscrevo-me

Ada Westermann (Pequeno Luterano, 1960, jan/fev, p.16).

A carta revela o ambiente escolar e religioso entrelaçado, reforçando a importância da escola como formação religiosa. Outro aspecto a levar em consideração é a valorização do professor, em especial, na data de aniversário. Esta homenagem esteve imbuída de um valor implícito: elevar o professor como autoridade do saber.

Algumas pesquisas apontam que neste período há uma necessidade em valorizar o professor, zelando pela sua formação. Um exemplo é a expansão de revistas técnicas especializadas para este profissional, bem como a instituição do dia do professor, como relata Paula Vicentini (2003):

[...] cabe notar que a iniciativa de comemorar o *Dia do Professor* no Brasil partiu de uma associação docente católica e o seu reconhecimento oficial se deu durante a vigência do regime democrático no país. Apesar de diferentes esferas do Estado procurarem se apropriar da comemoração, tal medida – no caso paulista – foi fruto de um movimento empreendido por entidades representativas do magistério secundário e particular que a consideravam uma forma de tornar a atividade docente reconhecida socialmente. A partir do final dos anos 50, as associações docentes passaram a utilizar a data como um marco em seus protestos contra a baixa remuneração (p. 4).

Essa valorização do professor, não raramente aparece nas páginas do impresso¹⁵³. Outras cartas, neste período, narram o cotidiano escolar, o papel do professor e as comemorações em torno dele. Acontece a personificação do profissional, aquele que merece e deve ser homenageado pelos alunos¹⁵⁴.

As cartas seguem o modelo desejado pela edição, fazendo surgir os leitores da revista, relatando o âmbito escolar e sugerindo aos alunos de escolas paroquiais que se tornassem leitores do impresso.

Ao procurar a ex-leitora infantil Ada, indagou-se como ela se apropriou da revista, tendo a clara noção de que através de sua memória ela precisaria reelaborar a construção de seu passado de leitora e de aluna. Ela, porém, não conseguiu lembrar-se da redação da carta sobre a escola. Ao ler a carta, ficou surpresa, dizendo não lembrar tão bem. Entretanto, ao ver sua redação na revista, fica extasiada e revela:

A minha carta, olha aí, oh (pausa), no dia de 13 de setembro o aniversário do professor, eu mencionei e (começa a ler), lê pausadamente, menciona o

¹⁵³ Como exemplo tem-se as cartas de Ruth Flor, relatando a sua escola, homenageando o seu professor Frederico Strelow (O Pequeno Luterano, out/1943). Anos depois, aparece o relato da homenagem ao túmulo do professor F. Strelow, através da carta enviada pela aluna Herta Kretschmann (O Pequeno Luterano, julho/1946).

¹⁵⁴ Também a pesquisa de Beatriz Fischer (2005) trata desta questão.

pastor termina toda a carta , (pausa). Tu viu mais alguma coisa, como é que a gente chegou a se corresponder? ¹⁵⁵

Ela lê o texto com entusiasmo, mas o seu interesse mesmo fica nas correspondências e nas cartas enviadas, nas amizades e laços afetivos que criou. Insisto nas lembranças da escola, do currículo, do professor. Ela revela que o professor era excelente, mas não se recordava do uso da revista nas escolas, ou que seus colegas tinham assinaturas. Apenas reforça a base religiosa dada na escola:

Não era como o ensino religioso das escolas municipais e estaduais. Depende hoje se a professora entende de religião, mas a minha base de instrução foi muito fraca, porque eu peguei os últimos anos do pastor Hiller. Era meio complicado, ele tava meio complicado, muita coisa de instrução eu aprendi depois. Até hoje venho aprendendo é participando dos departamentos da igreja, me envolvendo. [...] Eu tenho para te dizer que a minha base é do colégio, o professor era muito legal, a base veio do colégio.

A narrativa reforça o trabalho excelente do professor e da pouca capacidade do pastor, que já estava cansado e no fim de sua carreira. Pode-se supor que o trabalho religioso era também realizado de forma primorosa pelos professores das escolas. Em contrapartida, no que se refere às lembranças do conteúdo da revista, percebe-se que não são tão marcantes. Ela diz que poderia ter gostado muito, mas não se recorda do conteúdo e o que aprendia. No entanto, fala de forma entusiasmada das cartas trocadas. Mesmo em relação à segunda forma de participação na revista, que conta uma história sobre fantasmas (Pequeno Luterano, jul/ago, 1960, p.10), ela lê e não recorda como escreveu, mas o que chama atenção é o endereço ao final da história. Na página seguinte, o anúncio denominado “Canto do Redator” colocando os “Amiguinhos da Caneta”, menciona todos os que tinham escrito cartas, colocando os respectivos endereços para correspondência:

Amiguinhos de Caneta - Se alguém deseja corresponder com um menino ou uma menina de outra parte, não hesite em nos enviar seu endereço, que o publicaremos na secção “Amiguinhos de caneta”.
Ada Westermann, Rua Gal. Osório 709, Pelotas, RGS [...] (Pequeno Luterano, 1960, jul/ago, p. 12).

Importante destacar a campanha feita pela revista com o intuito de reforçar as correspondências entre os leitores. Denominada “Amiguinhos da caneta”, era um espaço em que as crianças colocavam seu nome e endereço e esperavam trocar cartas com crianças de

¹⁵⁵ Depoimento de Ada Westermann, concedido em 10/02/2011.

mesma denominação religiosa. A entrevistada narrou inúmeros contatos realizados através desta prática, mas uma correspondente, em especial, foi mais marcante, possibilitando trocas afetivas profundas que se estenderam até a vida adulta. Por isso, serão analisadas as cartas recebidas desta amiga especial, tentando ver a influência e o reforço da revista em delimitar práticas cristãs e luteranas. Essas cartas foram trocadas a partir de 1958 até 1974, e Ada guarda mais de 50 desta correspondente.

Na aparição da carta para correspondência, a entrevista flui melhor e as recordações são reavivadas. Quando indagada sobre como eram organizadas as práticas de trocas de cartas, a leitora responde:

Aquilo era vapt, vupt, pra cá e pra lá, só dava o tempo de ir e voltar, de ir e voltar. Fotografias, eu tenho fotos desde que nós nos conhecemos até hoje, se vou olhar meus álbuns, cartão de aniversário, eu mandava. Aquilo foi uma coisa e outros que eu tive não marcou assim. Eu posso procurar que eu tenho um saco cheio de correspondência desse Pequeno Luterano.

A leitora refere-se à amiga especial com a qual se relacionou por muitos anos. É feita uma intervenção para lembrá-la de que havia outros correspondentes, entretanto, ela menciona que com os outros a relação de cartas foi superficial e não seguiu adiante. Com uma em especial, que se chamava Clarice Waslawick, aconteceu uma grande amizade, tornando-a madrinha do seu casamento em Nova Petrópolis. Na verdade, Ada conheceu pessoalmente a sua correspondente apenas na ocasião do matrimônio, ou seja, anos mais tarde da primeira troca de cartas.

Pode-se supor que a revista usou estratégias que visavam legitimidade no meio infantil, familiar, escolar e religioso. A opção para que os leitores conhecessem pessoas diferentes de sua região foi estimulada, mas com certo controle. Em muitos momentos do impresso, fica nítida a orientação de que a correspondência deveria acontecer somente entre luteranos e assinantes da revista.

De qualquer forma, é relevante perceber a lembrança narrada pela leitora em relação às trocas de cartas com esta amiga especial. Na verdade, a rememoração desta prática fez reavivar o modo como se construiu este laço na infância, mediada pelo impresso, e que permaneceu por longo tempo na fase adulta. Ao longo das trocas de cartas, elas se tornam confidentes e revelam particularidades de suas vidas. Na fase inicial, entretanto, a ênfase recai sobre práticas escolares e práticas religiosas, estas permanecendo na fase da juventude, nas

quais mencionam a participação em congressos de jovens, eventos, passeios e excursões com a comunidade religiosa.

Interessante notar que ter sido assinante da revista ou lembrar dos conteúdos não facilitava a evocação de tantas lembranças, nem mesmo mostrando a revista. A narradora não refere o impresso com euforia e entusiasmo. Mas, desde o início da entrevista, salienta as práticas das trocas de cartas.

Talvez seja possível afirmar que as táticas usadas pela depoente se direcionam para a valorização das amizades através das correspondências. Ainda que a revista tivesse como principal objetivo doutrinar e envolver as crianças nos conteúdos e orientações, já aqui assinalados, acabou auxiliando a produção de uma rede de leitores e escritores que começavam a compartilhar e, assim, a reforçar interesses comuns da comunidade religiosa. Neste aspecto, a revista parece ter cumprido o seu papel.

Tal prática começa em 1957, quando é feita uma chamada para leitores escreverem à redação e publicarem seus endereços para contatos. Em 1958 a revista apela às crianças:

Será que os meninos brasileiros não se interessam na troca de cartas? Renovamo-la na esperança que muitos leitores do Pequeno Luterano façam o uso da mesma. Podem aprender algo a respeito de outros lugares nos exercitar na arte de escrever carta, praticar a amabilidade (Pequeno Luterano, 1958, jan/fev, p 8).

Com este estímulo, cresceu neste período o interesse das crianças em se relacionar através de cartas. No caso acima mencionado, a iniciativa de se corresponder partiu da futura amiga da entrevistada: na edição de outubro/novembro de 1958, Clarice Waslawich escreve uma história e coloca o seu endereço. Supõe-se que quando a depoente se manifestou na revista, disponibilizando o seu endereço, desejava corresponder-se com mais crianças, prova disso é que ela possui mais cartas trocadas com outros correspondentes na infância e adolescência.

A partir deste fato, constata-se a importância da revista como mediadora de uma interlocução. Acrescenta-se a carta para demonstrar na íntegra o movimento da escrita na infância. Esta carta, considerada a primeira recebida pela entrevistada, revela aspectos de conhecimento e a aproximação das leitoras através da revista:

Querida amiga.

Hoje tomei a resolução de responder a tua carta que recebi esses dias. Eu gozo de boa saúde e o mesmo desejo a ti. É com muito prazer que eu gostaria de trocar cartas contigo antes eu não me interessava em troca de cartas, mas agora gosto muito. Eu me admirei muito que você me escreveu uma carta. Decerto você leu a carta que eu escrevia para o “Pequeno Luterano”, onde talvez encontraste o meu nome e o meu endereço. Eu freqüento a terceira classe primária do Ginásio Bom Pastor de Linha Brasil. Eu tenho 10 anos de idade. [...] Todos os alunos do primário já agora começa a ensaiar os hinos para o nosso querido Filiz Natal. [...] Meu professor chama-se Vendolin Guths e ele é muito bom. Agora findo esta carta. Mandando- te muitas lembranças. (Carta enviada a Ada Westermann, em 23/11/1958, *foi mantido ipsis litteris*).

Percebe-se que a iniciativa partiu de Ada em iniciar a correspondência, mas que a sua correspondente logo buscou responder. Fica visível a estratégia da revista em expandir as práticas entre seus leitores. Não queriam somente os leitores lendo a revista, mas interagindo. De certo modo uma tentativa de controlar as relações. No que tange a correspondências e a trocas de cartas, vê-se que os leitores se apropriaram destas práticas e contribuíram para a expansão da revista. A novidade em ter muitos correspondentes num período em que os meios de comunicação eram limitados fazia desta prática um modo de se relacionar com o mundo, expandindo os conhecimentos sobre lugares e culturas diferentes, apesar dos limites impostos para que as correspondências se dessem apenas entre os pertencentes da mesma denominação religiosa. Neste sentido, um aspecto relevante nas cartas são as notícias do meio escolar e religioso. Era importante mencionar a série, o nome da escola, as qualidades do professor e as práticas religiosas partilhadas pelo currículo escolar. Em relação às duas amigas, para a época, a distância geográfica era considerável, apesar de ambas morarem no mesmo estado, Rio Grande do Sul (uma residia no interior de Pelotas e a outra no interior de Nova Petrópolis).

Ainda com relação ao conjunto de cartas, no mês seguinte há outra, relatando o fechamento do ano letivo, o envolvimento com os programas de Natal. A correspondente apresenta a sua família, ficando mais íntima a correspondência. (carta 13/12/1958). No ano seguinte as cartas retornam no período escolar. A correspondente menciona a revista:

[...] Eu ganhei muitos ovos de Páscoa, e no dia 26 eu ganhei o “Pequeno Luterano”. Olhei nele e vi uma carta escrita com letras Elda Westermann. Eu já pensei que ia escrever mais uma carta o “Pequeno Luterano” [...] (Carta enviada a Ada Westermann, em 29/03/1959, *foi mantido ipses litteris*).

Para a maioria das crianças os livros e revistas não eram materiais abundantes. O próprio impresso por diversas vezes estimula a que se apresentassem crianças, alunos e filhos, com a revista. A correspondente reconhece a irmã da entrevistada¹⁵⁶, que publica uma carta na revista. Comprova-se assim que a própria família da depoente contribuía para esta rede de leitores e também escritores de cartas.

As cartas entre as duas meninas, num primeiro momento são formais, com o tempo, porém, os relatos ficam mais aprofundados. A carta seguinte revela os passeios feitos, o convite para o aniversário, a morte do avô, as práticas escolares: colocação dos alunos na escola, festa do dia das mães na escola. No final da carta a correspondente pergunta:

Querida amiga, como é que foi o vosso dia das mães? Ou vocês nem festejaram? Nos festejamos, brinquemos e dizemos lindos versos, nós não podíamos fazer tudo tão bonito porque choveu um pouco. Se tu sabes ler alemão, então eu escrevo o meu versso! É o seguinte: Mutterhertz Blumelein- Mutterhertz Sonnenschein- O Bluhe in Liebe hir- Scheine ins Hertz auch mir¹⁵⁷. Isto foi o meu versso do Dia das Mães, se vocês festejaram, então me escreve o teu versso para mim, para eu ler também. Assim vou findar esta minha carta enviando-te um lindo beijo e abraço da tua sempre amiga. Clarisse Waslawick, Linha Brasil, Nova Petrópolis, RGS. Uma outra vêz eu mando uma outra fotografia onde eu vou estar de frente. (Carta enviada a Ada Westermann, em 12/07/1959, *foi mantido ipsis litteris*).

A escola mantinha resquícios da educação alemã, contemplando nas festas e nas homenagens o uso da língua germânica, porque, provavelmente, os pais e avós da correspondente ainda usavam a língua alemã nas leituras, orações e na oralidade em geral. Outra prática comum era o envio de fotografias e cartões junto com as cartas.

As trocas de correspondências eram rápidas, no outro mês outra carta já havia chegado, mencionando as festas da escola, indagando sobre pessoas que viajavam entre Pelotas e Nova Petrópolis. Mais uma vez o assunto relacionado à igreja aparece na carta:

Hoje a minha amiga faz anos, mas eu não vou para lá, porque eu tenho que estudar para a “Doutrina Cristã”. Eu estou gostando muito da doutrina. Você também vai, na doutrina? Ou você já tomou a comunhão. Eu vou tomar a Comunhão no ano que vem [...] (Carta enviada a Ada Westermann, em 12/07/1959, *foi mantido ipsis litteris*).

¹⁵⁶ Carta da menina Elda Westermann que no final da redação coloca o seu endereço e quer se corresponder (O Pequeno Luterano, jan/fev-1959).

¹⁵⁷ Tradução livre do verso: Coração de mãe, florzinhas - Coração de mãe, brilhante sol - ó floresce aqui no amor - brilha no coração também para mim.

A prática da comunhão representava o rito de passagem da infância para a adolescência. Os conteúdos doutrinários aparecem frequentemente na revista através de explicações, histórias bíblicas e histórias de lição de moral (corpo maior da revista). A valorização do período de doutrina (“Doutrina Cristã” ou “Ensino Confirmatório”) reforçado pela igreja, pela escola e pela família, também ocupava espaço no Pequeno Luterano.

A revista em muitos momentos chama as crianças a serem missionárias, a fazerem parte da comunidade como auxiliadoras do pastor. Há uma carta em que a correspondente menciona que vinha ajudando o pastor em cinco comunidades que não possuíam escola paroquial e escola dominical. (Carta enviada a Ada Westermann, 30/11/1959). A prática de correspondências era comum na época, incentivada em muitas revistas e jornais de entretenimento e variedades. Algumas cartas revelam este aspecto:

Eu tenho mais uma correspondente de São Miguel, o endereço **eu li no jornal**. Esta certa moça tem 11 anos de idade, e o nome dela é Diva Luiza. O meu irmão tem um correspondente de Ribeirão da Onça, mas ele escreve cartas em alemão. [...] (Carta enviada a Ada Westermann, em 30/10/1959, *foram mantidos os erros gramaticais*)

[...] Muito obrigado para o cartão que você me mandou, eu recebi 3 cartas em um dia, uma de ti e outra de São Miguel da Diva L. Borchardt e uma de minha prima Noemia Weimer. A minha amiguinha Gladis Marli Dummer também quer fazer correspondência contigo, hoje não tenho mais tempo para escrever mais carta porque eu quero tomar banho e ir me embora. Muitas lembranças e abraços da tua amiga (Carta enviada a Ada Westermann, em 22/12/1959, *foi mantido ipsis litteris*).

As estratégias usadas pelo impresso não se concretizavam totalmente, no sentido de manter a relação de amizade somente entre os fiéis luteranos. As crianças poderiam ficar estimuladas por outros veículos e revistas que não de cunho religioso. Entretanto, a língua e a origem alemã eram limitadoras de diversidade. Analisando os nomes mencionados percebe-se que são de origem alemã e também se verifica a prática da escrita em alemão. Deste modo é que a campanha de se comunicar através de cartas, mediadas pelo Pequeno Luterano se intensificou. Através da carta citada anteriormente a rede de troca de correspondências pode ter se ampliado.

7.2. 3 Leitora Hilda Lange: lembranças da revista na escola

Dona Hilda Lange é mencionada na revista na década de 1940, no relato de seu colega Davi Flor. O texto comunica as doações ao Orfanato Moreira dos alunos da escola de São Pedro (interior de Pelotas). Abaixo, a carta.

De São Pedro, Pelotas, recebi a seguinte cartinha
Querido 'tio' do nosso 'O Pequeno Luterano'
Esta carta tem por fim comunicar-lhe acerca da coleta que nós alunos
ajuntamos, na festa de Natal no ano passado, para a caixa de órfãos em
Moreira. Os contribuintes são os seguintes: Elsa Lange, **Hilda Lange**, Frieda
Drews, Roberto Lange e Hugo Kopereck Cr\$1,00 cada; Olinda Krause e
Nathan Flor Cr\$ 2,00 e Davi Flor Cr\$ 2,50. Total Cr\$ 11,50. Almejando ao '
Pequeno Luterano' e ao querido 'Tio' a benção de Deus sou com muito
estima o seu sobrinho e amigo Davi J. Flor (O Pequeno Luterano, set/1944,
p. 40, grifos nossos).

A comunicação revela as práticas assistencialistas de auxílio, e tem o intuito de preparar a criança para ser o fiel adulto que participa dos projetos da igreja. A coleta foi realizada no Natal de 1943, e a carta publicada somente em setembro do outro ano, comprovando que a mobilidade das cartas não era muito grande, próprio da realidade da época. A necessidade em tornar público o valor doado se torna interessante, já que os doadores são citados nominalmente. O leitor/aluno que escreveu a carta deu a soma maior e pode-se supor que tenha tido auxílio no envio da carta, pois seu pai era pastor e professor da escola. Segundo a depoente, a família do pastor Benjamin Flor era numerosa, mais de onze filhos, e muitos seguiram a carreira do pai.

Logo em seguida o redator, tratado como tio, mantém a interlocução com o leitor:

Caro amiguinho Davi, confesso francamente que a tua cartinha foi animadora para mim. Muito obrigado pelos votos de benção ao 'Pequeno Luterano' e seu 'Tio'. Aos alunos da nossa escola de São Pedro agradeço pelas dádivas oferecidas ao orfanato. Vosso exemplo servirá de estímulo a outros escolares, contribuindo ao sustento dos órfãos de Moreira. Vós, que tendes a felicidade de ter pais, deveis lembrar-vos em particular daqueles infelizes que foram acolhidos no nosso orfanato (HESSE, Walter. O Pequeno Luterano, set/1944, p. 40).

O redator agradece individualmente ao leitor/aluno e se dirige à escola, reforçando que a publicação destas práticas poderá influenciar outros escolares a contribuir com doações. A doação em si, não era tão significativa, mas moldar a conduta infantil para aprender a ser o contribuinte futuro era essencial.

O testemunho de Dona Hilda é rememorado através das lembranças escolares infantis. Disse que a sua família era numerosa, de onze irmãos e que todos estudaram na escola em São Pedro. Ela ainda estudou um ano na língua alemã e após a nacionalização do ensino, seu pai fazia com que as crianças lessem em alemão. Recorda que em sua casa havia muitos livros em alemão. Quanto à revista:

Cada qual lá em casa queria pegar primeiro “O Pequeno Luterano”, pra ler. Todos queriam ler primeiro. Era uma revista para a toda a família [...]. Aí, tinha que dar para um, para outro, o pai decidia, ele era durão, então para não brigar ele dizia a ordem de quem ia ler. [...] Nós líamos muitas vezes esta revista “O Pequeno Luterano”. Sempre lia primeiro os maiores, os maiores eram a Amanda, o Augusto, a Elsa, a Paulina e a Ema¹⁵⁸.

A revista parece ter sido atrativa no mundo infantil da leitora. Provavelmente a família não possuísse grande material de leitura em português, pois o pai fazia questão de manter as leituras em alemão. Livros e revistas em grande quantidade não eram assim tão comuns nas famílias, em especial, entre agricultores. Conforme depoimento, lia-se muitas vezes o mesmo texto¹⁵⁹. Ela também recorda a leitura de outras revistas, sendo na fase juvenil, o Jovem Luterano. Atualmente é leitora das revistas da igreja.

Continuando suas reminiscências, a entrevistada narra o cotidiano da escola, revelando a disciplina rígida do pastor/professor que aplicava castigos físicos corporais:

A escola, como vou dizer, o professor era muito rígido, ele pedia para colocar a mão assim e dava com a régua. Naquele tempo já era proibido dar mais forte, mas ele puxava os cabelos, dava, ele era muito, muito rígido. [...] Na aula todo dia era a leitura, a gente aprendia a ler, e depois era a matemática, e também era religião, aquela pequena, história bíblica, o catecismo, também, dava uma aula. Muita religião.

Em outro momento, a memória evoca a centralidade da religião, marca já exaustivamente comprovada nesta pesquisa:

Eh! O que a gente tinha que ficar de tempo sentado lá para ele explicar! O professor era muito de pesquisar de Lutero, então ele pegava aquele livro grande assim sobre Lutero, e nós saía as vezes do colégio uma hora da tarde. Tinha que ficar lá e ele explicava sobre como as terras foram queimadas na

¹⁵⁸ Depoimento Hilda Lang, concedido dia 16 de fevereiro de 2011.

¹⁵⁹ Os estudos de Chartier (1994) apontam que a leitura não é universal, ela difere dependendo do contexto histórico e período. A diferenciação entre a leitura intensiva e extensiva se faz presente nas pesquisas da realidade medieval, em que o mesmo texto podia ser lido várias vezes, como Bíblias, catecismos e livros populares, denominados “Biblioteca Azul”. Deste modo pressupõe-se que a leitura intensiva se dava com acesso a pouco material impresso. Situadas na realidade medieval, não tendo a intenção de realizar uma analogia estreita, respeitando o contexto, pode-se perceber a prática da leitura intensiva na realidade de dona Hilda.

guerra no tempo de Lutero. Eu sempre digo, eu não gosto muito de ler a história de Lutero, tanto que nós estudava como Lutero.

Através deste excerto, percebe-se que os leitores nem sempre correspondem à proposta da redação, ou seja, as estratégias nem sempre são eficientes. No impresso vê-se grande alusão à história e biografia de Lutero, recurso também utilizado pelas escolas. As crianças, porém, cansavam de ouvir, acabando por resistir a estes ensinamentos. Igualmente, a valorização da Festa da Reforma era intensa. Nas atas¹⁶⁰ da comunidade de São Pedro mencionam-se estas festas envolvendo a participação das crianças na escola. O testemunho de Hilda confirma:

Quando chegou na época do dia 31 de outubro, tinha um programa com as crianças da Reforma, que nem o Natal,. Cada um tinha que aprender uma poesia, nós tinha que cantar. Estes tempos na igreja cantaram aquela melodia (canta), isto a gente tinha que decorar e cantar [...] Aí cantava o hino, muitos de Lutero, Ein Fest Burg, aquele principal, o Castelo Forte, tinha que cantar e depois tinha que recitar as poesias.

Como já foi abordado, a Festa da Reforma era tema da revista em todos os meses de outubro. E, nos demais meses, a biografia de Lutero era relembada. O período escolar de Hilda corresponde à nacionalização do ensino, por isso, conteúdos cívicos e nacionalistas faziam parte de suas leituras. Além disso, a entrevistada menciona a adequação do ensino¹⁶¹ às normas vigentes, recordando a visita da inspetora:

[...] nós tínhamos orientadora chamada Silvia Mello, (até o colégio aqui perto tem este nome). Quando a Silvia Mello vinha lá, oh, oh, o pastor Flor, o professor se preparava de tudo, que ela era muito rígida. Quando ela entrava no colégio, todos tinham que se levantar, aquilo eu me lembro, e lá não se podia falar nada em alemão. Ela chegava todos ficavam bem. [...] aí nós tínhamos que cantar aqueles hinos, Salve lindo pendão da esperança, outros, A Pátria Formosa. O velho professor Flor era muito durão, ele se sentava no órgão e tinha que cantar conforme ele queria, quem não abria a boca, ele vinha com a régua e metia: tinha que abrir a boca bem grande para cantar, e nós tinha cantar para ela quando ela vinha.

A fiscalização¹⁶² acentuou-se fortemente e, com isso, os conteúdos escolares precisavam ser adaptados, por isso, era necessário a revista se adequar a estas regras.

¹⁶⁰ Segundo relatos sobre participação da escola em eventos religiosos. Ata da comunidade de São Pedro do dia 12 de março de 1944.

¹⁶¹ Os estudo de Beatriz Fischer (2005) analisam o controle das escolas pela ação do Estado, através de visitas das orientadoras ou inspetores. Também cita depoimentos que fazem referência à senhora Silvia Mello na região de Pelotas.

¹⁶² Nas atas da comunidade de São Pedro, onde a organização escolar recebeu a mesma atenção que a organização religiosa, neste período, especificamente, encontra-se: “resolveu-se aceitar os conselhos da D.

Hilda conta também sobre a realização das charadas propostas pela revista e a correção pelo professor. Assim, o professor tinha papel fundamental na manutenção desta ligação entre a proposta do periódico e as crianças. O pastor também estimulava a leitura da revista e de demais impressos. Nas circulares da comunidade de São Pedro, consta o número de assinantes do *Kinderblatt*¹⁶³. Nas atas percebe-se o incentivo do pastor/professor a leituras:

Também o Sr. Pastor relatou sobre a biblioteca da comunidade. No ano passado e nos anos anteriores foram lidos 72 livros. Em donativos entraram 17\$6000. Os leitores da própria comunidade são poucos. Por isso houve um encorajamento para que se faça mais uso da biblioteca. (Ata da Reunião Ordinária Trimestral da Comunidade de São Pedro, em 5 de julho de 1936)

A quantidade de livros lidos é significativa para o contexto, embora não atingisse todos os leitores destas comunidades. Crianças eram educadas para ler. Segundo as atas, os presentes de Natal (entre 1930-1950), além dos doces e caramelos, eram livros. Pelos depoimentos, a rede de leitores era ampla e se fortaleceu na constituição da comunidade, tendo papel de destaque a revista “O Pequeno Luterano”.

7.2. 4 Leitora Loni Neunfeld Weiduschadt: estímulo da leitura na escola

A próxima depoente era filha de luteranos. Nasceu numa comunidade rural no interior de Canguçu, estudou numa escola paroquial em que se estimulava a assinatura da revista. Suas lembranças vêm reforçar mais uma vez o incentivo do pastor/professor nas campanhas para aumentar o número de assinantes:

Nem todos tinham a revista, mas grande parte. Então, o professor lia as histórias, explicava ao mesmo tempo, e nós íamos acompanhando, depois ele perguntava sobre o que tinha lido. Os que não possuíam a revista, liam com aqueles que eram assinantes¹⁶⁴.

Sua memória ajuda na confirmação de que havia adaptações pedagógicas feitas pelo professor, utilizando a revista como recurso didático valioso. Ela ressalta a importância que dava à leitura na época. Possuir o impresso era uma forma de diferenciação entre as crianças, o professor/pastor estimulava e fazia a propaganda da revista. Percebia-se que havia uma rede

Delegada de Ensino, Dona Silvia Mello, e colocar o retrato do Patrono da nossa escola, Duque de Caxias, na sala do colégio e fazer outros melhoramentos (Ata Ordinária Trimestral da comunidade de São Pedro, 13 de março de 1943).

¹⁶³ Segundo relatório da comunidade de São Pedro, em 1935 havia 12 assinantes da revista infantil, entre outras assinaturas de revistas juvenis e destinadas aos adultos.

¹⁶⁴ Depoimento concedido dia 3 de setembro de 2011.

de leitores formada e estimulada pela igreja, muitos dos colegas da depoente pediam aos pais a assinatura da revista. Conta que um dos seus colegas foi pedir ao seu pai, mas este não acreditava na importância de leituras infantis. Então a mãe vendia ovos e juntava o dinheiro para a assinatura.

O modo de leitura também foi abordado e condiz com a orientação das páginas do impresso. Ela recorda que lia várias vezes a mesma história, revia as leituras, olhava os textos lúdicos. Em relação ao currículo, a depoente rememora muitas práticas. As leituras da Bíblia, o uso de mapas, as histórias de lição de moral. Assim como Hilda, o professor de Loni valorizava do mesmo modo as histórias acerca de Lutero, tanto na escola, como depois, no ensino confirmatório. Ao abordar, no presente, este conteúdo, ela revela que até hoje não tem tanto interesse em estudar o reformador, devido ao excessivo uso em seu período escolar na infância.

Especificamente sobre “O Pequeno Luterano”, ao sair do meio escolar, com onze anos, ela diz não ter tido mais a assinatura da revista. Sua irmã mais velha já fazia uso da revista “O Jovem Luterano”, e assim, ela podia usufruir da mesma leitura. A suspensão da assinatura do “Pequeno Luterano” poderia ser uma questão econômica, porque o pai não queria gastar com a aquisição de duas revistas.

A depoente refere que depois da leitura d’*O Pequeno Luterano*, manteve outras leituras da instituição, como “O Jovem Luterano”, “Nostra Vita”, “Mensageiro Luterano”, e “Lar Cristão”. Diz que até os dias atuais mantém este tipo de leitura e incursão em atividades da igreja.

7.2.5 Professoras leitoras nas instâncias educativas do Sínodo

7.2.5.1 Ida Strelow: professora leiga na escola paroquial

A busca por professores que mantiveram envolvimento com a revista no contexto pomerano deste período foi difícil. Encontrou-se apenas Ida Strelow de Castro, que atuou numa escola paroquial atípica, não direcionada exclusivamente a luteranos, com alunos não só de outras denominações religiosas, mas também de descendentes lusos. Por ser a única depoente professora encontrada no contexto pomerano, cabe destacar brevemente a sua trajetória de vida, pois o modo de vida a constituiu como professora neste período. A sua infância foi de acordo com os princípios luteranos, educada em escola paroquial, situada em

Bom Jesus, interior de São Lourenço¹⁶⁵. Tal instituição sofreu, logo em seguida, com a transição do alemão ao português e ela teve dificuldade para continuar estudando. Recebeu apoio da mãe em casa, porque a sua família mudou-se da comunidade rural de predominância pomerana para um vilarejo de Pelotas, chamado Py Crespo. Neste local Ida revela o descontentamento por não ter amigos, nem escola e igreja para participar:

Estudei lá em São Lourenço, onde comecei o seminário. Lá eu estudei em alemão, pastor Fiedler até 8 anos, depois puxaram o tapete (mudou a língua), mudei para a Colônia Py Crespo e fiquei sem aula.

Aí só a mãe contava história, era para a gente estudar em casa, a gente não escrevia muito, a mãe não era professora, mas ela contava histórias para nós, sempre estas da Bíblia ela me contou. Então aprendi um pouco, depois eu fui para Harmonia (interior de São Lourenço do Sul), fiquei na casa do meu primo. Eu fui para lá e aprendi, ali mudou, eu só sabia alemão, mas como tinha mudado para a Colônia Py Crespo eu aprendi português. Na nossa confirmação os meus pais exigiram, madrinhas todas, que a filha tinha que se confirmar em alemão porque queriam entender. Então eu tinha uma vez por semana em alemão [doutrina]. Depois aprendemos a história bíblica, o catecismo tudo em português, Eu fui confirmada no dia 8 de setembro de 1940, então voltei para os meus pais de novo, mas como não tinha igreja lá, eu não me sentia bem lá. O que é que eu tinha que fazer? Eu sei que eu me sentava no barranco e cantava, primeiro eu cantava todos os hinos da igreja, tanto em alemão como em português, no fim eu cantava em qualquer língua. [...] ¹⁶⁶.

A trajetória de Ida foi marcada por mudanças e adaptações de culturas. O maior impacto, sem dúvida, foi a língua. Sua educação escolar e religiosa sofreu os reveses da nacionalização do ensino, porém, o contato com diferentes grupos proporcionou maior vivência para depois atuar como professora numa escola de descendentes de lusos. Além da convivência entre diferentes grupos, Ida tinha acesso a leituras, pois era assinante na infância da revista “Kinderblatt”. Diz lembrar da morte do redator Steyear,¹⁶⁷. Sua família também assinava revistas da igreja, como o Kirchenblatt, e seus irmãos jovens, o Waltherligabote¹⁶⁸.

Sua trajetória docente começa cedo e pode ser considerada uma professora sem a formação específica do magistério. Logo no início da entrevista ela começa dizendo “*Na verdade, eu nunca fui bem professora...*”. Segundo seu relato, terminou os quatro anos de

¹⁶⁵ Localidade que fez parte das primeiras comunidades luteranas na região meridional do RS. Ali foi fundado o primeiro seminário teológico-pedagógico do Sínodo. Ver WEIDUSCHADT (2007).

¹⁶⁶ Depoimento concedido dia 29 de junho de 2011.

¹⁶⁷ A morte do redator foi anunciada em outubro de 1938, com o título “Amados leitores do Kinderblatt”, em que se menciona o falecimento de Steyear, a sua idade, sua vida, infância.

¹⁶⁸ Esta revista era destinada aos jovens e tinha este nome, “Waltherligabote”, em homenagem ao presidente fundador da Igreja do Missouri nos Estados Unidos, chamado Carl Walther, depois, na nacionalização, transformou-se em “O Jovem Luterano”.

primário na escola paroquial pelo incentivo dos pais. Depois aprendeu com uma professora que atuava numa localidade próxima a Pelotas e realizou o teste na prefeitura de Pelotas para poder atuar. A escola que atuou não era municipal, mas precisava da licença do município. Indagando sobre esta escola, ela relata:

[...] o governo fez o prédio e o terreno era de um dos pais, mas depois o pastor disse: *essa foi a maior burrada que fizeram*, porque *depois o pai do aluno ficou com o prédio, nós queria comprar o terreno, mas a gente não conseguia, não tinha verba*. Se tivesse comprado, se a igreja tivesse se interessado, mas acontece, não deram o apoio ao pastor Alves¹⁶⁹.

Quanto ao pagamento dos professores, era precário e sem incentivo público:

Nós não recebemos nada, pouca coisa, uma vez as crianças pagavam pouca coisa e o salário não tinha, não tinha salário. Eu trabalhava de manhã pelo que comia, uma vez nós ganhamos um dinheiro do governo, as crianças pagavam, mas era pouca coisa.

Conforme se pode constatar, a professora Ida revela o modo como a escola se organizou, sem uma política pública definida e também sem uma preocupação organizada da instituição do Missouri. Por isso, esta escola foi considerada atípica em relação às demais escolas paroquiais do interior e das escolas maiores da zona urbana. A instituição escolar tentou realizar um projeto missionário através da educação com poucos recursos humanos e materiais. Os alunos, em sua maioria, não eram luteranos, como a depoente menciona: “*Não, acho que nenhum, uns eram católicos, outros eram batistas, mas eles obedeciam o que eu falava. Eu gostava muito de contar histórias, eles eram muito queridos.*”¹⁷⁰

Entretanto, a revista estava dentro do projeto de educar as crianças que tivessem vínculo com a perspectiva educacional luterana. A escola em questão agregava valores missionários e doutrinários. Dona Ida conta a forma de ensinar religião através da revista, mas diz que alguns pais reclamavam da centralidade religiosa no currículo escolar:

[...] era uma revista, como é que eu vou dizer, fora de série, [...] as crianças gostavam, elas ficavam bem atentas, prestavam atenção bem, apesar de eu não sei se algum [aluno] continuou. Os pais revoltavam porque eu ensinava, mas era aquela coisa: o pastor Alves dizia quem freqüenta a escola tem que assistir a religião. Então muitos pais achavam que não era necessário, mas era muito necessário, mas muitos pais concordavam com a gente. [...] tinha muitos que não eram da igreja. Agora, uma aluna que foi minha ainda me disse que tem o material. Eu só sei dizer que plantada a semente foi. Se vingou, se cresceu, só Deus sabe, eu plantei, Deus regou, isso que eu posso

¹⁶⁹ Na entrevista, nota-se que a falta de apoio da igreja a esta escola era pelo fato de o professor e pastor Alves ser negro. Na época, era o único pastor negro da igreja, por isso as dificuldades poderiam ser maiores.

¹⁷⁰ No mesmo dia, após o depoimento, a filha de Ida telefonou, mencionando a lembrança de uma aluna luterana.

dizer, mas levamos gente para a igreja, e como eu sempre fui, teatro nós fazíamos, não sei o teatro cresceu comigo [...].

Especificamente não recorda do incentivo do pastor e professor João Alves ao uso da revista na escola. Apenas refere que, através do conteúdo da revista, era possível planejar as suas aulas, entreter os alunos, chamar a atenção de forma lúdica para as histórias religiosas.

O envio de uma carta, incentivado pela professora, é publicado nas páginas do impresso. O autor da mesma não foi localizado para esta pesquisa:

Uma Carta de Guabirova - Pelotas

Prezado Sr. Redator:

Hoje a nossa professora nos contou que o Pequeno Luterano contém umas histórias bonitas. O nome da nossa professora é Srta Ida Strelow. Nosso professor é o Sr. Rev. João José Alves. Eu agora estou na escola evangélica 'Estrela do Oriente'; antes estava na escola 'Silva Jardim', que cursei quatro anos. Nossa professora já nos contou muitas histórias. No próximo dia de aula vai contar mais umas; tem prazer de contar histórias porque somos estudiosos. Vamos agora comprar a revista O Pequeno Luterano para a escola. Há vários alunos que não sabem ler, mas vão aprender para poderem ler esta revista. Saudações de Luiz Marques (O Pequeno Luterano, jan-fev/1956, p. 11).

Mais uma vez, uma carta evidencia de forma clara o uso da revista na escola, tanto pela professora, como pelos alunos. Ida, ao reler a carta, conta que muitos de seus alunos enviavam cartas à redação da revista, mas não sabe por que somente esta foi publicada. Ela teria deixado o envio de cartas ao encargo do reverendo Alves. Provavelmente, esta foi selecionada pela redação por estar melhor apresentada. O que chama atenção no conteúdo é o trabalho da professora em contar histórias, estratégia significativa do Pequeno Luterano, envolvendo histórias de lição de moral, histórias bíblicas, histórias cívicas e cartas. Não se pode afirmar que o menino era assinante da revista, mas que ouvia as histórias da professora.

Entende-se a trajetória desta professora, quase voluntária ao seu ofício, como defensora da religiosidade luterana. Na década de 1960 abandona a profissão, porque casa-se e perde o primeiro filho por motivos de saúde. Ao ter o segundo filho, decide dedicar-se somente à família, continuando a atuação na igreja como colaboradora de escola dominical, participativa nos departamentos da igreja. Mantém a leitura habitual de livros religiosos e menciona a realização da tradução de um livro chamado "Maria Madalena", do alemão ao português. Pelo conjunto de seus depoimentos, essa professora usou a revista como apoio didático, não de forma sistemática, mas como aporte de conhecimento e suplemento nas suas práticas.

7.2.5.2 Professora de escola dominical: Nívia Prestes

Conforme abordado na análise da revista, as escolas dominicais se solidificaram a partir da década de 1960, com o declínio das escolas paroquiais. Constata-se neste período uma fase de transição dos alunos entre as escolas paroquiais e dominicais. No espaço urbano, as escolas dominicais eram mais bem adaptadas neste período, em especial, em cidades que não havia escolas sustentadas pelas comunidades:

Em Pelotas fazem assim¹⁷¹

Caros amiguinhos, leitores do Pequeno Luterano. [...] Cada domingo após o culto temos a aula dominical, começamos a aula com uma devoção, para a qual reunimos as crianças de várias idades. Na devoção ouve-se uma leitura bíblica e uma história que envolve crianças nos diversos aspectos da vida. Temos aproveitado as belas histórias do Pequeno Luterano. Depois canta-se um hino e uma oração em conjunto é feita. Logo a seguir separamos as classes por idade. [...] Nossa escola bíblica também ensaia cantos, [...] organizam brinquedos de roda para as crianças após a aula. Temos um grande objetivo e uma grande responsabilidade. Anunciar o Salvador aos pequeninos e levá-los a aplicar seus conhecimentos na conduta cristã e na prática do amor ao próximo. Eles devem amar a Jesus, que os amou primeiro. Nívea Prestes (O Pequeno Luterano, dez/1965, p. 8).

O relato minucioso revela como se organizava a estratégia educacional nas escolas dominicais. A preocupação com a didática está presente. As diversões e os aspectos lúdicos não eram descuidados a fim de envolver as crianças. A revista servia de apoio didático e citá-la como aporte nas aulas era uma forma de propaganda e divulgação.

A autora da referida carta foi localizada e colaborou com a pesquisa. Na época, era professora de ensino fundamental, focada na alfabetização em escola pública. Até hoje ela se envolve na confecção de material didático para escolas dominicais, apesar de ter mais de oitenta anos. Relatou que anteriormente, na comunidade de Pelotas, envolvia-se em atividades, ensaiando peças e músicas do auto de Natal. Lembra que o pastor, na época, a convidou para fazer um trabalho mais sistemático com as crianças. Em relação ao Pequeno Luterano:

Era muito bom porque a gente sabia o que os outros estavam fazendo. Eu que não trabalhava com escola bíblica não sabia [como fazer]. Vi o pastor Alves¹⁷² dando [aulas], mas bem diferente que a gente faz hoje. Claro,

¹⁷¹ Título da matéria publicada.

¹⁷² Como já foi referido anteriormente, o pastor João Alves era originário da comunidade de negros da comunidade de Manoel do Rego, foi formado pelo Seminário Concórdia. Segundo as Crônicas (1979), nasceu em 03/01/1909, em Canguçu, sendo o primeiro pastor negro da IELB. Formou-se em 1930 e atuou em Pelotas de 1943-1960, falecendo em 1961. (Warth, 1979, p. 286).

doutrina não é a mesma coisa na prática. Mas ele não apresentava nenhuma figura, nenhum brinquedo, contava uma história, cantava um pouquinho e fazia uma oração, um pouco antes da hora do culto¹⁷³.

Iniciando nos anos 60, aponta que não havia nenhuma preocupação didática da parte do pastor Alves. Logo depois, em 1965, a prática da escola dominical estava mais organizada. Ao se deparar hoje com a revista e sua reportagem publicada, a entrevistada lembra que neste período estava trabalhando com crianças. Recorda que tinha apoio didático da revista e de quadros e estampas (ali anunciadas).

Em relação à escola dominical, ela discorda que servisse como proposta de missão. Afirma que as crianças eram as da comunidade, e que precisavam dos pais para serem levadas aos cultos. Segundo ela, pode ter havido missão entre os jovens, a convite dos amigos para participar da igreja¹⁷⁴. Na verdade, a prática da escola dominical, serviria para reforçar o conhecimento doutrinário e religioso no círculo de luteranos, mas se atingisse alguns fora deste grupo restrito seria ainda melhor.

7.2.6 Redatores: casal Alípio e Wanda Linden

O contato com estes sujeitos ocorreu, inicialmente, através do meu pai, conhecedor das respectivas trajetórias. No Anuário da Igreja, buscou-se o endereço deles, fazendo contato por telefone. A esposa atendeu, dizendo que o professor Alípio estava muito doente, que não iria lembrar dos fatos passados. Questionou-se se no passado havia um sobrinho ou filho que se chamava W. Linden, pois tinham sido encontradas muitas histórias redigidas, traduzidas ou adaptadas com esta identificação. Surpreendentemente, a esposa do redator Alípio disse que era ela, chamada Wanda Linden: ela auxiliava muito na redação da revista no período de atuação de seu marido como redator. A entrevista foi marcada. D. Wanda relutou, preocupada com o que poderia auxiliar. Entretanto, acreditava-se que ambos, em cinco anos de trabalho como redatores, certamente teriam algo significativo a contribuir com a pesquisa.

A entrevista foi feita em Estância Velha/ RS, pouco mais de 300 quilômetros de Pelotas. O professor Alípio, aparentemente bem, participou da conversa. A coleta do depoimento foi realizada através de conversa informal, com a presença dos dois,

¹⁷³ Depoimento de Nívea Prestes, concedido dia 23 de março de 2011.

¹⁷⁴ Neste caso, ela mesma é um exemplo de ter sido luterana a convite de uma amiga na juventude, já que parte de sua família era católica e outra parte anglicana.

simultaneamente. Ambos tinham exercido o magistério. Num primeiro momento, o professor Alípio auxiliara em Porto Alegre no curso pedagógico do Seminário Concórdia¹⁷⁵, na década de 1950-1960. Tentou organizar os estágios na escola destes alunos, mas não houve comparecimento e nem cobrança por parte da instituição do Sínodo de Missouri. Em 1961, o casal se muda para Niterói/Canoas (hoje grande Porto Alegre) e ali atua numa escola da igreja, escola paroquial, seriada, que possuía curso ginásial.

Depois desta conversa inicial para entender a trajetória e atuação dos dois, mostrou-se a revista impressa, (anteriormente a professora Wanda havia dito que tinha perdido o seu acervo). Ela se maravilha e o impresso evoca lembranças.

Bah! Nossa! Ai que saudade disso aqui! Eu não sei como achava tempo. [Eles falaram ao mesmo tempo]. [...] Quem me ajudou muito foi o George Mueller. [havia] outra revista que era quase um Pequeno Luterano, eu traduzia artigos daquele que o Mueller mandava, em inglês, adaptava para nós. Ele foi para São Paulo e me ajudava¹⁷⁶.

O trabalho como redatores integrava as tarefas profissionais do casal. Ambos atuavam como professores, a redação da revista não era remunerada. A professora Wanda relembra a dedicação em buscar artigos, traduzi-los, organizar a pauta da redação, entre outras coisas. O material de base era uma revista infantil editada nos Estados Unidos, similar ao Pequeno Luterano. Como não dominava o inglês, contava com apoio de uma sobrinha. As dificuldades eram grandes, sem nenhuma recompensa financeira:

[...] Eu não sei como a gente fazia, trabalhava na escola, escrevia para a revista e tinha criança pequena, e a gente fazia tudo isso. Eu não ganhava nada, nem o papel, sabia? A nossa escola que ajudava. [...] Eu ganhava como professora, isto a gente fazia em casa de noite, a casa publicadora tava mal naquela época, aí a diretoria da escola financiou.

Os dois reafirmaram: a revista tinha como meta ser utilizada nas escolas, mas não sabem se de fato isto ocorreu em todas aquelas pertencentes ao Sínodo. Na escola em que atuavam recebiam exemplares para, além de recurso didático, serem disponibilizadas na

¹⁷⁵ O Seminário, no início de sua formação em Porto Alegre (1909), manteve o curso pedagógico. Funcionava no sistema de Escola Normal e depois os professores poderiam optar também pelo pastorado. O funcionamento da Escola Normal, segundo dados do Instituto Histórico, se deu até o ano de 1972. Um dos últimos formandos pela via pedagógica, chamado Elton Kautzamn, revelou, por email, que na época em que estudou o Seminário Concórdia firmou um convênio com o Colégio Normal Vera Cruz, junto à comunidade Petrópolis-PA. Esse curso Normal de Pedagogia, de segundo grau, era oficial perante os órgãos de ensino, e sob responsabilidade desse colégio se realizava o Estágio. Ele teve formação religiosa ministrada pelos pastores e professores do mesmo.

¹⁷⁶ Depoimento dos redatores Alípio e Wanda Linden, concedido em 27 de agosto de 2011.

biblioteca. Reafirmam que o maior número de assinantes (em tono de 1500 assinaturas naquele período) provinha de alunos de escolas paroquiais pequenas.

Conforme já aludido em páginas anteriores, com o enfraquecimento das escolas, a revista precisou deixar de existir, tornando-se um encarte, e depois suplementar de outra revista maior: Mensageiro Luterano.

O contato entre editora e redatores era relevante, já que estes tinham que escolher os textos para a editora fazer a disposição gráfica. Alguns conflitos e sanções aparecem nesta relação, pois era a editora que escolhia os textos e organizava a propaganda na revista. Os depoentes afirmam que a revista não se sustentava com o dinheiro das assinaturas¹⁷⁷, por isso a publicidade era necessária, como bem observa a professora Wanda:

Tu observou que a Casa¹⁷⁸ ela fez propaganda dela, uma página toda, uns quantos meses, as estampas tudo para vender, mas para as escolas dominicais, eles usavam a revista em benefício deles. [...] Isto aqui ajudava muito também, propaganda. A Casa dizia que tinha que deixar espaço para a propaganda, senão as assinaturas não pagavam a revista, então tinha que se deixar espaço para a propaganda.

A propaganda e os anúncios deste período aumentaram consideravelmente e, conseqüentemente, o número de páginas. A propaganda não se restringia a livros da editora, mas à publicidade de medicamentos e de estabelecimentos comerciais. Tratava-se de estratégias da edição para a sustentação, sem ingerência direta dos redatores, os quais, de fato tinham relativa autonomia: eles escreviam os textos, mas estes passavam por um revisor. Entretanto, apesar de não influenciar na montagem e disposição gráfica, as táticas dos redatores prevaleceram em determinados momentos quanto à escolha das ilustrações e complementos. Ao serem questionados sobre a montagem da revista, revelaram:

Eu ia lá e eles me davam um tipo de um álbum, tinha uma foto de Lutero, mas era diferente. Eu achei com a cara muito feia, não era a cara de Lutero. Mas isso não é Lutero! Te lembra que eles tinham um álbum grosso? (dirige-se ao marido). A gente escrevia o artigo e colocava imagens para ilustrar, porque era para criança. Criança quer ver. Uma coisa muito importante a criança não quer só ler, ela quer ver, então eles tinham um álbum grossão assim. Dessa foto eu me lembro, eu disse para o rapaz: mas isso não é o Lutero! Ele tinha o rosto cheio. Mas o rapaz insistiu que era o Lutero, isto eu me lembro. Ele não era narigudo! Ele deu risada. Ele tinha cabelo cheio não era careca.

¹⁷⁷ Por isso que neste período as assinaturas eram bem menores que a tiragem, provavelmente se destinavam parte das revistas aos patrocinadores.

¹⁷⁸ Referindo-se à editora denominada Casa Publicadora Concórdia.

Se o conhecimento do texto estava a cargo dos redatores, eles teriam melhor capacidade para a ilustração estar de acordo com o texto escolhido. Contudo, a editora tinha autonomia para mexer nos textos dos redatores e adequá-los à disposição que considerassem melhor. Em relação à seleção de conteúdos, o casal entendia que a revista deveria ser atrativa às crianças, então, a parte lúdica era cuidadosamente preparada. Diferentemente do antecessor, George Muller¹⁷⁹, que em muitos momentos reafirma na revista a centralidade do periódico como impresso doutrinário, a professora Wanda defende:

[...] sabe que as crianças gostavam muito de partes assim, charadas, estas coisas, tinha que ter isto. Se era só para ler coisas sérias, não chamava atenção, então tinha uma coisa assim, conquistava e acabava lendo o resto. Criança é assim, tem que ter alguma coisa para chamar atenção. [...].

Os redatores, portanto, entendiam a necessidade de atrativos, como estratégias para chamar atenção dos leitores. Ao mesmo tempo, os redatores usaram táticas em relação aos editores para escapar do controle, de fato um processo duplo e em movimento. Os depoentes revelam a dificuldade das escolas e dos professores em relação à carência de apoio didático, além da falta de preparo de alguns professores para lidarem com os alunos. Acreditava-se que isto deveria ter sido uma das causas do fechamento das escolas.

Não tínhamos nenhum material didático. Pouquíssimo. Da igreja produzido, nada. Nós tínhamos que cavocar para achar, traduzir do alemão, do inglês, e conseguia. Alguns pastores até mandavam artigos, nós resumíamos. Tinha um mal, queriam que fosse longo o texto, mas tínhamos que escrever da maneira que aquele aluno vai [conseguir] ler isto.

A preocupação didática da professora Wanda fica evidente, a sua atenção para com a revista não se dava de forma pragmática, visando diretamente aos objetivos teológicos e doutrinários. Voltada para a compreensão da criança, adaptava ao nível intelectual deles, a partir dos interesses infantis. Ao mesmo tempo, concordava com a estratégia da revista em usar a publicação de cartas das crianças enviadas ao redator:

Vinha para nós, eu (Alípio) fazia o resumo das cartas e entregava para a casa (editora). As cartas tinham como objetivo despertar as crianças, porque, se eles viam o nome deles lá, chamava atenção, aí ele pedia ao pai para assinar a revista. Este era o objetivo, até o hoje o Mensageiro tem isso.

¹⁷⁹ Texto usado na análise da revista intitulado “Observações a respeito do Pequeno Luterano” (mar-abr/1958).

Neste sentido, portanto, eles participavam ativamente do processo, apesar do controle da Casa Publicadora Concórdia. Recebiam as cartas, resumiam, acreditando na estratégia de publicação.

Nos anos finais da circulação da revista, o professor Alípio lembra que muitos professores e alunos leitores mandavam cartas de suas escolas e estas não eram publicadas. O professor revela:

Vinham muitas cartas então se publicava. Eu falava para o Marthis, que era o redator chefe lá, eu fui falando: não pode se publicar, pomba, é uma revista para crianças. Mas professores nossos, das nossas escolas reclamavam por que não publicam nada? Nossos alunos mandam cartas! Foi indo e a quantidade foi sempre menos. Os últimos anos que eu tive lá, eu acho que eram duas folhas dobradas. [...] Sim, e nós recebíamos muita correspondência, por que não se publica? Mas sai muito caro, mas perai, quanto mais assinaturas [melhor], as crianças queriam ver o que elas faziam.

Percebe-se certo conflito entre redatores e editora. Os professores insistiam nas publicações da realidade escolar e os editores não atendiam, subentendendo-se que os interesses da editora não eram atender as escolas paroquiais e os alunos. A publicação das correspondências no período da redação do professor Alípio (1962-1965), em especial nos últimos anos, diminuiu. O que ele relata faz sentido: em 1962 e 1963 tiveram, respectivamente, 17 e 11 correspondências de leitores. Em 1964 e 1965 o número ficou reduzido para 8 e 6, respectivamente, comprovando, assim, que as redações e envio de leitores/alunos não estavam tendo espaço no editorial.

Talvez o aspecto financeiro realmente estivesse pesando para a editora. O professor Alípio mesmo não ficando na direção da redação, acompanhou o processo até o impresso reduzir-se a duas folhas dobradas, como ele mesmo menciona. Com a sua saída no final de 1965, surgiram problemas com necessidade de ajustes do novo redator. Em levantamento realizado por esta pesquisa, verifica-se pedidos de desculpas pelos números atrasados, como aparece a chamada no impresso: *“LEITORES! O presente número sai com atraso porque ainda não foi completado o corpo editorial da revista. O Redator”* (O Pequeno Luterano, fevereiro/1966, p. 16). O redator, certamente, precisava de apoio para seguir publicando, já que não havia mais a forma como o casal mantinha as histórias, traduções e adaptações, o novo redator precisava configurar outra forma de manter a revista.

Tudo leva a crer que o fechamento da revista foi causado pela questão econômica. Ela seria usada de forma mais prática, mantendo a interlocução (prática que se manteve como encarte no Mensageiro Luterano), mas não enfocando conteúdo didático e educativo, tanto de conhecimento religioso, como geral.

7.2.7 Donaldo Schueller: trajetória como aluno/professor/editor

Decidiu-se escolher o senhor Donaldo Schueller para dar, também, o seu testemunho, por ter sido pastor, professor e editor da revista *Nostra Vita*, editada pelo Sínodo, mas, sobretudo, devido a sua participação na revista como colaborador (quando criança), escrevendo um poema. Obviamente, a sua interlocução com a revista se dá de modo diverso, ele não participa como o leitor que descreve a sua escola, ou aquele que redige histórias compiladas e adaptadas ou, ainda, que realiza a troca de correspondências. Na verdade, ainda na fase infantil, o professor Donaldo, enquanto aluno do seminário, foi instigado a compor um poema para ser publicado na revista “O Pequeno Luterano”. Ao mencionar-se tal fato, ele diz:¹⁸⁰

Eu nem me lembrava mais o que eu tinha escrito. [...] Ah sim, perfeito, inclusive é um poemeto que está aí O pinheiro de Natal, foi coisa de estudante, então estava dentro desta preocupação de produzir de alguma forma uma literatura...[...] isto vinha de convites, não havia uma expectativa que os estudantes escrevessem, mas como todos escreviam, eu escrevi, e como alguém que foi convidado para escrever, contribuí com a publicação deste poema.

O depoimento revela a vida estudantil. O poema de Natal direcionado à revista foi escrito em 1949, logo em seguida à sua entrada no seminário, que tinha sido em 1945. Para entender o que a revista valoriza, será reproduzido abaixo o seu poema::

Pinheirinho de Natal

Bonitas histórias contas/ Pinheirinho de Natal/Lembras Jesus o Menino/Que nos salvou deste val. // Eu te amo pinheirinho/Quando todo iluminado/Eu te amo, pinheirinho, Pois por todos és amado// Lembras o pobre presépio/ E os pastores de Belém/ Lembras a estrela divina/ Que brilhou desde o além // Eu te amo pinheirinho/Quando todo iluminado/Eu te amo, pinheirinho, Pois por todos és amado// Lembras o pobre presépio// Lembras os anjos cantando/ Mil hosanas ao Senhor/ Lembras os grandes reis magos/ Rendendo-lhe o louvor. // Eu te amo pinheirinho/Quando todo iluminado/Eu te amo, pinheirinho, Pois por todos és amado//. Por Donaldo Schueller (*Donaldo Schueller, O Pequeno Luterano*, dez/1949, p. 47).

¹⁸⁰ Depoimento concedido Donaldo Schueller, dia 26 de julho de 2011.

Nesta perspectiva, tal poema foi incluído na Unidade “Festas Religiosas”. O autor faz alusão ao símbolo de Natal, o pinheiro. O texto segue as orientações doutrinárias centrais. Essa contribuição confirma o pouco material disponível a ser publicado. Muitas histórias eram traduzidas ou adaptadas de material dos Estados Unidos ou da Alemanha. Como ressalta o depoimento do professor Donaldo, não era uma prática sistemática, aconteciam convites esparsos a alguns estudantes. Aqui o interesse em entrevistar o professor Donaldo ocorreu em função da atuação dele como editor da revista *Nostra Vitta*, além de ter sido pastor e professor do Seminário (1960-1985). Como ele trabalhou na edição de material impresso, coube questioná-lo sobre quais eram os objetivos das revistas editadas pelo Sínodo. Eis a sua resposta:

[...] eu posso lhe falar da intenção geral das publicações da Igreja Evangélica Luterana no período. Havia uma ênfase na formação do homem luterano e do homem cristão dentro da sociedade, mas uma preocupação propriamente dirigida; métodos de ensino eu não me lembro se isto tinha acontecido, porque havia métodos trazidos pelos imigrantes e estes métodos continuavam a ser aplicados, inclusive o ensino de primeiro grau tinha características muito particulares havia cinco séries dentro da mesma sala em que um mesmo docente atendia as cinco séries os alunos diversificadamente. [...].

Suas palavras vêm reafirmar que as publicações do Sínodo enfatizavam a formação doutrinária luterana, bem como a presença dela nas práticas cotidianas, reaplicando a formação religiosa em todas as instâncias sociais. A revista compartilha destes ideais. Enfatizou os aspectos doutrinários não circunscritos apenas no espaço religioso, mas que, sem dúvida, em todas as esferas sociais de formação da criança, ela deveria refletir os modos de ser luterano. Ao se comentar sobre a preocupação educacional do Sínodo, das escolas e das publicações específicas do universo infantil, o professor comenta:

Sim, porque eram escolas paroquiais e a formação era dirigida para o próprio luterano. Quer dizer que era a própria função porque a igreja luterana não tinha a função, propriamente, no ensino para uma sociedade plural. Isto aconteceu muito posteriormente, isto está acontecendo nas escolas confessionais agora. Quer dizer que existe o ensino religioso, mas o ensino religioso não vincula a própria comunidade e a igreja. E os alunos têm opção que quiserem, mas no princípio foi diferente. [...] inclusive foi um método de penetrar dentro da sociedade brasileira, porque então, fundava-se uma escola antes ou simultaneamente com a fundação da congregação [de professores] e a função da escola tinha como objetivo formar alunos, fossem o que

fossem, respeitavam as suas opções, mas o interesse era atingir as crianças luteranas.

A sua análise relaciona a preocupação do início da escolarização luterana e a fundação das escolas paroquiais. Ele argumenta que as escolas paroquiais nem cogitavam a possibilidade da abrangência de questões sociais e políticas, o centro deveria ser a formação da religiosidade luterana para expandir princípios doutrinários. Do mesmo modo, acontecia com as publicações, elas eram dirigidas ao público da igreja e pretendiam formar e educar os fiéis. Daí a necessidade de possuir revistas específicas para cada grupo, crianças, jovens e adultos, pastores e professores, entretanto, sem perder de vista o objetivo central: o ensino religioso, não no sentido deste ensino se caracterizar como mais uma disciplina no currículo, mas possuir a centralidade do currículo. O público das escolas paroquiais a ser atingido, sem dúvida, deveria ser os filhos de luteranos, para que o investimento na formação religiosa se perpetuasse e as comunidades pudessem ter crescimento quantitativo e qualitativo. Assim, o fiel deveria ser participante ativo e não somente denominar-se luterano.

Evidente que alguns alunos não eram da matriz luterana do Sínodo de Missouri¹⁸¹. A escola já estava organizada e havia participação de outras crianças, mas a revista estaria voltada para o acompanhamento das crianças luteranas do Sínodo de Missouri, reforçando doutrina e práticas a serem instauradas para a projeção do fiel adulto.

O professor Donaldo reafirma a necessidade da instituição se firmar na educação a partir destes princípios. Em relação aos conteúdos das publicações em geral, e do mesmo modo d'*O Pequeno Luterano*, discutiu-se o posicionamento ortodoxo da igreja luterana nos textos e mensagens, mesmo se tratando de uma revista infantil. Os dados da revista apontaram para a estratégia de formação doutrinária, mesmo que tivesse que perder nos aspectos lúdicos. Em muitos textos da revista, já analisados anteriormente, verifica-se que editores preferem perder assinantes a mudar o alvo central: a propagação e conhecimento aprofundado doutrinário. Houve vantagens e desvantagens, a firmeza doutrinária possibilitou a legitimidade¹⁸² das práticas e proporcionou ao fiel possibilidade de diferenciação em relação às outras instituições religiosas do contexto; o ponto negativo foi a pouca aceitação de práticas e posições diferentes daquelas aceitas como corretas pelo Sínodo. Assim, na análise

¹⁸¹ Estes dados estão presentes nas atas de São Pedro: aceitavam alunos fora da comunidade com valor do pagamento diferenciado. Os depoentes Armindo Wienke e Ida Strelow relacionam colegas e alunos, respectivamente, que não eram luteranos do Sínodo de Missouri.

¹⁸² Referenda-se a necessidade de legitimação do Sínodo de Missouri no contexto pomerano na dissertação de WEIDUSCHADT (2007).

histórica sobre o pensamento ortodoxo na igreja de acordo com o professor Donaldo, percebeu-se pontos relevantes para a discussão:

[...] bom esse problema foi um problema herdado da Europa porque havia posições mais ou menos ortodoxas dessas regiões de origem. Isto se reflete sobre os imigrantes também que vinham de regiões mais ou menos ortodoxas, inclusive os teuto russos da região do Volga, são de uma ortodoxia exemplar e de uma formação muito grande. Agora, a situação do liberalismo das comunidades alemãs era muito grande, quer dizer que esta preocupação vinha a formação, para fugir desta situação meramente cultural, de uma adesão cultural a igreja. O que significava esta cultura? Tinha que ser batizado. Se cria no batismo ou não. Tinha que se casar na igreja, tinha que haver um sepultamento religioso. Eram hábitos absolutamente culturais, então não se refletia sobre a vida e sobre a morte e sobre a passagem dentro da vida da pessoa. Quer dizer que um sistema religioso sistematizado deveria abrir outras perspectivas, fora destas culturais, inclusive estava em conflito com as questões culturais: se acentuava que religião não é cultura é outra coisa. (reticente) Demanda um comprometimento diferente, se fizesse esta ênfase no período era absolutamente normal (Depoimento concedido Donaldo Schueller, 26 de julho de 2011).

É importante aqui retomar que a realidade encontrada em solo brasileiro no contexto de imigração fez com que surgissem comunidades organizadas para cumprir ritos religiosos delegados culturalmente, mas não comunidades preocupadas com a pureza doutrinária e o conhecimento teológico aprofundado. Estes aspectos, já analisados no trabalho de dissertação, são retomados por considerar-se que são importantes aspectos educativos e formativos das publicações. As publicações e, especificamente, neste trabalho, “O Pequeno Luterano” foram editados e produzidos à luz destes interesses. Como reforçam os estudos de Chartier (2009), a produção e a circulação possuem objetivos e características próprias e específicas do contexto a qual pertenciam.

Se o texto foi produzido para atender um público específico, a leitura deste texto vai depender da atitude e das práticas dos leitores e em que condições estes leitores apreendiam os textos.

[...] la relación de la lectura con un texto depende, por supuesto, del texto leído, pero también del lector, de sus aptitudes y prácticas y de la forma material en que aborda el texto leído o escuchado. Si uno se interesa em el proceso de la producción del sentido, esta es una trilogia absolutamente indisoluble. El texto implica significaciones que cada lector construye partiendo de sus propios códigos de lectura cuando recibe ese texto presentado em una forma determinada o cuando se apropia de él [...] (CHARTIER, 2000, p. 91).

As práticas das leituras e os modos dos leitores dependerão da produção e da circulação dos textos, da sua materialidade, mas, também, são uma forma de reconstrução do leitor, a partir do que faz sentido para ele. Ora, o sentido do texto apreendido pelo leitor, na maioria das vezes, forma-se pelas relações sociais e culturais que ele encontra no grupo, especialmente, no caso, em grupos comunitários religiosos.

Neste sentido, o depoimento do professor e pastor Donaldo Schueller auxiliou a reconhecer e referendar os modos e práticas das publicações e compreender as bases doutrinárias da igreja, as quais orientaram os conteúdos do impresso. A revista “O Pequeno Luterano” buscava manter acesa a chama da ortodoxia luterana, ou seja, autoridade da pureza doutrinária e fidelidade às confissões luteranas, reunidas em um documento: O livro de Concórdia, organizado por Lutero para conduzir os caminhos da religiosidade. E nas mensagens da revista este intento foi sempre percebível (Donaldo Schueller).

Em se tratando do início da organização da igreja, estes aspectos tiveram que ser marcantes, a fim de convencer os fiéis da necessidade de se manterem entrelaçados aos princípios ortodoxos. Entretanto, não se deve julgar o início da organização luterana segundo a atual visão do mundo:

Nós temos que cuidar desta questão do que estava certo e errado, porque historicamente as pessoas tomam as decisões que devem tomar. O que as pessoas tomaram em 1900, a pessoa que atuava em 1900, se eu vejo hoje esta preocupação de ortodoxia dirigida a comunidades que tinham uma formação cultural, que esta ênfase na ortodoxia foi aquilo que se devia fazer no momento, com as pessoas que estavam trabalhando nisto.

Finalizando esta parte dedicada aos depoimentos, pode-se dizer que o entrevistado lembra Ecléa Bosi e outros autores que lidam com memória e história cultural. Ou seja, olha-se a paisagem do passado da janela do presente, o que muitas vezes pode confundir as análises, no ímpeto de julgar a partir de outro contexto. Naquele contexto histórico, a formação ortodoxa teve o seu valor (pode-se afirmar que para a IELB ainda tem), reforçado pela formação escolar e o direcionamento das publicações.

A análise da revista e dos depoimentos buscou não fazer juízo a partir do olhar de leitor atual. À primeira vista, a revista poderia não ter influência sobre leitores por possuir textos difíceis e complexos ou por não ter grande material ilustrativo. Mas, no contexto, em que a circulação de livros e impressos era escasso, este material foi valorizado pelas crianças. Houve significativa contribuição do impresso na formação infantil e juvenil. O testemunho

analisado permite compreender aspectos de circulação e formação destas redes de leitores, conduzindo ao cultivo de leituras religiosas e exercício de práticas orientadas pela Igreja do Sínodo de Missouri.

O que se buscou nos sujeitos foi melhor compreender a formação de redes de leitores e o projeto do Sínodo, a partir do uso da revista como material didático e como aporte doutrinário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impresso denominado *O Pequeno Luterano* consistiu na principal estratégia de que se valeu o Sínodo de Missouri para formação doutrinária infantil, entre o período de 1930 a 1960. Tratou-se de um empreendimento destinado a crianças, visando à formação do futuro fiel adulto. Conforme evidenciado nesta pesquisa, o periódico teve um processo próprio de produção, circulação e modos de leitura a partir de objetivos e estratégias definidas. Ao ser produzida, a revista tinha endereçamento único: escolas frequentadas por crianças luteranas, as quais foram proporcionados singulares conteúdos e modos de leitura. Importante assinalar que a instituição Sínodo de Missouri mantinha uma vertente doutrinária específica tendo como base o luteranismo ortodoxo.

Os descendentes de pomeranos, localizados na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul, foram os primeiros a aceitar o Sínodo, recebendo-o em muitas comunidades, mas não sem disputas com as organizações religiosas luteranas concorrentes. Deste modo, conclui-se que a aceitação de determinada instituição luterana que lhes cobrava um maior comprometimento financeiro, pessoal e até educacional, deu-se mediante a possibilidade da diferenciação e da legitimação em ser diferente dos demais grupos que pertenciam a outras denominações. Com diferentes tentativas, muitas logradas com êxito, sempre esteve presente o objetivo da consolidação de um campo religioso, legitimado por práticas desde as primeiras comunidades pomeranas. Entre elas, o Sínodo buscou a formação de pastores e professores e estimulou a circulação de impressos. Em busca da legitimação em ser “verdadeira igreja luterana” houve práticas planejadas e executadas através de uma educação diferenciada para atingir seus fiéis, o que incluía a formação de rede de leitores.

Daí a importância em analisar o impresso *O Pequeno Luterano*, utilizado na educação de crianças nas escolas paroquiais, demarcando uma especificidade própria do lugar-escola. Tal espaço diferencia-se de escolas étnicas do meio rural e urbano. Houve um processo diferenciado das escolas urbanas em relação às comunitárias paroquiais, as quais mantinham características de um projeto educativo comunitário, envolvendo família, igreja e escola. Mesmo nas escolas paroquiais os grupos étnicos alemães apresentaram elementos heterogêneos e diferenciados, dependendo da instituição religiosa que os guiava e de sua

constituição histórica. Por isso, é importante assinalar que, neste trabalho, aborda-se o Sínodo de Missouri que defende uma vertente doutrinária luterana específica, atuando no contexto da região meridional do Estado do Rio Grande do Sul.

Sob o ponto de vista metodológico, conclui-se que a constituição de um banco de dados foi fundamental para a organização do material empírico deste estudo. Ao cadastrar os dados, registrando minuciosamente título por título, as Unidades e Subunidades foram sendo construídas, favorecendo uma visão de conjunto, o que permitiu fazer emergir o projeto da revista. Completando-se o banco de dados, ao realizar o cruzamento destes, a organização em áreas temáticas reforçou o entendimento do uso da revista como forma de educar as crianças no espaço doméstico, religioso e escolar. Muitos dos temas levantados, denominados na pesquisa como “conteúdos”, estiveram circunscritos e direcionados especificamente ao público infantil. Cabe destacar o conteúdo lúdico e outros similares, usados como estratégia da revista para atrair a atenção das crianças. O público infantil valorizava e mantinha a assinatura basicamente devido aos temas de entretenimento, ilustrativos e publicitários. Estes tinham gradação de importância diferenciada por parte de redatores/editora e leitores. Os primeiros o consideravam como estratégias para manter o interesse das crianças pelo periódico. Mas, ao mesmo tempo em que tais matérias envolviam diversão (charadas, adivinhações), continham elementos doutrinários, principalmente de aprendizado da Bíblia e da vida de Lutero.

Com apoio teórico em Roger Chartier e Michel de Certeau, o conjunto de dados analisados permitiu constatar que a apropriação de práticas educativas produziu uma pluralidade de táticas diferenciadas por parte do grupo de leitores da revista, o qual, em dadas circunstâncias, resistiu às estratégias impostas. O movimento entre estratégias e táticas se configurou nas relações de forças diante das situações de apropriação – no caso de apropriação das leituras pelos leitores *d'O Pequeno Luterano*. Aqui ‘relação de forças’ é encarada, segundo a concepção teórica assumida, ou seja, não necessariamente aqueles em primeira instância considerados com maior poder efetivamente logram seus intentos. Como assinala Chartier, ao retomar a teoria de Certeau “[...] *las tácticas de los más débiles siempre pueden limitar o modificar los efectos que procuran producir las estrategias de los poderosos. [...]*” (CHARTIER, 2000, p. 125). No caso deste estudo, nem sempre as estratégias planejadas pelos editores do impresso determinaram os efeitos das práticas de leitura: resistências,

diferentes contextos, diferentes sujeitos, eventuais conflitos ajudaram a fortalecer movimentos táticos, permitindo diferentes reações e apropriação pelos leitores.

Outra importante consideração a se fazer ao concluir esta pesquisa diz respeito à expansão do Sínodo que se ampliou no final da década de 1930 e início da década de 1940. Como movimento estratégico, o trabalho doutrinário foi sustentado em parte pela diversidade de publicações destinadas a diferentes faixas etárias e, em parte, pela preocupação latente em adaptar as escolas étnicas às políticas de nacionalização do ensino. Como instituição religiosa, investiu em táticas por força de modelos impositivos do Estado Novo. Acabou sendo obrigada a modificar os materiais impressos, além da forma de escolarização de seus fiéis quanto à questão linguística, buscando estrategicamente não entrar em confronto direto com políticas governamentais vigentes no país. Na medida do possível, buscou agir de forma neutra e pacífica como forma de sobrevivência. Desta forma, a intensa publicação de seu material religioso continuou circulando nas comunidades e pôde se consolidar entre grupos religiosos de interesse.

De um modo geral, entre 1930 e 1960, sustenta-se como estratégia do Sínodo o aparecimento/fortalecimento da rede de leitores, explicitado claramente no projeto da revista. *O Pequeno Luterano*, sem dúvida, provocou impacto nesta rede, funcionando por mais de três décadas com número significativo de leitores para a época e contexto a que se destinava. Em relação a seus redatores, percebe-se certa improvisação deste papel, pois eram pastores/professores da instituição, convidados a colaborar com a organização do impresso. Alguns ficaram mais tempo à frente da redação, mas, em períodos turbulentos, como o da nacionalização de ensino, as trocas foram constantes, em função da pressão do Estado Novo em relação aos pastores/professores que não eram nascidos em solo brasileiro. Destaca-se o redator com maior tempo de permanência dirigindo a revista, o reverendo George Mueller, que por sete anos evidenciou preocupação doutrinária e aprofundada nas páginas do periódico sob sua responsabilidade.

Sem dúvida, o tema de maior participação no impresso envolvia religião e doutrina, ficando evidente o objetivo a atingir. Da mesma forma, é visível o propósito da revista em circular no meio escolar, apresentando conhecimento geral e ideológico, buscando interlocução entre os leitores através das escolas: primeiro as paroquiais e, após a década de 1960, as escolas dominicais. Os preceitos “conduta das crianças” e “aplicação da história”, são voltados a orientar a projeção de futuro na formação dos leitores. Ao dirigir-se ao leitor,

desejou formar o atual aluno e o futuro cidadão/fiel imbricados no mesmo projeto, envolvendo escola, pátria e igreja respectivamente. A partir desta análise algumas constatações podem ser resumidas pontualmente:

- Os exemplos e exortações morais das histórias presentes nestas Subunidades demarcaram a formação do leitor/aluno/cidadão/fiel luterano numa proposta única e coesa. Muitos valores morais ali divulgados colaboram para esta assertiva. No que se refere aos leitores, a importância dada foi em relação à indicação de leituras, livros e revistas recomendados, sempre estimulados e controlados.

- A formação do cidadão, articulando valores morais e pátrios, visava ao estímulo de condutas que não incluíam questionamentos, pelo contrário, previa uma conduta passiva e subserviente diante da realidade social, reforçada em histórias bíblicas e doutrinárias, em determinado período incluindo valores nacionalistas. Assim, visando a um “projeto de futuro”, a revista reforçava condutas aceitáveis, propondo constante autoavaliação do comportamento do leitor como aluno, vinculado ao comportamento como cristão.

- A educação projetava o futuro, demarcando orientação para futuras escolhas profissionais alinhada ao ideário da escola paroquial. Pelas Subunidades foi possível concluir que tais escolhas eram diferenciadas através do gênero: os meninos convidados a serem pastores ou professores, as meninas mães e esposas.

- Práticas assistencialistas e de missão fizeram parte do ideário religioso sendo explicitadas em matérias da revista. Entretanto, em muitos momentos, há aparente contradição: ao mesmo tempo em que a revista chama leitores luteranos a expandir a sua fé – convidando e convivendo com pessoas de fora da comunidade – orienta e controla para que as relações afetivas sejam somente no espaço religioso próprio, entre os fiéis da mesma doutrina. A ideia de projeção ao futuro é totalmente pertinente à instauração de redes de leitores compartilhados pela comunidade, intensificando um sentido de pertença à mesma instituição religiosa e escolar.

- A doutrinação tem objetivos bem definidos, ela demarca os ideais do luteranismo e da ortodoxia religiosa a serem balizadoras pelas escolhas e respectivas atitudes dos leitores. Exemplos bíblicos e uso da biografia de Lutero reforçaram a ideia de exemplos a serem seguidos. É recorrente que a preparação não seria de um simples fiel, mas aquele que, no futuro, estaria engajado e integrado à instituição.

Assim, conforme fica evidenciado ao longo desta pesquisa, as explicações doutrinárias são valorizadas n'*O Pequeno Luterano* e ocupam grande parte do periódico, mantendo vínculos estreitos com as escolas paroquiais. Essa prática educacional, difundida pela revista, alcançaria sucesso através do apoio de pastores e professores. O reforço nestes conteúdos se deu através de textos que visavam um aprofundamento bíblico e doutrinário, além da finalidade maior, como a preparação para a catequização. Os textos desta categoria direcionaram ao leitor elementos que forneciam subsídios de conhecimento específico da Bíblia, como por exemplo, ao final dos textos constavam indicação de versículos, para que criança realizasse pesquisas bíblicas, assim aprendendo a consultar o Livro Sagrado. Isto foi possível através do currículo escolar, auxiliado pelo impresso. Também a sequência da apresentação das festas durante o ano esteve em consonância às comemorações das festas religiosas: Páscoa, Pentecostes, Reforma (esta de forma exaustiva), Finados, Natal. Tal estratégia fez valer o uso da revista nas práticas escolares e também religiosas.

De forma geral os conhecimentos seculares e ideológicos serviram na formação do leitor/aluno/cristão/ cidadão. Através do mapeamento dos dados, percebe-se nos conteúdos da revista, parte do currículo escolar a ser desenvolvido nas escolas, tanto nos aspectos de conhecimento, como de formação geral. Por isso, estes aspectos abarcam muitos questionamentos da formação educativa e religiosa determinada pela revista. Vislumbra-se o espaço escolar como aquele em que o impresso irá dialogar, daí a necessidade do contato com os leitores.

Os conteúdos de disciplinas seculares que apareceram no impresso complementam a educação escolar. Na análise, estas disciplinas foram consideradas de conhecimento geral, porém com certa conotação religiosa, ou seja, mesmo os conteúdos de conhecimento geral, quase sempre vinham acompanhados de elementos religiosos. O “higienismo” e o “nacionalismo”, presentes em determinada época, contribuindo com a formação moral do

cidadão, constituíram conteúdo importante ao Sínodo entrelaçado na formação do leitor/aluno/cidadão/cristão, fomentando condutas morais, de aparente neutralidade. Os conteúdos ideológicos, de certo modo, traduziram-se em aspectos do nacionalismo e ufanismo, pautados na história factual e no civismo. Assim, a revista também seguia, rigorosamente, a publicação de datas cívicas no decorrer do ano letivo.

Apesar de a instituição do Sínodo de Missouri, por diversas vezes, negar nas revistas e na orientação geral da igreja que estivesse atrelada a qualquer movimento político (reforçado nos momentos mais críticos e tensos da história brasileira, como no período de nacionalização do ensino), percebe-se que tomava posições ou de neutralidade, ou de defesa do governo do Estado Novo. Também de forma tímida, mas nítida na revista, há um reiterado discurso de passividade/neutralidade a partir do golpe civil-militar de 1964. Por isso, a Subunidade “Política” não é recorrente na revista, mas a ausência/silêncio deste aspecto é considerada relevante para fins de análise, na medida em que nas poucas vezes em que se menciona algum aspecto político, o mesmo emerge na tentativa de negá-lo ou de afastá-lo do universo religioso e, por conseguinte, escolar.

No período de 1940, os valores da neutralidade/passividade política são fortes no discurso da revista. Foi necessário apaziguar os ânimos frente à perseguição do Estado Novo, tanto em relação às escolas, como às igrejas. O material impresso sofria mecanismos de censura e controle pelo estado. A primeira adaptação foi quanto à questão linguística, na mudança da língua alemã para a língua portuguesa, tendo, provavelmente, grande impacto nas relações edição/leitores. Entretanto, o modelo da revista não teve alterações de conteúdo, mas – conforme já aludido mais de uma vez neste estudo – na questão política, a edição precisou se manifestar de forma passiva e subserviente à política estatal. Pode-se considerar como uma forma de sobrevivência do impresso. Estes textos, aqui inseridos na Unidade geral “Nacionalismo”, revelam a presença de preceitos políticos, em que a instituição se alinha com preceitos de negação e conformação com a realidade vigente. Precisavam do aval do poder público para assegurar a disseminação doutrinária, o aprendizado da Bíblia e de valores morais para as crianças.

A análise e o cruzamento realizado através do banco de dados permitiram também concluir sobre a contínua interlocução entre o impresso e a escola. A importância dada à esfera escolar fica evidente ao longo de todo o período analisado, inclusive pelas correspondências enviadas pelos leitores à redação, na maioria das vezes como alunos, ou

fazendo parte da realidade escolar. Nesta direção, o apoio dos professores no estímulo a assinaturas foi fundamental. Tanto que o destaque fica no apelo dos professores para divulgar o impresso na realidade escolar e religiosa. Foram estratégias diferenciadas para ampliar e manter a rede de leitores, usando, em grande medida, as escolas paroquiais como *lócus* de circulação do impresso, e mais tarde, com o declínio destas, as escolas dominicais. Em contrapartida, as leituras, tanto seu estímulo como controle, estavam expressas na revista, através de sugestões de material didático e religioso, especialmente, dedicado aos professores, pastores e pais. As escolhas das leituras de alunos/crianças deveriam passar pelo crivo de pais e professores. Daí a razão porque *O Pequeno Luterano* foi considerado o tipo ideal de leitura. Neste sentido, apesar da circulação da revista ser no Estado do RS, e de forma menor em outros estados do Brasil, a região meridional gaúcha foi contemplada como contexto de análise, por estar circunscrita pelos pomeranos, também indiretamente, objeto deste estudo. Como a análise indica, esta população pertencente ao Sínodo que se apropriou e fez uso do periódico nas escolas paroquiais e/ou no espaço doméstico. Prova disso foi o grande número de interlocutores dessa região indicados pelos dados empíricos analisados.

Outro elemento em destaque na análise foram as atividades lúdicas envolvendo aspectos religiosos na sua centralidade: mesmo em charadas, adivinhações e palavras cruzadas, o direcionamento religioso estava valorizado. Talvez seja possível concluir que o caráter lúdico, encarado como estratégia para os editores, possa ser aqui encarado igualmente como uma tática sob o ângulo dos leitores. Talvez possam ser vistos como táticas para escapar da visão doutrinária imposta como única. De acordo com Michel de Certeau, tática não tem lugar próprio, mas aproveita o movimento da estratégia para se instaurar. Elas se distinguem nos “[...] tipos de operações nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar (CERTEAU, 2011, p. 87). Assim, ao longo do processo analítico, as táticas dos leitores foram mais difíceis de identificar, já que se configuram como respostas que se engendram ao proposto pelas estratégias. No caso da pesquisa, estavam fortemente explicitadas em dados da revista pouco recorrentes. A Subunidade “reclamações/pedidos” é um exemplo desta constatação. Pelo descontentamento dos leitores, deixando de assinar a revista, e pelos pedidos e justificativas do editorial, em relação aos problemas apresentados, foi possível perceber a existência de alguns tensionamentos: o projeto da revista valorizava os textos

doutrinários e orientava para a importância deste conteúdo na educação infantil, mas os leitores, muitas vezes, consideravam os textos lúdicos os de maior importância.

Os conteúdos publicitários também tiveram a intenção estratégica de seduzir assinantes. Anúncios de livros e propaganda de remédios ou de estabelecimento comercial permitiram avaliar que a ingerência do impresso ia além do público infantil, abraçando uma rede maior destes leitores: os adultos, especialmente, aqueles envolvidos com a educação da criança, ou que assinariam a revista para ela. Imagens, em grande quantidade, eram usadas para ilustrar as histórias ou para ilustrar a capa da revista. Apareciam repetidas devido ao custo financeiro da edição de imagens e da pouca atenção dada pelo editorial à forma visual da revista. A preocupação recaía muito mais sobre o conteúdo.

Outra consideração a destacar nesta etapa de finalização do estudo diz respeito aos sujeitos leitores daquela época. A memória de sujeitos envolvidos na revista, leitores que se comunicaram, e também professores e redatores, enriqueceram o processo analítico, auxiliando a perceber a apropriação e as táticas usadas por eles diante das estratégias articuladas pelo periódico. Fazer uma escuta densa destes depoimentos permitiu melhor compreender alguns aspectos da análise da revista que ainda permaneciam obscuros. Uma informação advinda das narrativas orais favorece a ideia de que, no contexto pomerano, nem todas as famílias valorizavam a leitura: eram agricultores, possuíam outros encargos financeiros da instituição religiosa. Prova disso foram as reiteradas tentativas de campanhas do impresso em ampliar o número de assinantes. Por diversas vezes, a redação revela a grande quantidade de crianças nas escolas, que não corresponde ao potencial de possíveis assinantes. A redação previa que a ajuda de professores e pastores que lidavam diretamente com as crianças era fundamental para o estímulo da leitura. Se as crianças fossem convencidas da importância da leitura do periódico, os pais poderiam se sensibilizar em pagar a revista.

Ainda como conclusão é necessário destacar o que as narrativas orais permitiram constatar: os sujeitos entrevistados não apresentaram homogeneidade em relação à apropriação do impresso. A apropriação ocorreu de forma diferente, de um modo geral perpassada pelas diferenças de contexto (tempo e espaço). Segundo depoimentos, houve também diferenças da apropriação dentro do mesmo grupo cultural e social. Alguns recordaram o uso da revista na escola, os conteúdos religiosos, a interlocução no envio de cartas. Outros lembraram práticas realizadas e incentivadas pela revista, como as histórias enviadas, as correspondências epistolares. Os professores pesquisados, de acordo com as

especificidades apresentadas, apoiaram-se didaticamente na revista e seguiram os preceitos na escola paroquial e dominical. A comprovação da força das escolas em sustentar a revista veio do testemunho dos redatores. Eles eram comprometidos com a organização da revista, trabalhando como voluntários. Às vezes mantinham embates com a editora, já que esta buscava modificar e alterar os conteúdos dos redatores na produção final do impresso.

Antes de encerrar este estudo é importante reafirmar: ao compartilhar os mesmos estímulos de leitura, os leitores de *O Pequeno Luterano* foram circunscritos por determinadas estratégias doutrinárias direcionadas a comunidades étnicas religiosas. Entretanto, ao se apropriarem de textos, às vezes eles inventavam formas de fugir de certo mecanismo disciplinar, vindo a comprovar que a “[...] apropriação torna possível avaliar as diferenças de partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção [...]” (CHARTIER, 1992, p. 232). Assim, a apropriação entre leitores, professores e redatores não foi idêntica, tampouco são coesos os processos de interesse e ressignificação trazidos hoje pela memória. Mas, de modo geral, todos os entrevistados até hoje mantêm leituras religiosas do Sínodo de Missouri, inclusive por sistemática assinatura de revistas. Todos permanecem ligados a uma comunidade religiosa, atuando e participando ativamente de departamentos da igreja, com atuação em espaços religiosos, seja departamento de leigos, de senhoras, de jovens ou de crianças, mantendo-se engajados nas atividades diversas da igreja.

Ao finalizar, é importante retomar a problemática, que desencadeou a pesquisa, afirmando o que a análise de dados permite resumir: *O Pequeno Luterano* representa importante estratégia na educação da instituição religiosa luterana do Sínodo de Missouri. Tal revista – através de estratégias diversificadas produzidas e gerenciadas a partir de um projeto religioso-educativo para criar uma rede de leitores dentro das comunidades – favoreceu a continuação de tais práticas inclusive deste tipo de literatura entre os seus fiéis. A projeção “leitor no futuro” foi pensada a partir das práticas de leitura na formação da criança naquele presente. As escolas já haviam sido constituídas anteriormente à revista. Esta não foi pensada como material didático usado diretamente no espaço escolar. As respectivas circulação e sustentação, entretanto, consolidaram-se através das escolas relacionadas ao Sínodo e, por isso, muitos professores a usaram como auxílio nas atividades de sala de aula. Tudo leva a afirmar que o seu uso correspondeu à principal função: legitimá-la como uma leitura a ser seguida pelos fiéis luteranos. Nesta pesquisa buscou-se analisar aspectos até então desconhecidos, tentando contribuir para a compreensão de elementos educativos e religiosos,

não somente da educação formal, mas da formação de uma rede de leitores em comunidades religiosas luteranas, orientadas pelo Sínodo de Missouri em contexto pomerano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Leopoldo, Sinodal e Ática, 1994.
- ANUÁRIO LUTERANO. Igreja Evangélica Luterana do Brasil. **Cristo para Todos**. Porto Alegre, Concórdia, 2005.
- ARENDT, Isabel Cristina. **Representações de Germanidade, Escola e Professor no Allgemeine Lehrerzeitung fuer Rio Grande do Sul (Jornal Geral para o Professor do Rio Grande do Sul)**. São Leopoldo, Unisinos, Programa de Pós-Graduação em História, Tese de Doutorado, 2005.
- BAHIA, Joana. A ‘lei da vida’; confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade ente os pomeranos. **Educação e Pesquisa**. v 27, n 1, São Paulo jan/jun. 2001.
- BECK, Nestor Luiz João. **Compreender o Passado Abraçar o Futuro: vocação da igreja na expectativa do reino de Deus**. São Leopoldo, edição do autor, 1996.
- BEER, Otto. 25 Jahre unter dem Suedlichen Kreuz (1900-1925). Porto Alegre, Concórdia, 1925.
- BEZEERA, Maria Cristina dos Santos. **As estratégias de inserção de imigrantes teuto-brasileiros na realidade educacional**. Americana, UNISAL.2007 IN: www.preac.unicamp.br/memoria/textos/gts.pdf. Acessado em 14/03/2010.
- BICCAS, Maurilane de Souza. O Impresso como Estratégia de Formação: revista de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte, Argumenton, 2008; FISHER, Beatriz. Daudt T. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas, Seiva, 2005.
- BOBSIN, Oneide. Max Weber como ‘teólogo’: leitura teológica da Ética Protestante. **Caminhos**. V 3, nº 2, jul/dez. 2005, p. 211-231.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade lembrança de velhos**. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBODERON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicos**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena. Propaganda no varguismo e no peronismo**. Campinas, Papirus, 1998.

- CASTRO, Eduardo Góes. **A Torre sob Vigia: As Testemunhas de Jeová em São Paulo. (1930-1945)**. São Paulo, USP, Departamento de História, 2007. Dissertação de mestrado.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 17 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **La escritura de la historia**. 3. ed. México: Universidad Iberoamericana, 1993.
- CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre, Ed Universidade, UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **La Revolucione de la cultura escrita**. Barcelona, Gedisa, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun**. São Paulo, UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. **El Mundo como Representación: estúdios sobre historia cultural**. Barcelona, Gedisa, 1996a.
- CHARTIER, Roger. Do livro a leitura. IN: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, p 77-106, 1996b.
- CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural *Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier*. . IN: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, p 231-254, 1996b.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. IN: Hunt, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo, 1992.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, s/d.
- CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **Unirevista**, v 1, nº 1, p 32:46, jan/2006.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. A etnomatemática no processo de construção de uma escola indígena. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.63, jul./set. 1994.
- DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitos “comum” do século XVIII. IN: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, p 143-171, 1996.

- DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. História da Educação da População Brasileira: diferentes grupos sociais e diferentes fontes. IN: SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denise Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998, p. 181-193
- FACHEL, José Plínio Guimarães. **As Violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas, UFPEL, 2002.
- FARIA, Luciano Mendes de Filho, VIDAL, Diana, PAULITO, André Luiz. A Cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v 30, n° 1, p 139-159, jan/abr. 2004.
- FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo, EDIUPF, 1998.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt e WEIDUSCHADT, Patrícia. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. T. D; PERES, L.M.V. (orgs). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Liber Livro, 2009.
- FISCHER, Beatriz Daudt. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas, Seiva, 2005.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Introdução: De enguias e outras metáforas**. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt.(org) **Tempos de escola: memórias**. São Leopoldo, Oikos, 2011.
- FONSECA, Maria Angela Peter da. **Estratégias para a preservação do germanismo (Deutschum): gênese e trajetória de um collegio teuto-brasileiro urbano em Pelotas**. Programa de Pós-Graduação em Educação. FAE/UFPEL, 2007. Dissertação de Mestrado.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1989.
- GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. 2ª ed. Porto Alegre, Universidade/ UFRGS; 1998.
- GONÇALVES, Dilza porto. **A Memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e ”negros” em Canguçu**. Porto Alegre, PUCRS, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomás T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

- HALL, Stuart. **Identidades Culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP & A, 1997.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, jan/jul, 2001.
- KARNOPP, David. **A dinâmica do culto cristão: origem, prática e simbologia**. Porto Alegre, Concórdia, 2003.
- KREUTZ, Lúcio. **Professor Paroquial: magistério e imigração alemã**. Pelotas, Seiva, 2004a.
- KREUTZ, Lúcio. Currículo Escolar, Culturas e Imposição de Língua Única. **Anais do X Encontro Sul- Riograndense em História da Educação**. Pelotas, Seiva, 2004b, p. 215-227.
- KREUTZ, Lúcio. Língua de Referência na escola teuto-brasileira. IN: CUNHA, Jorge Luiz da e GARTNER, Angelika (orgs). **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria, UFSM, 2003, p. 133-157
- KREUTZ, Lúcio. Imigrantes e Projeto de Escola Pública no Brasil: diferenças e tensões culturais. In: Sociedade Brasileira de História da Educação (org.) **Educação no Brasil História e Historiografia**. Campinas, Autores Associados, 2001a. p.119-144.
- KREUTZ, Lúcio. Um pastor elaborando e imprimindo material didático: desvio de função? IN: TAMBARA, Elomar e PERES, Eliane (orgs). **Anais do VII Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação**. Pelotas, maio de 2001b, p 229-241
- KREUTZ, Lúcio. A Educação de Imigrantes no Brasil. In: LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA, Luciano Filho Mendes de; VEIGA, Cintia Greiva. **500 anos de História da Educação no Brasil**. 2ª ed Belo Horizonte, Autêntica, 2000a. p.347-370.
- KREUTZ, Lúcio. Imigração Alemã e Processo Escolar na Argentina, no Brasil e no Chile, de 1824 a 1930. **Estudos Leopoldenses**. Vol 4, nº 6, 2000b, p. 23-36.
- KREUTZ, Lúcio. Etnia e educação: perspectivas para uma análise histórica. IN: SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998, p. 93-110.
- KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Unisinos, 1994a.
- KREUTZ, Lúcio e RAMBO, Arthur. Germanismo Pedagógico no Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. **Estudos Leopoldenses**. Vol 30, nº 137, maio/junho, 1994b, p. 79-92.

- KREUTZ, Lúcio. Escolas de imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994c.
- KREUTZ, Lúcio. Modelo de uma igreja imigrante. IN: DREHER; Martin (org.). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1990, p 201-217.
- KULHMANN JUNIOR, Moisés; FERNANDES, Fabiana Silva. **Construção de base de dados e análise historiográfica de propostas educacionais: um estudo sobre o parque infantil paulistano. (1947-1957. 31º**.Reunião Anual da Anped, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- LINK, Rogério Sávio. Resenha da Tese de Joana Bahia: “O Tiro da Bruxa”: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia**. Volume 13, mai.-ago. de 2007. Disponível na Internet: <http://www3.est.edu.br/nepp>. Acessado em 12/08/2008.
- MARQUARDT, Rony, Ricardo e WARTH, Carlos Henrique. **Crônicas da Igreja: edição revista e ampliada**. Porto Alegre: Concórdia, 2006.
- MARLOW, Sérgio. Nacionalismo e Igreja: o Estado Novo e a Igreja Luterana “Sínodo de Missouri”. IN: **IV Encontro Regional de História**, Vitória, ANPHU, 2002.
- MEYER, Dagmar Estermann. Língua e religião como instituintes da nacionalidade. IN: Cunha, Jorge Luís; GARTNER, Angelika (org.) **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria, UFSM, 2003, v1, p 187-214
- MEYER, Dagmar Estermann. “Alemão”, “Estrangeiro” ou “Teuto-Brasileiro”? Representações de Docência Teuto-Brasileiro no Rio Grande do Sul. **História da Educação/Asphe**. Pelotas, UFPEL, abril 2001. nº 9, p.
- MENDES, José M. O desafio das identidades. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Böas Carvalho do. **A Palavra Impressa como Estratégia de Difusão do Protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX**. IN: II Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de História da Educação. SBHE, Natal, 2002.

- NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. IN: LEAL, Maria Cristina e PIMENTEL, Marília Araújo Lima (org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo, Loyola, 2003, p. 9-25
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 41-58, dez, 1993.
- RADLEY, Alan. Artefactos, memória y sentido Del pasado. MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek. **Memória compartilhada: la natureza social del recuerdo y del olvido**. Buenos Aires, Piados, 1992.
- RAMBO, Arthur Blásio. O teuto-brasileiro e sua identidade. IN: FIORI, Neide Almeida (org.). **Etnia e educação: a escola alemã do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis, Tubarão, UFSC, Unisul, 2003, p. 71-89.
- RAMBO, Arthur Blásio. A igreja dos Imigrantes. IN: DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. São Leopoldo, EST, 2002, p. 57-73
- RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e Cidadania. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994, p. 43-53.
- ROLNIK, S. . Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 241-251, 1993.
- VICENTINI, Paula Perin. **Celebração e Visibilidade: o Dia do Professor e diferentes Imagens da profissão docente no Brasil (1933-63)**. IN: 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, 2003.
- RENK, Valquiria Elenita. **Educação de imigrantes alemães em Curitiba**. IN: III Congresso de História Cultural, Curitiba, SBHE, 2004.
- RIETH, Ricardo W. Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB. IN: DREHER; Martin (org.). **Populações Rio- Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1990, p.257-267.
- SALAMONI, Giancarla. (coord) **Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul- Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas, UFPEL, 1996.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura.** Canoas, ULBRA, 1994, p. 11-27.

SILVA, Sandra Batista Araújo, SILVA, Maria Emília Lins e; GALVÃO, Ana Maria. **Impressos religiosos pentecostais e cultura escrita: a revista “Lições Bíblicas” da Escola Dominical e o jornal “Mensageiro da Paz” (Brasil, 1935-1945).** IN: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, 2009. Disponível em http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Sandra_Batista.pdf. Acessado em 16 de maio de 2011.

SILVA, Haike Roselane Kleber. **Representações do humor no imaginário teuto-brasileiro.** São Leopoldo, Pós- graduação em História, Unisinos, 1998, Dissertação de Mestrado, transformada em publicação do livro SILVA, Haike Roselane Kleber e ARENDT, Isabel Cristina. . **Representação do discurso teuto-católico e a construção de identidades.** São Leopoldo, EST, 2000.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil.** Campinas: Autores Associados, 1994.

Imagens da educação no corpo; estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 2002.

STEPHANOU, Maria. **Prefácio. Nem uma coisa, nem outra ou nenhuma. (Re) invenções e reminiscências escolares. A modo de prefácio.** In: FISCHER, Beatriz T. Daudt.(org) *Tempos de escola: memórias.* São Leopoldo, Oikos, 2011.

STEPHANOU, Maria. Bem viver em regras: urbanidade e civilidade em manuais de saúde. **Educação Unisinos.** jan/abril, p 35-44, 2006a.

STEPHANOU, Maria. Discursos médicos, educação e ciência: escola e escolares sob exame. **Trabalho, Educação e Saúde.** v 4, n 1, p 33-64, 2006b.

STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900-1904.** Porto Alegre, Singularart, 1999.

THUM, Carmo. **Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes.** Programa de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2009. Tese de Doutorado.

- TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidade- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós Graduação, Tese de Mestrado, 1996.
- VEYNE. Paulo. **Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história.** Trad de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3ª Ed. Brasília, UNB, 1982, 1992, 1995.
- VENTORINI, Eliana. **Regulação da leitura e da literatura infanto-juvenil no Rio Grande do Sul, na década de 1950: interdição, triagem e intervenção das autoridades.** Porto Alegre, UFRGS, 2009. Dissertação de mestrado.
- WANDERER, Fernanda. **Escola e Matemática Escolar: mecanismos de regulação sobre sujeitos escolares de uma localidade rural de colonização alemã no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo, Unisinos, 2007. Tese de Doutorado.
- WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1990- 1974).** Porto Alegre, Concórdia S. A ., 1979.
- WITT, Osmar Luiz. Igreja na Imigração- o Sínodo Rio- Grandense e o acompanhamento de imigrantes. IN: DREHER; Martin (org.). **Populações Rio- Grandenses e Modelos de Igreja.** Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1990, p.281-294.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o Espírito do Capitalismo.** 7ª Ed. Livraria Pioneira Editora, 1992.
- WEIDUSCHADT, Patrícia; TAMBARA, Elomar. Seminário teológico e pedagógico do Sínodo de Missouri em São Lourenço do Sul- Bom Jesus (1903-1905). IN: TAMBARA, Elomar e CORSETTI, Berenice (orgs). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul.** V 1,2008.
- WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX I- identidade e cultura escolar.** Programa de Pós-Graduação em Educação. FAE/UFPEL, Pelotas, 2007. Dissertação de Mestrado.
- WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Lazer e a Construção da Identidade numa Comunidade Rural de Descendentes Germânicos em Pelotas,** Pelotas, 2004. Monografia.
- WERNING, Waldo. **O Chamado a Mordomia.** Porto Alegre, Concórdia, 1969.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Vozes, 2000. p. 103- 133.

Periódicos e revistas pesquisadas:

Evangelisch- Lutherisches Kinderblatt Sued-Amerika, Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, 1931-1939. Revista Oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

O Pequeno Luterano, Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, 1939-1966. Revista Oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Artigos de impressos editados pelo Sínodo de Missouri:

Jovem Luterano, outubro/1946, n° 10. P. 148-149.

Kirchenblatt, 15/10/1911, n° 7, p. 52.

Kirchenblatt, 01/12/1903, n° 1, p. 1.

Kirchenblatt, 1930-1960.

Der Lutheraner, 1896-1925.

Der Lutheraner, 11/12/1900, n° 25, p. 389.

Der Lutheraner, 07/08/1900, n° 16, p. 246.

Atas:

Ata Ordinária Trimestral da Comunidade de São Pedro- 05/07/1936.

Ata Ordinária Trimestral da Comunidade de São Pedro- 13/03/1943.

Ata da comunidade de São Pedro- 12/03/1944.

Relatórios da comunidade São Pedro Ano de 1935.

ANEXO A- TABELA DE NÚMEROS DE EDIÇÕES “KINDERBLATT” E “O PEQUENO LUTERANO”.

ANO	MESES DA REVISTA												TOTAL DE PAG.
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
1931	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	X	X	8
1932	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1932	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1933	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1934	X	X	N	N	N	N	N	N	N	X	N	N	12
1935	N	N	N	X	N	N	N	N	X	N	N	X	48
1936	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1937	X	X	X	X	N	X	X	X	X	X	X	X	48
1938	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1939	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	N	40
1940	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1941	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1942	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1943	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1944	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1945	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1946	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1947	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1948	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1949	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	48
1950	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	52
1951	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	95
1952	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	64
1953	X	X	X	X	X	X	X	X	N	N	N	N	52
1954	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	32
1955	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	90
1956	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100
1957	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	76
1958	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	104
1959	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	96
1960	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	96
1961	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	96
1962	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	136
1963	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	134
1964	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	108
1965	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	134
1966	X	X	X	X	X	X							64

X: Edições encontradas.

N: Edições não encontradas.

N: Primeira edição da revista em português: O Pequeno Luterano.

Ficha catalográfica

W418r	<p>Weiduschadt, Patrícia</p> <p>A revista “O Pequeno Luterano” e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS- (1930- 1960) / Patrícia Weiduschadt. 273 f. : il.</p> <p>Orientadora: Beatriz T. Daudt Fischer. Tese (doutorado) - Universidade do Vale dos Sinos, 2012. Resumo: Tem por objetivo analisar o periódico O Pequeno Luterano visando compreender o impacto sobre a formação de leitores de seu público-alvo.</p> <p>1. Educação. 2. Luteranismo. 3. O Pequeno Luterano. 4. Escola paroquial. 5. Sínodo de Missouri. 6. Memória.</p> <p>I. Título</p> <p>CDU 37:028.1</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Catálogo na publicação:

Bibliotecária: Andréa da Silva Barboza - CRB10/2081